

O CORAÇÃO DE MARIA

A HISTÓRIA DIVINA DE JESUS CRISTO



CRISTO RAÚL E & S

HISTÓRIA DA SAGRADA FAMÍLIA

PRÓLOGO

CAPÍTULO I:	
«EU SOU O PRIMEIRO E O ÚLTIMO».	12
 CAPÍTULO II:	
«EU SOU O ALFA E O ÓMEGA».	101
 CAPÍTULO III	
«EU SOU O PRINCÍPIO E O FIM»	216
 EPÍLOGO. A ERA APOSTÓLICA	247

PRÓLOGO

Quando os seus pais o viram, ficaram surpreendidos, e a sua mãe disse-lhe: «Filho, por que nos trataste assim? Sabes que o teu pai e eu andávamos a procurar-te, angustiados.» E Ele disse-lhes: «Por que me procuráveis?» Não sabiam que eu devo ocupar-me das coisas do meu Pai?» Eles não compreenderam o que Ele lhes dizia. Ele desceu com eles, voltou para Nazaré e estava-lhes submetido, e a sua mãe guardava tudo isto no seu coração...

Nos dias do Bicentenário da Revolução Francesa, em Paris, o Filho de Deus inspirou-me esta *História Divina de Jesus Cristo*. O *Coração de Maria* é o primeiro dos livros que a compõem.

Era o ano de 1989. Eram dias de esperança e de fé no futuro. Ninguém conseguia acreditar que, 30 anos mais tarde, o mundo se encontraria à beira do abismo. Ainda se respirava no ar a alegria, a confiança, a capacidade do ser humano de se superar a si próprio, de vencer todos os problemas e de deixar para trás as tempestades que, desde há milénios, faziam chover sobre a humanidade contínuos dilúvios de sangue.

Tal como qualquer outra pessoa, à minha maneira, também eu desfrutei daquela celebração do bicentenário da Revolução Francesa. A memória da História Universal é sempre uma porta para acontecimentos que, despojados da sua vertente negativa, nos mostram o que de bom se procurava, foi encontrado e precisa de ser regado para que não se perca aos pés do deserto dos interesses dos séculos. E, no entanto, que Revolução foi mais benéfica e geradora de acontecimentos históricos do que aquela que o Filho de Deus desencadeou e pôs em movimento? Não foi o Cristianismo o campo em que se desenrolaram todas as revoluções que, desde o Império Romano até aos nossos dias, transformaram a face da Civilização? Em que outra Civilização tiveram o seu berço o Direito, as Ciências, as Artes?

A HISTÓRIA DIVINA

Tudo o que desfrutamos existe porque o Filho de Deus, vencendo o impossível, ao transferir as Sagradas Escrituras das mãos de Jerusalém para as de Roma, iniciou uma Nova Era, que se revelou invencível até aos nossos dias e continuará a crescer nos que se avizinham. E, no entanto, o conhecimento da história da Sagrada Família permaneceu em silêncio sob selo divino, ao qual, após a partida dos apóstolos, ninguém teve acesso. E, com a partida da Mãe e dos seus filhos em Deus, veio o silêncio. Inspirado pelo Filho de Deus, meu Pai que está nos céus, dediquei-me de corpo e alma a esta história...

Eu, Cristo Raúl, movido pelo espírito da Inteligência, pus imediatamente mãos à obra. Abandonei Paris, regressei ao Sul, fechei-me num mar de livros e dispus-me a começar pelo princípio, a descobrir a que se devia aquele vazio documental, através do qual a confusão encontrou uma porta de acesso ao cerne do problema e deu origem àquela montanha de livros que, usando o Herói dos Evangelhos como pretexto, deram vida a personagens de tinta sem qualquer contacto com o Verdadeiro Filho de Maria. Pois a Verdade é esta: dois mil anos depois, nenhum historiador tinha conseguido penetrar no Mistério da Vida Privada da Sagrada Família. Aproveitando-se desta circunstância contrária à natureza da verdade, escritores sem qualquer amor pelas ciências históricas utilizaram esse vazio para dar à luz histórias sobre o Nascimento e a Vida de Jesus, Fundador da Civilização, tomando o escândalo como fonte de fama e riqueza. Uma mina que parecia não ter fim e à qual muitos acorreram para se apoderarem do ouro que bem poderiam levar. Esta atitude provinha do espírito do mundo, e o mundo ama o que vem do mundo. O espírito do mundo tem por lei alimentar a ignorância com a carne da mentira. E quem participa na ignorância é do mundo e dela se alimenta. Mas quem não tem o espírito do mundo não tem parte nessa lei.

Tenho de reconhecer que navegar, mergulhar naquele mar de livros até encontrar um primeiro ponto onde me agarrar e, a partir daí, continuar a trabalhar, não me foi fácil. Triunfar onde toda a gente falhou, manter o leme firme contra o vento das circunstâncias pessoais cria à nossa volta uma reação que, somando-se à complexa realidade pela qual o espírito passa, acaba por produzir uma tempestade. E ninguém, a não ser Deus, sabe em que porto o pensamento acabará por lançar âncora.

Quem não se move nunca chega a lado nenhum. Dar ouvidos à ignorância do mundo é parar, estagnar, desistir. O espírito que vem de Deus torna impossível que essa contemplação seja sequer uma possibilidade. O guerreiro que se encontra no fragor da

batalha só tem olhos para conquistar a vitória e desfrutar da paz. Tudo o que não seja a vitória não conta.

Ao investigar o tema, não demorei a descobrir a causa subjacente ao problema da ausência de documentos oficiais sobre a existência de Jesus. Ausência sobre a qual, ao longo dos séculos, se ergueu, em torno do Mistério da Vida do Fundador do Cristianismo, aquela montanha de livros, cuja leitura resulta tão ambígua quanto confusa.

Inspirado por este facto, o último dos escritores do século XX que contribuiu com o seu grão para a montanha apócrifa que, no século de Cristo, iniciara o seu percurso, intitulou a sua obra «O Jesus Desconhecido». Não é curioso que, após vinte séculos na boca de todo o mundo e cinco séculos de investigação independente e livre da tutela da Igreja, o século XX tenha chegado a tal conclusão para a posteridade: «Jesus, esse desconhecido»?

Mas o Fundador do Cristianismo, embora seja um perfeito desconhecido para alguns, não o é tanto para outros, nem foi tão desconhecido para aqueles que o conheceram em vida como aqueles que não o conheceram nos quiseram apresentar. O problema, no entanto, está aí, onde sempre estive: no silêncio daqueles que o conheceram em vida e levaram consigo para a sepultura a biografia do Filho de Maria de Nazaré. Ora, se tivermos em conta a fé, o segredo do problema está em aproximar-se, entrar e ver. Pois aquele que era continua a ser aquele que é.

Tendo estas considerações como ponto de partida para a minha investigação, encontrei a causa subjacente à falta de documentação oficial sobre Jesus como personagem histórico nos dois incêndios que, no mesmo ano — segundo uns — ou em anos diferentes — segundo outros —, destruíram os arquivos do Templo de Jerusalém, por um lado, e os da Roma Imperial de César Otávio Augusto, por outro.

Coincidência? Puro acaso? Parte de um plano maquiavélico concebido por poderes nas sombras? Como sabê-lo, como afirmá-lo com certeza? O que está fora de toda a dúvida é que o anticristianismo violento daquela geração do século de Cristo acendeu o pavio e deu a faísca que fez voar pelos ares as paredes do Templo de Jerusalém.

No caso do incêndio do Templo de Jerusalém, concretamente, sabe-se que a destruição dos Arquivos de Israel foi provocada pelos filhos daqueles que julgaram Jesus. Basta uma breve incursão nos acontecimentos da revolta antirromana para descobrir a identidade da mão que, com a batuta na mão, dirigiu a orquestra da destruição dos Arquivos do Terceiro Reino de Israel.

Logicamente, neste livro não vou resgatar do sarcófago das memórias — para onde os últimos hebreus lançaram a verdadeira história sobre a Segunda Queda — a memória desses acontecimentos. Basta dizer que de tal árvore, tal lasca: Adão caiu, os seus filhos caíram. Com a maravilhosa diferença de que, desta vez, os filhos não arrastaram o resto do mundo para o inferno da condenação merecida. Seja como for, concentremo-nos nos factos.

Apesar de tudo, ignorando a opinião dos especialistas, há que reconhecer aqui que, de um ponto de vista psichistórico, a razão para incendiar uns arquivos — documentalmente falando, de um valor incalculável —, por exemplo, na reconstrução do Período Asmoneu, tinha como objetivo a eliminação física de qualquer prova na qual o futuro pudesse basear a existência histórica de Cristo e enraizar a Fundação da Igreja no auge dos processos internos vividos pelo espírito do Israel messiânico.

O autor não tem praticamente dúvidas e deixa ainda menos margem ao leitor para inserir a personalidade do historiador oficial dos judeus, um homem chamado Flávio Josefo, no género mais representativo da sua época. Formado na antiga escola imperial romana, a mais representativa no que diz respeito à manipulação do Passado, como se demonstra na «Eneida» de Virgílio, Flávio Josefo aplicou esse mesmo método à História do seu povo, dando origem a uma História sem qualquer luz profética e, se possível, com ainda menos valor messiânico. Daí resultou aquele exorcismo patético que é a sua «*História Antiga do Povo Judeu*», contra a qual se levantaram historiadores modernos — por serem cristãos sem direito a qualquer crítica — e da qual decorreu o exílio da consciência daquele que outrora fora «o povo eleito», de uma natureza que o tornava especial e único entre os demais povos do nosso mundo.

Desgraça sobre desgraça: se da falsificação das origens do povo romano por Virgílio saíram das páginas da «Eneida» os fundadores glorificados daquela Roma nascida com vocação eterna, das mãos de Flávio Josefo renasceu um povo, para ainda maior desgraça, privado de toda a glória e honra aos olhos de Deus e dos homens.

Terrível foi, portanto, o preço que os filhos de Abraão estiveram dispostos a pagar — e pagaram —, desde que vissem exterminados todos os primeiros cristãos, sem distinção de idade e sexo.

Embora seja algo que costuma ser deixado de lado, não devemos esquecer que, se Jesus era filho de Adão e Eva, não menos do que ele, pelo sangue, o eram aqueles que o julgaram e condenaram à morte. Assim, aquilo de que sempre se falou e nunca se discutiu

é o fratricídio cometido contra o novo Abel, cujo antigo foi o seu modelo, em parte porque se falou de deicídio e em parte porque o Caim daqueles dias, ao contrário do antigo, nunca pareceu arrepender-se do seu crime. Mas deixemos aqui a análise crítica sobre o valor histórico da obra literária de Flávio Josefo. Hoje em dia sabe-se que o historiador dos judeus conseguiu impor a sua versão dos Atos ao preço de se ajoelhar, não

ante o Deus dos seus pais, mas perante os deuses do Império. E voltemos ao outro incêndio.

No caso da destruição dos Arquivos do Império por Nero, já não é tão credível que o objetivo pretendido fosse pôr fim a tal operação anticristã. Mas, em última análise, foi isso que acabou por se concretizar com a destruição dos Arquivos da Roma de Augusto. Os documentos sobre o Censo Universal, e qualquer outra prova física que pudesse lançar luz sobre o Caso, foram definitivamente reduzidos a cinzas.

Ou seja, desde o Ano do Fogo (será que o seu número é o número da Besta, 666?), os Evangelhos — e apenas os Evangelhos Canónicos — ficaram como os únicos documentos a partir dos quais reconstruir a História de Jesus.

Esta conclusão já tinha sido descoberta na época pelos contemporâneos dos Apóstolos. Descoberta essa que inspirou muitos deles a escrever os chamados «evangelhos apócrifos».

Há quem diga que primeiro vieram os canónicos e que, posteriormente, trabalhando a partir deles, os autores apócrifos construíram as suas histórias. Mas eu diria que primeiro veio a Palavra e, depois, a Palavra foi posta por escrito. De facto, quando um dos evangelistas afirma no seu prólogo que, antes dele, muitos tinham tentado compor um relato da vida de Jesus, ao dizer «muitos» — sendo que os evangelistas eram apenas quatro (dois naquela altura) —, Lucas estava, sem dúvida, a referir-se aos autores apócrifos.

Não é de admirar que, escandalizados, os Apóstolos se tenham levantado contra esses relatos. E tenham decidido pôr por escrito aquilo que os primeiros cristãos já conheciam da Palavra. Impondo, ao mesmo tempo, através da Autoridade que lhes foi conferida pelo Espírito Santo, a Autenticidade Divina desses Evangelhos, decretando num Concílio Universal e Ecuménico — ou seja, Católico — que todos os cristãos do mundo deviam ater-se aos Quatro e apenas a esses Quatro Evangelhos.

Aqueles que assim o fizeram e baniram da sua vista a leitura dos «evangelhos apócrifos», e fecharam os ouvidos aos relatos gnósticos tão em voga nos dois primeiros séculos do Cristianismo, começaram logo a ser chamados de «católicos». Porque se aos

primeiros seguidores de Cristo, sem distinção entre as suas posições mais ou menos divergentes, se começou a chamar «cristãos», a todos aqueles que se ateniavam ao Texto dos Evangelhos Canónicos começou-se logo a chamar Católicos. Pois, ao contrário dos outros — que, no caso da Virgem, por exemplo, corrigiam os próprios Apóstolos, desculpando a sua credulidade infantil no que diz respeito à Conceção Virginal de Cristo —, os católicos acreditavam, acreditam e continuam a acreditar cegamente na Palavra Escrita.

Esta foi, sem qualquer dúvida, a origem do catolicismo. Quando São Paulo criticou alguns fiéis por se definirem como pertencentes a este ou àquele grupo, referia-se certamente ao dano que os primeiros relatos apócrifos já estavam a causar à unidade do cristianismo. Pois também a sua origem foi a Palavra, e só mais tarde foram postos por escrito esses relatos falsos sobre Jesus, a sua família e os seus discípulos.

Ou seja, as igrejas nascidas da Reforma não foram as primeiras a negar a Encarnação do Filho de Deus e o seu Nascimento pela obra e graça do Espírito Santo. Antes da Reforma, os gnósticos dos séculos I e II d.C. já negavam a existência da Virgem. Para não falar, nem trazer agora à tona, a opinião dos próprios judeus a este respeito, como se compreende.

Partindo desta postura de desenterrar correntes extintas nas origens do cristianismo, é lógico que a Reforma, ao negar a Encarnação, se propusesse a destruir todos aqueles que viviam da Palavra e que, apenas pela fé dos Apóstolos, podiam sustentar as suas declarações.

Sabemos com certeza que os Apóstolos edificaram a Igreja sobre a Palavra. Essa Palavra era e é que o Filho de Deus se fez homem no seio da Virgem Maria sem a intervenção de um homem. E sabemos, porque o ouvimos, que os ramos nascidos da árvore da Reforma negaram esta Encarnação, negando assim o Poder de Deus para fazer com que uma mulher conceba sem a «participação de um homem».

Perante isto, perguntamo-nos, com toda a razão do mundo: o que veio destruir a Reforma: a obra do Diabo ou a de Cristo? Pois quem não acredita que o Filho de Deus se fez homem pela obra e graça do Espírito Santo e nasceu sem a intervenção de um homem, ainda que repita até ao infinito «Jesus é o Senhor, Jesus é o Senhor»: esse não é cristão.

Segundo os Evangelhos: cristão é aquele que vive da Palavra e confessa, conforme está escrito, que o Filho de Deus se fez homem pela obra e graça do Espírito Santo, que estava n'Ele, pois o Verbo é Deus e o Verbo se fez homem. Quem acredita nisto é cristão.

A HISTÓRIA DIVINA

Ora, se se confessa que o Filho de Deus se encarnou pela obra e graça do Espírito Santo e se nega que o Espírito Santo proceda do Pai e do Filho, nega-se que o Verbo se tenha feito homem; pois como pode o Filho viver no Pai e não ser uma só coisa com o Espírito S ? Ou seja, o que negou e nega a Ortodoxia dos russos? Que o Filho e o Pai não são uma só coisa? Que o Filho não é o Unigénito?

A fé sobre a qual os Apóstolos edificaram a Igreja que o seu Senhor fundou sobre a Rocha tinha duas colunas fundamentais. Em primeiro lugar, o Filho encarnou-se no seio da Virgem Maria pela obra e graça do Espírito Santo. Quem negar isto não é cristão. E, em segundo lugar: o Filho e o Pai são uma só coisa no mesmo Espírito, que é Santo; de modo que tudo o que a criação recebe de Deus, recebe-o através do seu Filho. E quem negar em Cristo a Porta pela qual a criação recebe de Deus toda a graça, esse não é cristão. E se aquele que acredita no Pai, mas nega que entre Deus e o homem esteja o seu Filho, não é cristão, o que é ele então?

Quando Deus declarou que o Justo viveria da Fé, sem qualquer tipo de dúvida, referia-se a esta Fé.

Mas voltemos à investigação. Pois, evidentemente, isto é fé. Mas a História exige factos, documentos, peças com as quais compor o puzzle. Peças que, como vimos, não se encontram em lado nenhum. Então, como levar a cabo uma investigação recreativa da História de Jesus se os elementos indispensáveis para a sua articulação não se encontram em lado nenhum? Ou seja, quem pode montar um puzzle sem as peças do puzzle que deve montar?

Mas para tudo há um tempo. Há um tempo para investigar, para navegar até tocar o fundo do mar da História; há um tempo para subir, respirar ar, sair para terra firme, apanhar sol, olhar para o céu, deixar a pele secar, sentir a terra sob os pés, abraçar outro ser humano. E há um tempo para se sentar e colocar no papel as conclusões a que se chegou, espalhar sobre a mesa o tesouro que foi resgatado do fundo desse mar. Quem procura um tesouro nas profundezas escuras tem de ver, à luz do dia, o valor do que trouxe consigo. Ninguém trabalha em vão. Nem ninguém está isento de erros. Logicamente, só quando concluis o teu trabalho é que percebes em que momentos te deixaste levar pela emoção.

Escrevi o primeiro manuscrito sobre a *História Divina de Jesus* em Londres. Cheguei à City a convite de uns amigos que tinha conhecido precisamente durante o Dia do Bicentenário em Paris. Moravam num antigo hospital abandonado que tinham transformado num estúdio de música. Pessoas muito simpáticas. Puseram à minha

disposição o espaço que mais tranquilidade me proporcionasse. Os músicos são amigos de muitos amigos que vão e vêm. O trabalho do escritor, pelo contrário, exige silêncio, porta fechada, liberdade entre as paredes. Não se sabe quando se vai terminar de dar à luz a obra. O dia e a noite são um continuum. Não há diferenças entre uma semana e outra. Um mês, dois meses, três meses... é o mesmo rosário a girar nos dedos. As páginas crescem, diminuem, aumentam, transformam-se, vestem-se, ganham peso, tornam-se carne e osso e, um dia, estás em trabalho de parto. Mas o primeiro é o primeiro.

Peguei na minha máquina de escrever Olivetti e pus mãos à obra. Abaixei a cabeça e, quando a levantei, já tinha preenchido cerca de 800 páginas. A criatura estava nascida. É o que nós, escritores, costumamos dizer. Dar à luz um livro é como um parto; o trabalho é todo nosso, e quando as dores passam, olhas para a tua criação.

E... de repente, apercebi-me de que ainda não tinha dado à luz.

Os meses tinham passado. Uma quantidade incalculável de energia, da mente aos dedos, desintegrou-se no fogo da realidade. Inúmeras vezes as teclas bateram no silêncio. Dez páginas, cem, duzentas, trezentas, quatrocentas, quinhentas, seiscentas, setecentas, oitocentas páginas. Centenas ficaram pelo caminho, cinzas no caixote do lixo.

O trabalho estava concluído. Respirei fundo. Levantei a cabeça, levantei-me, pensei que a criatura estivesse nos meus braços... e, de repente, vi: aquelas 800 páginas tinham ossos e carne, mas faltava-lhes um coração.

E bani aquele primeiro manuscrito da minha vista. Compreendi que tinha de deixar de procurar nos livros aquilo que não poderia encontrar neles. Assim, quando a primavera começava a abandonar Londres, parti para Jerusalém.

Atravessei a Europa à luz de uma estrela brilhante e atravessei o mar sobre as ondas de uma Pomba Prateada. Terra Santa! No fundo do Grande Mar, uma torre brilhava ao amanhecer como o farol mais potente do mundo. Era Haifa.

Desci até Nazaré. Visitei o Templo da Anunciação. Após uma breve paragem em Telavive, prossegui o meu caminho para Jerusalém.

Quando cheguei a Jerusalém, a cidade estava em estado de alarme. O Iraque acabara de invadir o Kuwait. O discurso antissionista do novo herói do Islão, utilizando o ódio universal do mundo muçulmano contra os judeus como elo de união à sua causa de todos os fundamentalistas do mundo árabe, exigia — segundo jornais paramilitares israelitas — o uso de armas nucleares, especialmente a bomba de neutrões.

A HISTÓRIA DIVINA

Enquanto o Iraque suscitava ondas de aplausos nos territórios palestinos, entre a multidão que passeava pela Rua David, um homem-anúncio vestido de profeta caminhava com um cartaz enorme, que dizia: «O fim do mundo aproxima-se, venham beber uma cerveja.»

Foi uma viagem muito instrutiva. Voltei a subir às asas da Pomba Prateada e naveguei pelas águas do Grande Mar de regresso ao Velho Continente.

Pousei rumo a Londres. Instalei-me em Finsbury Park, fechei a porta, liguei a minha velha máquina e sentei-me, decidido a não sair do estúdio até conseguir a História pela qual tinha lutado nos últimos anos.

Foi um outono muito longo, mas muito frutífero. Um dia de novembro daquele ano, cheguei à meta. A meta pela qual corri todos aqueles anos era o tesouro que a Mãe guardava no seu coração, «o Coração de Maria».

Como Maria conheceu José, quem eram Zacarias e Isabel, quem eram, na realidade, os famosos irmãos e irmãs de Jesus. Tudo, absolutamente tudo, Ela sabia tudo sobre o seu Filho. Tinha vivido tudo isso e guardado tudo no seu Coração. E continuava onde sempre esteve.

O que eu, Cristo Raúl, vi no Coração da Mãe é o que vão ler a seguir.

HISTÓRIA DA SAGRADA FAMÍLIA

PRIMEIRO CAPÍTULO

«EU SOU O PRIMEIRO E O ÚLTIMO»

*Genealogia de Jesus Cristo, filho de David, filho de Abraão... filho de David... filho de Zorobabel,
filho de Abiud, de Eliacim, de Aşor, de Sadoc, de Aquim, de Eliud, de Eleazar, de Matán, de Jacob...*

MARIA DE NAZARÉ

A Virgem nasceu em Nazaré, no coração da Galileia. Como, graças aos Evangelhos Canónicos, todos sabem muito bem, o pai da Virgem chamava-se Jacob e a sua mãe chamava-se Ana. Jacob de Nazaré, pai de Maria, faleceu quando Maria era ainda muito jovem. Num belo dia daqueles tempos, o pai da Virgem partiu para o Céu e não voltou. Isto aconteceu durante os anos do reinado de Herodes.

O falecido deixou aqui na Terra órfãos, um órfão e uma viúva. Do ponto de vista das coisas humanas, Jacó, filho de Matã, filho do rei Salomão, filho de Davi, rei e profeta, faleceu numa altura infeliz. A morte, evidentemente, nunca chega numa boa altura. Mas, mesmo assim, dentro do infeliz, Jacó de Nazaré faleceu no melhor dos momentos possíveis.

Aquelas grandes secas que durante tantos anos assolaram as províncias do Médio Oriente tinham finalmente desaparecido; as famosas vacas gordas que, por um momento, pareceram nunca mais voltar, estavam a regressar, cada uma mais rechonchuda que a outra; tinham regressado e exibiam a sua abundância pelos campos de todas as províncias do Antigo Levante, na época dos gregos e dos romanos.

O horizonte luminoso, ansiado, implorado, desejado e pedido em procissões multitudinárias, descendo e subindo o Templo, também se tinha aproximado, como não poderia deixar de ser, das colinas de Nazaré. O seu brilho já começava a resplandecer nos olhos dos seus habitantes com o fulgor da estrela das orações atendidas, do desejo concedido. Pastores da Galileia, pescadores do mar dos Milagres, agricultores dos vales do Jordão, artesãos da região que viviam nas trevas do desespero, todos juntos lançaram-se às ruas para celebrar os anos de bonança. Finalmente tinham chegado!

A Casa da Virgem desfrutou da alegria geral com a intensidade de quem passou por momentos difíceis, tão difíceis quanto os dos outros, não tão difíceis quanto os de outros,

nem muito melhores do que a maioria das pessoas que passou por momentos verdadeiramente difíceis durante aqueles longos anos. Foram tantos!

Não foi apenas aquela seca. Foram também aqueles terremotos que assolaram o Médio Oriente, semeando a fome desde as montanhas do Líbano até às costas do Mar Vermelho. E mais. Por si só terríveis, aqueles anos de desespero tremendo, a política fiscal do tirano Herodes agiu como um machado, cortando todas as cabeças que conseguiam manter-se à tona. Sob o reinado de Herodes, o Grande, continuar a respirar tornou-se um crime. O direito à liberdade de expressão foi proibido. A qualidade sagrada que distingue o homem dos animais foi penalizada, e o seu exercício condenado, na melhor das hipóteses, ao exílio; à pena capital, nas restantes. Tantas fortalezas Herodes construiu, tantas forças se contavam em Israel. De todos os ofícios, a prostituição é o mais antigo, mas o único que, durante os dias de Herodes, o Grande, nunca saiu de moda foi o do carrasco. Que ironia: enquanto o Dia do Juízo Final chegava — ou não —, os filhotes da família do tirano construíam palácios com blocos de mármore! E fortalezas dignas de um imperador, e quartéis e guarnições militares contra uma possível insurreição daquelas que são capazes de derrubar até as próprias muralhas do Inferno.

Nem mesmo os faraós!

O faraó de Moisés era mau, os Herodes eram piores. E, entretanto, enquanto o tirano devorava um filho ou um irmão, o povo continuava a passar por calamidades físicas e espirituais das quais, quando passam, já nem se quer lembrar. Quem se lembraria daqueles anos de vacas magras quando passassem os dois mil anos? No entanto, da esquizofrenia construtora do Tirano, a esquizofrenia do tirano seria sim recordada pela História: Herodes, o Grande! A esse assassino só faltava isso: que lhe concedessem licença para matar à sua vontade. Aos seus filhos, aos seus irmãos, à sua mulher, aos seus amigos, aos seus inimigos, fossem ou não inocentes. Autorização do próprio César para violar todas as leis do Direito Romano.

Sob o reinado de Herodes, chegou um momento em que bastava mover os lábios a pedir justiça para cair sob as rodas da sua paranóia assassina. Os romanos — há que dizê-lo — cometeram muitos erros; de todos eles, o facto de Octávio César Augusto ter permitido que a coroa dos judeus fosse entregue a um palestiniano foi uma falha que até ao próprio Juiz do Universo terá dificuldade em perdoar.

Mas voltemos ao tema da Vida da Virgem e da sua Família. Jacó de Nazaré, pai de Maria, acabara de falecer.

Precisamente porque Ana, a viúva de Jacob de Nazaré, e as suas filhas mais velhas, Maria e Joana, já tinham conseguido quase esquecer o tipo de batalha que aquele homem, tão querido por elas, teve de travar contra os elementos daquele verão interminável, compreende-se que a sua perda, agora que a luz da esperança começava a gerar, nos úberes das vacas do estábulo, o ouro da abundância, fosse para a mãe da Virgem infinitamente mais insuportável e dolorosa do que a perda do seu marido.

Ana e Jacob de Nazaré superaram todas as adversidades com coragem e enfrentaram os tempos difíceis com a serenidade de quem caminha na paz de Deus. Também Jacob de Nazaré e Ana sonharam com os dias de abundância ao longo de todos os últimos anos, tal como toda a gente; e riram-se dos tempos difíceis, dando à luz seis filhos.

Aconteceu que, em vez de permitirem que os tempos difíceis abrissem uma brecha entre ambos, Jacob e a sua esposa uniram-se com ainda mais força, se é que isso era possível, no abraço do amor que os deixava maravilhados por estarem juntos. A primogénita do falecido chamava-se Maria; depois veio a Juana. Seguiram-se as gémeas, depois outra menina, e a encerrar o rio da vida veio o menino da casa, chamado Cleofás, um bebé ainda a mamar quando o pai faleceu.

«Agora que o sol volta a brilhar, minha filha, o Senhor deixa-me sozinha com os meus seis filhos. Quem me vai ensinar a viver sem o teu pai, Maria?», assim a mãe da Virgem derramava a alma que lhe sangrava. A menina recolhia no colo as lágrimas daquela mãe a quem tanto amava. Como qualquer menina que se tivesse perdido numa floresta de pessoas estranhas, a Viúva chorava de coração partido. No coração de Maria, porém, a presença do seu pai tinha simplesmente adormecido.

Maria ainda conseguia ver, sentir, cheirar e ouvir o seu pai, todo sorridente, enquanto respondia a ela e à sua irmã Juana às suas perguntas sobre o Senhor. Maria ainda conseguia vê-lo a lidar com os ceifeiros, os horticultores e os criadores de gado da aldeia, com a alegria e a força de um homem respeitado, estimado e considerado honesto de um extremo ao outro da região. O seu pai era um homem daqueles que olham de frente, diretamente nos olhos, sem dissimulação. Nos olhos de Jacob de Nazaré podia-se ler a sinceridade que as suas palavras transmitiam.

Quando chegaram os anos de vacas magras, o pai de Maria mostrou-se à altura da situação. Como o campo já não produzia o suficiente para pagar salários extra, Jacob de Nazaré assumiu o fardo de tirar dos seus campos, mesmo que fossem apenas alguns sacos de amêndoas, algumas arrobas de azeite, algumas medidas de trigo, alguns quintais dos

famosos vinhos da Casa. O que fosse, desde que mantivesse os ossos das suas filhas saudáveis e fortes. As suas duas filhas mais velhas, Maria e Juana, sabiam tão bem quanto a sua viúva contra que tipo de sóis estéreis aquele homem teve de lutar! Graças a Deus, embora pequenas, Maria e Juana deram o seu contributo com as azeitonas no inverno, com as amêndoas, com os figos e o trigo no verão, com os animais no outono, verão, inverno e primavera. O que não daria agora a viúva de Jacob de Nazaré por voltar a levantar-se de manhã ao amanhecer e preparar para o pai das suas filhas o leite, o pão e a água!

Maria sabia-o muito bem: ao ver o pai de novo de pé ao amanhecer, despedindo-se das filhas com aquele sorriso tão característico nos olhos, a mãe daria a própria vida. Mas já não se podia fazer nada para que a roda do tempo retrocedesse. Agora era preciso viver, escolher entre o marido falecido e os filhos vivos.

Das duas raparigas, María e Juana, a Juana era a mais nova, um ano mais nova que a María. María era a mais velha, a mais importante da Casa. Mistérios da vida: era a ela, a Juana, a mais nova das duas, que mais se adaptava ao ritmo do campo; talvez porque Juana tivesse herdado do pai o gosto pelo aroma das árvores em flor e o prazer de contemplar as cores do horizonte ao amanhecer.

Ao ver as duas irmãs, qualquer pessoa teria dito que, pelo físico, era a María quem mais deveria gostar de sentir o vento nos cabelos ao cair da tarde; no entanto, era na Juana, a mais nova, de corpo quase tão pequeno quanto o da mãe, que o pai derramou o amor pelo vermelho da terra viva. Na María, a força da vida vinha da mãe. A mãe legou-lhe toda a sua arte na costura e na confeção. O que interessava à María era a família, a casa.

Assim, quando chegaram os tempos difíceis e as vacas ficaram todas magras, o dinheiro passou a ser escasso e as necessidades a satisfazer começaram a multiplicar-se por seis em apenas dois anos, María revelou-se uma costureira nata. Na idade em que se diz que se está na primavera da vida, a filha mais velha de Jacob de Nazaré tanto remendava um vestido e deixava-o como novo num piscar de olhos, como tricotava para as irmãs um casaco de lã em questão de dias, sem nunca deixar de ser o braço direito da mãe. E um exemplo de filha para a irmã Juana. Nesta — como já disse — revelara-se uma capacidade inata para aprender com o pai o significado do impacto dos ciclos lunares na agricultura, por que razão os coelhos comem alface, como cresce realmente um tomate a sério, por que razão se podam as oliveiras para que não dêem sombra e alterem o sabor do azeite. Enfim, milhares de coisas.

O facto é que a Juanita, além de ser a menina dos olhos do pai, sentia-se o outro braço da irmã María, e uma para o pai e a outra para a mãe, e as duas juntas er e da alegria, quando se intensificaram os ventos do sul e as gotas frias, as secas e as tempestades de inverno no verão, os calores do verão no inverno e as chuvas que apareciam e desapareciam num piscar de olhos, quando a tempestade pôs à prova os homens, procurando levar para o Paraíso aqueles que mantivessem um rosto alegre, naquela altura as duas irmãs uniram-se mais do que nunca. Aqueles anos difíceis obrigaram as duas irmãs a trabalhar arduamente. Foi um dever que assumiram em silêncio, escrito com sangue, batendo ao mesmo ritmo do coração dos seus pais. Cada uma deixou a sua alma abrir-se aos seus dons particulares e agiram seguindo o curso do mistério da vida em cada pessoa.

Os olhos da mais velha, a visão de Maria, estavam feitos para descobrir a agulha no palheiro; nunca falhavam ao enfiar a linha no buraco da agulha, sem sequer olhar. Os olhos da sua irmã Juana precisavam de horizonte, de campo, de céu aberto. Em vez de discutirem, as irmãs agradeceram ao Deus dos seus pais pela sua sabedoria eterna e pela sua bondade infinita. Aos olhos de ambas, o pai era um homem maravilhoso.

«Por que dizemos que a sabedoria do Senhor é eterna e a sua bondade infinita? — dizia-lhes Jacob de Nazaré às suas duas filhas mais velhas. — Porque, com as suas respostas, ele nos maravilha e, com a sua bondade, ilumina-nos o rosto», respondia aquele pai às duas meninas, com um sorriso nos olhos, as meninas que eram a luz dos seus olhos.

As suas filhas olhavam uma para a outra, sorrindo. Quanto amavam o homem que Deus lhes tinha dado como pai! O seu pai continuava: «Quando dizemos que a Sabedoria do Senhor é eterna, declaramos com todo o coração e com toda a nossa mente a nossa alegria por saber que Ele não mente. Filhas, quando O adoramos pela Sua infinita bondade, a nossa alegria é a de quem se encontrou na fossa para onde os maus atiram os bons e, ao erguer o rosto, viu o Senhor a rir-se da ciência dos génios».

«Filhas, ser bom custa», confessava-lhes Jacob de Nazaré às suas filhas enquanto elas ordenhavam as oliveiras. «Àquela que é mais boa não se faz um presentinho? Tens inveja, Juanita, da tua irmã mais velha por ela ser melhor a costurar do que tu? Em que momento a minha Juanita fez com que a sua María se sentisse culpada por não ter as suas qualidades para o campo? Quando é que a mãe repreendeu a sua Juana por não saber costurar um vestido tão bem como a sua María? O que faria eu sem a minha Juana se ela não me trouxesse a comida ao meio-dia, se ela não me obrigasse a comê-la?»

Ah, como isso lhes trazia memórias! Seria verdade que ele se tinha ido? Ainda não conseguiam acreditar. Com o corpo sem vida do pai diante dos olhos, a Maria e a Juana olharam uma para a outra em silêncio. Meu Deus, será que o tinham perdido mesmo?

Ambas as irmãs abraçavam agora a mãe.

Desolada, a viúva de Jacob de Nazaré continuava a chorar a sua desgraça:

«Agora, Maria, agora que vêm os tempos de abundância, agora que o vosso pai poderia sentar-se na sua vinha a comer cachos tão grandes como os de Polifemo e tão doces como os de Baco, que Deus me perdoe, precisamente agora. Porquê, Senhor, porquê? Diz-me em que é que o teu servo te ofendeu.»

Meu Deus! Será possível explicar a ligação entre os corvos e os infelizes trabalhadores sazonais sobre os quais as Parcas lançam o seu manto de mau agouro? Será possível compreender que Deus seja Deus enquanto o Diabo reina? Quem fosse capaz de escrever o guião da sua própria vida e brilhar como uma estrela, pelo menos aos olhos dos sócios de papel inventados para a ocasião! O homem sonha que o destino lhe pertence, a criança sonha com o homem que bate no seu peito, para descobrir ao virar da esquina que basta uma rajada de vento para reduzir os seus sonhos a bits condenados ao lixo. No fim de contas, a vida humana é como a cana: se o vento se intensifica, ela parte-se e os seus restos caem no poço do esquecimento. Quem nunca cedeu à tentação de se deixar morrer e acabar com tudo de uma vez por todas? Ou seremos os mais fortes até que se prove o contrário?

Para todos chega a hora da verdade. Cada criatura tem a sua. E é nessa hora que o ser segue em frente ou desmorona. Esta era a hora da verdade para a mãe da Virgem.

«O que somos nós, Maria?», clamava a mãe da Virgem, chorando a perda do seu marido. «Lutamos contra os elementos com as forças de uma criatura de barro. Erguemos os nossos ídolos em honra daquele que nos dá a vitória. Ao Altíssimo dedicamos a nossa glória. Mas o Onipotente não se cansa de nos ver reduzidos à condição de bestas. O campeão avança para receber a sua coroa quando a Morte se cruza no seu caminho. Será que o Todo-Poderoso se levanta para salvar o corredor solitário de deixar a alma na corrida? Por que razão permanece sentado no seu Trono Todo-Poderoso e Onisciente enquanto os restos são varridos da pista pelo vento? É isso que somos, minha filha, pó que sonha em ser rocha, rocha que sonha em ser montanha, montanha que sonha em ser ninho de águias? O que será agora dos teus filhotes de águia, meu marido? Quem se levantará para os proteger quando a serpente escalar o penhasco e a mãe deles não souber como defender sozinha os teus filhos?».

O que se poderia responder àquela mulher? Que louco se teria atrevido a dizer-lhe o que aqueles visitantes ignorantes disseram a Jó, na Bíblia?:

«Cala-te já, velho idiota», disseram-lhe aqueles amigos. «Se apodreceres, será porque és mais mau do que todos os demónios juntos. Enganaste-nos a todos com as tuas esmolas e os teus disparates. Graças a Deus, o Senhor revelou-nos a tua falsidade e a tua hipocrisia. Por causa delas, o Deus que tentaste enganar, tal como fizeste connosco, castiga-te. Calate e sofre, velho podre».

Que amigos! Queriam obrigar o pobre Jó a reconhecer que a miséria nasce da miséria, que quem tem retém porque tinha, que ninguém é forte por capricho, mas que a felicidade ou a desgraça de uma pessoa revelam o seu valor. Segundo esses sábios, os pobres são todos pecadores pervertidos, corruptos e viciosos que merecem o que sofrem; os bons são todos felizes, vivem na felicidade, têm ouro, têm poder, são os melhores, os escolhidos da providência, a raça nascida para ser feliz, e são felizes porque são bons, e quando forem melhores serão como os deuses.

«Eva», disse Satanás à mulher de Adão, «come deste fruto e aprende. Há bons e há maus, há tolos e há espertos, há ricos e pobres, há escravos e livres, fortes e fracos, anjos e demónios. Há vida e morte, verdade e mentira, paz e guerra. O que é tudo isto senão o sal da terra?»

Meu Deus, desde quando a sorte dos profetas não depende de uma nuvem a mais ou a menos no horizonte!

«Mas, em tempos difíceis, há que manter a boa cara», contra-atacou rapidamente o santo Jó.

«Onde está o tolo que ri perdido na tempestade?», responderam os visitantes com uma risada.

«Da parte do Indestrutível, do Invencível vem a última gargalhada», voltou a responder-lhes Jó. «De que e por que vos ris? Que luz viestes trazer aos meus olhos? Quereis condenar-me pelo que fiz? Ignorantes, estou a ser castigado pelo que não fiz.»

«É justo o que dizes: a recompensa do bom é agradável, a do mau é terrível. Assim, já tens o teu salário. Agora, reconhece que és um pecador, um traidor da providência, tal como tu mesmo disseste ao confessares que cada um recebe o que merece pelo seu trabalho. Diz-nos, pecador, o que escondias com as tuas esmolas e as tuas poses de santinho? Não foi por causa delas que Deus te castigou? Isto é castigo de Deus, não chores, rebenta», responderam-lhe «os amigos» com um sorriso falso.

Com mais quatro desses «amigos», quanto tempo teria demorado até que a paciência de Jó se esgotasse? Em vez de se pôr a chorar pela sua má sorte, o santo Jó desatou a rir, levantou-se e expulsou-os de casa.

A sua tragédia, a tragédia de Jó, não residiu na queda das muralhas da sua fé ao som das trombetas do Inferno. Esse não era o problema de Jó. A sua fortaleza tinha sido erguida sobre rocha. À prova de bombas, a sua fé permanecia intacta. O problema que estava a lacerar a alma de Jó era não saber o que se estava a passar, a que se devia esta mudança no ânimo do seu Deus. Por que razão o seu Deus o tinha abandonado, nu e à sua sorte, perante um inimigo armado até aos dentes?

O guerreiro segue o seu Herói e Rei para o campo de batalha e, num canto da encruzilhada, este vira-lhe as costas como quem sacrifica um peão no altar da vitória?

Pois bem, era precisamente este dilema, precisamente este mistério que tinha a alma da Viúva de Jacob de Nazaré agarrada pelo pescoço. Lutando contra as trevas com a única arma divina ao alcance dos humanos, a palavra, a mãe da Virgem procurava a resposta para o motivo pelo qual a Morte lhe tinha levado o marido. E não a encontrava.

«Por que é que o nosso Deus não faz nada, Maria? Por que é que deixa que a serpente escale o penhasco e por que é que lhe facilita a tarefa eliminando o pai dos seus filhotes? Ele não a vê a aproximar-se, filha? Por que é que o Deus do teu pai não alcançou o arco e a flecha e, com o raio do seu olhar, fulminou a Besta? Será que a flecha falhou o alvo, foi desviada pelo vento e, ao procurar o dragão, matou o herói? Diz-me, filha, pois a minha alma está amargurada e os meus olhos não conseguem ver os planos recônditos do Onisciente. Mas o que somos nós, Maria? Por que se exige a compreensão de um deus a uma criatura de barro condenada ao pó por ter comido uma maçã? Não me olhes com esses olhos, não me repreendas por o meu coração sangrar palavras. O que jorrará da ferida da Corça da Aurora quando, ao raiar do dia, o caçador a perseguir na hora das primeiras alegrias? Não será amaldiçoada a flecha que penetra no peito da pomba que monta o cavalo do vento, trota pelos céus e regressa feliz à casa do seu senhor? Já está a chegar, filha, já alcança o braço do seu senhor, já atravessa também o ar o dardo assassino; o seu senhor tem o poder de o apanhar em voo, mas observa: ele não faz nada, fica imóvel como se essa fosse a recompensa por ter cumprido a sua missão sagrada, e já cai a filha de Mercúrio no pó, aos pés daquele que lhe vira as costas. Não me digas para me calar, Maria, não vês que, se não o fizer, morro?».

A HISTÓRIA DIVINA

Eu só sei que não sei nada; embora digam que Deus criou o homem e a mulher para se amarem e nunca se separarem, também se diz por aí que o Diabo jurou tornar esse amor impossível. Mas neste mundo há gente que está surda e não compreende, não percebe nada, ri-se dos chifres do Diabo e desafia a morte a romper o que Deus uniu com laços mais fortes do que as palavras da Serpente.

Ana, a viúva de Jacob, e Jacob de Nazaré, pai de Maria, futura mãe de Jesus Cristo, viveram esse desafio. Assim que se conheceram, se não se casassem, morreriam; e quando se casaram, já não lhes cabia na cabeça a ideia de viver um sem o outro. A cada ano que passaram juntos, adoraram o Deus que transformou uma costela, uma simples costela, em algo tão belo como aquele amor.

A MORTE DE JACÓ DE NAZARÉ

Genealogia do Salvador: Genealogia de Jesus Cristo, filho de David, filho de Abraão: Abraão gerou... Davi; Davi a... Zorobabel; Zorobabel a Abiud, Abiud a Eliacim, Eliacim a Azor, Azor a Sadoc, Sadoc a Aquim, Aquim a Eliud, Eliud a Eleazar, Eleazar a Matã, Matã a Jacob, e Jacob gerou José, o marido de Maria, de quem nasceu Jesus, chamado Cristo.

Jacó, filho de Matã de Nazaré, faleceu alguns meses após o nascimento do menino com quem tanto ele como a sua esposa Ana sonharam, e pelo qual não pararam de lutar até o terem. Já sabemos que essa história de ter um casal, essa de dar à luz um menino, é um clichê. Mas naqueles dias de terror fiscal e de secas longas como o deserto do Saara, um homem tinha, por necessidade, de sonhar em ter um filho varão. Para lhe transmitir todo o seu conhecimento sobre os trabalhos do campo, para se apoiar nos seus braços jovens quando os seus já não conseguissem suportar o fardo devido à velhice. Claro, há sempre os genros; mas não é a mesma coisa. Não é a mesma coisa ser visto como um fardo do que ser carregado pelo filho das tuas entranhas. Nem é a mesma coisa deixar tudo o que os teus pais te deixaram para o teu próprio filho do que para o filho de um estranho. A quem quer que pense que aqueles homens eram antiquados, ignorantes da vida, que não sabiam que uma mulher pode fazer o que um homem faz, ou até melhor, a estas pessoas modernas o melhor que se lhes pode oferecer é o silêncio.

Fazendo ouvidos moucos à inteligência de tantos modernos, sempre voltados para o sol dos séculos, Jacob de Nazaré e a sua esposa correram atrás do menino, encantados por desfrutar dela, sendo antigos. E alcançaram-no, e como o alcançaram! Chamaram-no Cleofás porque, ao vê-lo pela primeira vez nos braços da sua mãe, Jacob de Nazaré se lembrou do seu sogro. Quanto à aparência física, o que se pode dizer do seu menino? O rapaz mais bonito do mundo, claro.

Pois bem, já se sentiam todos na casa de Maria na glória quando, de repente, o pai teve aquele sono debaixo daquela figueira. Como estavam felizes o pai e a mãe! Cinco meninas como cinco sóis, todas saudáveis, todas alegres, todas a brincar com o boneco que os pais lhes tinham comprado. De carne e osso. Chorava, fazia xixi a sério, pedia manteiga, fazia cocó. Uma alegria. E, de repente, quando estavam todos em casa como no paraíso, o pai resolveu morrer. Uma tragédia. Que pena! Nem o próprio diabo a atacar a casa por todos os lados teria conseguido ferir tanto a mãe daquelas seis criaturas. A dor da Viúva era ainda mais profunda por não ter ninguém da sua família ao seu lado; no seu desespero, já se via sitiada por um inimigo invencível que lhe exigia a rendição imediata ou a destruição total da sua casa. Se ao menos tivesse ao seu lado os seus pais, ou a sua tia Isabel. Mas não, ninguém. E quem era ela em Nazaré? Apesar dos anos, a esposa de Jacob continuava a ser uma estranha, a forasteira que lhes tinha tirado o solteiro de ouro da aldeia.

«Com a beleza que elas tinham, e foram casar-se com uma de fora; ainda por cima, tão baixinha, que parece uma tola», consolavam-se as jovens de Nazaré. «Muito requintada. Muito educada. Já veremos quando começar a dar à luz e tiver de cuidar sozinha da casa do sogro, o que restará dos seus modos e da sua carinha de princesa da Cidade Santa». Coisas das aldeias: não te têm má vontade, mas também não te desejam nada de bom. Quem vem de fora tem de prestar contas aos vizinhos das suas intenções. Tudo tem de se ajustar às normas da comunidade; a tradição manda.

A Viúva de Jacob de Nazaré não as conhecia todas? Não a tinham estado a observar durante os anos de vacas magras, como quem espera que o herói caia para ter o prazer de ver aquelas duas torres morderem o pó como qualquer campanário de aldeia? Que consolo poderia a Viúva encontrar naqueles que já estavam a fazer contas e a calcular como poderiam repartir a herança do falecido? Quanto lhe ofereceriam pelos vinhedos? Quanto pelos olivais? Quanto pelas terras de sequeiro?

«Por que matamos o milagre da nossa existência quotidiana com julgamentos contra o próximo, minha filha? Quem sabe quantos serão os nossos dias neste mundo? Só o Senhor o sabe; mas da Sua boca nunca sai o número. Imaginas se Ele te apanhasse a criticar mortalmente a tua vizinha, ou a atirar a primeira pedra? Não seria mais belo se Ele te apanhasse a partilhar o teu pão com o pobre?», dizia a mãe à sua filha Maria, enquanto costuravam, a sós. E, no entanto, agora era a mãe que pedia à filha que fosse bondosa com ela e não negasse ouvidos à dor da sua alma.

«Deixa-me morrer, Maria. Não te preocupes que a minha alma se esvazie em palavras fragmentadas. O Senhor levou-me o meu marido, deixando-me sozinha com os seus seis filhos. Por que razão haviam os meus olhos de se conterem e o meu coração de invejar a rocha que o Todo-Poderoso tem por coração? Minha filha, é fácil, do alto das neves, contemplar o vale que arde no verão. Quando é que o Todo-Poderoso se colocou na pele do soldado que cai nu no campo de batalha, defendendo a sua vida pela honra da sua alma de barro tenro e húmido? Como é fácil sentar-se no trono do julgamento para proferir sentenças! O Senhor está longe da fraqueza humana; as nossas paixões não O afetam. Se faz frio, Ele não treme; se faz calor, Ele não transpira; se Lhe dispararam uma flecha, esta não O atinge; se dorme, nada O perturba. O que sabe o Indestrutível da fragilidade da nossa existência? Não vês, filha, que o vale se sacia com as nossas lágrimas? Por que reprimirei a minha dor e amarrarei a minha língua ao medo? Não corre o guerreiro ao encontro da morte? Que Deus me mate, que me devolva a vida do meu homem; por que não faz nada, por que permanece vigilante do outro lado do precipício? Em que razões, filha, fundamenta o Eterno o seu silêncio e o seu comportamento impassível? Se ao menos se erguesse como um sol e falasse com a voz da tempestade, e os raios da sua sabedoria, vindos da sua alma, tecessem no firmamento nuvens repletas de inteligência. Mas não, filha, que a tempestade se intensifique, que a terra trema, que as montanhas desabem e enterrem vilas e aldeias, ou que o mar se desate e afunde ilhas com as suas gentes; o Senhor, inatingível, indestrutível, nem pestaneja. Ele vê o desastre e tudo o que oferece é um lenço de luto a pedir perdão por não ter antecipado o movimento da Serpente? Diz-me, filha, que não foi Ele quem disparou a flecha que matou a águia e deixou à mercê do diabo o ninho dos seus filhotes. Mas não me negues o direito de me queixar do destino das minhas filhas sobre o cadáver do meu falecido.»

Atormentada pela dor da mãe, Maria consolava-a desta forma:

«Somos todos iguais aos Seus olhos, mãe. Só somos únicos aos olhos dos nossos pais. Nós, as Suas criaturas, vemos apenas até onde os nossos olhos alcançam, mas Ele carrega sobre os Seus homens o peso de todos nós. No tempo certo, Ele erguer-se-á, mãe. E os Seus pés brilharão com o esplendor do herói vestido para a guerra contra aquele que tirou o seu homem à nossa mãe Eva. Eu sei que sou jovem, mãe, mas acredite em mim por todo o amor que tenho por si: o Deus do meu pai não permitirá que a casa da minha mãe desmorone. Já está, mãe, acalme as suas lágrimas. A Morte leva os melhores, pensando que, ao deixar os maus, nos deixa, os pequenos, sem proteção contra os tiranos. Ignora que, ao

partirem, os bons vão para o Céu buscar as armas dos anjos. O pai defendeu-nos como homem e fez-nos seguir em frente. O meu pai defenderá agora as suas filhas e o seu filho com a espada dos querubins. Minha mãe, já chega, não olhe mais para o seu cadáver.”

A viúva ouvia as palavras da sua filha mais velha como quem recebe beijos vindos de longe.

Foram Maria e a sua irmã Juana que encontraram o pai sentado encostado ao tronco daquela figueira. Na verdade, não era propriamente a época da colheita; mas a Jacob de Nazaré gostava de colher os primeiros figos da época; dizia que eram os melhores para fazer o pão de figo.

Jacó preparou o animal. Partiu sozinho para o campo com o vento fresco. O figueiral ficava do outro lado das colinas, visto da colina de Nazaré, em frente. Encantado com a vida, aquele bom homem despediu-se da sua esposa. As suas duas filhas mais velhas levariam-lhe o almoço e ajudá-lo-iam a encher os cestos. Até lá, bem, isso mesmo, um beijo, adeus.

Ao vê-lo partir daquela forma tão bela, quem poderia ter imaginado que aquele homem regressaria morto a casa?

À hora do almoço, a Maria e a sua irmã Juana chegaram ao campo. A Maria era um ano mais velha que a Juana e as duas eram raparigas em plena juventude. A Maria e a Juana procuraram o pai e encontraram-no sentado à sombra daquela figueira.

«Deixamo-lo dormir mais um pouco, Juana? Entretanto, vamos recolher as cestas», disse a María.

As duas irmãs dedicaram-se à tarefa. Terminaram de recolher os cestos, e o pai continuava a dormir. Mas ele não acordava.

«O pai está a dormir imenso hoje, não é, María?», disse a Juana.

Elas continuaram a trabalhar com afínco. Por fim, começaram a olhar uma para a outra, preocupadas.

«Será que aconteceu alguma coisa ao pai, Juana?». E lá foi a mais velha das duas ver o que se passava com o pai.

Não vou ficar sentimental aqui, como quem quer conquistar o leitor fazendo-o derramar um mar de lágrimas. Quase toda a gente já passou, de uma forma ou de outra, pelos trâmites de um funeral e sabe como dói perder aquilo que a Morte nunca deveria ter levado. Mas foi ela, a María, ao ajoelhar-se para o acordar, que descobriu a verdade na palidez do rosto do pai.

A rapariga não gritou, não se assustou. Abraçou a cabeça do seu falecido, embalou-lhe o corpo, beijou-lhe a testa e olhou para a sua irmã Juana, que se aproximava em lágrimas. Juana abraçou a irmã María e María deixou-se abraçar até que Juana se desabafasse e, juntas, pudessem recompor as suas almas.

«Vai para casa, Juana, e conta à mãe o que se passa», pediu Maria à irmã.

Juana montou no jumentinho e, chorando com o coração partido, correu pelas colinas. Entretanto, María ficou sozinha com o corpo do pai, debaixo daquela figueira, acariciando o rosto daquele que, para ela, era o homem mais maravilhoso do mundo, que se tinha ido sem dar oportunidade à mulher e às filhas de lhe dizerem, pela última vez, o quanto o amavam.

«O que será agora do teu menino, pai? Em que olhos encontrará a imagem divina do homem que nós, as tuas filhas, descobrimos em ti?», sussurrava a jovem Maria, dirigindo-se ao Céu.

Como já foi dito, um inimigo cruel e sádico a arrasar a casa não teria causado à Viúva de Jacob de Nazaré tanto dano como a forma como a Morte lhe tirou o marido. Se o seu marido tivesse morrido a defender os seus numa guerra qualquer, ou a sacrificar a vida das suas filhas em troca da sua própria, quem sabe, mas morrer daquela maneira, sem aviso, quando tinham encontrado a felicidade, depois de terem superado uma década de anos tão maus quanto o coração de Herodes.

Para quê vos vou contar os litros de lágrimas que a Viúva derramou durante todo aquele dia e toda a noite daquela tarde? Nunca vos morreu uma filha em flor, ou uma irmã no auge da sua beleza? A Morte nunca vos arrancou a estrela dos vossos olhos, deixando-vos nas trevas mais tempestuosas? Deviam estar a rir às gargalhadas, a bater palmas, com o coração aberto a toda a esperança, e de repente, da noite para o dia, uma hora antes do amanhecer, a aurora transforma-se numa noite sem lua, a planície transforma-se num poço sem fundo e, ao olharem para baixo, descobrem o rosto da Serpente a dar-vos as boas-vindas.

E é que Jacob e Ana se amavam desde o próprio dia em que se cruzaram os olhares. Foi amor à primeira vista. Foi cruzar os olhares e saber que a busca tinha terminado.

Jacob e Ana tinham nascido um para o outro; estavam feitos um para o outro; eram as duas metades do mesmo fruto. Era natural que ele morresse tão apaixonado pela sua mulher como no primeiro dia e que a Viúva o perdesse mais apaixonada pelo seu marido do que nunca. E se a esta dor se somar o facto de a casa ficar sem um homem para cuidar

dos campos e dos animais: a receita mágica na origem das lágrimas amargas que a Viúva derramou no coração da sua filha Maria durante os dois dias que se seguiram ao funeral do pai, já a leram.

O VOTO DE MARÍA

Tal como as católicas de sempre, aquelas mulheres hebraicas eram muito dramáticas ao lamentarem a morte de um ente querido. Não digo que isso seja bom nem mau, simplesmente era assim. Os romanos, pelo contrário, usavam o funeral como pretexto para um banquete, o último banquete, a última ceia dos Césares. O banquete de despedida de Cícero, nos afrescos da mansão do falecido em Pompeia, mostra-nos os seus familiares e amigos a brindar à saúde do falecido. A coroa do orador sobre as suas cabeças lembra a de louros, mas trançada com ramos de videira. Meu Deus, os romanos tinham o coração tão duro que nem mesmo a Morte conseguia arrancar-lhes uma lágrima. Precisavam de ser tocados pela vara de Baco para se lembrarem de que eram homens, tão de carne e osso como os outros bárbaros do mundo. Só quando estavam bêbados como um barril é que derramavam uma lágrima.

Os hebreus, ao contrário da maioria dos povos, preferiam velar o falecido com o peito estufado. A distância, o afastamento, a ausência exigem um tempo de adaptação. Suponho que o costume imponha a sua cultura e que cada cultura o viva à sua maneira. Os hebreus, de todas as formas possíveis, escolheram a mais dolorosa: não enterravam o falecido senão ao terceiro dia após a sua morte.

As lágrimas estavam garantidas! E se, além disso, se tratasse do caso que nos ocupa, um homem jovem, no auge da vida, casado e tão apaixonado pela sua viúva como no primeiro dia, pai de seis filhos, um homem que nunca esteve doente, um homem que parecia nunca se cansar, que morreu sem ter ninguém para cuidar dos seus campos, que

partiu precisamente quando a tempestade começava a acalmar, pois juntem todos estes elementos na mesma coqueteleira, agitem-na, e o resultado será explosivo. A explosão que desencadeou a morte de Jacob de Nazaré vão descobrir em breve; as suas consequências ainda perduram.

Lá estava a própria Viúva. Desde jovem que a mãe da Virgem era muito ressentida. No dia em que o seu pai, Cleofás de Jerusalém, lhe proibiu sequer a ideia de pensar em casar com o homem que seria o pai das suas filhas, tão certo como a chuva cair para baixo que a jovem noiva saiu a correr em busca da sua tia Isabel, pelas ruas de Jerusalém, deixando um rasto de lágrimas quebradas.

A tia Isabel, esposa de Zacarias, futuro pai do Batista, já a conhecia. Não era por acaso que Ana era sua sobrinha. A tia Isabel riu-se, olhando-a nos olhos enquanto enxugava as bochechas de Madalena, toda abalada.

«Mas vá lá, miúda, vais dizer-me o que se passa? Quando te comportas assim, esqueces-te de que eu não sei de nada. Vamos chorar juntas ou vou rir-me de ti até que te rias comigo?» A tia Isabel amava a sua sobrinha Ana com uma ternura divina.

Aquela mulher, a Tita Isabel, amava a sua sobrinha mais do que as muralhas de Jerusalém, mais do que as nuvens do céu na primavera, mais do que as estrelas da manhã e da tarde juntas; amava-a mais do que os seus vestidos e mais do que os seus utensílios de prata, mas sempre que a sua Anita se atirava a ela daquela maneira, ela não sabia se devia acompanhar-lhe os beicinhos ou rir-se das suas lágrimas. Também não era como se, a cada troca de guarda, a sua sobrinha Ana estivesse a regar o deserto com riachos de água salgada. A verdade é que, quando ela se descontrolava daquela forma, a ponto de nem conseguir articular uma palavra, e era preciso dar-lhe tempo para se acalmar, era porque algo muito grave tinha acontecido à sua Anita.

A morte do pai das tuas meninas — apenas duas delas já eram raparigas, as outras ainda eram crianças, e um bebé a dar trabalho, na verdade — é, de facto, um bom motivo para chorar até os ossos secarem.

Foi isso que aconteceu: a Viúva, a mãe da Virgem, afundou-se nas profundezas do desespero compreensível perante tal situação. Durante algum tempo, ficou muda. Não dizia nada, apenas chorava abraçada àquela criatura de peito que nunca conheceria o seu pai. Com Cleofás nos braços, a Viúva de Jacob de Nazaré chorou o dia inteiro e a noite toda.

Desesperada, via-se rodeada por uma escuridão densa e fatal; abatida, já imaginava a casa do seu falecido engolida pelos impostos; destróçada, desolada, já se via a vender as suas filhas para as salvar da ruína.

Todas elas eram filhas de David; numa época em que não bastava ser judeu, mas era preciso prová-lo, ter por esposa uma filha de David era um passaporte para os benefícios que César tinha concedido aos judeus em gratidão por lhe terem salvado a vida contra o último dos faraós.

Conto a história.

Ao perseguir Pompeu, Júlio César meteu-se em apuros. Viu-se César a correr como um louco atrás de Pompeu. E, vejam só, acabou por aterrar no Egito. Naquela altura, o irmão da faraona acabara de matar Pompeu. Esse mesmo faraó, que acabara de executar Pompeu, veio e mostrou-se bastante agressivo com César. Acho que o irmão de Cleópatra chegou mesmo a ousar declarar guerra ao Conquistador da Gália.

Como se sabe, contra toda a esperança, aquele pequeno faraó esteve quase a enviar César para o Élysée dos famosos generais romanos. Foi então que o pai de Herodes conseguiu reunir milhares de cavaleiros, atravessar o deserto do Sinai a galope e atacar o irmão de Cleópatra, rompendo o cerco e resgatando César do perigo. Em recompensa, Júlio César concedeu aos judeus uma série de privilégios imperiais, tais como a isenção do serviço militar, a liberdade de circulação para o Dízimo do Templo, etc.

A condição *sine qua non* para beneficiar desses privilégios era ser cidadão da Judeia.

Astutos como raposas, escorregadios como enguias, os judeus encontraram muitas formas de falsificar os documentos. De todas as formas imagináveis de enganar o Império, a mais fácil era comprar documentos falsos, que qualquer um dos burocratas que trabalhava no Registo do Templo de Jerusalém fornecia por um punhado de dracmas.

Mas havia outra forma mais barata.

Que melhor maneira de fazer parte da lista dos privilegiados do que declarar-se descendente do rei David? E, para fechar o círculo na perfeição, acrescentar ter nascido em Belém da Judéia, «por favor».

E ainda havia outra fórmula ainda melhor, mais agradável: comprar ao rei David uma filha como esposa, claro.

As descendentes do rei David estavam, por esta razão, em alta; se se pagava bem por uma filha de David, quanto se pagaria por uma filha genuína do rei Salomão? E não

A HISTÓRIA DIVINA

qualquer uma, uma apenas de nome, não; estamos a falar de uma descendente genuína e autêntica do mítico rei sábio.

Algo tão comum naquela época, vender as filhas ao melhor licitante, soava para a Viúva de Jacob de Nazaré como comparar a mulher ao gado. Por Josué e pelas setecentas trombetas que derrubaram as muralhas de Jericó, ela iria vender as suas meninas por dinheiro? Ela, que se tinha casado por amor e conhecia a doçura do casamento por amor e apenas por amor?

A ideia dilacerava-lhe a alma.

No entanto, ela não via como poderia salvar as suas filhas de serem tratadas como os animais que se compram e vendem no mercado das paixões humanas. Quanto mais pensava nisso, e quanto mais o cadáver do seu falecido não parava de lho recordar, mais amargas lhe sabiam as lágrimas pelo futuro que esperava às suas meninas. Também estava o menino.

«E o que será da minha Cleofás sem o teu pai, Maria? O que será da casa do teu pai, minha filha?», derramava a Viúva de Jacob de Nazaré o seu fardo no coração da sua filha Maria.

Entre a mãe e a filha, o que vos posso dizer?, a filha parecia a mãe. Maria abraçava a mãe e consolava-a com palavras cheias de ternura e sensatez. E isso apesar de a rapariga estar na flor da idade.

Maria era uma criatura que não conhecera neste mundo mais do que alegrias. Amara o pai com loucura e, ao vê-la consolar as irmãs e a própria mãe, qualquer um diria que ela ainda não acreditava no que estava a acontecer.

«O pai está a dormir, Juana», foi a primeira coisa que saiu da alma de María quando o encontraram morto.

«O pai está no Paraíso, lá espera por todas nós; a Ester já está lá, vem cá, Rut, acalma-te, Noemí», dizia ela às suas irmãs mais novas, enquanto enxugava as lágrimas.

A rapariga deixava as irmãs com a Juana e ia com a viúva:

«Já está, mãe; o pai está no Céu. O seu Deus não permitirá que as suas filhas sejam vendidas como escravas», sussurrava-lhe ao ouvido, enxugando-lhe as lágrimas com beijos.

«Minha filha», tentava articular a Viúva. Mas nunca terminava a frase, desmoronava-se em soluços e regressava às suas trevas, que envolviam a sua casa e pintavam o horizonte da sua família com as cores sofridas de uma visão macabra.

O resultado do desespero natural da Viúva de Jacob de Nazaré foi o seguinte.

A visão sombria que a Viúva tinha do futuro das suas filhas correspondia à realidade do dia a dia. A morte do chefe de família obrigava as viúvas a entregar as suas filhas ao pretendente que colocasse mais dinheiro sobre a mesa, independentemente da idade do comprador. Era a verdade e não há que dar mais voltas ao assunto. Do ponto de vista do homem rico, quanto mais viúvas houvesse, melhor, pois assim haveria mais «gado» fresco e jovem por onde escolher.

O mundo estava feito à imagem e semelhança das paixões dos poderosos e tudo o que se diga contra isso não nos levará a lado nenhum. Para piorar a situação, com as leis do divórcio que tinham sido aprovadas recentemente, a carne feminina era comprada para usar e deitar fora; era digerida ao gosto do consumidor e, depois, os restos eram deitados fora para que quem viesse a , mais tarde, chupasse os ossos. E aí daquele que não seguisse o exemplo! Nas classes altas, ter uma única mulher era sinal inequívoco de conspiração contra Herodes.

«Aquele casou-se apenas uma vez? E não se conhece, pelo menos, uma segunda ou uma terceira mulher? De certeza que aquele conspira contra Sua Majestade, Alteza.» Por razões tão absurdas como esta, as cabeças dos judeus rolavam pelas ruas de Jerusalém naqueles dias.

Não era algo que a Viúva estivesse a inventar. Ela era de Jerusalém, da classe alta, e conhecia essa realidade tão de perto quanto o facto de o seu marido jazer morto diante das suas filhas.

Que já bastava, que não chorasse mais, que não era para tanto, que tudo se resolveria, que o Senhor não permitiria que isso acontecesse. Palavras muito bonitas, pelas quais a Viúva agradecia. Ela só sabia que, há apenas um dia, se tinha levantado com a alegria da mulher mais feliz do mundo e, nem dois dias se tinham passado, já era «a Viúva».

«Deixa-me chorar, filha. Não vês que, se não chorar, vou morrer?», implorava inconsolável a Viúva à sua filha Maria.

Aproveitando um momento de calma, enquanto Juana e Maria estavam sozinhas com a mãe, Maria, filha de Jacob de Nazaré, abriu a boca.

O Céu é minha testemunha do que vou dizer a seguir, e que me envie para o horrível Inferno se eu inventar uma única palavra. Na noite daquele dia, durante o velório pela morte do seu pai, a filha mais velha da Viúva de Jacob de Nazaré amarrou a sua vida a uma árvore que tinha o poder de a enforcar se ela não cumprisse o Voto que escreveu no coração da sua mãe e da sua irmã Juana.

Maria poderia ter-se calado; estava ao seu alcance levar o dedo aos lábios e não se submeter à provação. Mas não fazia parte do caráter da filha de Jacob resistir aos impulsos da sua personalidade. Ela preferia aceitar as consequências com toda a rigidez da lei.

Ninguém as estava a ouvir; as três estavam sozinhas perante Deus. Por isso vos disse que quem quiser ter a certeza do que escrevo, ali está o próprio Deus que tomou a palavra à filha de Jacob de Nazaré para me confirmar ou desmentir. Que Deus se apresente como Juiz é natural; que compareça como Testemunha é algo extraordinário. A glória, porém, pertence aos corajosos.

E continuo.

Ali, diante da sua irmã Juana, Maria jurou à sua mãe que aquilo — que as suas filhas fossem vendidas como escravas ao melhor licitante — nunca lhes aconteceria às suas irmãs; antes o Diabo destronaria o Altíssimo, o Inferno conquistaria o Paraíso, ou isso aconteceria quando o coração de Herodes fosse elevado aos altares.

A fé da filha de Jacob de Nazaré era tão grande, a sua confiança no Deus do seu pai era tão inocente, que não cabia no seu coração a ideia de que o seu Senhor fosse abandonar a sua família à mercê dos tempos.

Então, com muita serenidade, com a seriedade de uma pessoa adulta, ela, Maria de Salomão, filha de Jacob de Nazaré, tomou como testemunha o Deus do seu pai e, perante a sua mãe e a sua irmã Juana, jurou, invocando a Lei de Moisés contra si própria caso quebrasse o seu voto, que ela, Maria de Salomão, não tiraria o véu de luto pela morte do seu pai até ver todas as suas irmãs casadas, que não assinaria o seu próprio contrato de casamento até ver o seu irmãozinho Cleofás casado e com filhos.

Mais ainda: não se casaria até ver os filhos do seu irmão mais novo, Cleofás, a brincar alegremente, todos felizes e contentes naquele mesmo quarto onde agora a dor reinava triunfante. Até esse dia, ela não tiraria o véu de luto pelo seu pai.

A Viúva ergueu a cabeça para o infinito. Juana olhou para a irmã com lágrimas de eternidade nos olhos. María De Salomón continuou a dizer:

«Pela memória do meu pai, juro-lhe, mãe, que as minhas irmãs não conhecerão nenhum senhor. Quando saírem da casa do meu pai, sairão alegres nos braços daquele amor que os seus pais viveram e do qual nós, as suas filhas, bebemos até nos saciarmos. Ninguém comprará as filhas de Jacob. Consola a tua alma, minha mãe. Aquela criança que tens nos braços escolherá, entre as filhas de Eva, a mais bela. Que o Senhor me castigue se eu falhar à minha palavra: que me dê por marido o homem mais mau do mundo. Não se destroe

A HISTÓRIA DIVINA

mais o coração, mãe; não ofenda o Céu culpando o nosso Senhor pela nossa desgraça, para que o meu pai não tenha de baixar a cabeça perante Abraão pela ofensa que trazem as lágrimas que nunca acabam. O meu pai vagueia entre os anjos e, aos pés do seu Deus, pede clemência para a sua casa. Diz-lhe tu isso, Juana”.

TTTA ISABEL EM NAZARÉ

A notícia da morte de Jacob de Nazaré atingiu a casa dos seus sogros e dos restantes familiares em Jerusalém com a força de um ciclone sem olho, destruindo cegamente casas e colheitas. Cleofás e a sua esposa, avós de Maria por parte de mãe, queriam correr para Nazaré.

A prudência aconselhava Zacarias e a sua família a manterem-se à distância, a irem mais tarde para Nazaré, a deixarem isso para uma ocasião mais propícia, para que, ao irem todos juntos, não levantassem suspeitas na corte do rei Herodes. Qualquer um dos espiões do rei poderia achar estranho que uma personalidade da categoria do filho de Abias se interessasse pelo destino de um simples camponês da Galileia. E chamar a atenção do tirano para a casa da Filha de Salomão era a última coisa que Zacarias podia permitir-se.

«Faz o que quiseres, homem de Deus», com estas palavras Isabel pôs fim à discussão com o marido sobre a conveniência ou não de abandonar Jerusalém naquele momento. «Faz o que quiseres», repetiu-lhe Isabel, «mas esta filha de Aarão vai agora mesmo a correr abraçar a menina da sua alma».

Isabel, esposa de Zacarias, futura mãe de João Batista, irmã mais velha da mãe de Ana e, consequentemente, tia materna da Viúva, era, por estas coincidências da Vida: tia-avó da Virgem.

Tal como Zacarias, o seu marido, Isabel pertencia à casta de Aarão, de entre cujos membros eram escolhidos os membros do Sinédrio. Com isto não pretendo dizer nada, a não ser que a educação da futura mãe do Batista não se coadunava com a educação que as restantes mulheres hebraicas costumavam receber. E se a isto acrescentarmos o facto de Isabel ter sido predestinada desde o seio da sua mãe para ser a esposa do pai do Batista, creio que, a partir desta posição da Providência, as portas do tempo se abrem para quem se atrever a atravessá-las.

Pois é assim mesmo: Isabel de Jerusalém, tia-avó da Virgem, era a irmã mais velha da mãe da Viúva de Jacob de Nazaré.

E assim aconteceu; Isabel partiu a correr para Nazaré na companhia de Cleofás e da sua esposa, pais de Ana, mãe de Maria.

Cleofás, pai da Viúva, era, portanto, o cunhado de Isabel.

Cleofás casou-se com a irmã mais nova de Isabel e tiveram Ana, a sua sobrinha Ana, a sua estrela da alva, a estrela daqueles olhos que tanto choraram pela impossibilidade de não poderem ter filhos.

Quando Isabel, Cleofás e a sua esposa chegaram a Nazaré, o pai da Virgem já repousava no seu túmulo. Os habitantes de Nazaré, por seu lado, tinham retomado as suas vidas quotidianas.

A chegada dos seus pais e da sua tia Isabel despertou novamente nos olhos da Viúva aquele rio de lágrimas que agora jazia adormecido como se estivesse morto, e que, excepcionalmente, voltava a fluir quando as visitas paravam para a consolar. Ela não sabia, não podia, não queria viver sem o seu marido.

Para a viúva de Jacob de Nazaré, a sua tia Isabel era aquela pessoa de quem todos os filhos sentem falta nos seus pais. Os pais são honrados, mas a essa outra pessoa confia-se tudo. Era, portanto, lógico que fosse à tia Isabel que a viúva revelasse o acontecimento.

Como sempre, depois dos jantares íntimos.

O Cigüeñal, a Casa de Abiud, filho de Zorobabel, filho de Salatiel, filho de Salomão, rei e pai bíblico da família da Virgem, era uma quinta da época senhorial persa. À exceção dos celeiros, todo o edifício era de pedra talhada; até os estábulos.

Onde hoje se ergue o bunker da Anunciação, ontem erguia-se uma mansão, meio quinta, meio fortaleza.

O salão principal do Cigüeñal de Nazaré tinha as paredes adornadas com as armas mais antigas e impressionantes. Havia armas de todos os períodos decorridos desde o Império de Nabucodonosor II até ao de César I. Também junto a uma das paredes do salão principal do Cigüeñal, os pedreiros da época abriram uma lareira tão grande como uma caverna. Sentadas junto ao fogo dessa lareira estavam a Tita Isabel e a sua sobrinha Ana. Cleofás e a sua esposa tinham levado os netos para a cama.

A Viúva deu então início à festa. Se as paredes falassem, diriam que a Viúva preparou num instante um guisado capaz de dar de beber a meia África.

A tia Isabel encontrava sempre uma forma de conter aquelas lágrimas torrenciais; não era à toa que aquela era a sua menina. Bem, era a filha da sua irmã mais nova, mas era como se fosse a filha que ela nunca teve. Isabel amava a sua sobrinha Ana mais do que se fosse a sua própria filha. É uma forma de dizer. Mas aquilo de começar a chorar, cair num silêncio eterno, voltar a chorar, aquilo não era normal.

«O que se passa contigo, Anita?», perguntou Isabel, preocupada. «Porque é que esperaste que os teus pais se fossem embora para começares a chorar assim? Já estamos sozinhas. Vá lá, conta-me.» Isabel tentou descobrir o que se passava com a sua sobrinha.

A Viúva abria os lábios. Abria-os, sim, mas nunca conseguia formar uma frase completa.

«A minha María... Tita...»

«O que se passa com a tua María, Anita?»

«Tita... eu... a minha María...»

Ela não acabava nunca. Com o temperamento que aquela mulher tinha, era impressionante a paciência infinita que demonstrava para com a sobrinha.

«Quando te acalmares, conta-me tudo, filha.»

Isto aconteceu muito tempo depois.

O urso empalhado que ocupava o canto da sala principal do Cigüeñal, se estivesse vivo, já se teria desesperado. Sobre a lareira, uma cabeça de leão originária da Assíria bocejava expectante.

A Isabel continuava a olhar para o fogo quando a Viúva conseguiu terminar o relato sobre o Voto da sua filha mais velha.

«Repete-me isso, Anita», pediu Isabel, absorta e maravilhada.

A HISTÓRIA DIVINA

«Vês, Tita? Eu já sabia que não ias acreditar», e a Viúva recomeçou a contar.

Ao amanhecer, finalmente a mãe do Batista estava a par do acontecimento que iria mudar o curso da História do Universo.

«Sim, Tita, a minha María não vai tirar o véu de luto pelo pai até ver o meu menino de alguns meses casado e bem casado. O que é que eu fiz, meu Deus? E tu já sabes como é a minha María; se fosse homem, a sua palavra seria a última coisa que ele quebraria.»

Como a Viúva conhecia bem a sua filha mais velha!

A CASA DE JOSÉ, O CARPINTEIRO

Vamos agora aprofundar um pouco a história de José, futuro marido da Mãe de Jesus.

O clã dos carpinteiros de Belém experimentou um forte impulso económico na sequência do nascimento de José. Este não é o local para entrar em pormenores íntimos sobre a vida dos pais de José, o Carpinteiro. Na altura certa, abriremos a porta como quem levanta um véu e veremos cara a cara a verdade dessa intimidade que, por agora e até lá, deixarei no ar. A razão para tal será compreendida mais tarde. Para ultrapassar este momento, digamos que uma incursão demasiado profunda na vida dos pais de José, o Carpinteiro, quebraria o ritmo deste relato. Por isso, vamos continuar.

Helí, pai de José, trouxe ao mundo muitos filhos, meninas e meninos. O homem encontrava-se no auge da sua alegria quando, um dia, as forças também o abandonaram e ele faleceu.

Helí morreu como todas as coisas morrem: de cansaço. Especialmente naquela época, a causa da morte dos homens era essa: o trabalho. Morriam exaustos. Havia os impostos,

os dízimos, os juro. Os trabalhadores mal chegavam sãos aos quarenta; aos cinquenta já estavam meio mortos. Aos sessenta já estavam mortos. Só os ricos e os tiranos chegavam sãos aos setenta. Quem chegava aos oitenta ou era um santo ou era um monstro. Helí, pai de José, não era nem uma coisa nem outra. Era apenas mais um trabalhador a vender cara a vida dos seus filhos em troca de tábuas e pregos. Por isso, quando morreu, o Céu levou para a sua glória mais um dos bons.

Como vemos, a Morte seguia os passos dos seus inimigos. Não havendo quem empunhasse a espada contra eles, a própria Morte atacava diretamente as duas casas messiânicas. Invisível, silenciosa, golpeava com a única arma ao seu serviço: as tesouras das Parcas. Cega, a Morte escrevia páginas negras nas famílias dos seus inimigos. Mas, desde a luz daquele que governa o destino do universo, Deus deixava a Serpente agir à vontade.

Mas deixemos de lado as crónicas do Inferno e da sua derrota. Voltemos a pôr os pés em terra firme. Para recordar ruínas e misérias, há sempre tempo.

Após a morte de Helí, filho de Matat de Belém, o Direito de Primogenitura tornou José pai dos seus irmãos e irmãs. Este direito não incluía o dever de permanecer solteiro até que o último membro da sua casa tivesse constituído a sua própria família. Na verdade, o casamento com a Filha de Salomão — Maria era, na altura, a sua noiva — aproximava-se a cada ano que passava. José devia ter cerca de vinte anos quando o seu pai partiu para o Paraíso dos justos. Maria devia ter um pouco menos.

Foi por volta dessa altura que o pai de Maria faleceu. E foi assim que os dois homens que juraram casar os seus filhos desapareceram subitamente de cena. Toda a sua vida sonharam em vê-los casados e, de um dia para o outro, uma reviravolta do destino roubou-lhes esse sonho diante dos olhos.

O que seria, a partir de então, do futuro daquele juramento que Jacob de Nazaré e Helí de Belém fizeram perante Zacarias, filho de Abias, o sacerdote?

Com os dois já falecidos — aqueles que se comprometeram a unir José e Maria em matrimónio quando a idade o exigisse —, Maria e José ficavam livres para seguir em frente e decidir se assumiam ou não o juramento dos seus pais. O que fariam? Como obrigar José a permanecer solteiro até que o último dos filhos de Jacob de Nazaré se casasse?

«Meu filho, sê sábio perante Deus e os seus servos. Nenhuma recompensa satisfaz a condição do ser humano com mais plenitude do que ajustar os nossos passos à sua sabedoria. Não somos nada, não somos ninguém quando se trata de ponderar a decisão entre satisfazer os nossos próprios desejos ou os do nosso Senhor Deus. Coloca toda a tua

A HISTÓRIA DIVINA

confiança na Sua Onisciência, deposita a tua fé no Seu braço todo-poderoso, que nunca falha o alvo nem erra a pedra. Conheces a Sua vontade; não Lhe vires as costas. Eu vou-me embora, mas Ele permanece e fica contigo. Ele guiar-te-á para a vitória das nossas Casas. O Seu anjo escreverá no Seu Livro: «Disse Deus, e assim se fez», José foi criado com conselhos desta natureza.

A SENHORA ISABEL

Após a morte de Jacob de Nazaré, pai de Maria, a Viúva recompôs-se. Apoiada por Tita Isabel, a Casa da Virgem de Nazaré superou a tempestade sinistra que, na sua dor, a Viúva imaginou durante o funeral do seu marido.

A senhora Isabel, membro da classe aristocrática de Jerusalém, especialista no mundo dos negócios e nas leis judaicas, assumiu o controlo de tudo, moveu céus e terra e não saiu de Nazaré até que tudo estivesse tão solidamente restabelecido que parecia que Jacob nunca se tinha ido embora.

Astuta como só ela, com recursos económicos suficientes para impedir os irmãos de Jacob que pudessem oferecer à Viúva a compra das terras, a Tita Isabel conservou para a filha de Salomão, a sua sobrinha-neta, até ao último acre.

Graças à Tita Isabel, a Viúva não vendeu nem uma figueira. Lá estava a Tita Isabel para contratar homens quando chegavam as colheitas, para assinar contratos, para pagar aos homens, para receber o dinheiro das vendas e, o mais importante, para pegar na sua sobrinha Juana e ensinar-lhe de A a Z o abecedário dos negócios.

Assim, Juana, que vinha a seguir a María, acompanhou a sua irmã mais velha no Voto. Mas Juana, ao contrário de María, que era uma artista na costura, herdou todo o carácter do seu falecido pai; ela não se cansava de aprender com a sua tia Isabel como lidar com os homens nem de abrir caminho no mundo dos contratos; nem se cansava de trabalhar no campo à frente dos trabalhadores que trabalhavam para a sua Casa. Muitos apostaram que, assim que a Sra. Isabel se fosse embora, a menina entraria em colapso e, mais cedo ou mais tarde, a Viúva teria de vender.

«Filha, não lhes dês atenção», aconselhava a tia Isabel à sua sobrinha-neta Juana. «Os homens olham para nós como se a Sabedoria não fosse nossa irmã. Como a tomam por esposa, acham que a Sabedoria nos vira as costas. Tu, não lhes dês atenção, Juanita. E se o sol escaldasse e a colheita fosse má, eu compraria toda a colheita pelo preço de uma colheita de ouro. Isto é muito simples, minha filha. Mantém sempre uma única palavra; se concordaste com mais por algo que depois acabou por valer menos, mantém a tua palavra; disseste tanto, tanto pagas. O mesmo se acontecerem erros da parte deles contigo. Concordaste com tanto, tanto cobras...»

Com o tempo, a mais nova das Virgens de Nazaré aprendeu a falar com os homens que ela própria contratava como se fosse uma pessoa adulta. Nunca as terras do clã dos filhos de David de Nazaré foram tão férteis como naqueles anos após as grandes secas.

Nem os jovens senhores do Cigüeñal, a grande casa da colina, andaram antes tão bem vestidos.

A Senhora Isabel, como toda filha de Aarão, era uma mestre na arte de tecer mantos sem costuras. Era o manto dos membros do Sinédrio. Esposa de um membro importante do Sinédrio, Isabel podia garantir à sua sobrinha-neta Maria que a sua oficina de costura seria a mais lucrativa de todo o reino.

— Mas, Tita — disse María —, não posso abandonar a casa da minha mãe.

— Minha filha, nem sequer fales nisso — respondeu a Tita Isabel.

O facto de, sendo a tia-avó, a chamarem-lhe «Tita» devia-se ao temperamento da própria Isabel. Fazia-a sentir-se velha quando a chamavam de «avozinha».

Foi assim que, entre as suas sobrinhas-netas Juana e María, o tempo passou para a Sra. Isabel. Se à sua Juanita a Sra. Isabel ensinou todos os segredos dos negócios e, em seu nome, contratou um capataz para a ajudar em tudo, e lhe incutiu na cabeça que, mesmo de Jerusalém, ela acompanharia os seus passos diariamente, e, por Deus, que ela iria para o céu antes de ver cair sobre as suas netas outra desgraça; se colocou a sua sobrinha-neta Juana à

frente dos campos, sentou a sua «neta» María ao seu lado e não a afastou de si até que a sobrinha-neta aprendesse, das mãos de uma especialista em trabalhos sagrados, os segredos mais recônditos do corte e confeção de um vestido sem costuras. A Menina, que já era por si só uma artista, pois herdara a arte da própria mãe, quando se despediu da «avozinha» não só tinha herdado um dos mistérios mais zelosamente guardados pelas filhas de Aarão, como também abriu a sua própria oficina de costura em Nazaré.

Da oficina de corte e costura da Virgem de Nazaré partiram para Jerusalém alguns dos mantos sem costuras, orgulho da casta dos príncipes da Cidade Santa. Mantos pelos quais se pagava em ouro vivo. Só se tinha um, e era para toda a vida.

— Mas, Tita, onde é que vou arranjar o dinheiro para as sedas e para os fios de ouro?, perguntou-lhe Ela uma vez.

— Não te preocupes com o que ainda não aconteceu, filha — respondeu-lhe a Senhora Isabel. — Quando te fizer o encargo, enviar-te-ei sedas para que vistas todas as tuas irmãs, e um saco de fios para que faças ao teu irmão uma trança com cabelos de prata. Se o Senhor não me deu um filho, será por alguma razão. O que pensam os homens? Para o filho de Natã, tudo. Minha filha, ofereceram ao teu José um potro ibérico que até um general romano já o desejaria para si. Com ele, com o teu José, baixam a guarda e o teu Noivo já parece um príncipe entre mendigos. Quem me vai proibir de oferecer à filha de Salomão a Lua e as estrelas envoltas em sedas e atadas com fios de ouro?

E assim foi. De facto, a forma como as filhas de Jacob de Nazaré passaram a vestir-se foi motivo de admiração para todos os membros do clã de David da Galileia. Na hora de as casar, já se adivinha, o dote que a Viúva desejaria para Ester e Rut, as gémeas.

— Dote? Quem falou aqui de dinheiro? Tu amas-o, filha? — era a resposta da Viúva aos pretendentes das suas filhas.

Estavam enganados, e como estavam enganados. Comprar uma filha à Viúva?

Impossível.

O melhor partido de toda a região?

Nenhum.

Os campos da Filha de Jacob rendiam cem por cento. Da oficina da Virgem de Nazaré saíam os vestidos mais bons, bonitos e baratos da região. E o menino da casa? Ao Cleofás, o caçula da família, só faltava a coroa para deixar os filhos de Herodes ao nível dos malandros. Por isso, quem fosse casar com as suas filhas não se atrevisse a falar de dinheiro à Viúva de Jacob. Era o seu coração que tinham de colocar sobre a mesa, aberto de par em

A HISTÓRIA DIVINA

par, aberto como uma lua cheia, nu como o sol de um dia de 40 de maio. E depois que acontecesse o que o Céu quisesse.

A SENHORA MARIA

Com a morte dos seus avós, Cleofás e a sua esposa, Maria de Salomão herdou a casa da sua mãe na Cidade Santa. Estamos a falar da casa da herdeira de um Doutor da Lei que teve como padrinho na carreira burocrática o chefe do grupo de influência mais poderoso na corte nascente do rei Herodes. Estamos a falar de uma casa senhorial. Estamos a falar de uma Senhora, a Senhora Maria de Nazaré, filha de Ana, filha de Cleofás, cunhado de Zacarias, o filho de Abias — Abtalión, segundo a historiografia oficial. Estamos, portanto, a falar de uma Maria que era membro legítimo da aristocracia sacerdotal judaica por parte de mãe. (Nesta primeira parte da História, não vamos aprofundar a vida da casa de Cleofás, pai da mãe da Virgem. Na segunda parte, avançaremos, pediremos permissão e veremos, com os olhos do espírito, o que quero dizer quando afirmo que Cleofás, pai da Viúva, pertencia ao grupo aristocrático judeu que, sem ser herodiano, era o mais influente perante a Corte do rei Herodes. Por agora, basta a confiança para, sobre a rocha da nossa Fé, articular os pilares em que assenta o edifício desta História).

Sem ir mais longe, vemos o Senhor Jesus, no prólogo da Última Ceia, a enviar um dos seus discípulos para anunciar a um dos seus servos a sua chegada. O homem não se opõe;

e não se opõe porque conhece o mensageiro e sabe quem é o «senhor» que o está a instar a ter tudo preparado para a Última Ceia.

A lenda de Jesus, o Carpinteiro, digamos tudo, teve a sua origem na mentalidade das antigas aldeias. O título local do pai passava para o filho. O pai foi carpinteiro, o filho será o Carpinteiro toda a vida, mesmo que venha a ter mais fanegas do que um marquês; o seu pai foi o carpinteiro e o seu filho será o filho do carpinteiro até à morte.

É verdade, continuemos a dizer tudo, que José chegou a Nazaré seguindo a rota dos nómadas. O homem instalou-se na aldeia, arrendou à Viúva um pedaço de terreno para montar a sua tenda. Montou a oficina. José acabou por gostar do ambiente — era o que dizia aos outros — e acabou por se apaixonar pela herdeira da Viúva. Naquela época, a Virgem era proprietária de figueirais, vinhas, oliveais, terras férteis, gado e, além disso, era dona de uma oficina de confeção e costura em pleno auge, graças à onda nacionalista.

Até então, os trajes típicos tinham de ser encomendados a algum ateliê da Judeia. As judias, sobretudo as de Jerusalém, tinham guardado zelosamente o segredo da confeção « dos trajes de noiva e dos vestidos para as festas nacionais. Foi então que a Virgem de Nazaré abriu o seu próprio ateliê de confeção e costura.

Nestas circunstâncias, a criação da oficina da Virgem de Nazaré, na verdade, ganhou rapidamente popularidade. Graças aos laços de parentesco que a sua família mantinha por toda a Galileia, a publicidade necessária, sem que Ela tivesse de esperar muito tempo, espalhou-se como fogo. Bastava observar como os seus parentes se vestiam. Depois, havia o preço; a Virgem de Nazaré era uma santa; se não tivesses dinheiro, podias pagar-lhe quando as coisas te sorrissem. Ela ajustava o preço à tua situação e nunca mandava o homem de fraque para te cobrar os duros. Uma verdadeira santa. Claro que, quando foi anunciado o seu casamento com o Carpinteiro, toda a gente ficou de boca aberta.

A Virgem vai casar-se!?

A verdade é que José e Maria esperaram primeiro que Cleofás se casasse.

O caçula da família casou-se com Maria de Canaã, também do clã de David. Um ano depois, Cleofás e Maria de Canaã trouxeram São Tiago ao mundo. (Este São Tiago viria a ser o Primeiro Bispo de Jerusalém. A História conhece-o como São Tiago, o Justo, irmão do Senhor, um deles, e que mais tarde foi assassinado pelos seus próprios irmãos de raça. O destino dos irmãos de Jesus faz parte da história do cristianismo. Uma viagem pela memória da fascinante aventura dos primeiros cristãos, lamento dizê-lo, ultrapassa o âmbito deste relato. O facto é que o destino dos irmãos de Jesus ficou selado na Noite do Massacre

A HISTÓRIA DIVINA

dos Santos Inocentes. Não foram os sobrinhos de José esmagados sob os pés da Fortuna? A Besta perseguia o Menino e, na sua impotência para o encontrar, lançou fogo pelos olhos contra todos os seus familiares. Quantos sobrinhos mataram a José numa única noite? Quantos filhos de Cleofás levariam? Como já disse, no futuro, se Deus quiser, abordaremos a tragédia dos famosos irmãos de Jesus, filhos de Cleofás e de Maria, a de Cleofás. Pois bem, um ano depois de terem tido São Tiago, o Justo, Cleofás e Maria de Canaã — Maria, filha de Cleofás, segundo o Novo Testamento —, trouxeram José. E continuaram a trazer-lhe primos e primas de Jesus.

O NÓMADA

De todas as crianças de Nazaré, a nenhuma, como a de Cleofás, José agradou tanto. Mas desde o próprio dia em que José chegou a Nazaré. Não é mentira que José fez a sua entrada em Nazaré de forma espetacular. O seu cavalo ibérico, negro como a noite, e os seus três cães assírios caçadores de leões, quebrando de forma genial a monotonia. Depois, havia o cavaleiro; gigante no seu Bucéfalo, filho de Pégaso, o cavalo dos superanjos; o cabelo nem comprido nem curto, ao cinto a própria espada de Golias.

E o forasteiro dizia que era um nómada em busca de aventuras pelas províncias do reino.

Os nazarenos olhavam para ele e não conseguiam acreditar. Um nómada como qualquer outro, à aventura por aqueles caminhos de Deus, montado num potro daquela raça, belo como o cavalo de um arcanjo em plena batalha, escoltado por três feras, belas como querubins e temíveis como dragões?

Aquele gigante era puro mistério. As suas características psicológicas e físicas não coincidiam com a imagem popular do nómada sem pátria, sempre bêbado, sempre

briguento, bastante magro, com o nariz vermelho de vinho, o cérebro queimado pelo sol e pelo frio. Não, senhor, aquele nómada não era mais um entre tantos. Os nómadas andavam de burro, na melhor das hipóteses em éguas velhas, com percevejos, pulgas e cães vadios como companhia. Não, senhor, aquele José era um puro mistério.

Com segredo ou sem segredo, o que importa é que Cleofás, o irmão mais novo da Virgem, afeiçoou-se tanto àquele nómada nascido em Belém que acabou por passar mais tempo na tenda do Carpinteiro do que na sua própria casa.

Mas eu sei que o que aquele rapaz mais desejava era realizar o seu sonho de montar o cavalo de José e trotar pelas colinas, levantando poeira de estrelas nos olhos da sua princesa azul. Coisas de rapazes!

E foi precisamente isso que acabou por acontecer. Foi isso que aconteceu. Todas as irmãs de Cleofás casaram-se. Exceto as suas duas irmãs mais velhas, Maria e Joana, que se mantinham virgens desde a morte do pai. É verdade, todas as suas irmãs já se tinham casado, tinham constituído família e tinham os seus filhos. Ele, Cleofás, era o único dos filhos de Jacob de Nazaré que ainda vivia na casa da mãe.

Visto de fora, para quem estava de fora, Cleofás era o «jovem senhor» da aldeia, o menino mimado das suas irmãs, as Virgens. Enquanto todos os rapazes se dedicavam a ajudar no campo, o «jovem senhor» Cleofás vivia como um príncipe, sem saber o que eram a foice e o enxadeiro. Por isso, se passava o dia na carpintaria de José, não era porque precisasse de ganhar o pão. De modo algum. Se decidiu tornar-se seu aprendiz, não foi porque o irmão da Virgem precisasse de aprender um ofício. O que realmente motivava Cleofás era subir de categoria aos olhos do Carpinteiro, ganhar a sua confiança e receber a sua permissão para dar o salto, subir ao dorso daquele cavalo ibérico e desfrutar da visão do mundo nas costas daquela criatura mágica.

E assim foi. Por fim, Cleofás passou de acólito a frade e já percorria o mundo, de festa em festa, montado no maravilhoso cavalo do seu chefe. Os vizinhos da aldeia ficavam desconfiados por o Carpinteiro dar tanta liberdade ao rapaz. Um cavalo daqueles não se prestava a isso, e muito menos, por assim dizer, a uma criança.

A resposta de José às suspeitas dos seus novos vizinhos foi emprestar ao seu aprendiz, além do cavalo, dois dos «seus cachorrinhos». Sempre que enviava o seu ajudante e aprendiz de carpinteiro a uma aldeia vizinha, José dava-lhe como companheiros de viagem um par dos seus cachorrinhos, dois cães em vias de extinção que lhe tinham sido oferecidos, em tempos, pelos seus padrinhos babilónios.

Cleofás começou por levar uma encomenda à aldeia vizinha, a cavalo, naturalmente. E acabou por ficar com o cavalo do seu patrão como se fosse seu quando, por ocasião de alguma festa local — uma festa da vindima, por exemplo —, as suas irmãs casadas reclamavam a sua presença. Foi assim que Cleofás conheceu Maria de Canaã, a futura mãe dos seus filhos, os famosos irmãos de Jesus.

Cleofás e a sua esposa conheceram-se, casaram-se e instalaram-se na casa da Filha de Jacob, onde tiveram os seus filhos.

Digamos a verdade: a Carpintaria do Nómada não era uma multinacional do mobiliário nem tinha vocação para ser líder do setor, mas, para Cleofás, José era o melhor. Apaixonado e pai dos seus filhos, a oficina do seu patrão era tudo o que ele tinha, e Cleofás estava disposto a dar tudo de si antes de a ver afundar-se. De qualquer forma, o seu patrão era um homem estranho. Nunca lhe faltava dinheiro. Quer vendesse ou não, ganhava sempre o suficiente para a casa. Também não o sobrecarregava com os seus problemas. Nunca. Na verdade, o único problema que José tinha era não ter mulher. Nem se sabia de nenhum pretendente. Não por falta de mulheres. Não. Era ele, o José. Não tinha mulher porque Deus ainda não lhe tinha dado. E José dizia isso com o mistério de quem guarda um segredo inconfessável.

— Deus dará, irmão, Deus dará... — respondia José ao rapaz.

Pouco depois do nascimento do seu sobrinho José, o segundo dos filhos de Cleofás, a Virgem encerrou o luto pela morte do seu pai.

A Virgem tinha vencido. Fez um voto e cumpriu-o. Agora estava livre para casar; e, ao casar-se, cumpriria o juramento que o seu pai fez ao Senhor e que não conseguiu cumprir porque a Morte se interpôs no seu caminho.

Perante testemunhas sagradas, Jacó de Nazaré jurou, na altura, junto ao berço da sua primogénita Maria, herdeira legítima do rei Salomão; jurou Jacó, pela sua vida, que só daria a sua filha em casamento ao filho de Heli, filho de Resa, filho de Zorobabel, filho de Natã, o profeta, filho de David, o rei.

Pouco depois do nascimento do segundo dos filhos de Cleofás, José, o Carpinteiro, pediu a mão da Virgem Maria à Viúva. A viúva aceitou o pedido e, pouco tempo depois, foram assinados os documentos do contrato de casamento entre Maria, filha de Jacob, filha de Matã, filha de Abiud, filha de Zorobabel, filha de Salomão, filha de David, rei, e José, filho de Heli, filho de Resa, filho de Zorobabel, filho de Natã, filho de David, profeta.

A HISTÓRIA DIVINA

A notícia do casamento de José, o carpinteiro, e da Virgem Maria espalhou-se rapidamente por Nazaré.

— A Virgem vai casar-se.

— Com o Carpinteiro? Eu bem sabia.

A noiva era um partido excepcional. Dona da casa na colina, proprietária das melhores terras da região, fundadora da oficina de alfaiataria e costura de Nazaré, que vendia os vestidos de noiva mais requintados, bonitos e baratos da região.

Quem era o noivo? Um zé-ninguém de Belém, um nómada em busca de aventuras que tinha encontrado o que procurava. Quem diria que, onde tantos bons partidos tinham falhado, um forasteiro sem rumo iria triunfar!

Assim, se, por parte da mãe, o nosso Jesus era herdeiro de Cleofás de Jerusalém, Doutor da Lei, seu avô, e se, também por parte da mãe, todas as propriedades do seu avô Jacob de Nazaré lhe pertenciam, estamos então a falar de um jovem rico chamado Jesus de Nazaré. Ou será que acreditam que aquele que pediu ao jovem rico que deixasse tudo e o seguisse não fez Ele próprio esse ato de renúncia e abandono de todos os seus bens?

Filho dos seus pais, durante o seu mandato, o nosso Jesus elevou a economia da sua família ao seu máximo esplendor de conforto e prosperidade. Durante os dias em que esteve à frente da Casa da sua Mãe, as adegas encheram-se de vinhos excelentes, os armazéns transbordaram de trigo, azeite, azeitonas de mesa, figos, romãs, leite, carne e peixe que lhe traziam do Mar da Galileia para a sua casa, quando o nosso Jesus não ia buscá-lo pessoalmente. Os vinhos das vinhas de Jesus de Nazaré eram vendidos por toda a Galileia; poucos, mas excelentes, os melhores. Dava-te alegria e nunca te deixava agressivo; no dia seguinte, acordava-se com a cabeça desobstruída e o coração alegre. «Vinho de Jesus de Nazaré, vinho de Baco», diziam os romanos da guarnição de Séforis, a duas horas de distância.

Os avós maternos da sua Mãe, Isabel e Zacarias, também lhe tinham legado propriedades nos arredores de Jerusalém.

O herdeiro legítimo de Zacarias e Isabel era João, como toda a gente sabe. Antes do nascimento de João Batista, como já não esperavam ter um filho, Isabel e Zacarias legaram tudo o que tinham à mãe de Maria. Este testamento nunca foi revogado devido à morte violenta de Zacarias e ao desaparecimento de Isabel e João nas cavernas do Mar Morto.

Assim, na Jerusalém do dinheiro, o Jovem Nazareno era conhecido como se conhece um mistério. Na realidade, ninguém sabia quem ele era. Aquilo em que todos pareciam

A HISTÓRIA DIVINA

concordar era que se tratava de Jesus de Nazaré, o filho da Senhora Maria, um jovem de uma prudência e sabedoria superiores ao que seria normal num homem da sua idade. Ele lidava com dinheiro, mas não se interessava pelo poder. Estava habituado a mandar e a ser servido e, no entanto, continuava solteiro. Era culto, falava as línguas do império; acham que lhe arranjaram um intérprete para falar com Pilatos? Sabia escrever, tinha jeito para os negócios. A sua mãe era o ponto fraco do Jovem Nazareno. Mas a quem é que não se perdoa isto?

CASAMENTO E NASCIMENTO DA CRIANÇA

Maria e José ficaram noivos. A regra geral era que o pai do noivo fosse falar com os pais da noiva sobre o desejo do seu filho de se casar com ela. Falava-se do dote e fechava-se o acordo. No caso de José, foi o próprio José quem falou com a mãe da noiva e lhe pediu a filha em casamento. A mãe da noiva aceitou e assinaram o contrato de casamento.

Naquela época, a tradição impunha um ano de noivado desde a assinatura do contrato até ao dia do casamento. Ao fim de um ano, poderiam casar-se. Durante o ano de namoro, no entanto, os noivos estavam sujeitos à lei sobre o adultério. Era a norma, mas em nenhum caso uma lei sagrada. Moisés não tinha dado qualquer preceito relativo à proibição de casar imediatamente após a assinatura do contrato matrimonial. Tiveram sido os próprios judeus que se impuseram a si próprios esse ano de espera.

Não se sabe se culpavam Deus por ter sido tão brando, mas o facto é que, insatisfeitos com a montanha de leis que lhes foram dadas, carregaram às costas outra montanha de prescrições, leis, tradições, mandamentos, normas canónicas e não se sabe quantas outras obrigações. Assim, como não se tratava de uma Lei verdadeira, ninguém se assustava se fosse necessário acelerar os trâmites devido à fraqueza da carne. A criança nascia com sete meses. Mas enfim, também não é motivo para fazer um escândalo. Um casamento como Deus manda não cura o pecado? Claro que sim.

O lado negativo era que, não sendo lei, a fraqueza da carne chegava a ser paga com a morte se o pecado não tivesse sido cometido pelo noivo. Neste caso, todo o peso da lei sobre o adultério recaía sobre a noiva. Julgada por adultério, pagava a sua fraqueza com a pena de morte, geralmente por apedrejamento.

Por muitas outras razões, um contrato matrimonial podia ser rescindido. Não era comum, mas havia casos. Incompatibilidade de caracteres, por exemplo. Devolviam-se os dinheiros e cada um seguia o seu caminho.

No caso mais comum, a gravidez durante o ano de espera, também não se chegava a sangramento. São jovens, mas que seja bem-vindo o neto. Que culpa têm os jovens! Banquete de casamento, celebração em grande estilo, tudo se esquece, a criança nasceu com sete meses. E daí? Glória bendita. O que bem começou, bem acabou, é isso que importa.

O caso da Virgem foi de outra natureza. Um dia — confessou Ela aos Apóstolos — apareceu-lhe o anjo de Deus e, no dia seguinte, já estava em estado de graça. Os Apóstolos contaram-no aos seus sucessores, estes aos seus, e assim continua a Confissão da Virgem, de boca em boca.

«Conceber pela obra e graça do Espírito Santo» é algo que se diz muito depressa.

«Estou grávida pela obra e graça do Espírito Santo!», deve ter-se confessado a Virgem a si própria num daqueles dias.

Ninguém acreditará que a Virgem saiu a correr de alegria, gritando a toda a gente a história da Anunciação. Não é algo que acontecesse todos os dias. Na verdade, em toda a história da humanidade, nunca tinha ocorrido um fenómeno semelhante. O caso mais parecido com uma concepção sobrenatural da natureza que os Evangelhos nos relatam encontra-se no mundo das mitologias.

Sem ir mais longe, a própria mãe de Alexandre, o Grande, confessou por aí que teve o seu filho com um dos deuses do mundo clássico ao qual ela pertencia. Seja por respeito

à mãe ou por orgulho, o seu filho manteve a sua origem semidivina. Tanto quanto me lembro, este é o caso mais semelhante ao que a Virgem colocou sobre a mesa dos séculos.

Bem, porque não? O Deus dos hebreus tinha realizado muitas obras extraordinárias desde os dias de Moisés até aos dias de hoje. As suas Escrituras falavam da Conceção de uma Criança nascida de uma Virgem. Como exemplo de fantasia levada ao seu extremo mais elevado de imaginação e génio, o facto de o Deus que criou os Céus e a Terra poder realizar um feito dessa natureza estava à altura da concepção que os filhos de Adão e Eva tinham da Sua Natureza. Porque é que Alguém com os Atributos que eram atribuídos ao Deus de Moisés — todo-poder, onnipotência, onisciência — não seria capaz de encenar um Acontecimento tão difícil de acreditar?

Agora, Maria, corre a explicar isto a alguém. Corre, vai ter com o teu marido e diz-lhe que és a Virgem que iria conceber um Filho «nascido para carregar sobre os ombros o manto da Soberania, para ser chamado Príncipe Maravilhoso, Deus Forte, Pai Eterno».

Meu Deus, que sorte!

E agora senta-te à espera e confia que o teu marido te diga «Aleluia, Amém, Aleluia», salte de alegria, te levante nos braços e te cubra de beijos.

Ainda não te basta? Pois bem, vai contar isso à tua irmã do coração, e repara que a tua irmã Juana te ama mais do que o rio Jordão, mais do que o mar dos Milagres, mais do que os Montes de Judá. Vá lá, Maria, vai, corre e conta-lhe.

Digo isto porque — independentemente da opinião de toda a gente — as semanas passaram e aconteceu o que tinha de acontecer. A Virgem começou a ter tonturas estranhas; perdia e recuperava os sentidos. Seria a emoção? Seria o calor? Não, mulher, eram os sintomas típicos das grávidas.

De qualquer outra mulher do mundo, as suas vizinhas poderiam ter esperado que um homem sólido como uma rocha, como era o caso de José, o Carpinteiro, tivesse conquistado a fortaleza da virtude da noiva antes do casamento. De qualquer outra mulher, claro que sim, mas da Virgem Maria... isso nem lhes passava pela cabeça às suas vizinhas.

O facto é que, quer lhes coubesse na cabeça ou não, tiveram de se render à evidência.

«Que o Senhor vos dê um filho saudável», com estas palavras e outras semelhantes, os vizinhos deram os parabéns ao noivo, um José que não percebia a que se referia a alusão. A verdade é que ele não estava a perceber. O homem pensava que lhe estavam a antecipar as bênçãos.

«Que seja um menino, e que o Senhor vo-lo conceda saudável, senhor José», continuavam as vizinhas a incitá-lo. O senhor José não se apercebia.

É verdade que, algumas semanas após a Anunciação, a noiva começou a apresentar os sintomas clássicos das grávidas de primeira viagem. Tonturas inesperadas, ondas de calor sem motivo aparente. Como se trata de algo que não se pode controlar, a Virgem não pôde evitar ser apanhada de surpresa. No entanto, a última coisa que podia fazer era fechar-se em casa, esconder-se. Tinha de continuar com a sua vida; continuar a viver normalmente era a melhor maneira de nem confirmar nem desmentir o que as vizinhas diziam. Pelo menos enquanto não se decidisse a contar a verdade à sua mãe.

A mãe da Virgem também demorou a perceber o que se passava. Foi, com exceção de José, a última pessoa a tomar conhecimento do rumor que começava a escandalizar as suas vizinhas.

Aos olhos da Viúva, a castidade imaculada da sua filha continuava a ser tão inacessível às paixões humanas como era antes de ela se comprometer. À exceção do acesso mais livre do noivo à casa da noiva — e dessa liberdade condicionada à presença obrigatória de um familiar da noiva entre ela e o noivo —, a sua filha Maria tinha continuado a viver a sua vida tal como antes, aquela vida que tinha rendido à Virgem de Nazaré a sua fama de um extremo ao outro da Galileia. Como suspeitar de algo de mal na sua filha, então!

«Que o Senhor te dê o neto mais bonito do mundo», provocavam as vizinhas à Viúva.

«A tua Maria merece tudo; quem dera que o menino se pareça com o avô Jacob, que descansa em paz», e, caso a Viúva ainda não tivesse percebido, continuavam a insistir-lhe.

A Viúva era de Jerusalém, tinha sido criada noutro ambiente. Mas não era tola. Se não se tratasse da sua filha, a Viúva teria apostado um olho do rosto em que aquela Virgem estava grávida de tantas e tantas semanas. O problema era que não lhe cabia na cabeça a ideia de que a sua Maria estivesse grávida.

A fé e a confiança que a Viúva depositava na sua filha mais velha eram tão grandes que lhe cegavam os olhos. Graças a Deus, a Viúva viu a verdade antes de José. Por fim, a Viúva teve de admitir, embora a sua filha nem o confirmasse nem o negasse.

«O que se passa contigo, minha filha?», perguntava-lhe ela.

«Nada. É o calor, mãe», respondia-lhe a filha.

O dilema da viúva começou quando as vizinhas começaram a falar de assuntos graves, como o adultério, por exemplo. Não lho disseram na cara, mas entre mulheres e vizinhas, como se sabe, as palavras sobram. Por isso, a viúva começou a ficar assustada.

«A minha Maria está grávida. Como é possível?», acabou por confessar a Viúva.

E a sua querida filha, sem confirmar nem negar. Desesperada com o silêncio da filha, foi ter com o genro, para que ele respondesse a esta simples pergunta: seria preciso antecipar a data do casamento?

E foi isso que fez: a Viúva foi buscar o «seu filho» José. Levar José a abordar o assunto ia custar-lhe imenso. Como não sabia em que situação se encontrava nem qual era o seu papel na história, a Viúva disse a si própria que tinha de levar José a abordar o assunto sem lhe revelar o cerne do problema. Uma situação muito estranha. Tinha de o abordar, mas o problema era fazê-lo sem se afastar do cerne da questão. Astuta como só ela, sem lhe dizer nada diretamente, iria explicar-lhe com todas as palavras o que se passava: a sua mulher estava grávida. O que é que ele, o noivo, tinha a dizer?

Depois de muito tempo a dar voltas à questão, a Viúva percebeu que ou José estava a fazer-se de parvo de forma magnífica — um lado que ela desconhecia no seu genro, que era um santo —, ou simplesmente José não sabia absolutamente nada e não percebia do que a sua sogra lhe estava a falar.

José olhava para ela com uma naturalidade tão inocente de qualquer culpa que a Viúva começou a não saber onde estava. Por um momento, sentiu-se como se a terra se estivesse a abrir debaixo dos seus pés e não soubesse o que era melhor: lutar ou deixar-se engolir. Até a alma-lhe tremia de frio, sob o efeito do tremor que lhe ia penetrando nos ossos à medida que a verdade se tornava cada vez mais pesada. O seu genro não sabia absolutamente nada e ela só sabia que tinha de sair daquele inferno, tinha de falar com a filha e que esta lhe dissesse, por Deus, o que se estava a passar.

O que se estava a passar?

Tinha acontecido algo incrível de se acreditar, tinha-se passado algo impossível de contar. Gerações inteiras e os próprios séculos dividir-se-iam em dois, tal como se divide a corrente de um mar que encontra no seu leito uma gigantesca pedra angular. E a sua filha, sem encontrar a forma de lhe revelar a história da Anunciação.

Maria não encontrava o momento certo. Bem, momento, propriamente dito, sim, apresentava-se. Ela e a mãe costumavam sentar-se juntas a costurar. Durante esse tempo, falavam e falavam. Falavam de tudo e de nada. Ou simplesmente permaneciam em silêncio.

Neste novo silêncio que, nos últimos dias, se tinha instalado entre mãe e filha, batiam dois corações prestes a despedaçar-se. A mãe queria perguntar à filha: «Estás grávida, minha

filha?», e não conseguia encontrar a forma de o fazer. A filha queria dar-lhe um «Sim, minha mãe», um «Sim» maravilhoso, Divino, e não conseguia encontrar o momento certo.

O facto é que o Menino estava a crescer no seu ventre, que os sinais da sua gravidez se tornavam cada vez mais evidentes, que se José soubesse pela boca dos vizinhos... Nem queria pensar nisso.

Precisava revelar a verdade à sua mãe. A sua mãe era a única pessoa no mundo a quem ela podia confiar um mistério tão grande. Tinha de o fazer, mas como não conseguia encontrar a forma, o momento certo nunca chegava.

Então aconteceu que, num desses dias, a mãe e a filha sentaram-se uma de frente para a outra. As duas mulheres sabiam que o momento tinha chegado, que aquele era o momento. A primeira a falar foi a Virgem.

«Mãe, acredita que Deus pode tudo?», perguntou ela com toda a ternura.

«Filha», suspirou a Viúva, que só queria ir direta à pergunta: «Estás grávida, minha filha?», mas não conseguia dizê-lo.

«Eu já sei, mãe. Vais dizer-me: Deus é o nosso Senhor, como poderemos nós medir a força do Seu Braço? E eu sou, minha mãe, a primeira a repetir as Tuas palavras. Mas o que quero dizer é: o Seu Poder acaba onde começam os limites da nossa imaginação ou é precisamente do outro lado que começa a Sua Glória?»

«O que me queres dizer, minha filha? Não te compreendo», presa numa direção diferente daquela que a mãe da Virgem ansiava por seguir, articulou o que pôde.

«Eu também não sei muito bem como chegar onde quero, nem o que quero dizer. Tenha paciência comigo, mãe. Depois daqui, iremos para o Céu e, de lá de cima, as coisas da Terra não nos afetam; por isso, o que nos cabe é tentar descobrir a natureza do Deus que nos chamou a sonhar com o Céu enquanto ainda estamos aqui na Terra. Não é verdade que Deus pode transformar as pedras em filhos de Abraão? Mas o que eu me pergunto é se, ao falar desta forma, o que o profeta quis dar a entender é que temos a cabeça tão dura como uma pedra. Pode uma pedra conhecer Deus? Entre um homem que não quer conhecer Deus e uma pedra, qual é a diferença?»

«Para onde queres levar-me, filha?», perguntou a Viúva, contendo a sua impaciência como pôde.

«A um facto maravilhoso, mãe. Mas como não conheço o caminho, não se zangue comigo se eu explorar sozinha, como aqueles alpinistas que enfrentam pela primeira vez a

parede virgem. A única coisa que me pode acontecer é cair aos pés da sua saia, perfurada pela minha ignorância.»

«Não digas isso, filha. Não estás sozinha; apesar de velha, eu sigo-te. Sim, Maria, sei que a glória de Deus começa onde termina a imaginação do homem. Continua.»

A Virgem partiu então numa direção aparentemente ainda mais contrária, dizendo:

«Mãe, o que é que o mensageiro lhe disse sobre o meu avô Zacarias? Porque é que ainda não me quis contar? Porque é que não me enviou para a casa da minha avó Isabel? Agora que pode, responda-me: o nosso Deus pode ou não fazer com que uns idosos dêem à luz?»

A Viúva e José ainda não tinham querido revelar a Maria a natureza da mensagem que Zacarias e Isabel lhes tinham enviado há pouco; na verdade, a Viúva tinha decidido enviá-los a Maria. A questão do estado de graça em que a sua filha se encontrava de repente apagou-lhe da mente tudo o resto.

De facto, o mensageiro que Zacarias e Isabel enviaram a Nazaré descreveu à Viúva e ao seu genro, pormenor por pormenor, o que lhe tinha acontecido a Zacarias no Templo. Especialmente a imagem do anjo maravilhoso que castigou a falta de fé de Zacarias, privando-o da fala.

Meu Deus! A sua filha Maria estava a descrever-lhe aquele anjo como se ela própria o tivesse visto com os seus próprios olhos. Como era possível?

À primeira vista, era impossível. O mensageiro de Isabel e Zacarias não falou com Ela enquanto esteve em Nazaré. Claro que José lhe poderia ter contado.

Será que José lhe tinha contado? José deu-lhe a sua palavra de que não seria ele a dar a notícia à filha. A palavra de José, a viúva sabia-o, era lei pura e imaculada como os jatos de ouro. Ele nunca a quebrava. Não, José também ainda não lhe tinha dito nada.

Estava a perguntar-se como é que a sua filha se tinha sabido disso, quando o seu coração se voltou para a recordação do dia em que a sua filha fez o Voto de Virgindade.

Naquela altura, naqueles dias, a Viúva perguntou-se por que razão a graça do Senhor sobre a sua casa se tinha extinguido, por que razão lhes tinha virado as costas como quem abandona os despojos ao inimigo. No segredo do seu coração, a Viúva ficou presa nas redes do Dilema de Jó. Mas, ao contrário do santo, não encontrou a resposta de imediato. Nem a encontrou nos anos que se passaram desde a morte do seu marido até ao dia de hoje.

Tinha chegado a hora de saber a razão pela qual o Senhor levara então o seu marido. Maravilhada, absorta, fora deste mundo, com o seu ser a flutuar sobre as mesmas ondas

que um dia se transformariam em colinas sob os pés do Espírito de Deus, a Viúva continuou a olhar para a sua filha, com os olhos fixos nas suas palavras.

Então, a Virgem voltou a mudar de assunto.

«Mãe — disse-lhe Ela —, Deus não jurou que um filho de Eva esmagaria a cabeça da Serpente?».

«É verdade», respondeu a Viúva, com a voz perdida algures no infinito onde o seu olhar se tinha fixado.

«E os nossos livros sagrados não dizem também que, de todos os homens que existiram na face da Terra, nunca nasceu nenhum tão grande como Adão?», continuou Ela.

«Foi isso que o meu pai me ensinou e foi isso que o teu te ensinou. Estou a ouvir-te, filha.»

Maria continuou:

«Quando Deus nos prometeu o nascimento de um Filho destinado a carregar sobre os ombros a soberania, não estaria Ele a pensar no Campeão que nos iria suscitar para nos libertar do império das Trevas?».

«Claro que pensava.»

«Mas se o Maligno derrotou outrora o homem mais grandioso que o mundo já conheceu, não terá razão o santo Jó ao apresentar-nos o assassino do nosso pai Adão perante o Trono do Todo-Poderoso, todo sereno enquanto aguardava o próximo?».

«Claro que tinha.»

«Claro que sim. Quem derrotou o maior homem do mundo, por que não iria derrotar o seu filho?».

A Virgem baixou os olhos e respirou fundo enquanto enfiava a agulha no fio. A sua mãe permaneceu a olhar para ela sem dizer uma palavra. Pouco depois, Ela voltou ao campo de batalha.

«Então, mãe, diga-me: será que Deus jurou em falso? Quero dizer, em quem é que o Senhor estava a pensar quando fez aquele juramento abençoado? David ainda não tinha nascido; o nosso pai Abraão também não. Com o seu filho pequeno morto, o nosso pai Adão aos seus pés todo-poderosos a sangrar até à morte, em que Campeão estaria o nosso Deus a pensar ao prometer-nos, sob juramento eterno, que um filho daquela Eva esmagaria a cabeça do Maligno?».

Desta vez, foi ela quem fixou o olhar na mãe. Esta, ao ver o rosto da filha, só sabia uma coisa: que a filha estava grávida. A doçura no rosto, a ternura na voz, o brilho nos

olhos. Bastava-lhe dizer: «Mãe, estou grávida»; e, em vez de ir direta ao assunto, sem sequer saber como a filha a tinha levado ao cume de uma montanha de onde se avistava o futuro do mundo, segundo a mulher nascida para ser a Mãe do Messias, aquele filho da Promessa que iria nascer para esmagar a cabeça do Maligno.

«Em quem estaria Deus a pensar no dia em que, sobre o sangue do seu filho Adão, jurou o Nascimento do Campeão, pela mão de quem se faria justiça? — repetiu a Viúva. — Minha filha, não serei eu a impor limites à glória do meu Criador. Só quero que sejas tu a dizê-mo.»

«Lembras-te, mãe, do que escreveu o profeta?: Uma Virgem dará à luz e o seu Filho será chamado Deus-connosco».

Maria voltou a baixar o olhar. Nesse momento, ergueu a cabeça e olhou diretamente nos olhos da mãe.

«Mãe, essa Virgem está diante de si. Esse Menino está no meu ventre», confessou-lhe Ela.

Enquanto a filha lhe revelava o episódio da Anunciação, a Viúva ficou a olhar para a filha com o olhar de quem contempla o Coração de Deus no dia do homicídio do seu filho Adão.

No final, inspirada pelo amor tão grande que nutria pela filha, a Viúva derramou bênçãos:

«Bendito seja Deus, que escolheu a filha do meu marido para nos trazer a sua salvação a todas as famílias da terra. A Sua Onisciência brilha como um sol inacessível que, no entanto, todos acreditam poder alcançar com a ponta dos dedos. Aperta, mas não sufoca; golpeia, mas não afunda aqueles que ama. Abençoada seja a Sua Escolhida, aquela que Ele formou desde o seio dos seus pais para nos entregar o seu Salvador a todos os povos da terra». E « » disse imediatamente à sua filha: «Abençoadas serão todas as famílias da terra na tua inocência, minha filha. Mas agora, Maria, farás o que eu te disser. Farás isto, isto e isto».

O problema seguinte era José. De José encarregar-se-ia ela, a Viúva. O que a Mãe do Messias tinha de fazer era partir imediatamente em viagem e permanecer na casa de Isabel e Zacarias até que o Senhor assim o dispusesse.

E assim foi feito. A Viúva chamou o seu genro e contou-lhe, ponto por ponto, toda a verdade. Não lhe contou a Anunciação como quem tem de esconder algo e baixa a cabeça de vergonha. De modo algum. Obviamente, sim, com a humildade e a certeza de quem

A HISTÓRIA DIVINA

sabe que o Acontecimento iria causar a José um dilema angustiante, sobre o qual ele teria de triunfar — e triunfaria —, mas pelo qual teria inevitavelmente de passar por um verdadeiro inferno.

E triunfou.

No entanto, como podem imaginar, após a Anunciação, José passou algum tempo bastante abatido. O que é que tinha corrido mal à última da hora? Como é que uma mulher com a integridade moral e a força de Maria se tinha deixado enganar por...?

Por quem? Sem que ninguém o pretendesse, Ela estava sob vigilância o dia inteiro. Quando não estava com a mãe, estava com os sobrinhos; quando não estava na oficina com as suas trabalhadoras, estava com a família dos irmãos do pai. O Senhor tinha tecido à sua volta uma rede de relações tão absorventes que a mera ideia de adultério era uma ofensa.

Depois, estava Ela, Maria. Ela era, em carne e osso, a melhor defesa que Deus tinha procurado para a Mãe do Seu Filho.

— Ele disse-o e nós não acreditámos: «Uma Virgem conceberá e dará à luz um Menino»; ao dizer isto, José percebeu tudo e saiu a correr. Regressou com a sua esposa, celebrou-se o casamento e toda a gente esqueceu o incidente.

Uma recordação, no entanto, ficou. Refiro-me àquele outro incidente entre Jesus e os fariseus.

Os fariseus e os saduceus cansaram-se de ouvir que Jesus de Nazaré era o Filho de David. Como não sabiam por onde lhe dar, investigaram o seu passado. Puseram o dedo na ferida e descobriram aquele estranho incidente do desaparecimento da sua Mãe durante os primeiros meses da gravidez, e como foi José em pessoa buscá-la... para...

-Ahhhh, aqui está o seu calcanhar de Aquiles.

Com esta arma secreta escondida na manga, os fariseus levaram Jesus ao tema da primogenitura e da filiação única. Então, um deles pegou no manual dos golpes baixos e lançou a bomba.

-O nosso pai é Abraão, quem é o teu?

O zelo que consumia Jesus pela sua mãe subiu-lhe à cabeça.

-Vocês são filhos do Diabo — respondeu-lhes com a força de um furacão comprimido na garganta.

A HISTÓRIA DIVINA

Apenas mais uma vez, apenas noutra ocasião da qual não gostariam de se lembrar, veriam o filho da Virgem a lançar raios pelos olhos. E já não parava nunca mais, já não se detinha até saciar a sua ira até ao último átomo de raiva.

Daí em diante, entre Ele e eles, o jogo decidir-se-ia a cara ou a cruz. Cara, Ele levava-os à frente. Cruz, eles cobravam a sua.

O MENINO JESUS EM ALEXANDRIA DO NILO

Pouco tempo depois destes acontecimentos, José, o carpinteiro, e o seu cunhado Cleofás pegaram nas suas famílias, compraram bilhetes e embarcaram para Alexandria do Nilo.

Sobre esta questão da Fuga, sempre pairou o mistério. Do ponto de vista documental, a verdade é que em lado nenhum existem indícios de que Alexandria do Nilo tenha sido o local escolhido por José para salvar o filho de Maria da perseguição contra Ele decretada por Herodes. Por isso, se me pressionarem, o autor desta história pode ser acusado de estar a inventar o destino dos fugitivos para satisfazer necessidades literárias. O que me parece lógico até certo ponto. Eu próprio não consigo esquecer que a iconografia clássica a este respeito é bastante sucinta, diria mesmo prudente; e até me atreveria a confessar que se trata de uma prudência que beira a covardia.

A escolha de Alexandria do Nilo não foi fortuita por parte de José; nem o é por parte daquele que recria nestas páginas os seus passos. Felizmente ou infelizmente, a única prova que posso apresentar é o testemunho de Deus sobre o caso. O «infelizmente» é uma forma de dizer, claro. Para quem conhece Deus, uma única palavra Sua vale mais do que todos os discursos de todos os sábios do universo juntos, numa competição de dissertações intermináveis. Infelizmente, a palavra de Deus não vale para toda a gente.

O facto é que a única prova real que a História nos oferece sobre o caso é o testemunho de Deus: «Do Egito chamei o meu filho».

Antes de mim, muitos foram aqueles que se arriscaram a defender a resposta afirmativa que a questão merece. A partir das distâncias apócrifas de quem não acredita, no entanto, há duas objeções invencíveis contra cujas paredes à prova de bombas se parte a cabeça da nossa retórica. Uma delas é que a frase «Do Egito chamei o meu Filho» foi escrita muito antes de qualquer um dos acontecimentos que narramos ter ainda ocorrido; por isso, parar para acreditar que, séculos e séculos antes do Nascimento, a Fuga já tivesse sido concebida para fazer parte do programa messiânico é, na verdade, pedir muito.

A outra objeção é que essa nota profética não foi escrita «a futuriori», mas sim a posteriori. Segundo estes génios, não seria a primeira vez que os judeus falsificavam os seus textos sagrados. Não o faziam há séculos? Nínive caía e eles vinham escrever sobre as suas ruínas que já o tinham previsto. E, tal como Nínive, todas as outras coisas. Também o profeta Daniel previu a ascensão ao poder de Ciro, o Grande. E até à queda do seu império sob os cascos do cavalo de Alexandre, o Grande. Por Deus, a quem é que queriam enganar? Haverá nação mais tola do que aquela que se engana a si própria?

Enfim, esta postura de criação dos textos proféticos a posteriori conquistou muitos adeptos nos seus dias de glória. Ignorando a sua astúcia, como é natural para quem foi imunizado contra a astúcia dos génios, os outros, aqueles que continuamos a defender o valor divino dos textos proféticos, continuamos a sustentar que essas formas de pensar seriam lógicas num pensador antigo, porque pretender ajustar o pensamento do Criador ao da criatura — que é o que se faz ao negar a onisciência divina como fonte das Escrituras — é negar aquilo que separa a criatura do seu Criador.

A nível do acaso, é verdade que alguns homens vêem o futuro. Nas estrelas, nos dados, nos posos do café e, sobretudo, numa bala com um nome escrito. A nível da realidade, a natureza humana está longe de se atribuir tal atributo.

Isto, por um lado.

Por outro lado, não é verdade que a história é escrita pelos vencedores? Pois, se assim fosse, algo deve estar a falhar no sistema quando a vemos escrita por um povo de perdedores. Perderam contra os egípcios. Ou será que ainda há alguém que acredita que se passa da liberdade para a escravidão sem travar uma batalha terrível? Lutaram contra os assírios e perderam a guerra. Foram novamente esmagados pelos caldeus de Nabucodonosor. Perderam contra Roma. Foram novamente escravizados pelos árabes. Curioso, muito curioso que a memória histórica de meio planeta se baseie nos feitos bélicos do povo perdedor por excelência, o judeu!

Eu diria que a História escreve-se por si mesma, ao ritmo com que Deus usa a mão do homem como caneta. Ele mergulha a caneta no nosso sangue e escreve o nosso futuro de acordo com a sua clarividência, onisciência, presciência e génio criador. Por outras palavras, nós não vemos o futuro; em contrapartida, Deus não só o vê como, além disso, o escreve. Ora, se esta capacidade divina de criar o Futuro não for admitida, então teremos de nos apoiar na natureza dos próprios acontecimentos, ou correr o risco de encerrar esta História e abrir um livro totalmente diferente.

Assim, a despedida foi muito breve. O Lobo do Diabo tinha cheirado o Menino.

A salvo no Egito, José, o Carpinteiro, abriu a sua oficina longe do Bairro Judeu, na Cidade Livre. Com o passar dos anos, a sua oficina passou a chamar-se «A Carpintaria do Judeu».

Sobre este assunto — o acontecimento do Massacre dos Inocentes — digo o mesmo. Se a dúvida se baseia na impossibilidade da existência de alguém capaz de cometer tal crime, então já podemos pegar na dúvida e atirá-la para o lixo. Se, pelo contrário, a dúvida reside

na ignorância dos povos e das suas pessoas — tendo em conta as circunstâncias sociais e políticas vividas pelo reino de Israel naquela época —, neste caso nada se pode acrescentar ao que já foi escrito, talvez apenas dizer que não se explica como, estando a felicidade na ignorância e havendo tantos ignorantes no mundo, o mundo possa continuar a ser tão brilhantemente infeliz.

Mas voltemos ao assunto.

Terá sido uma decisão fácil para José ter de voltar a fazer as malas e emigrar para o Egito?

Talvez não tenha sido uma decisão fácil, mas foi certamente corajosa.

O Relato da Adoração dos Magos abre-nos a mente para o Passado e retrata-nos a Sagrada Família a fugir para a segunda maior cidade do mundo, Alexandria do Nilo, uma cidade aberta e cosmopolita onde José e a sua Família chegaram com as costas asseguradas, economicamente falando. Ouro, incenso e mirra foram os presentes que os Magos lhes ofereceram.

Porquê Alexandria do Nilo e não Roma?

Bem, Alexandria ficava a um passo da costa de Israel. Com o Massacre dos Inocentes perpetrado e o assassinato de Zacarias, pai do Batista, consumado, a última coisa que José podia permitir-se era pôr em perigo a vida do Menino. De facto, entre o momento do Nascimento e a sua apresentação no Templo, os dias tinham passado; era agora ou nunca. Voltar a Nazaré, fazer as malas, apanhar o barco em Haifa e dizer adeus à pátria.

Esta decisão de José, forçada pelas circunstâncias sangrentas, transformou o homem de forma radical. Entre os Santos Inocentes, os filhos dos seus irmãos caíram na armadilha. O homem que, do convés do navio que levava a Sagrada Família para Alexandria, olhava para o horizonte, sozinho, de costas para todos, guardava no peito aquele segredo, que não revelaria ao seu povo até à morte. Quando desembarcou na costa egípcia, o José de antes do Massacre e do assassinato de Zacarias tinha-se afundado nas águas do Mediterrâneo.

Os seus compatriotas?

Quanto mais longe dele, melhor. A razão desta mudança radical não a revelou a ninguém, nem à sua mulher, nem ao seu cunhado.

E já estamos em Alexandria, no Nilo.

O ambiente em que Jesus cresceu, graças ao comportamento estranho do seu pai para com os seus, foi extraordinário. José, o seu pai, recusou-se a instalar-se no Bairro Judeu; preferiu procurar um lugar entre os gentios, em pleno coração da Cidade Livre. Comprou

A HISTÓRIA DIVINA

uma casa e abriu a sua oficina. Com o tempo, a sua oficina viria a ser conhecida como a Carpintaria do Judeu.

Os tios do Menino, Cleofás e Maria, filha de Cleofás, continuaram a ter filhos.

Astuto como só ele sabia ser, assim que Jesus atingiu a altura do seu primo Santiago — embora este fosse dois anos mais velho —, Jesus pegava nele e levava-o até ao porto romano. O Menino não se intimidava com ninguém; a sua sede de notícias sobre o Império nunca se esgotava. A sua inteligência para arrancar aos marinheiros notícias de Roma, de Atenas, da Hispânia, das Gálias, da Índia e da África profunda despertava a simpatia dos lobos do mar. Olhavam para os dois meninos de cima a baixo, viam-nos vestidos com roupas próprias de filhos da classe alta e lá estavam eles a contar a Jesus e ao seu primo Santiago como andava o mundo.

Graças a este dom natural, ao completar os doze anos, o Menino falava perfeitamente latim, grego, egípcio, hebraico e aramaico. Insisto: ou acham que lhe arranjaram um intérprete para a audiência com Pilatos?

Como já disse, Jesus foi um menino prodígio em toda a regra. Um menino prodígio que teve toda a sorte de ter como pai um homem extraordinário. No entanto, também os fenómenos sentem, sofrem, têm momentos de fraqueza, entristecem-se e choram a solidão que os oprime.

A POMBA MUDE DAS LONGEZAS

Jesus entrou em colapso. Aquele Menino divino que virava de pernas para o ar toda a marota da rua, que se afastava, se perdia entre os barcos do porto e regressava a correr para se sentar, ao cair da tarde, no colo do pai, entre os amigos; aquele Menino, um verdadeiro furacão, entrou em colapso. Jesus deixou de sair de casa. Começou a sentar-se à porta da Carpintaria do Judeu a ver a vida passar. O Menino quase não comia. Jesus deixava-se cair no colo da sua mãe, entre as amigas, quando, ao cair da tarde, as mulheres costumavam sentar-se na rua, sob o céu mediterrânico, a costurar, a conversar, e depois ia-se embora.

Era como se aquela chama da Sarça se estivesse a consumir-se nos braços de Maria. No início, Ela não se apercebeu da solidão que, no peito do seu Menino, tinha aberto um buraco negro e, por ali, o engolia um pouco mais a cada dia. Pouco a pouco, a Mãe abriu os olhos e começou a ver o que havia no Coração do seu Menino.

Ela não conseguia suportar aquela agonia indescritível que lhe estava a tirar o seu Menino das mãos. Amava-o mais do que o mundo, mais do que o tempo, mais do que as ondas do mar, mais do que as estrelas, mais do que o amor, mais do que a própria vida. E ele ia-se-lhe embora. Era noite após noite e, a cada noite, um pouco mais. O Menino não falava, não ria, deixava-se cair no peito da sua Mãe, com o olhar perdido no céu daquela Alexandria do Nilo, e ali afundava-se.

— O que se passa contigo, meu filho? — perguntava-lhe Ela.

— Nada, Maria, respondia Ele.

— Eu sei o que se passa contigo, Jesusinho.

— Não é nada, Maria, a sério.

— Meu amor, tens saudades do teu Pai. Não chores, minha vida. Ele está aqui, neste preciso momento; quando coloco os meus lábios nas tuas bochechas, Ele beija-te; quando te abraço, Ele aperta-te com força.

Para o Menino, aquela mulher que o ouvia com o sorriso mais doce do universo no rosto enquanto Ele lhe falava do Paraíso do seu Pai, da Cidade do seu Pai, dos seus irmãos, os superanjos Gabriel, Miguel e Rafael, aquela mulher... aquela mulher era a sua Mãe. Ele amava-a mais do que tudo no mundo. Era a única pessoa a quem Ele podia contar tudo. Adorava sentir o bater do coração dela quando Lhe falava do Seu Reino. E aquele olhar luminoso que lhe iluminou o rosto quando Lhe contou toda a verdade! Isso nunca se apagou da Sua memória.

— Sim, Maria — disse-lhe o Menino. — Eu sou Ele.

A HISTÓRIA DIVINA

— Conta-me outra vez como é o Céu, meu filho — pediu-lhe ela mais uma vez.

-O Céu — confessava-lhe a Criança — é como uma ilha que se transformou em continente e que continua a crescer para além do nascer do sol nos seus horizontes. A Rocha em que assenta é o Monte mais alto que qualquer homem possa imaginar. O Monte de Deus, Sião, eleva o seu cume até às nuvens, mas onde deveriam estar as nuvens existem doze muralhas, cada uma constituída por um único bloco, cada bloco de uma cor, cada muralha a brilhar como se tivesse um sol no seu interior. E são como doze sóis a iluminar um mesmo firmamento. As doze muralhas formam uma única fortificação que circunda a Cidade que abrigam. Deus chamou à Sua Cidade Jerusalém e ao Seu Monte Sião. Em Jerusalém, os deuses têm a sua Morada, e entre os deuses o meu Pai tem a sua Casa. A partir das muralhas da cidade de Deus, os confins do Céu perdem-se no horizonte que confina com o nascer do sol, do outro lado das fronteiras do Paraíso.

— Foi de lá que vieste, meu Filho?

— Vou contar-te, Maria.

A MARCENARIA DO JUDEU

O Menino contou muitas coisas a Maria. Contou-lhe tantas que àquela pobre mulher imigrante já não restava espaço na cabeça e teve de começar a guardá-las no seu coração. Se eu vos contasse todas, certamente ficaria sentado até ao próximo ano, e isso não é o ideal.

O que vos posso contar é aquilo que já sabem. Sabem que a Sagrada Família regressou à sua pátria cerca de dez anos depois, ou talvez antes. Mas não sabem o que lhes aconteceu para que o bom José e o seu cunhado Cleofás tomassem a decisão de vender a Carpintaria do Judeu, um negócio muito próspero, a todo o vapor, cortando o mar, não navegando, voando, etc.

A «Carpintaria do Judeu» ficava em plena cidade. Naquela época, só havia uma cidade a sério em todo o mundo. Era Alexandria, no Nilo. Roma era o maior quartel militar do mundo. Em Roma viviam os senadores imperiais. Mas era em Alexandria do Nilo que se encontravam todos os sábios do Império. Podemos dizer que Alexandria era a Nova Iorque daquela época. Em Washington está o poder, mas em Nova Iorque está o dinheiro. Era uma relação desta natureza que Alexandria mantinha com Roma.

Por que razão, então, tinham de regressar já? E precisamente quando o negócio lhes corria a todo o vapor — cortava o mar, não navegava, voava, etc.? Regressar para quê? Para sobreviver como a mosca na casa da aranha? Havia matéria para reflexão. Um negócio com menos de dez anos de vida é como o rapaz a quem começa a crescer o bigode. É através dos olhos dele que se encontram menos falhas no mundo. O mundo pode estar tão mal quanto se queira, mas ele, o rapaz, é um campeão. Enfim, não era uma tolice. Tinha custado a José e ao seu cunhado darem-se bem, abrirem caminho, encontrarem um espaço — e um espaço grande — entre os gentios, porque José não queria saber nada, ou muito pouco, dos seus compatriotas. Neste capítulo, o senhor José era um judeu muito estranho. Não queria saber muito dos seus compatriotas, nem gostava de os ter demasiado perto. Ninguém sabia porquê, nem ele próprio falava muito. Talvez fosse porque o senhor José falava latim e grego desde muito jovem e parecia sentir-se entre os gentios como peixe na água.

É preciso dizer que, para José, o domínio das duas línguas do Império abriu-lhe caminho no mundo dos negócios. Ao contrário dos seus compatriotas, racistas com toda a gente — que se consideravam uma raça superior, escolhida, e olhavam de cima para o resto da humanidade —, o senhor José era aberto, inteligente, pouco falador, mas cada palavra

sua era a de um homem maduro e íntegro que não quebrava a sua palavra por nada neste mundo.

Como é que um carpinteiro e ebanista de província, fugido de uma aldeia perdida nas montanhas, tinha conseguido dominar a tal ponto as duas línguas internacionais da época, a verdade é que era outro mistério!

Outro dos muitos aspetos que faziam do dono da «Carpintaria do Judeu» uma criatura sui generis, introvertida, indefinível. Os seus compatriotas de Alexandria criticavam o senhor José precisamente pelo seu afastamento da companhia dos seus.

Ao contrário de José, Cleofás, o irmão de Maria, era muito ligado à sua terra e inclinava-se para o seu povo. O que compensava a balança e mantinha em equilíbrio as relações da Casa com os nacionalistas. Algumas vezes, entre cunhados e sócios, Cleofás abordou-lhe o tema do seu distanciamento e as causas dessa postura tão inabalável. Mas José encontrava sempre uma forma de evitar o assunto.

José não impunha nada ao seu cunhado Cleofás; este era livre para educar os seus filhos segundo o seu coração; ele não iria proibir os filhos de Cleofás de irem à sinagoga e participarem na vida da comunidade judaica, cumprindo os seus deveres de bons filhos de Abraão. Só que a mesma liberdade que José lhe oferecia, ele queria-a para si próprio.

Perante este raciocínio, Cleofás ria-se e abandonava o assunto. Pois se perguntasse à sua irmã Maria sobre o comportamento tão estranho do marido, ela também não ia mais longe.

O mesmo enigma que esta forma de ser de José causava a Cleofás deixava Maria surpreendida desde que tinham saído da pátria. E Cleofás não devia pensar que ela lhe escondia alguma coisa. José era mais bondoso do que o pão, mas, na hora de abrir o coração, nem à própria esposa dizia uma palavra.

No total, Cleofás e a sua esposa já tinham dado à luz toda uma prole até este capítulo. José e Maria, no entanto, tinham ficado com o primeiro e o último, primogénito e filho único numa única pessoa.

— O que se passa, irmão? — quis saber Cleofás. — Por que razão esta pressa em vender um barco que está a ir de vento em popa?

José não quis contar ao cunhado toda a verdade, ou pelo menos a verdade tal como ele a vivia.

O REGRESSO A NAZARÉ

O Menino superou aquela tristeza que esteve prestes a afundá-lo nas trevas de uma dor infinita. A sua Mãe colocou-se entre o Menino e essas trevas desconhecidas, pediu ajuda ao seu Marido e, juntos, afugentaram o diabo para o inferno. Mas ainda não tinham esquecido a batalha quando o Menino abriu um novo capítulo nas suas vidas. Jesus já tinha nove ou dez anos. O Menino tinha metido na cabeça a ideia de sair do Egito e de que o levassem para Israel.

Compreenderão que José ficou muito zangado. A sua Mulher estava do lado do seu Filho. Lógico. Para Maria, não havia qualquer problema. Mas para José as coisas não eram assim tão simples.

É claro que José tinha ouvido a História Divina da boca de Jesus, nos braços da sua Mãe. E precisamente por isso, agora menos do que nunca podia dar-se ao luxo de tomar uma decisão errada. Enquanto não sabia quem tinha em casa, o problema parecia-lhe controlado; mas agora que conhecia a identidade do Filho de Maria, menos do que nunca podia dar-se ao luxo da indecisão que teve quando se riu um pouco do conselho dos Magos.

«Vai-te embora, José, senão os Herodes matam-no», imploraram-lhe.

Voltar a Israel enquanto Herodes, o Jovem, ainda está vivo?

— Diz ao teu Filho que ainda não chegou a hora, respondeu José à sua esposa.

Palavras que o vento levou.

— Diz ao teu marido que devo ocupar-me dos assuntos do meu Pai, insistiu o Menino.

Resposta que o vento trouxe.

— Maria, por Deus, é uma criança. Daqui ninguém se mexe. Pelo menos até aquele filho de Satanás morrer.

Ponto final. O senhor José era assim. Muito poucas palavras, mas quando as dizia, não havia ninguém no mundo capaz de fazê-lo ceder.

E assim teriam podido ficar para o resto da vida, se o Menino não tivesse posto em marcha o seu plano. Não me vou perder em pormenores, mas a verdade é que o filho do Carpinteiro abriu a garrafa da sua inteligência prodigiosa e divertiu-se como uma criança a molhar o rabino da sua sinagoga com o champanhe da sua glória.

— A lista dos reis? A de «Antes do Dilúvio» ou a de «Depois do Dilúvio», senhor rabino?

Um monstro. Ele sabia tudo. O rabino, completamente atônito, acabou por se interessar profundamente pelo Menino.

— E de quem és filho, menino?

— Sou filho de David, senhor rabino.

— O teu pai é filho de David?

— E a minha mãe também, senhor rabino.

— E a tua mãe também? Que coisa mais curiosa!

— E o meu primo aqui presente também, senhor rabino.

«Tu és mesmo um rabino feito e direito», pensou o homem para si mesmo.

Assim, um belo dia, o senhor rabino entrou na «Carpintaria do Judeu» para pedir explicações a José. Como se ele tivesse direito a alguma coisa por ser servo dos servos de Deus.

José olhou para ele de cima a baixo e mandou-o embora. E mesmo na frente do próprio Menino. Porque, claro, toda esta confusão era culpa do Menino.

Compreenderão que, depois do susto que levou com a história do Presépio, José proibisse em casa a mais pequena menção às origens davídicas da sua família. E, se o caso se apresentasse, as suas origens davídicas deviam ser mencionadas com cautela, como quem não está disposto a arriscar a pele. É que eram mesmo; mas quem sabe? Os pais tinham-lhes dito que eram e eles não iam contestar a autoridade dos pais.

O Menino estava a quebrar esta regra da família. E estava a fazê-lo com plena consciência do que fazia. Sabia, porque conhecia José como se fosse seu irmão, seu amigo, seu pai, que assim que José detectasse o mais pequeno perigo que colocasse em risco a vida do Filho de Maria, José encerraria o negócio e emigraria para outro lugar.

José tinha vencido o primeiro assalto. Mas o segundo estava para chegar.

O Menino voltou às velhas manias. Não só era filho de David, como se nada fosse, como a sua mãe era a Filha de Salomão.

— Pois sim, senhor rabino. A Filha de Salomão em pessoa.

— E dizes que o teu pai pode provar isso com documentos sobre a mesa?

— Pois sim, senhor.

Aquele rabino que teve a sorte — ou a desgraça — de o ter como aluno ficou com os pelos em pé. Confuso, perdido e completamente atónito, o rabino levou o assunto ao rabino-chefe.

-É o que lhe digo — disse-lhe ele. Se fosse outro miúdo, tomaria isto como uma brincadeira, mas do filho do Carpinteiro já acredito em tudo. Ele sabe mais do que todos os sábios da corte de Salomão juntos. Incluindo o rei sábio — com estas palavras, o rabino de Jesus dirigiu-se ao seu superior.

E ambos apresentaram-se, um belo dia, na Carpintaria do Judeu, dispostos a ir ao fundo da questão.

Foram ter com José. Foram exigir-lhe que lhes mostrasse os documentos de que o Menino lhes tinha falado. Jesus tinha-lhes dito que o seu pai guardava os documentos genealógicos da Família, documentos que datavam dos tempos do próprio rei David, reeditados pelo profeta Daniel durante os dias do Cativo da Babilónia.

José viu-se de repente perante uma jogada mestre de xeque-mate. O Filho de Maria estava a jogar forte. Queria levá-los a todos para Jerusalém e nada nem ninguém o iria impedir.

A discussão que José teve com os dois rabinos foi muito acalorada. Não vou tentar reproduzi-la para não dar a impressão de estar a recordar acontecimentos fantásticos.

— A impressão que o Filho de Maria causava nos seus mestres era tão avassaladora que tinham dado crédito à palavra de um miúdo... blablabla. Esquivando-se do assunto, afirmou o Carpinteiro.

Se o tivessem conhecido, teriam compreendido que, para José, afirmar era dizer a última palavra.

José tinha isso muito claro. O Filho de Maria podia ser o próprio Filho de Deus, mas era a ele, a José, que o seu Pai tinha confiado a sua custódia, e cabia a ele, e apenas a ele, José, decidir quando a Sagrada Família regressaria a Israel.

Será que era o Filho de Deus?

Será que só podia ser...?

«Em que estás a pensar, José?»

Os rabinos acreditavam ter encurralado o Carpinteiro, e até o próprio Menino, que ouvia por trás da porta, chegou a acreditar nisso. As palavras, como espadas num duelo à morte, cruzavam-se quando o Menino se espreitou pela porta com o ar do vencedor que pergunta ao seu inimigo derrotado: «Ainda queres mais?»

Foi a primeira vez na vida que José viu o Filho de Maria com os olhos com que a sua Mãe o via. Aquele era o Filho de Deus em pessoa. Não era uma brincadeira. Acontecia que Ele tinha o corpo de uma criança. Mas quem estava à sua frente era o Primogénito de Deus.

E era Ele em pessoa quem lhe falava através do pensamento.

Sim, senhor, estava a falar-lhe através do pensamento, com a mesma certeza com que tu estás a ler este livro.

Os rabinos estavam a falar com José a plenos pulmões na sua própria casa e ele tinha a mente noutro lugar, noutro tempo. Estavam a exigir-lhe os documentos genealógicos da Criança e ele estava noutro lugar, noutro tempo. O Menino estava encostado ao batente da porta da carpintaria, de pé, a dizer-lhe sem abrir a boca: «Ainda não acreditas em mim, José? Não vês que tenho de tratar dos assuntos do meu Pai?»

Mas a jogada saiu-lhe mal ao Menino.

Passado o momento, com os rabinos já partidos, mais uma vez — e agora mais do que antes — José fechou-se em banda. Nunca regressariam a Israel até que o seu Deus lhe desse a ordem de regressar. E acabou-se, ele não queria ouvir mais nada.

E foi assim que o Menino voltou a ser derrotado. Deixou de falar com José. Tinha jogado a partida e tinha-a perdido. Ninguém sairia do Egito até que Deus desse a José a ordem de regressar a Israel, tão simples, tão trágico.

Simple de dizer, sim; de viver, nem por isso. Pai e filho deixaram de falar um com o outro, e até de se olharem. O Pequeno Jesus nem sequer comia. Deixava-se cair no chão, encostado à fachada da sua casa, vendo a vida passar, oprimido pela tristeza de quem pode tudo e a quem é ordenado que não faça nada.

Maria não sabia quem sofria mais. Se era o Menino por não ter conseguido impor a sua vontade, ou se era o seu Marido por não conseguir suportar o silêncio e o afastamento do seu filho. É que nem sequer se olhavam. José não se atrevia, e o Menino não conseguia.

Cleofás era o único que parecia gostar de viver aquela situação.

— O que se passa contigo, irmão, porque é que és tão teimoso?, dizia ele a José.

— É só uma criança, Cleofás — respondia José.

Acontece que, num desses dias, José regressou a casa depois de fechar um negócio. Jesus já tinha perdido toda a esperança de convencer o bom senhor José. Há quanto tempo é que não se falavam?

José, o carpinteiro, regressou depois de fechar aquele negócio, todo sério, mas com os olhos muito brilhantes. Assim que Maria o viu a atravessar a porta, o coração deu-lhe um salto, mas ela não quis dizer uma palavra. Esperou que o marido lhe falasse.

— Mulher, diz ao teu Filho que vamos embora.

Não lhe disse mais nada.

A Mãe pegou no Menino e foi distraí-lo ao mercadinho. Ia comprar-lhe o que ele quisesse, para o animar e levantar-lhe o ânimo, disse-lhe ela. Jesus seguiu-a como pudesse, como se seguisse uma nuvem sem destino. Desde o incidente entre José e os rabinos, não queria saber de nada, não tinha vontade de nada. E não havia nada que a sua própria Mãe pudesse dizer-lhe para lhe levantar o ânimo.

Nada?

Bem, havia algo. Havia dois sinais, e era apenas uma palavra. José negava-lha e Maria não lhe podia dar.

Não lhe podia dar?

Aquele passeio pelo mercado do porto de Alexandria nunca seria esquecido. Ela não parava de lhe sorrir, de lhe fazer cócegas, de lhe dizer com os seus gestos: «Adivinha, adivinha, o que se passa comigo?»

Logicamente, o Menino ficou irritado por um bocado, até que acabou por abrir os olhos. Pegou na Maria — Ele chamava-a sempre pelo nome —, sentou-a num dos bancos do cais e, olhando-a nos olhos, leu-lhe o coração com a mesma facilidade com que lê estas linhas.

— Maria, certo? — foi tudo o que o Menino lhe perguntou.

Ela acenou com a cabeça, completamente extasiada de felicidade. E ali mesmo, tendo como pano de fundo o horizonte mediterrânico, dançaram loucos de alegria.

Correram de volta para casa. José estava a trabalhar quando eles entraram. Maria passou por ele, mas José percebeu a luz que brilhava no coração da sua Mulher. As suas pupilas iluminaram-se e ele virou a cabeça. Antes que pudesse dizer uma palavra, o Menino saiu a correr para se atirar aos seus braços. Gigante como era o Marido de Maria, agarrou-o e levantou-o como todos os pais fazem com os seus filhos. Agora sim, os dois tinham vencido. O Menino tinha o que queria e José tinha recebido a ordem de Deus para se pôr a caminho.

Cleofás não protestou. Nem disse nada. O seu cunhado era o chefe do clã, era ele quem decidia, era ele quem mandava.

A HISTÓRIA DIVINA

Jesus saiu a correr à procura de Tiago, o seu primo, gritando pela rua: «Para Jerusalém, Tiago, para Jerusalém.»

RENASCER

Os emigrantes regressaram a Nazaré, por assim dizer, ricos. José vendeu a «Carpintaria do Judeu» por um preço muito bom.

«Adeus, Alexandria, adeus», sussurraram os lábios de José, que deixava para trás amigos, o negócio, anos felizes, novas perspectivas, uma cidade sábia, a alegria de ter vivido coisas maravilhosas e de ter ouvido outras tão incríveis que seriam difíceis de acreditar se não as tivesse ouvido da boca do Menino.

Do outro lado do horizonte, esperava-o o regresso da dor adormecida sob os lençóis espessos de um subconsciente cruelmente ferido. Regressar a Nazaré? Instalar-se em Belém, a sua aldeia? O que faria?

Durante a ausência da Senhora do Cigüeñal de Nazaré, a grande casa na colina, Juana, a irmã de Maria, tinha mantido a herança do seu sobrinho Jesus em bom estado. Por este lado, José não tinha qualquer problema. Tudo o que pertencia à sua esposa era seu; assim, José podia dedicar-se a viver das rendas e começar a desfrutar da boa vida. Só que, por mais próspera que fosse a herança da sua esposa, essa forma de pensar não lhe assentava bem.

Como pai que era, José preocupava-se mais com o futuro dos seus sobrinhos do que com o futuro do seu filho Jesus.

Naquela altura, o seu cunhado Cleofás já tinha trazido ao mundo uma prole numerosa. Se a sua irmã Maria tivesse permanecido solteira, seria mais do que provável que a herança de Jacob de Nazaré e o seu legado messiânico tivessem passado para o homem da casa; nesse caso, o futuro dos filhos de Cleofás estaria ligado ao da propriedade de Maria.

Não era esse o caso. Mais cedo ou mais tarde, os filhos de Cleofás teriam de abandonar a casa da tia Maria, estabelecer-se e fundar as suas próprias famílias. Assim, sem pensar duas vezes, José tomou a decisão final de recomeçar, tal como da primeira vez que chegou a Nazaré, desconhecido de todos aqueles que não o conheciam, sem um pedaço de terra onde cair morto, o céu como teto, os horizontes como paredes da sua casa, a terra-mãe como chão onde reclinar o corpo, uma pedra como almofada sob as estrelas, os seus fiéis cães assírios de guarda à volta da fogueira, a aurora ao amanhecer, a estrela da manhã sob a Lua, Jerusalém lá em cima, a caminho de Samaria como quem se adentra num corpo e viaja até ao coração pelas artérias desconhecidas da terra. Porque não? Não nos dotou Deus da Sua força para manter o espírito sempre jovem? As forças têm de falhar, mas a vontade persiste para além do cansaço dos ossos.

É claro que reabrir a carpintaria ia ser um trabalho sério, mas como àqueles dois homens não faltava nem a força nem a coragem para recomeçar do zero, pronto. Além disso, as criaturas tenebrosas que ordenaram o Massacre dos Inocentes já tinham partido para a glória, e, na verdade, há que dizer que, embora José não parecesse ter muita vontade de regressar à pátria, também nele estava a despertar a saudade da família, de voltar a ver os seus irmãos e irmãs, de ver a sua mulher e o seu cunhado felizes nos braços da sua mãe. Enfim, a natureza humana foi tecida com fibras do amor divino e precisa banhar-se em lágrimas de alegria para superar a tendência inata que manifesta de se assemelhar às bestas, que nem riem nem choram.

Quanto ao trabalho, José poderia ter-se dedicado aos negócios do campo, mas não era o seu forte. O ofício de carpinteiro e marceneiro estava-lhe nos genes, pulsava-lhe no sangue; era a sua vocação, conseguia cravar um prego sem olhar, polir a superfície mais áspera enquanto conversava. O campo? O campo não era para ele, nem ele estava feito para o campo. Terão as habilidades da sua cunhada Juana falhado em manter a propriedade em bom estado?

Sim, para os assuntos do campo, lá estava a sua cunhada Juana. E, no que dizia respeito à oficina de costura de Nazaré, o assunto estava nas mãos das trabalhadoras da sua Mulher, e esta, já dedicada à sua família, a primeira coisa que fez foi deixar as coisas tal como estavam.

O Menino, por seu lado, mal pôs os pés em Israel e já mal podia esperar pelo dia da sua admissão na comunidade com todos os direitos plenos dos adultos, algo que costumava acontecer aos treze ou catorze anos. No seu caso, as coisas anteciparam-se para os doze

anos, porque a sua mente funcionava melhor do que a de uma pessoa mais velha. Que fique claro que não digo isto para impressionar o leitor. A verdade é que, durante toda a viagem do Egito para Israel, o Menino manteve-se hiperativo; se dependesse dele, teria alçado voo ou corrido sobre as águas e não teria parado até chegar a Jerusalém. Já imaginava tudo. Abria caminho até ao Pátio do Templo, pediria a palavra e deixaria fluir pela sua boca a verdade, toda a verdade e nada mais do que a verdade.

«Lá vou eu, Jerusalém», sussurrou o Menino enquanto deixavam o Egito para trás.

A ideia que o Menino tinha do seu destino messiânico era a clássica do pensamento popular da época. O Filho de David apresentar-se-ia montado no seu cavalo de glória perante as autoridades do Templo, reuniria à sua volta todos os filhos de Abraão do mundo e liderá-los-ia à conquista dos confins da terra.

Com estas intenções sagradas na mente, após a cerimónia de admissão na comunidade, celebrada quando completou doze anos, Jesus dirigiu-se ao Templo para pôr em prática a sua estratégia.

Durante o primeiro dia, chamaria a atenção para si; no segundo, a notícia espalhar-se-ia; e no terceiro, todos os Sábios de Israel seriam revelados na imensidão da sua realidade divina. No quarto dia, o Messias estaria no seu trono a convocar para as suas fileiras todos os exércitos do Senhor no mundo.

E assim foi. Pelo menos durante os dois primeiros dias. Mas, no terceiro, aconteceu algo que marcaria a sua existência para sempre.

Maravilhados com a inteligência daquela Criança que sabia mais do que todos os sábios de Israel juntos, as autoridades do Templo acabaram por reunir-se para tomar uma decisão sobre o que se estava a passar.

Entre eles, sentou-se junto a Jesus — por sua vez, rodeado pelos doutores e príncipes do Templo —, um tal Simeão. Este Simeão era o ancião que saudara o Menino recém-nascido e dissera ao seu Deus que já podia deixá-lo partir, para se reunir com os seus pais, pois já tinha visto o Cristo.

Deus não parece ter concordado muito com Simeão. Em vez de o levar para o Céu, deixou-o ainda na Terra.

Este Simeão, assim que viu o Menino, reconheceu o Filho de Maria. Maravilhado com o que estava a viver, tomou a palavra quando todos já estavam convencidos de que tinham diante de si o Filho de David.

— Diz-me, filho — rompeu o silêncio aquele Simeão.

E continuou a proferir palavras de uma sabedoria desconhecida para o Menino e para todos.

— O que acontecerá quando tu partires? Pois tu terás de partir. Será que nós, os homens, voltaremos ao nosso velho mundo do dia a dia, ou será que acreditas que o Cristo ficará para sempre connosco?

«Do que é que aquele ancião me estava a falar?», perguntou-se a Criança.

Aquele ancião estava a dizer-lhe, entre os protestos de todos os seus colegas, que o Cristo deveria ver-se rodeado por uma matilha de cães, carregar com todos os pecados do mundo, oferecer-se como Cordeiro Expiatório.

— Mas se Ele se sentar no Seu trono, como poderão cumprir-se as Escrituras?, concluiu o tal Simeão.

O Menino ficou paralisado. Seria Ele o Servo de Yahweh das profecias de Isaías?

Não era que o Menino não conhecesse as profecias. Sabia os livros proféticos de cor. O que O estava a impressionar era a interpretação que Simeão lhes estava a dar. Era uma sabedoria tão nova e desconhecida para Ele como o era para os outros que a estavam a ouvir.

A ESPADA DE DAVI

Conta a lenda que David apanhou a enorme espada do gigante e, com ela, cortou-lhe a cabeça de um só golpe. E continua a dizer que o guerreiro hebreu combateu com ela à frente dos seus exércitos. Do que devemos deduzir que, por mais belo que fosse de rosto, esse tal David não era, de forma alguma, de estatura baixa nem tinha braços delicados e finos. Não era um gigante, mas certamente o que menos se assemelhava a ele era um anão.

Desde o início do seu reinado, a espada de Golias foi o símbolo real por excelência que conferia ao seu possuidor o trono de Judá. Salomão recebeu-a e Salomão entregou-a ao seu filho. Roboão entregou-a ao seu, este ao seguinte, e assim passou de mão em mão durante os cinco séculos que decorreram desde a coroação de David até ao último rei de Jerusalém.

Nabucodonosor arrancou-a das mãos do último rei vivo de Judá e atirou aquela espada de museu para junto dos restantes tesouros que os seus exércitos tinham recolhido por todo o mundo. Ele viu-a tão grande e pesada que pensou que fosse um objeto de decoração. Esqueceu-se dela e lá teria ficado para sempre se, após conquistar a Babilónia, Ciro, o Grande, não a tivesse entregue ao profeta Daniel para que fizesse com aquele símbolo sagrado dos hebreus o que lhe parecesse adequado.

Por direito legítimo, a espada de David, a espada dos reis de Judá, cabia por herança a Zorobabel. Mas o profeta Daniel negou-lha, porque não era com a espada que ele deveria reconquistar a Pátria Perdida. A espada de Golias permaneceria na Grande Sinagoga dos Magos do Oriente até ao nascimento do Filho de David.

Não sabemos como é que a espada de Golias acabou por chegar às mãos do Cid Campeador. O que sabemos com certeza é que aquela espada era a espada que José empunhava no dia em que entrou no Templo à procura do Filho de Maria.

A espada de David foi um presente dos Magos ao pai do Messias. Cabia-lhe a ele guardá-la até ao dia da coroação do seu filho.

Foram muitas as coisas que os Reis Magos ofereceram a José. Ouro, incenso e mirra foram os três últimos presentes que lhe deram; mas estes eram para o Menino. Antes disso, tinham oferecido a José um cavalo ibérico que voava como uma estrela cadente e era capaz de atravessar a Samaria sem beber água nem descansar. E três cães da mesma ninhada, relíquia dos cães que os reis de Nínive levavam consigo nas suas caçadas aos leões. Um ch-se Deneb, o outro Sirio e o terceiro Kochab. José nunca os levava juntos. Eram tão parecidos que quem não conhecia José pensava que ele tinha apenas um exemplar daquela espécie em vias de extinção. Eram mansos como cordeirinhos aos pés do seu dono, mas mais ferozes do que o demónio mais maléfico do inferno mais horrível se farejassem o perigo. Os seus três cães, o seu cavalo ibérico e a espada de Golias foram as três coisas que José levou consigo de Belém no dia em que Isabel lhe disse:

- Filho, todas as tuas irmãs já se casaram e são felizes; o rapaz está já na flor da idade e tem toda a graça do pai. Cleofás é forte, é alto, é inteligente, não tardará a encontrar alguém que o ame loucamente. Muito em breve, a Filha de Salomão estará livre do seu voto; não é isso que o Filho de Natã tem vindo a esperar todos estes anos?

E José levou consigo para Nazaré uma quarta coisa, que era para ele a mais preciosa de todas: o documento genealógico da sua Casa. Mas voltemos ao que nos ocupava.

Apenas duas vezes na sua vida a mão de José se estendeu instintivamente para a espada do seu pai, David. O facto de o seu braço se ter estendido instintivamente diz-nos muito sobre a estatura do homem e a força do seu braço. A primeira vez foi quando José foi buscar Maria à casa de Isabel. A segunda, quando entrou no Templo para procurar o Filho de Maria.

O que teria acontecido se, em vez de dizer aos seus pais o que lhes disse, o Menino tivesse dito a José: «Filho de Natã, entrega-me a espada dos reis de Judá.»

ÉS PÓ E AO PÓ VOLTARÁS

O que foi, afinal, que aquele ancião revelou ao Menino? O que foi que aquele homem lhe mostrou para que o Filho de Maria desistisse dos seus planos? O que lhe disse? Por que razão aquele Menino calou-se e desistiu de montar o cavalo do Filho de David, o príncipe valente e impetuoso que, segundo a interpretação popular das Escrituras, à frente dos seus exércitos deveria levar a paz de Deus a todo o mundo? Por que razão aquele que entrou no Templo disposto a revelar-se e a reivindicar para si o que lhe pertencia por direito humano e divino abandonou de repente os seus planos messiânicos e seguiu «os seus pais» sem dizer uma palavra?

É certo que aquele ancião — cuja identidade descobriremos na Segunda Parte — revelou à Criança a sabedoria que todos conhecem pela boca da Igreja Católica desde os dias dos Apóstolos. Mas também é certo que houve mais, muito mais.

E a única forma de descobrir o que lhe passou pela cabeça é colocarmo-nos no seu lugar. Mas não da forma arbitrária que mais nos apeteça e que nos pareça mais condizente

com a nossa natureza. Por um momento, vamos esquecer tudo o que ouvimos e vamos colocar-nos na sua pele. E, para isso, vamos aceitar a tese católica da Encarnação do Filho de Deus. Vamos adotá-la a todos os níveis e levá-la até às suas últimas consequências.

Vamos considerar a possibilidade de aquele Menino ter sido o próprio Filho de Deus. Não um filho qualquer à nossa imagem e semelhança, por adoção; nem sequer um filho de Deus à imagem e semelhança dos anjos que, no livro de Jó, vemos na presença de Deus. Não, vamos partir do princípio de que aquele Menino era um filho de Deus à maneira daquele que é o Unigénito do seu Pai, porque foi gerado do seu Ser. E que, na sua condição de Unigénito, cumpre todas as exigências que o Credo Católico coloca em cima da mesa: Luz da luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro. É uma possibilidade. Possibilidade que vamos considerar em toda a extensão da sua magnitude.

O primeiro a assumir essa possibilidade foi o próprio Jesus. Na sua doutrina, proclamou-se Causa Metafísica da Criação, ou seja, a razão pela qual Deus faz todas as coisas, incluindo o nosso Universo. A partir desta posição de Filho Unigénito, Jesus respondeu aos judeus « » que lhe perguntaram a sua idade que «Ele já existia antes de Abraão», algo lógico se pensarmos que, sendo a Causa Metafísica da Criação, a sua presença era necessária durante o Princípio e antes do início da ação. Fiel a si mesmo, Jesus voltou a proclamar para si essa condição de Razão Metafísica quando afirmou que «o seu Pai lhe mostra tudo o que faz». O resto, o facto de nos ter convidado a assistir ao Espetáculo nos próximos Atos Criadores, é simplesmente secundário. É algo que não vem ao caso neste momento. A tese que defendemos é que, quando Deus deu início ao Princípio e criou os Céus e a Terra, o seu Filho Unigénito estava ao seu lado e foi por amor a Ele que se dispôs a criar-nos a nós, o Género Humano.

Tudo perfeito. Até que Adão cometeu o erro de se deixar levar pela astúcia da Serpente.

Independentemente do dilema que a perfeição divina e a liberdade humana nos colocam, o que é realmente importante é que o Filho de Deus viveu a condenação de Adão como algo que O afetava diretamente.

Deduz-se das Escrituras que Deus e o Seu Filho abandonaram Adão e Eva por algum tempo. Quando regressaram, depararam-se com o facto consumado. O seu Pai compreendeu tudo o que tinha acontecido, julgou o caso e, na ira do Juiz do Universo, proferiu sentença contra todos os intervenientes. À Serpente, jurou que um filho de Adão se levantaria e lhe esmagaria a cabeça. A Adão e Eva, condenou-os à morte.

Atónito, alucinado por aquela rebelião contra Deus, o seu Filho, irmão do falecido Adão, sentiu o sangue subir-lhe à cabeça e sonhou com o dia da vingança do Filho do Homem.

Mas esse Dia da Vingança não era para amanhã nem para depois de amanhã. Na verdade, ninguém sabia quando seria. O Filho de Deus só sabia que, à medida que o tempo passava, a perda da identidade do Homem que Deus criou tornava-se cada vez maior. Tornou-se tão grande, e o ódio que, por sua culpa, se acumulava contra os anjos rebeldes tornou-se tão enorme, que, com todo o seu Ser, pediu ao seu Pai que o enviasse pessoalmente à Terra para enfrentar o próprio Diabo. Uma vez derrotado o Diabo, a coroa de Adão seria para o Vencedor; e sendo o Vencedor e o Filho de Deus a mesma pessoa durante o seu reinado, a Raça Humana sairia do Inferno para onde tinha sido lançada e retomaria o caminho para o qual fora criada e do qual a Traição a tinha desviado.

Veio, pois, o Filho de Deus à Terra com o sangue a ferver-lhe nas veias, disposto a enxugar as lágrimas do nosso mundo. A sua espada estava na sua boca; era a sua Palavra. Para conquistar o mundo, não precisava da espada de Golias; bastava-lhe abrir a boca e ordenar aos ventos que se levantassem, aos exércitos que depusessem as armas. Ele trazia a Paz; a sua bandeira era a de uma Saúde que supera a Morte e conduz os homens à Imortalidade.

A Imortalidade?

Disse eu «imortalidade»?

«Pois sim, filho, mas vais rebelar-te contra a sentença do teu Pai?», disse-lhe aquele Simeão. «Para nos salvar, vais condenar-te a ti próprio? Para salvar o Presente, vais condenar o Futuro? Certamente que o teu Pai te enviou para enfrentares o Maligno e esmagarás a cabeça dele, mas se derrubares as paredes da nossa prisão contra o juízo divino, em que te diferenciarás daquele contra quem vieste vingar a morte do nosso pai Adão? Pois o Juízo de Deus é firme: Pó és e ao pó voltarás. É o nosso destino. Será que o teu Pai e Deus te disse: «Vai e anuncia-lhes o fim do seu cativeiro; liberta-os e concede-lhes a Imortalidade pela qual suspiram desde que os criei»? Não vês, filho, que ao deixares-te arrastar pelo amor que nos tens, te arrastas a ti próprio para a perdição e arrastas contigo toda a Criação? Quem, senão o Juiz de todos nós, pode garantir a nossa liberdade? Mas se concedeu esse Poder ao seu Filho, então faz conforme a tua vontade».

O PENSAMENTO DE CRISTO

Que o Filho de Deus não precisava de ser crucificado para recuperar a sua condição sobrenatural foi-nos mostrado pelos evangelistas no episódio da Transfiguração. A Transfiguração de que falam foi precisamente isso: a resposta a esta questão tão simples. A necessidade da morte de Cristo de que falam nos seus evangelhos refere-se aos pressupostos da Doutrina do Reino dos Céus. Se havia necessidade da morte de Cristo, não era por incapacidade de Jesus para recuperar a sua condição divina. Para recuperar a sua condição divina, Jesus só precisava de o desejar.

Quando regressou a Nazaré, o que realmente aconteceu ao Menino foi que ele renasceu. O Filho de Deus, que se fez homem e morria de vontade de crescer, sem nunca ver o dia em que se sentaria entre os adultos, entrou finalmente na nossa pele. Deus está lá em cima e nós estamos aqui em baixo, e todo o dilema da Humanidade passa por uma ponte sobre areias movediças. Como conhecer o pensamento de Deus? Como descobrir o seu plano de salvação eterna?

A HISTÓRIA DIVINA

Agora era um homem que se questionava sobre tudo aquilo que todos os homens se questionavam e a que ninguém respondia. Agora era Cristo quem erguia os olhos para o alto e olhava para Deus face a face, procurando conhecer os seus pensamentos. Agora era o Filho do Homem quem reconhecia a sua ignorância e olhava para Deus em busca da sua sabedoria

Mas tens doze anos. E tens toda uma vida pela frente. E todos os dias, quando te levantas, levantas-te com essa Cruz. E a cada ano que passa, a cada ano que passa, essa Cruz pesa-te mais. E, quer queiras quer não, o peso vai afundar-te mais do que uma vez.

Podes fazer tudo e não fazes nada; vês o mundo à tua volta a viver no inferno e não podes fazer nada, embora tenhas o poder de fazer tudo. Podes salvar o Presente e condenar o Futuro, ou deixar que o Presente viva o seu Destino e guardar a tua Liberdade para quando o prisioneiro sair da prisão. Esperarás por ele do outro lado da porta para o guiar rumo a um Novo Dia de liberdade que nunca terminará. Até esse Dia, o mundo terá de seguir o seu caminho, e até chegar a tua Hora, terás de afundar-te muitas vezes em depressões profundas, e não terás ninguém para te apoiar, não haverá ninguém ao teu lado com quem partilhar o teu destino, ninguém te dará uma ajuda, ninguém te estenderá a mão porque ninguém estará contigo para saber o que te se passa e por que te afundas até te afogares.

És Jesus de Nazaré, um jovem rico; tens tudo o que um homem deseja e ficas apenas com o que queres. Não precisas de nada de ninguém. Abrem-te as portas por onde quer que passes; tratam-te de senhor e a tua palavra vale ouro para quem negocia contigo. Ninguém conhece o teu segredo; apenas uma Mulher. O marido dela morreu quando tinhas cerca de vinte anos, e Cleofás também. Restam apenas elas, a tua Mãe e a irmã dela, Juana; só elas sabem quem tu és. Mas nenhuma delas sabe para onde vais, nem quais são os teus planos. Estás sozinho. Quando as tempestades se intensificarem na tua mente, não terás ninguém a quem abraçar e com quem lutar juntos contra a tempestade. Se não enlouqueceres, será apenas porque és quem és, mas, mesmo sendo quem és, terás de suportar a tempestade em pleno campo aberto, sem teto nem abrigo contra a água que cairá em torrentes sob um céu coberto de trevas sobre o teu corpo mortal. Quanto mais doce é a vida que levas, tanto mais amargo é o que vais fazer.

Para quem está a morrer de fome, o pão duro sabe a glória, mas se deres esse mesmo pão a quem está habituado a comer pãezinhos, vai partir-lhe os dentes. Os teus, Jesus, estão habituados a comer o melhor pão. O teu corpo está habituado às vestes mais finas. E vais

conduzir um exército de homens para o teu próprio destino. Não te afundarás? Os fantasmas deles não te atacam nos teus sonhos? Não acordarás de joelhos nos desertos, implorando misericórdia? Não te atormentarão as visões dos seus corpos esmagados pelas feras dos circos romanos, enquanto olhas para o Céu a pedir o fim da sentença contra Eva e os seus filhos? Quanto tempo durará para ti cada ano que viveres? Os vinte anos que te esperam não serão para ti uma eternidade? Tens-os diante dos teus olhos. São todos puros. Um por um, são todos inocentes. O seu único crime é amar-te acima de todas as coisas. Amam-te mais do que o tempo, mais do que a imortalidade, mais do que todos os tesouros do universo. Tu és a vida deles. E lá estão eles, pendurados nas suas cruzes, atores de um espetáculo sangrento, uma ode à loucura, cantando em honra das lágrimas que, por eles, tu, Jesus, derramaste no deserto, quando desaparecias misteriosamente e regressavas sem dizer a ninguém de onde vias ou o que tinhas estado a fazer. Eles viram as tuas lágrimas e adocicaram o teu coração no dia do seu martírio, para não despertar no teu peito o grito de vingança. Não sofrerás na tua própria carne o crime das tuas centenas de milhares de irmãos mais novos, a quem conduzirás à cruz sem que tenham cometido qualquer delito pelo qual possam ser considerados culpados? Amar-te será o delito deles. Não implorarás misericórdia ao teu Pai? Não procurarás outra alternativa viável? E, no entanto, o Cálice está cheio e terás de o beber até à última gota. Uma Esperança sustenta-te, mas a ninguém a podes contar, com ninguém podes partilhar a alegria infinita em que todo o teu ser se regozija quando, ao olhar para quem se senta no Trono do Juízo Final, vês, contemplas e te vês a ti mesmo.

CRISTO JESUS

Não sabemos em que momento da vida atravessamos a fronteira entre a infância e a adolescência; nem em que momento deixámos de ser jovens para nos tornarmos adultos. Não parece haver uma regra geral; é algo que cada um descobre por si próprio e vive à sua maneira.

Sendo assim entre nós, quão mais complexo é aplicar a nossa psicologia a alguém como o Jesus dos Evangelhos!

Tendo adotado a postura de o ver tal como ele se via a si próprio, tendo experimentado, na medida em que o nosso entendimento nos permite, o que se passava na sua mente, sigamos em frente. Ainda há muitas áreas inacessíveis à inteligência dos séculos

passados e que, submetidas à fantasia daqueles que desejaram invadir o seu íntimo, chegaram até nós distorcidas, como pinturas viciadas pelas paixões dos copistas.

Se, em algum momento, deixei as minhas próprias paixões tomarem conta de mim, o leitor, enquanto ser livre, deve a si próprio a oportunidade de recriar a linha histórica a partir das características da sua própria inteligência. O autor apenas pode apontar o horizonte e pintar o que vê com os seus olhos e, embora a configuração do olho seja a mesma para todos, a forma de ver as coisas adquire um caráter pessoal e intransferível. É a partir desta plataforma de visão pessoal e compreensão individual que o autor recria as coisas que escreve; o leitor terá de as adaptar à sua própria forma de rir, de chorar, de odiar, de amar, de compreender e até mesmo de ignorar.

Voltemos, então, com Jesus à casa dos seus pais em Nazaré e, a partir do que descobriu — sabendo agora o que acabara de descobrir, a Cruz de Cristo, a sua Cruz —, tentemos abrir o horizonte das suas memórias aos reflexos puros da realidade, tal como Ele e os seus a viveram.

O Menino que desceu a Jerusalém era, em todos os aspetos, visto pelos olhos de um estranho, um jovem senhor. O seu primo Santiago, por exemplo. Santiago era um par de anos mais velho do que o seu primo Jesus e, no entanto, enquanto este ainda não tinha pegado num martelo nem sabia o que era cravar um prego, Santiago, filho de Cleofás, já era um verdadeiro especialista, totalmente dedicado ao seu papel de aprendiz de carpinteiro. José, pai daquele rapaz alto e superinteligente, teve de aturar mais do que uma crítica à forma como educava o seu único filho. Estava a mimá-lo, diziam-lhe.

Não vamos falar de inveja nem trazer à tona paixões que todos gostaríamos de nunca ter conhecido. O certo é que a mentalidade das pequenas aldeias de sempre tem sido um viveiro da ignorância mais evidente e enfadonha.

As críticas a José pela forma como educava o seu primogénito não diziam nada a Maria, nem podiam ser levadas mais longe do que o necessário, por ser o Menino quem era. Aquele Menino que criticavam era o herdeiro da filha de Jacob. Grande parte de tudo o que os nazarenos viam à sua volta pertencia ao «senhorinho Jesus». Se os seus pais não queriam que ele tocasse nos pregos e nos martelos, quem era alguém para lhes fazer qualquer reprovação?

A verdade é que, ao regressar de Jerusalém, aquele Menino rompeu com o papel de «senhorinho» que se supunha ser o seu e apegou-se ao pai com a obediência e a diligência do rapaz bom e dinâmico que todo o pai deseja ter como filho.

Maria via-o terminar o dia de trabalho exausto. Na sua vida, o seu Menino nunca tinha levantado uma tábua, e, de repente, não parava de pedir trabalho. Bastava que o pai abrisse a boca para que ele lhe obedecesse. Até o próprio José olhava para ele, perguntando-se: «O que se passa contigo, meu filho?»

Mas não era só na carpintaria. Se a tia Juana precisasse que lhe fizessem um trabalho, lá estava o filho da sua irmã para o que fosse preciso. Se fosse preciso ir ao campo colher amêndoas ou ceifar o trigo, lá estava o primeiro, o seu sobrinho Jesus, ao raiar do dia. Nunca se queixava, nunca respondia mal, nunca dizia «não». Nem aos seus, nem a quem quer que lhe pedisse um favor. Como é que não ia ficar sobrecarregado!

Era como se não quisesse pensar, como se precisasse de se esquecer de alguma coisa. Precisava de se entregar à atividade física. Doíam-lhe os braços e os tendões tremiam-lhe de cansaço, mas nunca dizia que não nem desistia. Levantava-se o primeiro e deitava-se o último. Já não brincava com as crianças da aldeia. Nem falava, exceto quando lhe perguntavam. A mudança foi tão brusca, tão colossal, tão surpreendente que a sua Mãe se sentava na beira da cama enquanto o seu Menino dormia, perguntando-se o que se passava naquela cabeça. Antes, o seu Menino falava com ela, contava-lhe tudo o que lhe acontecia. Desde que regressaram de Jerusalém, o seu Menino era outra pessoa, era como um estranho para ela. Para todos, ele era o que devia ser: um rapaz obediente e calado que nunca interrompia os mais velhos nem respondia quando o repreendiam por qualquer motivo. Mas, para ela, o seu Menino estava a tornar-se um estranho.

Está a tornar-se um homem. Diziam-lhe. Para ela, isso não bastava. Ela sabia que, fosse o que fosse que estivesse a acontecer ao seu Menino, não se podia explicar a partir da experiência humana. Não tinha Ela vivido o desânimo do seu Menino em Alexandria? Para quem o viu sentado à porta da carpintaria do judeu, a tristeza do Menino podia ser explicada por algum capricho que o pai lhe negava e que lhe proibia de voltar a pedir. Tão simples assim? Nem pensar! Ela sabia que o seu Filho não funcionava como as outras crianças.

Naquela ocasião, lá em Alexandria, Maria encontrou a forma de abrir caminho até ao coração do seu Menino. Mas, desta vez, isso revelava-se-lhe totalmente impossível. A única coisa que podia fazer era deitar-se ao seu lado e adormecer, guardando os seus sonhos, porque, fosse o que fosse que ele estivesse a passar, desta vez o seu Menino nunca lhe abriria a porta da sua mente, nem lhe permitiria encontrar o caminho para o seu coração.

Não era que estivesse triste ou que carregasse uma dor tão grande que a simples ideia de a partilhar lhe parecesse impossível ao Menino. Ela sabia que era algo mais profundo;

A HISTÓRIA DIVINA

tão profundo que, mesmo olhando-o nos olhos, o seu olhar se perdia no campo dos olhos de Jesus, sem nunca alcançar o horizonte atrás do qual o seu Filho escondia os seus pensamentos.

«O que se passa contigo, meu filho?», perguntava-se Ela sozinha, sabendo que o seu Menino nunca lhe daria a resposta.

A MORTE DE CLEOFAS

Cleofás, pai de Santiago, o Justo, e dos seus irmãos, foi um abençoado. Se é verdade que, antes da morte, o ser humano revive os anos vividos neste mundo, os últimos momentos do irmão de Maria foram felizes.

A única pena que poderia ter obscurecido as suas memórias luminosas — o facto de o seu pai ter falecido pouco depois do seu nascimento — nem mesmo essa pena conseguiu turvar os seus últimos momentos. A sua irmã Maria transformou aquela ausência física numa presença angelical, sempre atenta ao seu menino.

Agora que se encontrava a um passo de atravessar a porta da morte, Cleofás podia recordar, sorrindo, a forma como a sua irmã mais velha mitigou a falta do pai, transformando-o no seu próprio anjo da guarda. Como poderia ter duvidado da inocência da sua irmã Maria no dia em que a sua mãe lhe contou a Anunciação?

Foi o primeiro homem do mundo a conhecer o Mistério da Encarnação e o primeiro a acreditar, de olhos fechados, na Virgem que conceberia o rei Messias. Foi a sua mãe quem o chamou à parte e lhe contou tudo, palavra por palavra. «Filho, vai acontecer isto, isto e isto, e quero que faças isto, isto e isto.»

Cleofás esqueceu-se da sua mulher e dos seus dois filhos pequenos, selou o seu cavalo, a égua para a sua irmã, e, sem dar mais explicações do que as necessárias ao seu cunhado, abriu caminho à Virgem através da Samaria.

Meu Deus, como ele estava belo, um querubim no seu cavalo de fogo, com o olhar de águia a scrutar o horizonte, a espada pronta e afiada para traçar à volta da sua Irmã o círculo que o soldado romano desconhecido traçou à volta do grande rei da Ásia. «Se ultrapassares a linha, estás a declarar guerra a Roma; se te virares, vai em paz. Se quiseres a guerra, terás a guerra».

O seu cunhado deu-lhe dois dos seus cães como companhia, Deneb e Kochab. Aqueles últimos exemplares da sua raça pareciam ter sido contagiados pela tensão do jovem irmão humano; Deneb avançava abrindo caminho, Kochab vigiando a retaguarda.

A Virgem teria descido sozinha à Judeia, sem outra proteção senão a confiança depositada no Senhor através do seu anjo Gabriel. Mas era tão belo o seu Cleofás, envolvendo-a no manto da sua fé absoluta na sua inocência.

Algum tempo antes de se descobrir em Nazaré o estado de graça em que se encontrava a mulher do carpinteiro — estado de graça que estava na boca de todos os vizinhos —, chegou a Nazaré um rapaz da Judeia, de Jerusalém propriamente dita, à procura de José. Trazia uma mensagem de Zacarias. O seu conteúdo deixou José boquiaberto e pensativo. «Isabel estava grávida».

Quando, pouco tempo depois, a sua sogra decidiu enviar Maria para junto de Isabel, para que esta a ajudasse nos últimos meses da gravidez de João, José achou isso natural. Mas o que já não lhe pareceu tão lógico foi que fosse Cleofás a antecipar-se a ele e a acompanhar Maria para o sul. Agora, no seu leito de morte, Cleofás recordava com carinho a expressão de surpresa que o seu cunhado fez ao ouvi-lo, a ele — um rapaz aos seus olhos —, proferir palavras de um homem maduro.

«Não se diga mais nada. Toda a conversa terminou. A minha mãe decide, a filha obedece e eu, o filho, cumpro. Até ao dia do teu casamento, a tua noiva está sujeita à autoridade da minha mãe. Não há mais nada a dizer, José. Quando voltarmos, vamos encontrar-nos.» José ficou a olhar para ele com os olhos de quem descobre o homem no rapaz e fica encantado por ser assim, porque é assim que as coisas devem ser.

Zacarias e Isabel tinham-se retirado para a sua casa de campo nas montanhas de Judá, longe de Jerusalém. Já há algum tempo que o filho de Abias se tinha afastado do cargo oficial que ocupou durante toda a sua vida na hierarquia burocrática do Templo. E só o tinha feito poucos meses antes de deixar o próprio Templo, porque, sendo o sacerdócio vitalício e não tendo filhos, o seu turno obrigava-o a permanecer no cargo até à morte ou até que uma doença o impedisse.

São e longo numa época em que a esperança média de vida do homem mal ultrapassava os cinquenta anos, Zacarias, embora pudesse ter colocado o turno do seu pai à disposição do Templo, preferiu manter-se no seu cargo sagrado até que a morte ou a doença o obrigassem a retirar-se. E foi precisamente isso que aconteceu. Pois, ao ficar mudo, já não conseguiu manter aquela postura de imutabilidade que lhe tinha criado tantos inimigos.

A administração do tesouro do Templo cabia às famílias sacerdotais detentoras dos vinte e quatro turnos de adoração. O presidente deste conselho de administração era o sumo sacerdote, que, por sua vez, era eleito entre essas vinte e quatro famílias. Regra geral, o cargo passava de pais para filhos. Mas, de vez em quando, acontecia o que tinha acontecido a Zacarias.

Zacarias não tinha filhos a quem entregar o seu cargo. O natural, neste caso, era colocar o Turno à disposição do conselho dos santos e escolher um sucessor entre as famílias. Como se compreenderá, não poderia faltar alguém que colocasse sobre a mesa o dinheiro necessário para comprar essa posição vaga.

Contra a natureza e sem necessidade, Zacarias ganhou muitos inimigos ao recusar-se categoricamente a vender o seu Turno. Ninguém podia obrigá-lo a colocar à disposição do Conselho o Turno do seu pai. E ele não o fez.

Nunca se soube o que o anjo disse a Zacarias, mas as consequências daquela Anunciação foram milagrosas para os seus inimigos. Mudo, o filho de Abias, viu-se obrigado a colocar o seu Turno à disposição do Conselho, assinar a sua renúncia e afastar-se do cargo.

Zacarias retirou-se para a casa de campo que ele e a sua esposa possuíam nas montanhas de Judá. Era uma casa de campo, longe do mundo e da sua agitação, à qual apenas Simeão, o Jovem, o único da Saga dos Precursores que ainda vivia, tinha acesso. Para além de Simeão, o Jovem, não recebiam visitas. A razão?

Bem, a razão era o milagre que os pais de João Batista estavam a viver na própria carne.

No seu leito de morte, Cleofás lembrou-se da maravilha que vivera no dia em que se encontrou com os seus «avós». Zacarias saltava pelas paredes, e, se não fossem os cabelos brancos como a neve de Isabel, ninguém teria conseguido jurar que aquela mulher já tinha passado dos sessenta. O rapaz parecia-se com ele, o seu avô. Não falava, mas não parava de se mexer. Apenas outro casal em toda a história do mundo tinha vivido um milagre desta natureza: Abraão e Sara, naturalmente.

Do alpendre da casa de campo dos seus avós, Cleofás lembrava-se de olhar para o horizonte, dizendo para si mesmo: «O que se passa contigo, José? Porque demoras tanto?». Como recriar a alegria daquele rapaz quando viu José a surgir no vale, a galopar pela planície! Não lhe vieram lágrimas aos olhos quando viu aquele gigante ajoelhar-se aos pés da Virgem, pedindo-lhe perdão por ter duvidado da sua inocência?

No dia em que José lhe anunciou que ia levar Maria e Jesus para longe de Herodes, Cleofás olhou-o nos olhos como quem diz ao outro: «E tu achaste que eu ia ficar para trás enquanto levas a minha irmã para o fim do mundo?»

Desde a primeira vez que viu aquele rapaz esguio, Cleofás caiu muito bem aos olhos de José. E nunca mais se separaram.

Pai de uma família numerosa que parecia não ter fim, Cleofás nunca criticou José pelo comportamento do seu filho Jesus, nem pela forma como José o educava. Se o seu filho Santiago partia os punhos contra os cantos das tábuas enquanto o seu sobrinho Jesus andava por aí a percorrer colinas, isso era algo que Cleofás via com os olhos de quem, afinal de contas, já fora outrora o jovem senhor do Cigüeñal. Foi assim que a própria mãe dele o criou.

De todas as crianças de Nazaré, Cleofás era o príncipezinho que nem trabalhava nem precisava de se esforçar para dar uma ajuda à família. A sua irmã Juana bastava-se sozinha para cuidar dos campos; a sua irmã Maria geria a oficina de costura mais rentável da região. De vez em quando, a tia-avó Isabel subia de Jerusalém carregada de presentes. Será que se iria esquecer do menino da casa?

Qual foi a sua missão nesta vida? Viver a vida!

O seu sobrinho Jesus lembrava-lhe tanto a si próprio que Cleofás se ria ao ver José passar por tantas dificuldades quando tinha de defender o seu Jesus perante os amigos e vizinhos.

Também para ele, a mudança tão brusca do sobrinho ao regressar de Jerusalém apanhou-o de surpresa e deixou-o maravilhado. E, tal como acontecia com a sua irmã, também ele não conseguia explicar o que se passava na cabeça do sobrinho. O único que parecia compreender o Menino era José.

José era o único que parecia não se sentir surpreendido. Foi o único que parecia saber perfeitamente o que lhe estava a acontecer e, tal como o próprio Menino, seguia a sua política de não dizer uma palavra a ninguém. Com a sua Mãe e com o seu tio Cleofás, Jesus sentia-se desconfortável porque lia nos olhos deles o que estavam a pensar. Em contrapartida, com José, o Menino sentia-se à vontade. Era o único que não o olhava com perguntas nos olhos e o único que sabia lidar com ele de tal forma que Jesus se esquecia dos problemas e se tornava o rapaz ativo, inteligente e trabalhador que todos elogiavam aos seus pais.

Sim, claro que sim, Cleofás teve uma vida maravilhosa antes de conhecer José. Mas aquele nómada gigante, montado no seu cavalo ibérico, a vaguear pelas províncias do reino, com os seus três querubins assírios saídos de um afresco perdido de algum palácio de Nínive, aquele nómada deu à sua vida aquilo que lhe faltava: a imagem do pai, do irmão que nunca teve. E agora, no seu leito de morte, seria para os seus filhos e filhas o pai de quem lhes iria faltar.

Sim, se é verdade que, antes de morrer, a mente percorre os anos vividos, um a um, Cleofás reviviu anos únicos, maravilhosos. A Virgem como irmã, o rei Messias como sobrinho, um Querubim como cunhado, uma mulher maravilhosa que lhe tinha dado filhos e filhas, todos saudáveis, todos fortes.

— José... — começou ele a dizer no seu leito.

— Irmão — antecipou-se José —. Os teus filhos são os meus filhos, as tuas filhas são as minhas filhas. De todos nós, tu és, neste momento, o abençoado. O nosso pai David espera pelo seu príncipe Cleofás no seio daquela luz que se acenderá quando fechares os olhos. Lá encontrar-nos-emos, irmão. Vem dar-me a mão quando chegar a minha vez de fechar os meus.

E assim foi. Cleofás morreu jovem, tal como o seu pai Jacob.

A HISTÓRIA DIVINA

— Exatamente como o nosso pai, Juana, no auge da vida. Como vamos sentir a tua falta, irmão! — chorou a Virgem.

Enterraram-no em Nazaré, no túmulo do seu pai Jacob, ao lado do seu avô Matã, sobre os restos mortais de Abiud, filho de Zorobabel, filho de Salomão, filho de David.

A MORTE DE JOSÉ

A vida de José, o Carpinteiro, apagou-se pouco depois de se extinguir a de Cleofás.

Se a existência de Cleofás foi bela e digna de ser vivida, a de José, o Carpinteiro, foi a de um guerreiro sempre à beira do precipício, com os músculos constantemente em tensão,

os nervos à flor da pele até ao último átomo, sempre vigilante, sempre preparado para se adaptar à próxima reviravolta do destino.

«Não há nada predeterminado, quem sabe o que o amanhã nos reserva? Quando o livro da vida virar a página, ver-se-á o que contém. E basta a cada dia o seu próprio esforço».

«O que cabe aos filhos do Espírito é responder rapidamente ao som da trombeta que chama à ação».

«A Morte ataca sempre pelas costas, mas quem a encara tira-lhe das mãos esse trunfo chamado fator surpresa».

Provérbios desta natureza eram o pão de cada dia de José, o Carpinteiro. Zacarias, o futuro pai do Batista, seu preceptor, tutor, mentor, mestre — tudo de bom numa só pessoa —, dedicou o seu talento, o seu génio, a sua sabedoria, a sua arte, tudo o que tinha de melhor, a formar a mente do jovem José. Graças à sua paciência e dedicação, o guerreiro destemido que corria nas veias do jovem José aprendeu a olhar de frente para a Morte e, com o brilho nos olhos do herói que se sabe invencível, até ao próprio Inferno.

Mas aquilo a que a sua mente nunca se preparou foi a ver-se envolvido nas redes do próprio Deus.

Além disso, a sua visão de sempre sobre o nascimento do filho de David era a clássica e habitual: pai, mãe, casam-se, unem-se, duas pessoas diferentes e uma só coisa, o chamamento do sangue, o poder da carne. Imaginar que Deus se iria intrometer através da Encarnação do Seu Filho? Bem, a verdade é que não; o que aconteceu depois nunca o imaginou.

Olhando para trás, revivendo aqueles dias, José, o Carpinteiro, ria-se de coração.

Nessa ocasião, o guerreiro tinha chegado ao outro lado do campo de batalha. À volta do seu leito de morte, os seus sobrinhos e o seu povo choravam a despedida do querubim que nunca tinha baixado a guarda, a morte do herói que nunca se desfez do capacete e da armadura. Já se preparava para entregar a alma.

Todos já acreditavam que as suas forças tinham chegado ao fim, que o seu fôlego se desvanecia nas distâncias entre o Céu e a Terra, quando José, o Carpinteiro, saiu do seu sono. Acordou-o a lembrança da sua resposta ao seu Mestre Zacarias, no dia em que Isabel lhes comunicou a notícia do Voto da Virgem.

«Seja feita a vontade de Deus. Há mil anos que o meu povo espera por este dia; eu bem posso esperar dez», disse José.

Meu Deus, que reviravolta inesperada deste à vida do teu servo!

A HISTÓRIA DIVINA

O jovem José cresceu a sonhar com o dia em que veria a sua esposa dar à luz o rei Messias, o senhor da espada dos reis, o legítimo portador dos dois rolos messiânicos.

Os seus irmãos e irmãs não compreenderam que o seu José não se casasse na idade em que toda a gente costumava fazê-lo. A vida era curta. A existência, muito dura. Nesta altura da história, ninguém podia dar-se ao luxo de deixar os anos passarem ao estilo dos Patriarcas, que se casavam a partir dos quarenta anos. Muitos já eram avós com apenas quarenta anos. O que esperava o chefe do clã dos carpinteiros de Belém para escolher uma mulher e honrá-los a todos com sangue novo?

José, o Carpinteiro, mantinha-se em silêncio. Respondia aos seus irmãos com o silêncio de quem parecia, ao contrário dos outros mortais feitos de barro, ter sido forjado em ferro.

Longe de o seu peito abrigar um coração de pedra, mas não lhe deixaste, Deus santo, outra alternativa senão adotar essa atitude para o bem de todos, pois se chegasse aos ouvidos dos assassinos de Herodes a mais pequena notícia sobre a conspiração davídica que se tramava nas suas costas, quanto tempo teria demorado aquela serpente a ordenar a morte de todos os irmãos do teu servo?

José, o Carpinteiro, acordou do seu sonho revivendo aquele dia inesquecível, o dia em que foi à casa da sua sogra Ana para lhe pedir explicações sobre o rumor que tinha escandalizado toda a gente em Nazaré.

O que se estava a passar?

O que lhe chegava aos ouvidos?

As vizinhas lançavam-lhe alusões terríveis.

«Como vão chamar ao menino, senhor José? Porque será um menino.»

O Carpinteiro acabou por sentir a picada, deixou de lado as hesitações e foi diretamente falar com a sua sogra.

A Viúva, que esperava a visita, foi abrir-lhe a porta.

A mãe da Virgem tinha-se vindo a preparar para este encontro.

Tinha-o temido. Tinha-o desejado. Sonhava com ele, suspirava por ele, tremia só de pensar nele.

Estaria ela à altura das circunstâncias? A graça que emanava da inocência da sua filha teria-se-lhe contagiado a ela, a sua mãe?

Como mãe, estava disposta a arrancar os olhos a quem quer que pronunciasse a palavra «adultério». O seu genro José era um santo, um homem de grande bondade, mas que

homem não ficaria escandalizado ao ouvir que a sua mulher estava em estado de graça por obra do Espírito Santo?

Com o coração na boca, a viúva abriu a porta ao seu genro.

«Senta-te, meu filho», disse-lhe ela. «Este é um grande dia para todas as famílias da terra.»

Que maneira de começar a conversa!

O Carpinteiro sentou-se. Quanto a abrir a boca, não o fez. Nem sequer teria sido necessário. O seu olhar dizia tudo.

Bem, talvez mil imagens valham menos do que uma palavra de Deus, e que uma imagem valha mais do que mil palavras de um homem. Nesta situação específica, a mãe da Virgem diante do homem a quem a Encarnação do Filho de Deus, pela obra e graça do Espírito Santo, dizia diretamente respeito, nem as palavras nem as imagens pareciam suficientes para aquela mãe presa nas redes de um Deus que a ninguém pede permissão para se intrometer na vida das criaturas que Ele cria do barro.

Bastavam os olhares. Os olhares diziam tudo.

A Viúva sabia o que o seu genro vinha fazer e o seu genro sabia que ela sabia o que ele tinha vindo fazer. A questão era quem iria quebrar o gelo.

A mãe da Virgem, inspirada pelo amor tão infinito que nutria pela filha, por um lado, e pela sabedoria do próprio Espírito Santo, por outro, começou por dizer:

«Meu filho, acreditas que Yavé é Deus?», lançou-lhe ao genro sem lhe dar tempo para dizer uma palavra. Uma entrada deste tipo, ela sabia, era a última coisa que o seu José poderia ter esperado.

O Carpinteiro nem se abalou. Um homem de gelo teria causado mais nervosismo do que o Carpinteiro naquele momento.

Bem, ele já conhecia a sua sogra Ana, sabia que marca tinha deixado a sua impressão na alma daquela mulher. Zacarias educou-o a ele, José; mas a sua sogra Ana foi formada pelas próprias mãos de Isabel, a mulher do seu Mestre. Portanto, se o que a Viúva de Jacob de Nazaré estava a fazer era defender a sua filha Maria — e, sem dúvida, era isso que estava a fazer —, a mãe da Virgem estava a começar bem. Já se veria em que acabaria toda aquela filosofia.

A mãe da Virgem, sem perder a calma nem se sentir desarmada perante a seriedade impenetrável do seu genro, continuou:

«Perdoa-me, homem de Deus, por entrar por esta porta, mas os acontecimentos obrigam-me a isso. Quero dizer, acreditas que há algo impossível para Deus?». Depois, ficou a olhar para o seu genro como se, naquele momento, o mistério dos olhos de Deus lhe tivesse sido revelado e lhe permitisse ler os pensamentos de José, o Carpinteiro.

Outro indivíduo teria sentido aquele olhar como uma forma de intimidação. O Carpinteiro sustentou-o sem mexer um músculo.

Embora ainda não tivesse percebido onde a sua sogra pretendia chegar, José permaneceu sentado tranquilamente. Ele tinha vindo à procura de uma única palavra, um «Sim» ou um «Não». E ponto final. E não iria sair de casa sem ter o «Sim» ou o «Não». A sua mulher estava em estado de graça? Era tudo o que ele queria saber.

A mãe da Virgem estava em vantagem; sabia que o seu genro José não se mexeria dali até que ela lhe desse o «Sim» ou o «Não».

A verdade, toda a verdade e apenas a verdade, era um «Sim», um «Sim» maravilhoso, um «Sim» divino, um «Sim» eterno, infinito, um «Sim» sem reservas, indescritível, inexplicável.

Era também um «Não», um «Não» total, um «Não» sem concessões, sem discussões de qualquer tipo, um «Não» profundo, inegociável, a Vida do Messias numa mão, a Morte do Filho de David na outra mão.

O que escolherias tu, amigo? Optarias pela zombaria, rir-te-ias de Deus na cara Dele, negar-Lhe-ias o poder de realizar essa Obra extraordinária, sobrenatural?

Amigo, tudo é nada quando tudo é pouco. Mas se a criatura recusasse o conhecimento do seu Criador e O submetesse ao seu nível de inteligência natural, a obra extraordinária seria tirar tal burro do poço dos tolos.

Os dados — pois a graça sopra a favor do vento — continuam à espera da próxima jogada. A cada homem e mulher cabe a vez de dar a sua resposta. Afirmar-se no «Sim» ou no «Não».

Se tivesses tudo de bom numa mão e tudo de mau na outra, por qual das duas te decidirias?

José, o Carpinteiro, teve na sua época os dados da sorte do Filho de Maria na sua mão. Nunca, na História do Universo, algum homem passou por uma provação semelhante ou comparável. A sua decisão mudaria o futuro do mundo. O seu «Sim» ou o seu «Não» ergueria ou afundaria todo o Plano de Salvação Universal do seu Criador.

Dos seus lábios, no entanto, a mãe da Virgem só podia esperar palavras de sabedoria. Com esta força e coragem próprias de uma filha de Eva, a mãe da Virgem prosseguiu com a sua revelação

«Vamos ver, homem de Deus. Imagina que o Senhor te desafia a submetê-Lo a uma prova. Sim, tal como parece. Imagina que o nosso Senhor te oferece a oportunidade de O desafiáres a provar-te que Ele é verdadeiramente Deus, não apenas de palavras e por ser capaz de fazer alguns truques a mais do que os magos do Faraó.

Suponhamos que não te basta acreditar apenas na palavra de que Ele é Deus, e que queiras, precisas de O ver com os teus próprios olhos. Queres ver o Seu Todo-Poder e a Sua Onisciência, queres vê-los em ação, superando o mais difícil ainda, vencendo a maior prova que te possa ocorrer.

Homem de Deus, já sei que a tua fé é mais forte do que a rocha, que, sem ver, te contentas e te basta a Palavra que viaja de boca em boca pelo firmamento dos séculos para acreditar na Veracidade do nosso Senhor. No entanto, concede a ti próprio esta oportunidade. Responde-me sem preconceitos. Diz-me: com que prova comprometerias Deus a empenhar-se a fundo? Que prova colocarias a Deus que fosse digna do seu Todo-Poder e que O obrigasse a colocar em cima da mesa toda a Sua Onisciência? Filho, não te inibas, não deixes a tua língua presa ao céu do teu coração por medo de não encontráres as palavras. Atreve-te, desafia o teu Criador, porque mereces isso, por tanto sofrimento, por tanta dor e tanta crueldade que os nossos pais sofreram. O que éramos nós, filho, antes de o Espírito de Deus pairar sobre as águas dos nossos mares? Animais sem inteligência. Então, um dia, fomos amados pelo nosso Criador e Ele concedeu-nos o dom da palavra. Agora, pois, não te prives disso, fala, ergue a tua cabeça perante o Todo-Poderoso, coloca a tua alma aos seus pés, pede-Lhe que realize uma obra extraordinária, única, irrepetível, maravilhosa, à medida do seu Grande Espírito, que sacie a tua sede de conhecimento e a tua fome de sabedoria. Ele está do teu lado. Pergunta a ti mesmo que prova darias ao teu Criador, uma e apenas uma, santo Isaac; mas uma que encha a tua alma de felicidade infinita e o teu ser de alegria eterna. Vá lá, não sejas tímido». E a mãe da Virgem calou-se.

Por mais estranho que vos pareça, José, o Carpinteiro, continuou pasmo. Tinha vindo à procura da resposta a algo tão simples como a verdade sobre o rumor de que a sua esposa se encontrava em estado de graça, e a sua sogra surgiu com uma discussão teológica em toda a regra.

José ficou a olhar para ela, tentando adivinhar o que se estava a passar. Era um «Sim» ou era um «Não»?

A sua sogra aproveitou a confusão para levar a sua Revelação um passo mais além.

«Filho, responde-me», implorou-lhe ela. «Não me mintas nem fiques calado por medo de ofender o Senhor. Diz-me a verdade: atrever-te-ias a desafiar o teu Deus? Ou recuarias e não abririas a boca por medo de ofender o teu Criador?»

Sem dar tempo para respirar, a viúva respirou fundo. De imediato, voltou ao campo de batalha.

«Homem de Deus, sei que te estou a surpreender; mas concede-me estes minutos da tua vida. Pergunto-te novamente: que prova darias a Deus? Ou, melhor ainda, coloquemos assim: qual seria a maior prova para um Deus que pudesse ocorrer a um homem? Por exemplo, queres que Ele te demonstre de uma vez por todas que é o Deus da Verdade, que não se atribuiu a si próprio a glória do Ser Incrído. Queres que Ele apague do céu todas as estrelas? Queres que o sol nunca se ponha? Queres que os burros voem? Queres que as baleias andem? Não sei, o que queres? Qualquer um consegue ser imperador. Midas, qualquer um que consiga. Não peças a Deus coisas que um homem possa fazer. Vais desafiar-Lo com uma obra extraordinária, superior; vais colocar-Lhe diante de Si uma tarefa que nem mesmo Hércules, no auge da sua glória, teria conseguido realizar. Estás a perceber? ... E o que é que eu te queria dizer? Ah, sim, vê lá, o que me preocupa é que, conhecendo a natureza dos homens, tens a certeza de que, uma vez apagadas as estrelas do céu, não irás procurar uma explicação natural para um fenómeno tão divino? Perante um Sol congelado na cúpula do firmamento, tens a certeza de que os homens não lhe darão a volta e encontrarão uma causa natural que caiba na vossa cabeça?».

Depois de ter passado a bola para o telhado alheio, a Viúva de Jacob de Nazaré calou-se. José, o Carpinteiro, não entrou no jogo.

Diria que qualquer pessoa que, naquele momento, o tivesse visto sentado diante da sua sogra teria jurado que aquele homem de Deus tinha gelo em vez de sangue nas veias.

José, o Carpinteiro, nem pestanejou. Com o olhar fixo na sogra, parecia mais uma estátua de pedra do que uma criatura de carne e osso.

A Viúva sustentou o seu olhar. Ela sabia muito bem que o seu genro não diria uma palavra; não era por acaso que o marido da sua filha era tal e qual o marido da sua tia Isabel.

Inspirada pelo imenso amor que nutria pela filha, a Viúva agiu como se o silêncio de José fosse um reconhecimento do valor da ideia colocada em cima da mesa.

José, que começava a maravilhar-se com o rumo que a conversa estava a tomar, adornou o seu silêncio com as primeiras palavras:

«Diga-mo a si, mãe. Por que razão haveria eu de negar ao meu Criador a glória do Seu Braço?». E calou-se.

A mãe da Virgem deu o passo definitivo. Tinha chegado o momento.

«Filho. Eu não sou homem.»

Ela tinha dado o passo em frente, sim, mas na direção que lhe convinha.

«Não sei como pensam os homens — insistiu ela. — Fui criada a partir de uma costela do homem. O que para um homem pode ser a maior prova do Universo, talvez aos olhos de uma mulher não o seja tanto. A única coisa que me pergunto é: aos olhos de uma mulher, pode ser imposta a Deus uma prova maior do que conceber sem a intervenção do homem? Quero dizer, não à maneira daqueles filhos de Deus que se deitaram com as filhas dos homens e tiveram descendência. Já sabes que, entre os gregos, os romanos e os bárbaros, os seus deuses se deitavam com as suas mulheres e lhes davam à luz heróis, sendo o último o próprio Alexandre, o Grande. Não, filho, estou a falar-te de outra coisa. Que uma Virgem dê à luz um Menino sem conhecer homem.»

Foi então que José, o carpinteiro, abriu bem os olhos. O que é que a sua sogra lhe estava a insinuar? Com este desvio metafísico, para onde é que ela o estava a levar? Estaria ela a envolver o «Sim» que ele veio buscar numa espécie de nó teológico impossível de desatar? O assunto era tão alucinante que José permaneceu imóvel.

«Filho, achas que uma provação semelhante ultrapassaria os limites do Poder Divino?», continuou a viúva a atacar, sem dar tempo ao genro para preparar a estratégia de contra-ataque.

De qualquer forma, o genro acabou por falar. «Não. Nunca», disse ele, com toda a seriedade.

E logo voltou ao seu papel de genro em pleno estado de alucinação com as voltas que a sogra estava a dar à resposta tão simples e curta que ele tinha vindo procurar: Sim ou Não.

Parecia que era «Sim», mas na verdade era «Não».

Ao que parecia, estavam a adoçar-lhe o «Sim» para que a pílula dos acontecimentos não lhe ficasse demasiado amarga. Mas a ideia com que a sogra o estava a desafiar parecia-lhe tão fantástica que o seu corpo se recusava a ir embora sem antes ouvir com os próprios ouvidos a conclusão do argumento que lhe estavam a inventar.

«Não esperava menos de ti, filho», interrompeu o fio dos seus pensamentos aquela mãe disposta a defender a filha com unhas e dentes. «Agora, vamos dar mais um passo em frente. O Senhor aceita o teu desafio. O Senhor vai dar-te a prova pela qual os teus ossos anseiam: vai fazer com que uma Virgem conceba um filho pela obra e graça do Espírito Santo. Lembras-te, filho, da profecia? Eu sei que sim.

— O profeta Isaías disse ao rei Acáz: Pede a Yahweh, o teu Deus, um sinal nas profundezas do Seol ou lá em cima, nas alturas.

-E Acáz respondeu: «Não Lho pedirei, não quero tentar o Senhor.»

-Então Isaías disse-lhe: «Ouve, pois, casa de David: ainda não vos basta incomodar os homens, que incomodais também o meu Deus? O próprio Senhor dar-vos-á, por isso, o sinal: Eis que a virgem grávida dará à luz, e chamá-lo-á Emanuel».

A Viúva interrompeu o seu discurso e fixou o olhar na alma de José.

O carpinteiro ainda não acreditava no que ouvia. Estariam a dizer-lhe que o Sinal se tinha concretizado? A viúva tinha enlouquecido ou queria levá-lo à loucura?

Como se lhe estivesse a ler os pensamentos, a Viúva retomou o assunto.

«Filho, tu dizes a ti mesmo: “Vá direto ao assunto, senhora”. E eu peço-te que não te impacientes. Não estamos a falar de algo trivial; está em jogo a glória do Eterno. Tem paciência. Se, por correr demasiado depressa, o atleta não vir os sinais, os ignorar e chegar à meta por um caminho não sinalizado, mesmo que, de qualquer forma, tivesse vencido se tivesse percorrido a pista oficial, será que o júri lhe dará a coroa de louros? Não é verdade que não? De facto, filho, já temos o Eterno em movimento, à procura da Mulher, da Virgem em cujo seio o seu Sinal tomará corpo. Pergunto-te: sobre que bem-aventurada fará Deus repousar o Seu Braço? Sobre que mulher única e especial entre todas as filhas de David estenderá o Altíssimo o manto da Sua Glória? A qual amarás como se ama a única e adorada esposa? Dir-me-ás que, já que estamos a falar nisso, o próprio Altíssimo a gerará e a predestinará desde o seio dos seus pais para ser a Mãe. E terás razão. Ou será que Ele não se antecipa àquele que pede, gerando-o para que faça esse pedido? É a Onisciência do Senhor que move toda a alma que respira perante a Sua presença. Não é o Seu Espírito a fonte que inspira cada palavra que chega aos Seus ouvidos? Claro que sim, filho. Ele abre a boca de quem pede: «Que uma Virgem dê à luz sem a intervenção do homem!» O Senhor sorri. Abre a boca e diz: «Assim seja, vou surpreender-vos a todos realizando uma obra que será lembrada para sempre: o filho de Eva nascerá dessa Virgem. Já está feito, filho. Diz-

me agora: de entre todas as mulheres, que mulher escolherá o Altíssimo para ser essa Virgem bem-aventurada?»

Por um momento, José, o carpinteiro, pensou que já tinha ouvido tudo o que vinha procurar, mas a ideia que a sua sogra lhe estava a apresentar era tão alucinante que ele ficou imóvel.

O que é que a Viúva lhe estava a dizer, que a sua Noiva estava grávida pela obra e graça do Espírito Santo?

A mãe da Virgem não lhe deu tempo para refletir demasiado.

«Põe-te no lugar deles, filho. Deus anuncia qual será o Sinal através do qual Ele demonstrará a Glória do Seu Filho perante toda a criação. Desde o seio dos seus pais, Ele forma o casal que levará nos braços o Menino nascido da Virgem. Mas agora é preciso superar um problema, é preciso ultrapassar um último obstáculo. Sim, filho, o orgulho do homem. Vais deixar que o orgulho do homem te cegue a inteligência?»

José compreendeu finalmente o que a sua sogra queria dizer.

«Está a dizer-me, mãe, que isso aconteceu?»

«Não te precipites nas tuas conclusões, meu filho. Deixa-me recapitular o caminho percorrido até aqui. Melhor ainda, vamos contemplá-lo de outro ângulo. O que disse mais tarde o Profeta ao falar sobre o Menino que nasceu da Virgem?:

— Nasceu-nos um Menino, nasceu-nos um Filho que tem sobre os ombros a soberania, e será chamado Príncipe da Paz, Conselheiro Maravilhoso, Deus Poderoso, Pai Eterno...».

«O que é que nasceu, diz a senhora, mãe?», interrompeu-a ele. Pela primeira vez, José, o carpinteiro, mexeu-se, deixando transparecer que a sua paciência estava a esgotar-se. A mãe da Virgem retomou o ataque antes de perder a presa.

«Não deixes que o orgulho masculino cegue a tua inteligência, filho. Pois se Ele não engana nem mente e cumpre todas as suas promessas, o que diremos? Que os profetas de Israel eram todos mentirosos e impostores? Que, apenas para se glorificarem a si próprios, escreveram as Sagradas Escrituras sem outro intuito senão recitar poesia? Diz-me tu. Aguardo a tua resposta».

José, o Carpinteiro, seguiu o raciocínio. Pensou que, vista a questão dessa forma, a Viúva tinha toda a razão do mundo. Ou o seu povo era uma nação de impostores com uma capacidade infinita de se enganarem a si próprios, ou, certamente, como o Menino não tinha nascido, não poderia ter havido o Nascimento. Até aqui, tudo correto. O que já lhe

ficava preso na garganta era a conclusão que a mãe da sua esposa lhe estava a apresentar. Estava a dizer-lhe que a Virgem era a sua Maria. Ainda não lho tinha dito com estas palavras, mas era claro que todo este discurso tinha como fim esta declaração final.

Perspicaz como só ela, inspirada pela fé, a sua sogra interrompeu-lhe o raciocínio. Dir-se-ia que, mais do que inspirada, estava divina. Lia-lhe os pensamentos mais depressa do que ele próprio os lia. Aproveitando a oportunidade, a mãe da Virgem foi direta ao assunto.

«Minha filha, a tua esposa, é a Escolhida para conceber no seu seio o Menino que havia de nascer daquela Virgem de quem nos falou o Profeta. Tu, José, és o Homem.»

Por um instante fugaz, José esteve prestes a levantar-se e a encerrar aquela conversa inesquecível com um «já chega». Mas permaneceu sentado. A sua sogra continuou.

«Diante de ti, filho, Deus abriu duas portas. Estas duas portas permanecerão abertas perante as gerações que nos seguirão quando tu e eu formos apenas uma recordação na memória dos séculos. Uma é a da fé, a outra a da incredulidade. Se escolheres esta última, agirás como aquele que desafiou o seu Deus e, ao descobrir que a Virgem escolhida para Lhe demonstrar a Sua Glória era a sua própria mulher, se rebelou contra Aquele a quem ele próprio desafiou. Mas eu sei que tu não farás isso. Meu filho, da inocência imaculada da minha filha, sou, perante todos, a sua testemunha. O anjo dela tirar-te-á das trevas da dúvida que te assalta. A outra, meu filho, é a porta da fé. O meu coração diz-me que escolherás esta. E que correrás em busca da Mãe do Messias, por quem o nosso povo tem esperado há tantos milénios».

Inexplicavelmente, no seu leito de morte, José, o Carpinteiro, esboçou um sorriso. Haverá morte mais bela do que a da criatura de Deus que se despede deste mundo com um sorriso nos lábios?

Bem, quando todos os seus sobrinhos e o seu povo já acreditavam que, a qualquer momento, José fecharia os olhos para sempre, ele sentou-se e implorou a todos que saíssem e o deixassem a sós com a sua mulher e o seu filho. Depois de se retirarem, os três a sós, José respirou fundo e começou a falar.

«Mulher, a minha boca permaneceu selada até hoje pelas razões que tu própria compreenderás quando tudo estiver concluído, coisas que já nada me impedem de te revelar a ti e ao teu Filho.

Filho, o que direi eu ao meu Senhor? A minha alma está perante o meu Deus. Vou ao encontro do meu Juiz, perante quem terei de prestar contas da minha vida. Mas há algo que deves saber antes de eu partir deste mundo.

A HISTÓRIA DIVINA

A tua Mãe já te falou dos teus bisavós, Isabel e Zacarias, a quem tu não conheceste e a quem tanto devemos, a tua Mãe e eu. Tem paciência comigo nesta última hora e lembra-te das minhas palavras no teu Dia.

Por onde começarei? Como te abrir a porta para o conhecimento dos homens e mulheres que colocaram as suas vidas aos pés do seu Deus para que a tua Luz brilhasse sobre as trevas? Se nunca te revelei os factos que agora te revelo, foi pensando no teu bem. Não me culpes por te ter mantido à margem da história daqueles homens e mulheres que viveram os seus dias no fio da navalha, com as suas vidas por um fio todos os dias, para que a tua Vinda se cumprisse. Tu saberás, filho, o que deves fazer quando o teu Pai Eterno anunciar que o teu Dia está aberto.”

CAPÍTULO SEGUNDO

EU SOU O ALFA E O ÓMEGA

VIDA E TEMPOS DA SAGA DOS RESTAURADORES

«Eis que venho em breve. Bem-aventurado aquele que guarda as palavras da profecia deste Livro. E eu, João, ouvi e vi coisas. Quando as ouvi e as vi, caí de joelhos para me prostrar aos pés do anjo que me mostrava.

Mas ele disse-me: «Não faças isso, pois sou teu companheiro de serviço, e dos teus irmãos, os profetas, e daqueles que guardam as palavras deste Livro; adora a Deus.» E disse-me: «Não seles as palavras da profecia deste Livro, porque o tempo está próximo. Quem é injusto continue nas suas injustiças, quem é tolo prossiga nas suas tolices, o justo pratique ainda a justiça e o santo santifique-se ainda mais. Eis que venho depressa, e comigo a minha recompensa, para dar a cada um segundo as suas obras. EU SOU O ALFA E O ÓMEGA, O PRIMEIRO E O ÚLTIMO, O PRINCÍPIO E O FIM. Bem-aventurados aqueles que lavam as suas túnicas para terem acesso à árvore da vida e para entrarem pelas portas que dão acesso à Cidade. Fora, cães, feiticeiros, fornicadores, homicidas, idólatras e todos aqueles que amam e praticam a mentira.

Eu, Jesus, enviei um anjo para vos testemunhar estas coisas sobre as igrejas. Eu sou a raiz e a descendência de David, a estrela resplandecente da manhã. E o Espírito e a Noiva digam: «Vem». E quem ouvir diga: «Vem». E quem tiver sede, venha, e quem quiser beba de graça a água da vida... Amém»

A Saga dos Restauradores

Por aqueles dias (século I a.C.), Deus suscitou ao seu povo um homem do seu agrado. Da linhagem de Aarão, o sacerdote, aquele homem chamado Abias era o único cidadão em toda Jerusalém capaz de se colocar diante do rei, barrar-lhe o caminho, tirar-lhe a palavra e dizer-lhe na cara as quarenta verdades que os seus atos e a sua forma de governar mereciam.

O Asmoneu — Alexandre Janneu era o seu verdadeiro nome — olhava para aquele Abias com os olhos perdidos no horizonte, o pensamento fixo numa das páginas do livro de onde aquele homem de Deus parecia ter escapado, possivelmente nas do livro de Neemias. Uma daquelas páginas de reis e profetas de que tanto gostavam os filhos de Israel e que os seus pais lhes narravam com sotaque épico na garganta, a voz a ecoar ao som de tambores distantes a tocar para hazenhas bélicas, quando os heróis de tempos muito antigos, Sansão e Dalila, os trinta valentes do rei David e a sua harpa de cordas de pêlo de cabra, Elias, o vidente, a voar nas costas dos quatro cavalos do Apocalipse — um de fogo, outro de gelo, outro de terra e o último de água —, os quatro a cavalgar juntos pelo vento dos séculos atrás do Messias que viria a ser batizado nas mesmas águas do Jordão que se partiram em dois para dar passagem a um profeta careca. O holocausto de nações perdidas sob as cinzas do apocalipse escritas na parede, as guerras do fim do mundo dos poetas mortos, as histórias intermináveis dos sonhos das eternas Roma, visões de druidas sobre uma Babilónia em plena construção de uma escada para o céu, Hércules gerados por uma loba de mau humor, ruínas de cidades de filisteus sem nome nem pátria em busca do paraíso perdido, a utopia das meretrizes egípcias a amamentar hebreus mais velhos do que Matusalém, o herói de Ur, a Sombria, a proclamar a sua divindade sobre o altar dos bárbaros do Norte, o Sul a leste do Éden, o Oeste à direita do rio da vida, quando a morte tinha um preço, no início dos tempos, no alvorecer dos séculos. Era uma vez um copeiro que conquistou um império. Era uma vez um dilúvio universal, uma arca sobre as águas que cobriam o mundo. A paixão de ser, o facto de ser, a atualidade do ontem sempre presente, onipresente, onisciente, mais guerras do fim do mundo, mais heróis de ferro, novos

senhores do universo, o futuro é amanhã, a verdade pertence ao escolhido, o escolhido é o vencedor, «a mim os de Yavél», tenho a ponta do teu manto enfiada na ponta da minha espada, rei, senhor. É preciso mais do que uma coroa para ser rei, mais do que três braços para ser o mais forte; o passado foi ontem, hoje é amanhã; os anjos nunca bebem nem comem, mas, por vezes, acasalam com as mulheres humanas e geram uma prole maléfica, a semente do diabo, quando os heróis eram semideuses e os semideuses eram monstros de duas cabeças a impor a sua lei do terror. E continua a trazer à memória nomes e tempos.

Ah, aqueles mitos e lendas do povo que saiu do mar, espalhou-se pela Palestina bíblica e revolucionou a história do mundo com o seu terramoto de tribos em missão sagrada!

Que criança em Jerusalém não conhecia aquelas histórias dos tempos de María Castañal!

«Aí vem o Golias», diziam os avós às crianças quando estas se portavam mal e queriam assustá-las.

O Asmoneu zombava dessas histórias infantis e ria na cara dos avós dos fantasmas do passado. Ele era real, o seu profeta Abias era real. De que tinha servido a ninguém o sonho do reino messiânico? Para onde os tinha levado, uma e outra vez, o desejo de o tornar realidade?

«E ainda querem tentar mais uma vez! É de loucos», pensou o Asmoneu para si mesmo.

Os homens do rei de Jerusalém, todos cães de guerra, todos soldados de fortuna da Palestina sombria e profunda ao serviço da Abominação Desoladora, olhavam todos para o último profeta hebreu com os olhos cheios de raiva. Embora o Asmoneu achasse graça no seu profeta pessoal de desgraças, a verdade é que também o seu rosto se alterava cada vez que Abias lhe lançava à queima-roupa os seus oráculos. No entanto, no seu papel de rei perante um profeta, o Asmoneu continha a raiva dos seus homens e deixava-se encher os ouvidos com aquelas frases tão apocalípticas sobre o seu destino.

«Ouve o oráculo de Yavé sobre a tua linhagem, filho de Matatías», anunciava-lhe Abías com aquela voz tão característica.

«O Deus que profanas no trono e no seu Templo extirpará pela raiz a tua descendência da face da terra sobre a qual reinas. O Senhor falou e não se arrependerá; não anulará a sua sentença: os teus filhos serão devorados por uma fera estrangeira».

Para os assassinos a soldo do Asmoneu, maldita fosse a graça que o rei de Jerusalém encontrava em tais anúncios de mortes, desolações, ruínas, devastações, destruições,

infernos. Mas como é que ele, Alexandre Janeu, um descendente legítimo dos Macabeus, de raça pura, podia permitir que um sacerdote lhe falasse daquela maneira?, perguntavam uns aos outros aqueles cães de guerra.

Alejandro olhava para eles com uma expressão de espanto. Valeria a pena perder o seu tempo a tentar explicar-lhes por que razão se deixava encher os ouvidos com aquelas frases arrepiante, tão bíblicas, tão tipicamente testamentárias, tão claramente sagradas? Por um momento, pensou nisso, mas, no momento seguinte, disse a si mesmo que não. Eles nunca iriam compreender.

Mesmo que ele passasse dias inteiros a explicar-lhes do que se tratava, os cérebros dos seus mercenários nunca seriam capazes de se elevar para além da distância a que as suas espadas se erguiam do chão.

Será que o mundo estava para perder tempo à espera que os burros voassem na esteira da carruagem do sol, ou que os peixes voassem pelas serras nevadas em busca do último yeti, ou que os pássaros nadassem pelas águas atrás do navio de um Colombo ainda por nascer? Como poderia o Asmoneu fazer com que os seus cães da sorte compreendessem que aquele Abias era o seu profeta!

Aquele Abias era o profeta que conferia todo o sentido divino à sua coroa. Sem o seu profeta particular, pessoal, só dele, a sua coroa nunca transcenderia, a sua dignidade de rei nunca seria sublimada aos olhos do futuro. Abias seria a carruagem de glória sobre a qual o seu nome transcenderia os séculos e levaria a sua memória para além dos milénios, inclusive. Poderia acontecer que o seu nome fosse esquecido, mas o de Abias viveria para sempre na memória do povo.

«Compreendem agora? Conseguem entrar-vos na cabeça? O meu nome e o dele ficarão associados na eternidade. Mas se eu o matar, estarei a matar a minha memória. Esta perspetiva diz-vos alguma coisa sobre a natureza da minha relação com o criador dos vossos piores pesadelos?», o Asmoneu tentava, da melhor forma que podia, incutir um pouco de inteligência nos crânios de pedra dos seus cães de guerra.

Tudo em vão.

Mas era a verdade. Alexandre devia dar-se por feliz, pois também a ele Deus tinha dado o seu próprio profeta. Todos os reis de Judá tinham o seu bobo da corte, o seu harém e, claro, o seu profeta. Para o bem ou para o mal, isso é outra questão; o importante era tê-lo.

De resto, do ponto de vista político, esse tal Abias era inofensivo. Sim, senhor, o seu profeta era tão inofensivo como uma libélula do lago real, tão pouco perigoso como uma aranha do jardim do seu harém a balançar-se entre o pó das cortinas, tão indefeso como um pardalinho abandonado com a asa partida à mercê do inverno boreal. Um descuido, um único passo em falso e, num piscar de olhos, «o último profeta» seria reduzido ao rasto que o sopro da aurora deixara algures do outro lado do horizonte. Ou será que os seus cães mercenários acreditavam que ele, Alexandre Janeu, o filho dos filhos dos Macabeus, iria permitir que esse tal Abías ultrapassasse a linha entre anunciar desgraças e provocá-las? Estariam bem da cabeça?

Aquele era o seu povo. O Asmoneu não os amava nem sentia pelo seu povo qualquer paixão nacionalista, mas era o seu povo e sabia como funcionavam as suas mentes. Se Abias não ultrapassava o limite, não era por ter medo da morte; era porque não fazia parte da sua natureza provocar aquilo que anunciava; limitava-se a transmitir o Oráculo de Yavé. O seu Deus falava e ele repetia. Podia calar-se e não se expor a que uma espada lhe cortasse o pescoço de um só golpe, mas isso iria contra a sua natureza.

Além disso, com a mesma paixão com que Abias lhe servia a cabeça numa bandeja de prata, sem qualquer medo de que um dia o Asmoneu se cansasse da dança, com essa mesma paixão o seu profeta — não o profeta daquele rei, nem do tal ou tal rei, mas o seu profeta, o seu próprio —, aquele Abias atacava sem medir palavras contra saduceus e fariseus juntos, para atirar lenha à fogueira do ódio que os consumia a todos e os arrastava para a guerra civil.

«Este Abias é único», dizia-se. E o Asmoneu continuava o seu caminho, a rir-se às gargalhadas.

O Massacre dos Seis Mil

Coisa curiosa como poucas: o povo pensava o mesmo que o seu rei sobre a missão sagrada do último profeta vivo que lhes restava.

O povo corria ao encontro do sacerdote Abías, enchia o Templo durante o seu turno. Tal como se se tratasse de um enxame de crianças abandonadas à sua sorte no coração mais violento de uma selva de paixões alimentadas por um ódio que nunca se sacia, e de repente vissem erguer-se entre elas um homem de verdade, o povo de Jerusalém corria ao encontro de Abias em busca de entendimento, compreensão e esperança.

«Não choreis, filhos de Jerusalém, pelas almas que são arrancadas das suas casas pela violência. No seio de Abraão repousam, à espera do dia do Juízo. Choreis antes por aquelas que ficam, pois o seu destino é o fogo eterno», dizia-lhes Abias.

O homem de Deus e o povo estavam feitos um para o outro. Era a verdade. E ele, o Asmoneu, estava destinado a cortar cabeças e a ouvir depois a sentença do seu profeta sobre a sua própria:

«O Senhor falou, oráculo de Yavé, e não se arrependerá. A águia contempla do alto a serpente e o abutre planeia à espera do despojo. Os teus filhos são a carne. Quem é aquele que se esforça pela casa de outrem? No seu tempo, ver-se-á que há Deus nesta terra quando a serpente fugir da águia».

E isto também era verdade. Uma verdade tão grande como a ilha de Creta, como o Grande Mar, como o céu infinito cheio de estrelas, como a grande pirâmide do Nilo. E se

não, que perguntassem à montanha que o Asmoneu ergueu com as cabeças que arrancou dos seus pescoços naquele dia para o esquecimento.

Não foram duas nem três, nem cem nem duzentas. Foram «seis mil» as cabeças que o neto dos Macabeus sacrificou à sua paixão pelo poder absoluto. Seis mil almas num único dia. Que horror, que loucura, que humilhação!

Aconteceu na Jerusalém Santa, aquela Jerusalém para cujas muralhas todos os judeus do mundo dirigiam as suas orações. Não aconteceu na cidade de um rei bárbaro, nem aconteceu em pleno campo de batalha durante a liquidação dos caídos. Nem foram as cabeças de um povo estrangeiro que correram colinas abaixo pela Via Dolorosa acima até terminarem aos pés do Gólgota. Foram as cabeças dos seus vizinhos, as cabeças das pessoas que o cumprimentavam todas as noites, as cabeças das pessoas que costumavam dar-lhe os bons dias. Que desastre, que vergonha, que tragédia!

Aconteceu durante a celebração de uma festa religiosa. Uma das tantas que o calendário templário dedicava à memória dos acontecimentos inesquecíveis vividos pelos filhos de Israel, desde Moisés até aos dias de hoje. Aconteceu que o Asmoneu herdou dos seus pais o sumo sacerdócio. Na qualidade de Pontífice, foi celebrar o rito de abertura que quebrava a monotonia do ano. Aquele pormenor de se considerar igual a César, general e pontífice máximo, tudo num só, incomodava os nacionalistas mais do que qualquer outra coisa no mundo. Incomodava-os e divertia-os. Quando é que se viu uma cobra a sonhar em ser águia?

No seu papel de Papa dos judeus, lá foi o Asmoneu declarar abertas as festividades que costumavam quebrar a monotonia do ano. Sentou-se no seu trono de sumo sacerdote, totalmente imerso no seu papel de Sua Santidade na Terra. Estava prestes a dar a sua bênção «*urbe et orbis*» quando, de repente, sem aviso, movido por uma inexplicável mudança de humor, o povo começou a atirar-lhe tomates podres, vermes fétidos, batatas misturadas com lama cheia de vermes, limões da época em que os dinossauros habitavam a Terra Santa. Que escândalo! Os seus inimigos contemplaram o espetáculo a partir das muralhas. Com os olhares, perguntaram-se tudo: O que fará o Asmoneu? Vai retirar-se para dentro e deixar as coisas seguirem o seu curso? Ou sairá enfurecido com a ira de um semideus tirado do seu sétimo sonho, o triunfalista?

Pela barba de Moisés, se o Asmoneu os tivesse deixado continuar, com certeza os habitantes de Jerusalém teriam transformado a festa num concurso e teriam apostado tudo para ver quem atirava a última pedra primeiro. O Asmoneu sacou a sua espada de debaixo

do braço dos santos e deu a ordem aos seus cães de guerra: «Que não fique nem um!», rugiu sanguinário.

O que se viu então nunca se tinha visto em toda a história dos judeus. Nunca antes se tinha visto sair do Templo um exército de demónios macabros, espada na mão, degolando sem olhar por idade nem sexo. Se no Templo de Jerusalém o Senhor Deus tinha o seu trono, a quem estavam então subordinados aqueles monstros assassinos que ceifavam vidas sem olhar por quem?

Não será antes o Diabo quem tem o seu trono nesta Jerusalém dos Asmoneus?, perguntar-se-iam mais tarde, inconsoláveis, os familiares dos mortos, enquanto, descendo a Via Dolorosa, acompanhavam os seus falecidos até ao Cemitério Judaico. Nessa altura, já seria tarde demais!

Naquele dia de festa e alegria, os cães do Asmoneu espalharam-se pelas ruas e, à medida que iam encontrando judeus, iam degolando-os, perfurando-os, mutilando-os, decapitando-os, cortando-os em pedaços, por diversão, por desporto, por paixão, por devoção ao Diabo.

Este, o Diabo, sentado no seu trono, contemplava aquela orgia de sangue e terror e, tomado pela angústia de quem sabe que o dia terrestre tem apenas 24 horas, lamentava-se da rapidez com que passam duas dúzias de sessenta minutos. Se tivesse tido à sua disposição mais uma dúzia, certamente não teria deixado vivo nem um único judeu. A vontade do Diabo era clara: matá-los a todos; mas o poder absoluto do seu servo para a executar não chegava a tanto. Assim, senhor e servo tiveram de se contentar com o número de seis mil cabeças. O que, afinal, não era assim tão mau para um único dia. Afinal, nem mesmo o demónio mais maléfico, a trabalhar a todo o vapor, teria ultrapassado esse número por muito. Diz-se muito depressa «seis mil mortos» num único dia.

Flávio Josefo, o historiador oficial dos judeus, na sua época acusado de falsificador pelos historiadores cristãos, foi ambicioso ao indicar seis mil mortos num único dia. A questão é: será que Flávio Josefo reduziu o número de vítimas ao mínimo possível, com o intuito de amenizar, aos olhos dos romanos, a dimensão da tragédia? Ou, pelo contrário, movido pela sua política de ódio para com a dinastia asmoneia, exagerou o número?

Como todos sabem, entre os judeus, a popularidade dos Asmoneus caiu drasticamente nos últimos tempos; ao ponto de vir a ser considerada pelas gerações que se seguiram como um período amaldiçoado, uma mancha negra na história do povo eleito. Certamente que Flávio Josefo partilhava desta última opinião e era especialmente crítico em relação aos

dinastas asmoneus, sobretudo em relação ao governo de Alexandre I Janneu, tendo exagerado a gravidade dos seus crimes com o objetivo de transmitir aos seus compatriotas o seu ódio particular. Ou pode ter sido o contrário e minimizou o número, pensando na repulsa visceral que os seus leitores romanos sentiriam ao ler a história daquele massacre. Voltemos, no entanto, aos factos.

Do ponto de vista do asmoneu, o ideal teria sido que não restasse ninguém para contar a história. Mas, como os mortos não falam, a fama daquele dia não teria ficado gravada na memória e ninguém se teria lembrado dela no dia seguinte.

Infelizmente para os malfeitores, o Diabo exalta a sua glória mais do que a sua glória infernal merece; consequentemente, os seus servos acabam sempre frustrados e presos nas teias de uma aranha que, sem ser todo-poderosa, é suficientemente forte para os engolir a todos nas suas manobras. O natural seria que um príncipe do Inferno se sentasse a contemplar a sua obra a partir do epicentro da glória de quem está para além do bem e do mal; felizmente, os chifres do Diabo torcem-se para baixo e, contra a natureza, acabam por se cravar nas costas do próprio demónio. Ignorantes do seu destino, mais cedo ou mais tarde os seus adoradores acabam por dar-se mal e, claro, assim cheiram mal.

Em suma, mesmo que a vontade do Diabo fosse o extermínio total dos judeus, caramba! Eu diria que algum tinha de ter ficado. E como parece que, no dia seguinte, toda a Jerusalém se fartou de chorar, não minto ao dizer que algum ficou mesmo.

Depois, repensando o assunto com mais clareza e tempo, o Asmoneu não conseguiu encontrar a saída do labirinto em que, na sua ira, se tinha metido. Tudo aconteceu tão depressa. Se ao menos tivesse cheirado o guisado que se estava a cozinhar nas suas costas! De qualquer forma, também não mostrou qualquer sinal de arrependimento. Pelo contrário. «É para ver, é uma maravilha o tempo que um cachorrinho da espécie humana demora a crescer e o pouco tempo que demora a sangrar até à morte!», disse para si mesmo.

O Asmoneo nunca se cansava de se maravilhar. Mais tarde, durante o enterro em massa dos infelizes habitantes de Jerusalém que ficaram presos nas teias da sua loucura insana, o Asmoneo não parava de abanar a cabeça. Ninguém sabia se era por pena ou porque sentia falta de algum que outro morto.

Acho que o Asmoneu cometia os seus massacres com a mente de um cientista em pleno projeto de experimentação de uma nova fórmula. «Se matar duzentos, o que acontecerá? E se subtrair um e somar trinta e tal?» Um monstro! O seu amor pela investigação não tinha limites. ora fritava um punhado de crianças *«made in Fariseolândia»*,

ora devorava um prato de virgens no seu molho. Mas sem se deixar levar pela paixão, tudo muito correto, muito escrupulosamente, com a objetividade fria e cortante de um Aristóteles a lecionar Metafísica ao ar livre.

Quem disse que os homens não podem tornar-se demónios, se sabemos que alguns chegaram a ser como os anjos!

Chamaram-lhe o Asmoneu — a sua alcunha para a posteridade — em memória de um homónimo do inferno, um demónio da corte do príncipe das trevas. Tal como o seu homónimo maligno, Alejandro Janneo sentia pelo trono um amor assassino que lhe devorava as entranhas e transformava-lhe o sangue em fogo.

O Asmoneu tinha fogo em vez de sangue nas veias. O fogo saía-lhe pelos olhos, de tão malignos que eram os seus pensamentos. Quem se atrevia a sustentar o olhar do Asmoneu via o Diabo por trás das suas pupilas, a dominar o seu cérebro e, a partir daí, a tramar todo o tipo de maldades contra Jerusalém, contra os judeus, contra os gentios, contra o mundo inteiro. E o mais trágico era que o Asmoneu não acreditava em nada.

«Se Deus não existe, como é que o Diabo vai existir?», confessava o sumo pontífice dos hebreus aos seus homens. Um Papa ateu! Que César fosse sumo pontífice e fosse pagão, ateu e toda a tralha que isso implica, ainda se admite. Mas que o Pontífice dos judeus fosse mais ateu do que César, como é que se engoliria essa?

A verdade é que, naquela ocasião, o Asmoneu esteve quase a deixar-se massacrar. No fim, pensou melhor e disse para si mesmo: «Mas que tolo que sou, mais um pouco e ia acreditar mesmo que sou o Santo Padre».

A verdade, se é preciso contar toda a verdade, é que o humor popular passou tão rapidamente da alegria mais saudável à demência mais absoluta que não se pôde fazer nada. Então, como culpar o Asmoneu por ter lutado pela sua vida e por se ter defendido, levando ao extremo o sagrado direito à autodefesa?

E como absolvê-lo de ter provocado, com os seus crimes, uma situação tão terrível?

Não é fácil encontrar o culpado, o bode expiatório a quem atribuir aquele massacre monstruoso. O que o Asmoneu não ia fazer era assumir a culpa. De tolo, não tinha nem um fio de cabelo.

«Que tremam as pedras do Muro das Lamentações, que tremam», disse ele para si mesmo. «Que o sangue corra furioso por Jerusalém abaixo até ao Jardim dos Oliveiros, que corra. Que o vento, comovido, leve nas bochechas dilaceradas uma elegia por Jerusalém que despedaçará a alma de Alexandria do Nilo, de Sardes, de Mênfis, de Seleucia do Tigre

e até da própria Roma, que a leve. O que me preocupa é quando a vida me concederá a graça de acabar com os cobardes que fugiram como ratos. Se tanto os amavam, já que tanto choram por eles, por que os abandonaram à matança?», assim justificava o asmoneu o seu crime.

Os sicários do Asmoneu riam-se da piada. Os judeus, pelo contrário, não sabiam como conter o grito de vingança. Se já antes não suportavam o Asmoneu, que lhes arrancava as filhas sem lhes dar dinheiro em troca, e as levava e vendia à sua vontade e capricho invocando tradições salomónicas, todas elas sagradas; se já não conseguiam vê-lo quando matava os seus filhos pelo simples facto de tentarem abrir os lábios para protestar contra os seus crimes surdos; após o Massacre dos Seis Mil num único dia, o ódio deu as mãos à loucura e a declaração de guerra sem tréguas contra o Asmoneu fez-se ouvir de um extremo ao outro do mundo.

«O Asmoneu tem de morrer», exigia Alexandria do Nilo.

«Morte ao Asmoneu», repetia Seleucia do Tigre.

«O Asmoneu morrerá», jurava Antioquia da Síria.

«Amém», respondia Jerusalém, a Santa.

Os Magos do Oriente

O ódio ao Asmoneu espalhou-se de sinagoga em sinagoga. Uma sinagoga passou a mensagem à outra e, em menos tempo do que o Asmoneu teria desejado, o mundo inteiro ficou a par dos seus feitos.

«As asas de Mercúrio são, de facto, leves, Alteza», disseram os seus cães de guerra, para lhe tirar a preocupação.

«Consolo de tolos, lágrimas de crocodilo», dizia o provérbio.

O facto é que o ódio dos habitantes de Jerusalém contra o Asmoneu voou com asas leves de um extremo ao outro do mundo judaico. Como não poderia deixar de ser, a notícia chegou também à sinagoga-mãe, a Grande Sinagoga do Oriente, a sinagoga mais antiga do universo.

Embora fundada pelo profeta Daniel na Babilónia de sempre, a Babilónia das lendas, a Babilónia clássica dos antigos, com a mudança dos tempos e as transformações do mundo, a Grande Sinagoga do Oriente mudou de localização. Na época atual, os Magos de Nabucodonosor tinham-se deslocado para a capital de um imperador que não conheceu a glória dos caldeus nem se interessava pelos fantasmas de Akkad, Ur, Lagash, Umma e outras cidades eternas da Era dos Heróis e dos deuses, quando criaturas de outros mundos acharam belas as mulheres humanas e, contrariando a proibição divina, misturaram o seu sangue com o delas, cometendo contra as leis da Criação um pecado inesquecível, crime que é punido com o exílio de todo o cosmos.

Alexandre, o Grande, como todos sabem, destruiu aquela Babilónia das Lendas. O seu sucessor no trono da Ásia, Seleuco I, «o Invencível», deve ter pensado que não valia a pena reconstruir as suas muralhas e, em vez disso, mandou construir uma cidade inteiramente nova. Seguindo a moda da época, chamou-lhe Seleucia; e do Tigre, por se situar nas margens do rio com o mesmo nome.

Obrigados pelo novo rei dos reis, os habitantes da Velha Babilónia mudaram de residência e vieram povoar a Nova. De boa vontade ou por imposição de um decreto, eis o dilema. Mas, conhecendo a estrutura daquele mundo, podemos dar-nos ao luxo de acreditar que a mudança de residência se deu sem mais protestos do que os daqueles a quem foi negada a autorização de residência. Ao construir Seleucia do Tigre, o seu fundador afastou da cidade os elementos persas que não tinham sido eliminados por Alexandre, o Grande. Uma medida que, como compreenderão, beneficiou as famílias judaicas que, à sombra da aristocracia persa, dirigiam o comércio entre o Extremo Oriente e o Império. Protegidos pelos aqueménidas e peritos em todas as funções governamentais, os judeus alcançaram no Império Persa uma posição social relevante, ao ponto de suscitar a inveja de um setor da aristocracia. A Bíblia conta-nos como a conspiração deste setor contra os judeus deu origem à primeira «solução final», milagrosamente abortada pela ascensão ao trono da rainha Ester. Superada esta crise, a natureza seguiu o seu curso. Os descendentes da geração da rainha Ester dedicaram-se ao comércio e, com o tempo, tornaram-se os verdadeiros intermediários entre o Oriente e o Ocidente.

Quando Alexandre derrubou a Babilónia persa, as famílias judaicas ficaram livres da subjugação ao senhor aqueménida. Alexandre foi sucedido no governo da Ásia pelo seu general Seleuco I, o Invencível. Com a mudança de senhor, a situação dos judeus melhorou. A única coisa que Seleuco exigiu aos residentes de Selêucia do Tigre foi que se dedicassem aos negócios e não se intrometessem na política.

Eliminada a concorrência persa, sozinhos à frente do comércio entre o Oriente e o Ocidente, por volta do século em que nos encontramos, o primeiro antes de Cristo, as famílias hebraicas que tinham sobrevivido às transformações dos dois séculos anteriores chegaram a enriquecer enormemente. (Não esqueçamos que as minas do rei Salomão tinham a sua origem no controlo do comércio entre o Oriente e o Ocidente. Foi para esta área que os Libertados de Ciro direcionaram o seu talento. Tanto mais quanto a reconstrução de Jerusalém e a aquisição pacífica da terra perdida lhes custariam montanhas de prata. Como todos sabemos, o dízimo devido por todo o hebreu ao Templo era um

dever sagrado. Com o desaparecimento do Templo, esse dízimo deixou de fazer sentido. Mas, ao ser reconstruído e voltar a funcionar, a necessidade de fazer chegar a Jerusalém esse dízimo universal exigiu o nascimento de uma filial de cobrança: a sinagoga.

A Grande Sinagoga do Oriente, dirigida pelos Magos da Babilónia, foi criada para ser a central a partir da qual o dízimo de todas as sinagogas dependentes do Império Persa seria canalizado para Jerusalém. Quanto melhor fosse a situação de todas as sinagogas, mais caudaloso seria o rio de ouro que, seja em metal, seja em especiarias — ouro, incenso e mirra —, desaguaria no Templo.

A paz universal era do interesse dos judeus na medida em que garantia as comunicações entre todas as partes do império. Os anos da conquista grega e as décadas subsequentes de guerra civil entre os generais de Alexandre constituíram um obstáculo que travou esse afluxo de ouro e especiarias que, todos os anos, os Magos costumavam levar para Jerusalém. No entanto, apesar de ter sido trágico para o Templo o fim desse abastecimento de ouro, Jerusalém foi recompensada quando, ao tornar-se Alexandria do Nilo uma cidade imperial, da sua sinagoga surgiu um novo afluxo de capital sagrado. Ou seja, acontecesse o que acontecesse, o Templo saía sempre a ganhar; e fossem quais fossem as mudanças políticas, os Magos do Oriente chegavam sempre à Cidade Santa com a sua carga de ouro, incenso e mirra.

Naquela época, na comunidade judaica de Selêucia do Tigre, a notícia da guerra de independência dos Macabeus suscitou um clamor profético espontâneo. À distância, a Grande Sinagoga do Oriente esperava há séculos por esse sinal. Finalmente, tinha chegado o Dia anunciado pelo anjo ao profeta Daniel. Três séculos se tinham passado à espera deste momento, três séculos se tinham diluído para além do horizonte do tempo, três longos e infinitos séculos, à espera desta Hora da Libertação Nacional. A profecia de Daniel pairava sobre o horizonte da Sinagoga dos Magos do Oriente como uma espada ansiosa por entrar em batalha.

«A visão das tardes e das manhãs é verdadeira», dizia, «guarda-a no teu coração, pois é para muito tempo».

«O carneiro de dois chifres que viste é o rei da Grécia, e o grande chifre entre os seus olhos é o seu rei: quando se partir, surgirão em seu lugar quatro chifres. Os quatro chifres serão quatro reinos, mas não terão tanta força como aquele».

Não se cumpriu a profecia quando Alexandre, o Grande, derrotou o rei da Pérsia e da Média e se concretizou quando, após a sua morte, os seus generais dividiram o império, resultando da guerra dos Diádocos na formação de quatro reinos?

Cumprida a profecia da conquista do império persa pelo heleno, o entusiasmo que a Revolta Macabeia despertou entre os jovens da Nova Babilónia foi tão intenso em paixão quanto grande foi, nos líderes da sua sinagoga, o desejo de voltar a ser jovens para empunhar a espada e seguir rumo à vitória o campeão que Deus lhes tinha suscitado.

Também em Alexandria do Nilo, em Sardes, em Mileto, em Atenas e em Reggio de Calábria, onde quer que uma sinagoga tivesse criado raízes e prosperado, ali os jovens alistavam-se e os mais velhos equipavam-nos para a glória.

Vida longa a Israel! Com esta proclamação respondiam os valentes ao grito de guerra do Macabeu: «A mim, os de Yahweh».

A vitória final dos Macabeus, por mais que tivesse sido profeticamente anunciada desde o início, não deixou de ser celebrada pelos judeus como se nunca ninguém lhes tivesse dado essa notícia. Os irmãos Macabeus morreram, como todos sabem, mas os seus feitos foram escritos no Livro dos livros para que os seus nomes permanecessem para sempre na memória dos séculos.

Partido dos saduceus contra Sindicato dos fariseus

A exaltação pela independência conquistada elevou o ânimo do povo. O grito de vitória que a Guerra dos Macabeus suscitou no mundo judaico despertou a esperança no povo.

O que aconteceu a seguir foi uma surpresa para todos. A satisfação de viver a Liberdade ainda adocicava as suas almas. Pode dizer-se que desfrutavam da embriaguez do doce vinho da liberdade quando, ao virar da esquina e ao iniciar a reta final, o velho fantasma do fratricídio de Caim despertou do seu letargo.

Veio de surpresa? Ou talvez não? Como afirmá-lo? Como negá-lo? Viram-no chegar, não o viram chegar? Em que estavam a pensar quando olharam para trás? Nunca aprendiam? Aqueles que, a partir de dentro, propiciaram a «solução final» de Antíoco IV Epifânio, não voltariam a quebrar a paz, semeando, no dia da liberdade, a discórdia das paixões violentas pela posse dos tesouros do Templo?

Não foram os saduceus, o partido sacerdotal, que empurraram Antíoco IV Epifânio a decretar a solução final contra o judaísmo? A Bíblia diz que sim. Dá nomes, detalhes. Sumos sacerdotes que matam os seus irmãos, pais que assassinam os seus filhos em nome do Templo.

A HISTÓRIA DIVINA

Mais tarde também, quando as hordas criminosas da Quarta Dinastia dos Antíocos se lançaram à tarefa, os saduceus foram os primeiros a abandonar a religião dos seus pais. Escolheram a vida, desertaram do Deus dos seus pais, sacrificaram aos deuses gregos. Covardes, renderam-se à Morte, dobraram os joelhos, venderam-se ao mundo e, pior ainda, venderam os seus.

É lógico, portanto, que, ao deflagrar-se a Guerra dos Macabeus, os fariseus, o sindicato dos doutores da Lei e dos diretores das sinagogas nacionais e estrangeiras, assumissem as rédeas do Movimento de Libertação Nacional, envolvessem o Macabeu na glória do general que o Senhor lhes tinha suscitado e se lançassem à vitória com a confiança de quem é proclamado vencedor desde o primeiro dia da sua revolta.

Coisas da vida! Uma vez escrita a História dos Macabeus, começou a escrever-se a história das invejas. Os velhos fantasmas da luta entre o partido dos saduceus e o sindicato dos fariseus ameaçavam novamente uma tempestade. O vento começou a soprar. Assim, a chuva não tardaria a cair.

Será que o clero aaronita pediu perdão pelos pecados cometidos durante o domínio selêucida?

O clero aaronita não pediu perdão público pelos seus pecados. Os saduceus não baixaram a cabeça, não aceitaram o «mea culpa». O Templo pertencia-lhes por direito divino.

Não, Deus, eles eram os donos dos Tesouros do Templo. Pelo contrário, se os fariseus assumissem o controlo do Templo, isso não significaria uma rebelião dos servos contra os seus senhores?

Claro que sim. Do ponto de vista do partido saduceu, qualquer movimento do sindicato dos doutores da Lei na direção contrária seria interpretado como uma declaração de guerra civil.

Como é o ser humano! Mal a nação tinha quebrado as suas correntes, os seus líderes já começavam a afiar as unhas. Quanto tempo demoraria o ultimato a chegar?

A verdade, a verdadeira verdade, é que o ultimato não demorou a fazer ouvir a sua proclamação fratricida. «Ou lhes devolviam o poder — ameaçaram os saduceus — ou coroariam um rei em Jerusalém».

Houve puxões de cabelo, dores de cabeça, túnicas rasgadas, cinzas a pedir passagem, ameaças a gerar fantasmas, lanças que se partiam sozinhas, machados de guerra que se

perdiam e eram deixados a aparecer como se nada fosse. Saducéus e fariseus estavam prestes a matar-se em nome de Deus!

Quem os iria deter? Quem lhes iria travar os passos?

A ameaça de uma guerra civil pairou na atmosfera de Jerusalém durante todo o governo de João Hircano I. Deus proibiu os judeus de se coroarem rei fora da Casa de David. Os saduceus não só pensaram num filho dos Macabeus como rei, como passaram do pensamento aos factos consumados.

Os fariseus ficaram furiosos. Quando descobriram a jogada mestre que os saduceus estavam a preparar para dar xeque-mate à Lei, os fariseus levantaram um alvoroço.

«Será que somos uma nação sem juízo?», perguntavam-se publicamente os seus sábios. «Porque é que caímos repetidamente na mesma armadilha? O que se passa connosco? Qual é a natureza da nossa condenação pelo pecado do nosso pai Adão? Sempre que o Senhor nos dá a vida, não conseguimos resistir ao fruto da árvore proibida. Agora, Caim quer desafiar Deus a impedi-lo de matar o seu irmão Abel. E nós vamos permitir que os pastores atirem o rebanho para o precipício das suas paixões? Se reinar um filho dos Macabeus, estamos a trair Deus. Irmãos, já ultrapassámos o dilema. Mais vale morrer a lutar pela verdade do que viver de joelhos a adorar o Príncipe das Trevas».

Foram muitas as palavras que se trocaram. Via-se claramente, numa noite de lua cheia, que a guerra civil acabaria por romper a paz ao amanhecer. Por muito que Abel amasse o seu irmão Caim, a loucura de Caim ao desafiar Deus obrigava Abel a defender-se.

Os tempos tinham mudado. O primeiro Abel caiu sem exercer o seu direito à autodefesa porque nasceu nu, viveu nu perante os seus pais e o seu irmão. Nunca levantou a mão a ninguém. A paz era o seu problema. Abel era, na sua totalidade, paz. Quem era todo paz, como poderia imaginar a existência de um coração sombrio, alimentado pelas trevas, precisamente no peito do seu próprio irmão! A inocência de Abel foi a sua tragédia.

E a sua glória aos olhos de Deus.

Caim não pensava com a cabeça, pensava com os músculos. Aquele homem acreditava que a força da inteligência e a dos músculos estavam sujeitas a alguma misteriosa lei de correspondência. Quem tem o braço mais poderoso é o mais forte. O mais forte é o rei da selva. Consequentemente, o destino dos fracos é servir ao mais forte ou perecer.

Tal como Caim, os saduceus caíram na armadilha das suas ambições pessoais. Assim, a guerra civil pelo poder, mais cedo ou mais tarde, acabaria por eclodir. Talvez mais tarde do que cedo. Dava no mesmo. Ninguém conseguia prever o quando, a data exata. O que

se passava era que a guerra civil estava a amadurecer no ambiente. A atmosfera estava a ficar tensa. Era algo que se sentia no ar. Um dia, um dia... Mas não nos adiantemos aos acontecimentos.

O povo ainda estava a celebrar a vitória contra o Império dos Selêucidas quando, de repente, espalhou-se a notícia do crime abominável cometido pelo filho de João Hircano I. Não contente com o sumo sacerdócio, que a nação aceitou contra a sua própria consciência, mas sobre o qual se calou tendo em conta as circunstâncias, o filho de João Hircano I colocou a coroa na cabeça.

Com a sua coroação, os Asmoneus acrescentaram a um crime grave, contra a natureza, outro ainda pior. À frente de tal violação das leis sagradas encontravam-se os saduceus. O Partido Saduceu — recordemos as suas origens — foi uma criação espontânea da casta sacerdotal. Foi criado para defender os seus interesses de classe. Os interesses dos clãs sacerdotais estavam ligados ao controlo do Tesouro do Templo. Com o passar do tempo e uma cana, as mudanças na cúpula do Templo foram gerando clãs poderosos, cujos membros foram-se juntando por inércia ao Sinédrio, uma espécie de Senado Romano ao estilo das tradições mais salomónicas. A luta entre esses clãs pelo controlo do Templo foi o motor que conduziu os judeus à situação da «solução final» adotada por Antíoco IV, solução final que derramou tanto sangue inocente no cálice da ambição maligna dos pais desses mesmos saduceus que agora coroavam, contra a Lei de Deus, o filho de Hircano I como rei de Jerusalém.

Criadores indiretos da «solução final» antijudaica, os saduceus perderam o controlo do Templo durante todos os anos em que duraram as gestas dos Macabeus. Judas, o Macabeu, expulsou-os do Templo. Ele eliminou com o martelo o que a foice da Morte poupou. É lógico que, aos olhos dos saduceus, os Macabeus fossem ditadores!

O Sindicato dos Fariseus — aprofundemos um pouco a oposição — provinha das bases encarregadas da cobrança do dízimo. O Sindicato era o aparelho de que o Partido se servia para manter a fluir, de todo o mundo para os cofres do Templo, aquele rio de ouro que estava na origem da luta fratricida entre os diferentes clãs sacerdotais. Funcionários ao serviço do clero aaronita, os fariseus viviam da cobrança do dízimo e das oferendas pelos pecados cometidos pelos particulares.

Quando os saduceus começaram a matar-se entre si pelo controlo da Galinha dos Ovos de Ouro, os fariseus assumiram a direção dos acontecimentos e utilizaram as oferendas do povo para equipar os jovens voluntários que, vindos de todo o mundo,

acorreram para lutar sob as ordens dos Macabeus. Assim, no final da Guerra da Independência, a situação tinha-se invertido e era o Sindicato Fariseu que estava no comando. O Partido Sadduceu, como é compreensível, não iria tolerar esta mudança por muito tempo.

A contraofensiva do Partido dos Saduceus não foi nem elegante nem brilhante, mas foi eficaz. Bastava colocar-se na pele da Serpente e tentar os Asmoneus com o fruto proibido da coroa de David.

Aquela batalha interna entre o Partido e o Sindicato pelo controlo do Templo suscitou, no mundo hebraico de vanguarda, um clamor espontâneo de indignação e ira. Foi então que os mesmos recursos que, no seu tempo, tinham sido postos ao serviço da Independência entraram em cena, dispostos a destronar o usurpador.

Entre fariseus e saduceus, estavam a transformar a nação numa visão abominável aos olhos do Senhor.

Era urgente fazer algo, era urgente declarar guerra aos interesses privados do Partido e do Sindicato, restaurar o estatuto nacional de acordo com o modelo descrito nas Escrituras.

Era urgente.

Havia tantas coisas urgentes.

E nada era urgente.

Segundo os sábios mais eminentes das escolas mais elegantes de Alexandria do Nilo, de Atenas e da Nova Babilónia — chamemos-lhe Seleucia do Tigre —, todos os judeus do mundo tinham a sagrada obrigação de considerar o reinado dos Asmoneus como um governo de transição entre a Independência e a Monarquia Davidica.

Não, senhor, não convinha à fragilidade da Independência recém-conquistada apanhar a gripe da guerra civil. Em nome do fortalecimento da Liberdade reconquistada, todas as sinagogas tinham de se manter unidas e apoiar o rei de Jerusalém. Conforme se fosse vendo como os acontecimentos evoluíam, tomariam-se as medidas necessárias para avançar no sentido da transferência da coroa de uma casa para a outra.

— Pois é, os sábios, sempre tão sábios! Acham que sabem tudo e, no fim de contas, não sabem nada — começaram a responder-lhes as novas gerações. A indignação das novas gerações perante a situação aceite demorou a vir à tona. Mas acabou por surgir na sequência do Massacre dos Seis Mil.

Simeão, o Justo

«A apresentação no Templo»: Assim, cumpridos os dias da purificação, conforme a Lei de Moisés, levaram-no a Jerusalém para o apresentar ao Senhor, tal como está escrito na Lei do Senhor que todo o «primogénito do sexo masculino seja consagrado ao Senhor», e para oferecer em sacrifício, conforme prescrito na Lei do Senhor, um par de rolas ou dois pombinhos. Havia em Jerusalém um homem chamado Simeão, justo e piedoso, que aguardava a consolação de Israel, e o Espírito Santo repousava sobre ele. Tinha-lhe sido revelado pelo Espírito Santo que não veria a morte antes de ver o Cristo do Senhor. Impelido pelo Espírito, dirigiu-se ao Templo e, quando os pais entraram com o menino Jesus para cumprir o que a Lei prescreve a respeito dele, Simeão tomou-o nos braços e, bendizendo a Deus, disse: Agora, Senhor, já podes deixar o teu servo partir em paz, segundo a tua palavra; pois os meus olhos viram a tua salvação, que preparaste diante de todos os povos; luz para iluminar as nações e glória do teu povo Israel.

Simeão — o nosso próximo protagonista — descendia de uma daquelas famílias que sobreviveram à pilhagem de Jerusalém e conseguiram prosperar plantando as suas vinhas

na Babilônia. Esta era uma verdade que Simeão podia demonstrar no momento e no local em que lhe fosse solicitado.

Embora não pareça perfeito nem adequado dizê-lo, pois traz à mente leis que evocam acontecimentos tristes e nefastos, Simeão era hebreu de raça pura. Perante as autoridades mais experientes e qualificadas do seu povo, sempre que quisessem, e se se tratasse de gentios curiosos a abordar o assunto com o único objetivo de colocar em apuros os amantes do pedigree, das linhagens antiquadas e tudo isso, o mesmo se aplicava; quando quisessem e na mesa que lhe colocassem, lá estava Simeão, o babilônio, pronto para apresentar o documento genealógico dos seus pais, que era como um navio a caminho direto das raízes da árvore sob cujos ramos Adão conquistou Eva.

Os seus pais viveram o Cativo da Babilônia, bem como a Queda do Império dos Caldeus; saudaram a Chegada do Império Persa; viveram a revolução dos Gregos. E, claro, o domínio dos Helenos. Com o passar do tempo, a casa de Simeão cresceu, tornando-se uma Casa poderosa entre os judeus e rica aos olhos dos gentios. Em condições normais, Simeão herdaria o negócio do seu pai, visitaria a Cidade Santa pelo menos uma vez na sua vida, seria feliz entre os seus e esforçar-se-ia toda a vida por ser um bom crente perante os homens e perante Deus. Herdeiro de um dos banqueiros mais abastados de Selêucia do Tigre, tudo estava preparado para que, quando Simeão morresse, inúmeras lamentadoras o chorassem. Após a sua morte, quando o reino de Israel fosse proclamado pelo filho de David, os seus descendentes desenterrariam os seus ossos e enterrá-los-iam na Terra Santa.

Esta crônica deveria ter sido o resumo da existência de Simeão, o Babilônio. Mas a usurpação dos filhos dos Macabeus apagou do livro da sua vida toda essa felicidade perfeita. Planos tão belos não tinham sido traçados para ele. Aquela ideia de sentar-se e esperar para ver como os acontecimentos se desenrolavam antes de empreender a ação definitiva, para o caso de o Senhor estar a usar o reinado dos Asmoneus como um período de transição entre os Macabeus e o reino messiânico — conselho dos chefes da sinagoga de Seleucia do Tigre —, não era para ele. Simeão já há demasiado tempo ouvia aquela tagarelice. E, depois do Massacre dos Seis Mil, já não queria, nem mesmo em sonho, ouvir tais palavras de prudência.

A derrubada do Asmoneu não era algo que pudesse continuar a ser adiado para amanhã, nem para depois de amanhã, nem mesmo para a tarde desse mesmo dia. O Asmoneu tinha de morrer, já. Cada dia que ele continuava vivo era uma ofensa. Cada noite

que se deitava, a Nação encontrava-se um passo mais perto da sua destruição! O Asmoneu tinha quebrado todas as regras.

Primeiro: a sua família tinha sido escolhida e recebido o sumo sacerdócio, ignorando as tradições e os ritos hereditários. Um estrangeiro, e não o conselho dos santos na sua totalidade, tinha-lhe concedido a autoridade suprema.

A sentença contra tal usurpação de funções sagradas era a pena capital.

Segundo: contrariando as tradições que proibiam o sumo sacerdote de empunhar a espada, o Asmoneu colocara-se à frente dos exércitos.

A pena por este crime era, mais uma vez, a pena capital.

Terceiro: Contrariando as tradições canónicas mais firmes, o asmoneu não só tinha violado a monogamia que regulava a vida do sumo sacerdote, como também, tal como um Salomão ressuscitado, cultivava o seu próprio harém de jovens.

A pena por este crime era, mais uma vez, a pena capital.

E quarto: contra a lei divina que proibía o acesso ao trono de Jerusalém a qualquer membro que não fosse da Casa de David, o Asmoneu, ao fazê-lo, estava a arrastar toda a nação para o suicídio.

Por todas estas razões, o Asmoneu tinha de morrer, independentemente do preço ou dos meios a empregar.

Estes argumentos de Simeão acabaram por convencer os chefes da sinagoga de Selêucia do Tigre da necessidade urgente que o mundo tinha de pôr fim à dinastia asmoneia. Com esta missão sagrada, Simeão, o Babilónio, abandonou a casa dos seus pais e veio para Jerusalém.

Rico e portador do dízimo da sinagoga dos Magos do Oriente, a sua política de amizade com a coroa asmoneia — que necessitava de apoio financeiro para alargar a reconquista militar do reino, ponta de lança com a qual Simeão, o Babilónio, conquistaria a amizade do seu inimigo — acabaria por lhe valer, ao mesmo tempo, a desconfiança daqueles entre os quais deveria erguer-se como a mão invisível que movia os fios a favor dos davídicos. Um jogo duplo que o manteria a caminhar sobre uma corda no abismo, desde o dia da sua chegada até ao dia da vitória.

Enquanto empregava todo o seu poder para manter a cabeça no pescoço, Simeão, o Babilónio, tinha de manter a sua revolução dentro dos limites estritos das questões internas. O Egito dos Ptolomeus permanecia à espreita, à espera do enfraquecimento de Jerusalém, e uma guerra civil judaica servir-lhe-ia de ocasião propícia para invadir o país e saqueá-lo.

Do outro lado do rio Tigre estavam os partos. Sempre ameaçadores, sempre ansiosos por romper a fronteira e anexar as terras a oeste do Eufrates.

Embora em agonia a norte, os helenos aguardavam a revanche e não perdiam tempo para, aproveitando uma guerra civil romana, reconquistar a Palestina perdida.

Em suma, a necessidade de purificar Jerusalém da abominação desoladora não podia pôr em risco a liberdade conquistada pelos antepassados dos Asmoneus.

6

História dos Asmoneus

Aristóbulo I, «o Louco»

Após a morte de João Hircano I, filho de Simão, o último dos Macabeus, o seu filho Aristóbulo I sucedeu-lhe no governo da Judeia. Neste capítulo, a memória do povo israelita perde-se no labirinto das suas próprias fobias e medos face à verdade. Segundo alguns, o filho de João Hircano I não tentou usurpar a coroa. Simplesmente herdou-a do seu pai.

Segundo a posição oficial, a abominação que selou a ruína foi cometida contra o pai por um filho que teve de superar a oposição acirrada da sua mãe e dos seus próprios irmãos. Em suma, nada é claro, exceto a necessidade de ir ao encontro da realidade, seguindo a pista dos factos. Pessoalmente, desconheço em que medida esses factos são fundamentais para determinar a culpa do pai, em desculpa da absolvição do filho.

Se Aristóbulo I se coroou rei contra o testamento do seu pai ou se se limitou apenas a legitimar uma situação monárquica encoberta, com absoluta certeza nunca o saberemos, pelo menos até ao dia do júízo final.

O facto é que Aristóbulo I deu início à gloriosa crónica do seu reinado, surpreendendo estranhos e conhecidos com a prisão perpétua dos seus irmãos. Motivos, razões, causas, desculpas? Bem, aqui entramos no eterno dilema sobre o que os protagonistas da História fizeram e o que eles gostariam que fosse escrito. Entramos nesta discussão ou deixamos para outro dia? Quero dizer, que motivo mais forte existe para alcançar o Poder do que a paixão pelo Poder? Poder absoluto, Poder total. A liberdade de quem está para além do Bem e do Mal, a glória de quem se ergue acima das Leis porque ele próprio é a Lei. A Vida numa mão, a Morte na outra, o povo aos seus pés. Ser como um deus! Ser um deus! A tentação amaldiçoada, a polpa do fruto proibido, ser como um deus, longe do olhar da justiça, para além do longo braço da lei. Não era astuto o Diabo? Que aquela paixão por ser como um deus tivesse revelado a sua natureza vírica, venenosa, quando transformou um anjo naquela Serpente, mãe de todos os demónios, «pois muito bem», respondeu Aristóbulo I a si mesmo, «espalharei generosamente o meu veneno por toda a terra, começando pela minha casa».

Horror, desilusão, levem-me para longe dos sonhos do Demónio. Acordem-me, céus, beleza, num recanto do Paraíso.

Que loucura é essa que arrasta o barro a crer-se mais forte do que o dilúvio? Sonha o caracol em ser mais veloz do que a onça? Desafia a Lua o Sol para ver quem brilha mais? Despreza o leão a coroa da selva? Queixa-se o crocodilo do tamanho da sua boca? A criatura feroz inveja o canto da sereia? A águia inveja o elefante das planícies? O peixe fosforescente ergue-se dos abismos oceânicos para reclamar ao Sol a luz da Lua? Quem oferece ao frio boreal pétalas de primavera? Quem procura a fonte da juventude eterna para escrever nas suas margens: «Tolo aquele que beber»?

O facto incontestável é que Aristóbulo I subiu ao trono que a morte do seu pai deixou vago. E a primeira coisa que fez foi mandar os seus irmãos para a masmorra mais fria da prisão mais sombria de Jerusalém. Insatisfeito, ainda não contente com tal crime contra a natureza, Aristóbulo «o louco» rematou a obra enviando a mãe para junto dos seus irmãos.

Ninguém soube nunca por que razão libertou o caçula da sua mãe. O facto é que, tal como surpreendeu a todos ao condenar os seus irmãos à prisão perpétua, voltou a surpreender a todos ao libertar um deles. Parece que deixou vivo o mais novo dos seus irmãos. Não por muito tempo, no entanto. Pouco tempo depois, a loucura apoderou-se do seu cérebro e ele superou-se a si próprio, estrangulando-o com as próprias mãos. Depois de todos estes crimes cometidos, o rei louco vestiu-se de sumo pontífice e foi celebrar o

culto como se Jerusalém tivesse rejeitado Yahweh como Deus e jurado obediência ao próprio Diabo.

Assim começou o reinado do filho de João Hircano I.

No fundo de um crime semelhante, digno do discípulo mais brilhante de Satanás, temos de ver a terrível disputa entre mãe e filho, entre Aristóbulo I «o louco» e os seus irmãos, sobre a questão da transformação da República num Reino.

Aceitar a loucura do neto de Simão Macabeu como um diagnóstico definitivo, decisivo e até mesmo exculpatório não é forma de encerrar um assunto tão grave. Especialmente quando o breve ano de reinado do Segundo dos Asmoneus — deixando de lado a questão daqueles que ele matou, cujos nomes não foram registados nem a sua memória preservada porque não eram seus familiares, cujo número podemos calcular com base no que ele fez, ou será que quem prende os seus irmãos vai deixar em liberdade aqueles que não o são? Dizia que o breve ano do reinado de Aristóbulo I, por mais breve que tenha sido, moldou o futuro do povo judeu de uma forma tão profunda e dolorosa que se pode observar na origem do trauma que, dois mil anos depois, os historiadores oficiais judeus continuam a sofrer quando se trata de recriar a época asmoneia.

Que discussão mais criticamente apocalíptica do que a transformação da República em Monarquia poderia ter levado o neto dos Heróis da Independência a tornar-se um monstro?

Os historiadores oficiais judeus ignoram esta questão, desviando o olhar. Ao fazê-lo, cometem um terrível crime contra si próprios, ao criar no leitor a impressão de que matar a mãe e os irmãos era, entre os judeus, o pão nosso de cada dia. Não sei até que ponto é ético, ou sequer moralmente aceitável, fazer recair sobre os filhos o sangue do crime cometido pelos seus pais. Ou será que é verdade que os hebreus costumavam devorar as suas mães dia após dia?

É um crime contra o Espírito ocultar a verdade para impor as próprias mentiras. Se Aristóbulo I matou os seus irmãos e a sua mãe — um crime tão monstruoso —, devemos entendê-lo como a consequência final da luta entre os setores republicanos e monárquicos, representados os primeiros pelos fariseus e os segundos pelos saduceus. Luta essa que Aristóbulo I venceu contra os seus irmãos e que custou a vida à sua mãe por conspiração contra a coroa.

A partir da nossa posição confortável, podemos aventurar esta teoria sobre o caso. Parece evidente que, se a autoridade daquela mulher não conseguiu impor o seu julgamento,

foi porque colidiu com interesses mais poderosos. E que interesse mais poderoso, pelo qual se arriscasse a vida, poderia existir em Jerusalém além do controlo do Templo?

Tenhamos em conta que, em toda a história dos filhos de Israel, nunca foi registado um caso de crueldade semelhante, de um filho contra a sua mãe, porque tal nunca aconteceu. Assim, o facto de ter ocorrido algo tão contrário à natureza abre-nos as portas para a conspiração contra as leis da pátria que teve lugar entre os sacerdotes aaronitas e Aristóbulo I. Neste contexto, a prisão dos irmãos e da mãe faz todo o sentido. De facto, os acontecimentos que vamos ver foram todos marcados pelo mesmo ferro. Depois, há a psicologia do historiador oficial para tirar partido desse tipo de crime e ocultar, nas delícias do horror, o ano de terror que a população de Jerusalém sofreu sob a tirania do rei louco. Ao concentrar aquele ano de massacres na família real, o historiador lançou sobre a luta na raiz do problema a cortina de fumo dos magos do faraó. Quem prendeu os seus irmãos por se oporem à sua coroação, o que não faria com aqueles que, sem serem seus irmãos, se recusaram a transformar a república numa monarquia? O historiador oficial judeu ignorou completamente este tema. Ao fazê-lo, tomou-nos, a nós do futuro, por tolos e aos da sua época por idiotas de sempre.

De qualquer forma — deixando agora de lado as discussões — Aristóbulo I libertou — como já disse — um dos seus irmãos. Diz-se que o rapaz era um guerreiro combativo e corajoso, que adorava o jogo da guerra, e que não perdia tempo em iniciar o combate ao grito de «viva Jerusalém». Digno parente de Judas Macabeu, com cujas histórias o rapaz cresceu, o Príncipe Valente arrastava os seus soldados para a vitória que nunca lhe resistia, a própria glória dos heróis apaixonada pelos seus ossos.

Digamos que, uma vez quebrada a Reconquista pacífica da Terra Prometida pelas guerras macabeias, João Hircano I inaugurou um novo período ao passar à força todos os habitantes do sul de Israel que não se convertessem ao judaísmo. Através desta política, anexou a Idumeia.

Cabia a Aristóbulo I, seu filho, dirigir os seus exércitos contra o Norte. Jerusalém, em plena efervescência antimonárquica devido aos factos já referidos — a prisão dos irmãos do rei e o massacre dos seus aliados republicanos —, enquanto se dedicava a controlar a situação, Aristóbulo I passou o comando militar ao seu irmão mais novo, que conquistou a Galileia. Nem tudo eram más notícias. A conquista da Galileia elevou o moral de uns judeus que não sabiam se deviam rir da vitória ou chorar pelo fracasso que representava para eles ter como rei um assassino da pior espécie, um louco em toda a regra.

O que se seguiu foi algo que ninguém esperava. Ou então viram-no chegar e não tomaram qualquer medida ao seu alcance. O facto é que mal o Príncipe Valente começava a olhar para outros horizontes em busca de fama e glória, quando os ciúmes e a má consciência que o mantinham aprisionado pelos seus atos levaram o seu irmão Aristóbulo I a condená-lo à morte.

Também neste caso, Aristóbulo I agiu seguindo o exemplo dos gentios, embora aplicando o sistema à mentalidade oriental. O Senado Romano impôs como norma no manual dos poderosos, para se livrarem de generais demasiado vitoriosos, a aposentadoria ou a morte. Os Escipões e o próprio Pompeu Magno sofreram esta norma. O último caso seria o de Júlio César, que lhes saiu tão bem, claro.

Mais sábio e santo do que os senadores imperiais, o rei dos judeus não hesitou. Simplesmente enviou ao seu irmão mais novo a sua decisão irrevogável, pendurada na lâmina do machado do carrasco.

A notícia do assassinato do irmão mais novo pelo irmão mais velho apanhou Alexandre Janeu lá em baixo, entre o frio das masmorras e os uivos das prisões escavadas nas paredes do inferno. Naturalmente, a notícia gelou-lhe o sangue. Mas o fluido vital poderia ter recuperado o seu calor se o frio ambiente não tivesse sido agravado pela presença da sua mãe nas masmorras. Esta, a pobre mulher, tão abalada daquela forma, perdeu o juízo e, com o pouco de sanidade que lhe restava, deixou-se morrer de fome.

Ver a mãe e os próprios irmãos a morrerem por culpa de um irmão não é o que se entende por a melhor escola para um rei. Mas esta foi a escola para reis que Alejandro Janneo frequentou à força, alvo de todo o ódio do mundo judeu após o Massacre dos Seis Mil.

Oprimido até à loucura por aquela tragédia, o asmoneu jurou vingar a morte da sua mãe e dos seus irmãos — se saísse vivo daquele inferno — sobre os cadáveres de todos os cobardes que, naquele momento, queimavam incenso no Templo.

Outra questão será — retomando o fio condutor da recusa da posição oficial judaica em aceitar o facto da coroação de João Hircano I — que a loucura matricida e fratricida de Aristóbulo I não teria sido senão o fim do drama para o qual a coroação do pai os conduziu a todos. A posição oficial judaica — liderada pelo famoso Flávio Josefo — consistiu em recusar-se a admitir o facto da coroação do filho do último dos Macabeus. As suas medidas, as suas guerras, o seu testamento parecem provar o contrário, parecem gritar a plenos pulmões que a sua cabeça foi coroada, e foi durante o seu reinado que o vírus da maldição

encontrou terreno fértil na sua casa. De que outra forma explicar que, no dia seguinte ao seu enterro, a sua mulher e os seus filhos sucumbissem sob o peso daquela oposição esmagadora à continuação da sua dinastia? Em que outro contexto poderíamos, de outra forma, compreender que o novo rei decidisse, da noite para o dia, a morte de todos os seus irmãos, incluindo a sua mãe, por alta traição?

A Lógica não tem de apresentar as suas provas no tribunal da Biohistória. Os argumentos biohistóricos são mais do que suficientes para serem compreendidos e não necessitam de testemunhas. Mas se nem uma nem outra bastam para abrir caminho pela selva labiríntica em que os judeus perderam a sua memória, nada se pode aconselhar àquele que tem o dedo no gatilho, a não ser que ponha fim rapidamente à tragédia e deixe de reunir curiosos antes de ir para o inferno com os seus lamentos e as suas elegias.

Não há mais factos do que a realidade nua e crua. Aristóbulo I sucedeu ao seu pai, Hircano I. Imediatamente ordenou a prisão perpétua do seu irmão Alexandre. Também os irmãos e irmãs de Alexandre tiveram o mesmo destino. A única que se salvou do massacre caínico foi a caçula da sua mãe. Esta jazia como morta numa masmorra escura do palácio do seu filho malvado quando lhe baixaram, por meio de correias anónimas, o cadáver do seu filho mais novo. A pobre mulher fechou os olhos e deixou-se morrer de fome. Tais foram os primórdios do reinado de Aristóbulo I, o Louco; tais as origens do reinado seguinte do seu irmão Alexandre I.

Quando Alexandre Janneu saiu da masmorra, onde normalmente teria morrido, a situação do reino era a seguinte. Os fariseus tinham convencido as massas de que a nação vivia sob o olhar da ira divina. As leis sagradas proibiam os hebreus de terem um rei que não fosse da Casa de David. Eles tinham um. Ao tê-lo, estavam a provocar o Senhor a destruir a nação por rebelião contra a Sua Palavra. A Sua Palavra era o Verbo, o Verbo era a Lei e o Verbo era Deus. Como poderiam impedir que o destino seguisse o seu curso?

O problema era que os servos do Senhor, os sacerdotes saduceus, não só abençoavam a rebelião contra o Senhor a quem serviam, como também usavam o rei para esmagar os sábios fariseus.

Mesmo assim, a voracidade macabra de Aristóbulo I fez com que até aos saduceus se revolvessem as entranhas. Isto não significava, contudo, que os saduceus estivessem dispostos a unir-se aos fariseus para purificar Jerusalém do seu crime. A última coisa que os saduceus ainda desejavam era partilhar o poder com os fariseus.

Então, misteriosamente, Alexandre Janeu é libertado da prisão e escapa à morte. Um milagre?

Se ao ódio que lhe deu força e o manteve vivo se pode chamar milagre, então foi um milagre que Alexandre tenha sobrevivido aos seus irmãos e à sua mãe. É pena que, além dos ratos, ninguém tenha descido ao seu inferno para lhe dar os pêsames pela morte da sua mãe! Se o tivessem feito, teriam descoberto que a força que o manteve vivo e alimentou a sua sede de vingança foi o ódio, sem distinguir entre fariseus e saduceus.

De qualquer forma, o Asmoneu estava enganado ao pensar que a morte do seu odiado irmão se devia à natureza. A morte de Aristóbulo, um ano após o início do seu reinado e imediatamente após a morte do Príncipe Valente, não foi fruto do acaso nem da justiça divina. A quem surpreende que o crime contra a própria mãe tenha revoltado as entranhas dos habitantes de Jerusalém e que estes tenham decidido, em conluio com a rainha Alexandra, acabar com o monstro? O facto de se ter celebrado de forma urgente e imediata o casamento do « », preso, com a viúva do falecido, a sua cunhada Alexandra, põe em evidência a aliança saduceia que pôs fim à vida de Aristóbulo I.

Antecipando-se aos fariseus, os saduceus destituíram o rei e colocaram no seu lugar o asmoneu, com o objetivo de que, ao revelarem-se como seus salvadores, não lhe ocorresse mudar de lado e entregar o poder aos fariseus, que, sendo inimigos naturais dos seus salvadores, teriam necessariamente de ser também os seus próprios inimigos. Aproveitando o elemento surpresa a seu favor, Alexandre aceitou a coroa, jurando não alterar o *status quo*.

Esta era a situação explosiva, no cujo inferno em ebulição o Asmoneu assentou o seu ódio.

Alexandre I, no entanto, nunca perdoaria aos seus libertadores o facto de terem demorado tanto tempo a tomar a sua decisão. O que é que estavam à espera, que a sua mãe morresse? Meu Deus! Se ao menos tivessem chegado um dia antes.

O ódio que o novo rei incubou contra a sua nação durante o seu ano de prisão — um ano longo, infinito — não há palavras que o possam descrever. Só os seus massacres posteriores revelariam a sua extensão e profundidade. Aquele ódio era como um buraco negro a avançar das entranhas até à cabeça, como um Nada a inundar as suas veias com um grito: Vingança. Vingança contra os fariseus, vingança contra os saduceus. Se os seus salvadores se tivessem dado ao trabalho de pensar no que estavam a fazer antes de se cortarem as veias, teriam aberto a porta da liberdade ao próximo rei dos judeus.

Jerusalém não demoraria muito, muito pouco tempo a descobrir que tipo de monstro o Asmoneu tinha como ídolo. O ódio que devorava o corpo, a mente e a alma de Alexandre I não tardaria a descontrolar-se e a exigir cadáveres às dezenas, às centenas, aos milhares. Seis mil para um banquete da Páscoa?

Um aperitivo. Apenas isso, um mero aperitivo para um verdadeiro demónio. Não diziam os sábios e os santos sacerdotes de Jerusalém que conheciam as profundezas de Satanás? Mais uma mentira! Ele, o Asmoneu, revelaria a todos os judeus as verdadeiras profundezas de Satanás. Ele próprio os conduziria até ao próprio trono do Diabo. Onde é que Satanás tinha o seu trono? Loucos, sobre o túmulo da sua mãe, na Jerusalém que o vira morrer aos seus irmãos sem levantar um dedo para os salvar da ruína.

Tal como fez o pai da história antiga judaica, Flávio Josefo, ao ocultar aos seus a causa implosiva que destruiu a felicidade prometida da casa de Hircano I, voltou a fazê-lo ao falar da morte milagrosa e repentina do matricida e fratricida, homicida, claro. Tinha de o fazer se não quisesse revelar a causa que acabara de ocultar ao seu povo. Se jurasse em público, perante o futuro, que os próprios saduceus que elevaram o filho ordenaram a morte do pai, ao fazê-lo estaria a abrir as portas ao resto do mundo para que este entrasse e visse com os seus próprios olhos a guerra interna até à morte entre fariseus e saduceus.

Inimigo da verdade em nome da salvação do seu povo, na mira do ódio romano após a famosa rebelião que culminou na destruição de Jerusalém, Flávio Josefo teve de passar por cima do cadáver da verdade em nome da reconciliação entre judeus e romanos. E, de passagem, manter os filhos dos assassinos dos primeiros cristãos à margem do crime contra a «divina natura» que protagonizaram e continuavam, na medida dos seus interesses, a protagonizar: mesmo que fosse à custa de extirpar a Memória, de se submeterem a uma lobotomia e de seguirem em frente como um povo amaldiçoado, por todos condenado, por todos considerado devorador das próprias mães e assassino natural dos próprios irmãos. Por isso, nenhum judeu deveria olhar com estranheza para o facto de Aristóbulo I ter matado a sua mãe, os seus irmãos, os seus tios, os seus cunhados, os seus sobrinhos e até os seus netos, caso os tivesse tido. Segundo a opinião de Flávio Josefo e da sua escola, isso era algo natural entre os judeus. Então, onde está o escândalo?

Esta é a História de Jesus. Não é a história das crónicas asmoneas. A importância dos setenta anos daquela dinastia, no entanto, é tão decisiva para compreender as circunstâncias que conduziram os judeus ao anticristianismo mais feroz e assassino que, necessariamente, devemos recriá-las como quem sobrevoa os acontecimentos mais transcendentais

relacionados com esta Segunda Queda. Noutra ocasião, noutro momento, se Deus quiser, aprofundar-nos-emos nessas crónicas. Basta aqui sobrevoar a linha do tempo.

O ódio do Asmoneu contra todos, fariseus e saduceus, seguiu o seu curso. Em apenas alguns anos, transformou-se numa avalanche. Deslizando por uma encosta suicida, num desses dias, todos — fariseus e saduceus — foram celebrar uma espécie de banquete de amizade com o rei. As portas abriram-se, os estrategas ocuparam as suas posições e, com o vinho, todos entraram no clima. E, deixando de lado meandros e preâmbulos, acabaram por se dirigir em massa às praias do mar das questões pessoais. No calor do momento, um dos fariseus presentes, embriagado de vinho, atirou na cara do rei o que toda a gente dizia: que a sua mãe o tinha tido com outro que não era propriamente o seu pai. Ou seja, que o Asmoneu era um bastardo.

A situação já não era complicada e o Diabo veio para a piorar. Este, o Diabo, como se estivesse a ganhar a disputa ao Anjo, atirava lenha para a fogueira sempre que lhe se intrometia. Com o pavio aceso e o barril de pólvora a dois passos, o lógico era que a explosão fizesse voar pelos ares tudo o que apanhasse. O Massacre dos Seis Mil num único dia não seria a única onda devastadora. Mas poderia ter servido, pelo menos, para acalmar os ânimos e fazer com que os inimigos unissem forças.

Ao contrário dos outros povos do mundo, a nação judaica tinha como filosofia racial nunca aprender com os erros cometidos. Se antes foi o zelo pela Lei que os arrastou para o Massacre, daí em diante seria a sede de vingança. Foi esta sede desenfreada que percorreu sinagoga em sinagoga por todo o mundo, levando a todos os crentes aquele uivo que ouvimos anteriormente: «O Asmoneu deve morrer». Ao que responderam os mais audaciosos e zelosos do destino, consagrando as suas vidas a matar o Asmoneu. Entre eles encontrava-se Simeão, o Babilónio, cidadão de Selêucia do Tigre, hebreu de nascimento, banqueiro de profissão. A sua entrada na Jerusalém asmoneia e as suas intenções de permanecer no reino não podiam incomodar o rei, sempre necessitado de aliados e de meios financeiros para a guerra de reconquista da Terra Prometida, nem levantar as suas suspeitas, dadas as circunstâncias geopolíticas pelas quais o antigo império dos selêucidas estava a passar.

Para os partos, de facto, a Ásia a leste do Éden estava a ficar-lhes pequena, e sofriam indizivelmente ao sonhar com a invasão das terras a oeste do Eufrates. Era, portanto, natural que os filhos de Abraão comesçassem a regressar do Cativo para o outro lado do

Jordão. Se, além disso, quem regressava parecia não ter a menor ideia da situação política local e, para alegria de todos, era um banqueiro rico e crente devoto, tanto melhor.

«Simeão, meu filho, a paranóia é para os tiranos o que a sabedoria é para os sábios. Se abandonarem os seus conselhos, tanto uns como outros perder-se-ão. Por isso, quem se move entre serpentes deve estar imune ao veneno e ter asas de pomba para vencer os desígnios do maligno com a inocência de quem serve apenas o seu senhor.

Simeão, vira as costas ao teu inimigo em sinal de confiança e conquistarás a tua salvação, mas leva debaixo do manto a couraça dos sábios para que, quando a paranóia o enlouquecer, o punhal da sua loucura se parta contra a tua pele de ferro.

Se estenderes a mão ao tirano, tem em conta que na outra ele esconde a adaga; oferece-lhe, então, o que ele procura, pois Deus deu ao homem apenas duas mãos, e se com uma ele agarrar a tua e com a outra agarrar o que deseja, a adaga estará sempre longe da tua garganta.

Quando o vires ferido, corre para lhe curar a ferida, porque ele ainda não está morto; e se ele viver, procura a sua morte, mas não o feres apenas para que ele se levante para a tua ruína. O demónio tem muitas formas de alcançar o seu objetivo, mas a Deus basta uma única para o fazer morder o pó. Sê sábio, Simeão, não te esqueças dos ensinamentos dos teus mestres”.

Simeão, o Babilónio, chegou a Jerusalém com o livro dos Magos do Oriente debaixo do braço. A escola onde aprendeu o ofício dos Magos remontava aos dias do profeta Daniel, aquele profeta e chefe dos Magos que, com uma mão, servia o seu senhor e, com a outra, cavava à sua volta a sua ruína. Mas basta de palavras, que comece o espetáculo.

Simeão, o Babilónio, pôs em prática os seus ensinamentos. Conseguiu quebrar o gelo da desconfiança dos fariseus em relação ao novo amigo do rei. Conseguiu enganar o rei, participando no financiamento das suas campanhas de reconquista e consolidação das fronteiras conquistadas. Às costas do Asmoneu, com a outra mão que lhe restava livre, o babilónio assinou todos os complots palacianos contra os quais o Asmoneu, como um atleta em plena corrida de obstáculos, realizou a proeza impossível de sobreviver a todos os seus supostos assassinos. Uma após outra, todas aquelas tentativas de lhe arrancar a cabeça terminaram com a morte dos aspirantes a assassinos. Cansado de tanta incompetência — na sua opinião, os seus compatriotas nem sequer serviam para isso —, o Asmoneu tratou os cadáveres dos seus inimigos como se tratam os dos cães: atirou-os ao rio e lá se foram levados pela corrente até ao mar do esquecimento.

Desesperados com a sorte do Asmoneu, os fariseus conceberam o plano dos planos: contratar um exército mercenário, colocar-se à frente dele e declarar-lhe guerra aberta. Era mergulhar numa guerra civil, mas que outra alternativa havia? A estrela do Asmoneu parecia ter surgido das próprias profundezas do inferno. Nada do que planeassem contra ele, por mais subtil e intrincado que fosse o plano para o derrubar, o bicho saía sempre vivo. Tinha mais vidas do que um gato. Se ao menos tivesse morrido.

Que o dano recaísse sobre a sua consciência, disseram uns aos outros. E assim contrataram os árabes para acabar com a sorte do rei mais tirânico, cruel e sanguinário que Jerusalém alguma vez teve na sua história. Tudo isto no mais estrito *segredo*. A última coisa que Simeão, o Babilónio, e os seus fariseus podiam permitir era que chegasse aos ouvidos do Asmoneu qualquer boato sobre os seus planos. Ele não hesitaria em matá-los a todos, grandes e pequenos, todos no mesmo caldeirão. Como dizia o provérbio do sábio: É preciso ser inocente como as pombas, astuto como as serpentes.

Mas, como neste mundo não se pode enganar toda a gente ao mesmo tempo, houve, naqueles dias, uma pessoa a quem os truques de magia de Simeão não conseguiram enganar. Esse homem era o sacerdote Abias, o profeta particular do Asmoneu, sobre quem já vimos algo nos capítulos anteriores.

Também Simeão, como não poderia deixar de ser, assistia ao turno de Abias para ouvir dos seus lábios o Oráculo. Era a ele, sim, a ele, ao novo amigo do rei, o seu inimigo secreto mais jurado, que Abias dirigia palavras que lhe desmoronavam todos os planos.

«Se o Céu combate o Inferno com as armas do Diabo, como se apagará o fogo que devora a todos no seu incêndio?», oraculava o homem. «Comparas Deus com o seu inimigo? Será que o anjo que guarda o caminho da vida se revolta contra o seu destino, erguendo o fogo da sua espada contra a árvore que guarda, para assim impedir que alguém se lhe aproxime? Será que se considera então perdido? Qual será o julgamento do seu Senhor contra o seu desespero? Ao agir assim, não negará ele o Deus que lhe confiou a sua missão? Não lutais contra o diabo, lutais contra o anjo de Deus, e mesmo que esteja do vosso lado, ele não pode abandonar o seu posto. A sua ordem é firme: que ninguém se aproxime. Por que razão credes que ele baixará a espada? Será por amor a vós que se rebelará contra o seu Senhor? Deixai, pois, de agir como loucos. Não lutais contra um homem, travais guerra contra o Deus que colocou o seu anjo entre vós e a vida que procurais, invocando a Morte».

Um oráculo cheio de sabedoria que, com os seus destinatários cegos pelo ódio, caía repetidamente em terreno pedregoso. Por um momento, parecia que ia criar raízes, mas mal saíam do Templo, o cheiro a sangue devolvia-lhes os sentidos à realidade do dia a dia.

8

Guerra Civil

A que distância do início de uma guerra civil se formam as nuvens que derramarão o caldo do ódio a baldes? Como se apagam os vestígios de uma cicatriz cavada a facadas entre o peito e as costas?

Os fariseus e os seus líderes tomaram a decisão desesperada de contratar um exército mercenário para acabar de uma vez por todas com o Asmoneu. Não contrataram o exército dos Dez Mil gregos perdidos no regresso à pátria, nem atravessaram o mar em direção a Cartago em busca da liberdade junto dos descendentes de Aníbal. Nem invocaram os famosos guerreiros íberos. Nem recorreram a hordas bárbaras. Para matar os seus irmãos, os judeus chamaram os árabes.

Quanto tempo é preciso para que a carne do ódio cozinhe na panela? Quando o veneno não basta e as conspirações secretas são em excesso, será legítimo invocar o próprio diabo para que leve para o inferno aquilo que nasceu no calor do seu fogo?

Tal como fez com tantos outros episódios, o historiador oficial dos judeus daquela época passou por cima das causas detonadoras daquela rebelião como quem anda sobre ovos. Disposto a vender a verdade pelas trinta moedas de prata do perdão de César e com o beneplácito de uma geração judaica que, entre o culto ao imperador e a sorte dos cristãos, dançou em honra do bezerro de ouro perante Deus e os homens, Flávio Josefo ignorou essas causas na distância do nascimento daquela guerra civil, tão horríveis e pérfidas que faziam esquecer a inimizade secular entre Jacob e Esaú.

O facto por trás da placa de betão sob a qual os judeus enterraram a memória do seu passado é que, contra as leis da pátria, Israel contratou Edom; Jacó chamou Esaú para, juntos, derrotarem o Diabo, ignorando — porque não queria lembrar-se disso — que o Diabo que derrotara Adão, pai de ambos, precisava de algo mais do que uma aliança entre irmãos para se deixar cortar a cauda.

Fosse como fosse, a batalha entre os partidários da restauração da monarquia davídica e os fiéis à dinastia asmoneia teve lugar. E foram os inimigos dos Asmoneus que levaram a vitória para o seu lado.

Parece que aquele mesmo Asmoneu que andava sobre tapetes tecidos com a pele dos Seis Mil, aquele demónio sem consciência que se atrevia a amaldiçoar o Deus dos deuses ao deitar-se com as suas prostitutas no seu próprio Templo, aquele invencível filho do inferno, segundo se conta, fugiu como um rato.

Nem sequer valia para morrer como um homem, lamentaram-se depois os seus inimigos, mas já era tarde demais.

Infelizmente, na hora de selar a vitória, o exército vencedor cometeu o erro imperdoável de recuar. Como digo, foram colher os louros do sucesso quando o remorso se apoderou das suas mentes e começaram a pensar no que estavam a fazer. Estavam a entregar o reino aos árabes!

Entre acabar com o Asmoneu ou ver-se sob o jugo dos seus inimigos tradicionais, os fariseus decidiram o impensável.

É verdade, o amor pela pátria prevaleceu sobre a memória de tanto sofrimento passado. Assim, antes de se verem presos sob as rodas dos seus próprios erros, romperam

o contrato com a vitória conquistada, um erro fatal do qual não tardariam a arrepender-se, do qual nunca se arrependeriam o suficiente.

Por uma daquelas reviravoltas clássicas do destino, os nacionais vencedores uniram-se aos patriotas derrotados e, juntos, revoltaram-se contra o exército mercenário que já se preparava para conquistar Jerusalém para o seu rei.

Alucinado por esta reviravolta do destino a seu favor, o Asmoneu transformou-se de rato em fuga num leão faminto, colocou-se à frente daqueles que novamente o aclamavam como rei e expulsou do seu reino aqueles que acabavam de o ver a fugir como um cão.

Os primeiros a lamentá-lo foram os fariseus.

O seu regresso do túmulo convenceu os seus inimigos de que o Asmoneu tinha como padrinho o próprio Diabo. A calma, a tranquilidade com que Alexandre fez a sua entrada em Jerusalém foi celebrada por quase todos. Aquela era a calma que antecede a tempestade. Pouco depois de regressar ao seu palácio, após ter dormido com todas as suas concubinas, uma vez que tinha digerido a derrota nas dobras de um pesadelo, já cansado de prometer o que nunca iria cumprir, o Asmoneu ordenou que os líderes dos fariseus e as centenas dos seus aliados fossem reunidos como se reúnem os animais de gado. A contagem de cabeças ascendeu a tantas almas que ninguém conseguia imaginar como é que o Asmoneu iria cozinhar tanta carne.

O que aconteceu pertence às memórias não sagradas de Israel. Mas se existe o Bem e o Mal e tudo tem o seu oposto, o povo que possui uma História Sagrada também tem a sua contrapartida, uma História Maligna. Ao género dos heróis destas escrituras tenebrosas pertencia, sem qualquer dúvida, Caim, o Alexandre destas crónicas, e o Caifás que, em nome do seu povo, crucificou o Filho de David.

O cronista judeu teria gostado de enterrar este capítulo da história amaldiçoada do seu povo. A curta distância entre a sua geração e aquela que sofreu às mãos do Nero dos Judeus tornou-lhe impossível apagar do livro da vida do seu povo o tenebroso acontecimento central deste capítulo.

Em vingança pela humilhação que lhe fizeram passar, quando teve de se ver a fugir como um rato — ele que até então se tinha vangloriado de ser o leão mais feroz do inferno —, o Asmoneu ergueu oitocentas cruzes no Gólgota. Nem uma, nem duas, nem três, nem quatro.

Se a Paixão do Cordeiro vos foi transmitida, no plano físico, como algo doloroso, esperai para saber que sofrimentos tiveram de passar aqueles oitocentos bodes.

O Asmoneu anunciou que iria celebrar uma festa. Convidou conhecidos e desconhecidos, tanto estrangeiros como patriotas. A festa seria ao estilo de Nero. Pois, sendo o sinal natural da inteligência humana a imitação, não tendo Nero nascido, alguém tinha de se erguer como modelo do futuro matador de cristãos em massa. Quem senão ele, original até na fuga?

Fixou a data. Não contou a ninguém uma única palavra sobre a surpresa que tinha inventado. E começou o banquete. O Asmoneu trouxe carne e vinho para alimentar um regimento, contratou prostitutas estrangeiras e encarregou as nacionais de exercerem a sua profissão como nunca antes o tinham feito. Não faltou nada. Comida em abundância, vinho a barris, mulheres à vontade.

«Onde encontrareis outro rei como eu?», gritou o Asmoneu no prelúdio da sua loucura, para que o Céu o ouvisse — o Céu que os oitocentos condenados adoravam, aqueles que já tinham um lugar reservado nas oitocentas cruzes que coroavam o Gólgota, desde as encostas até à esplanada do cume.

Durante os últimos dias, todos tinham apostado que o Asmoneu não se atreveria a tal. Os familiares dos envolvidos naquele espetáculo macabro rezaram ao Céu para que ele não o fizesse. Como o conheciam mal! Os judeus ainda não tinham percebido e continuavam a recusar-se a acreditar que a mesma mãe que deu à luz Abel alimentou nas suas entranhas o monstro que era o seu irmão.

«Só as mulheres gregas dão à luz bestas?», gritou o Asmoneu com toda a força dos pulmões, fazendo ouvir a sua voz do alto das muralhas. «Aí têm a prova do contrário. Aqui têm oitocentas.»

Nerão não foi assim tão mau. Pelo menos, o louco por excelência crucificou estrangeiros. Estes oitocentos eram todos compatriotas do seu carrasco, todos irmãos dos seus convidados.

Essa foi a surpresa. Em vez de os julgar ou assassinar os seus inimigos sem que ninguém pudesse culpá-lo pelas suas mortes, o Asmoneu reuniu-os como se reúnem os animais e condenou-os a morrer na cruz. Sim, simplesmente porque era o rei, e o rei era Deus. E se não fosse Deus, não fazia diferença, era o Diabo. Dá na mesma, dá na mesma.

O Monte Gólgota estava repleto de cruzes. Quando os convidados se sentaram nas suas poltronas, as oitocentas cruzes ainda estavam vazias. O espetáculo era sinistro, mas gratificante, se tudo se limitasse a uma ameaça silenciosa. Com este pensamento positivo em mente, começaram a beber vinho à vontade.

Por fim, depois de todos terem comido o que não deviam, bebido o que nem sequer está escrito e saciado à vontade o seu instinto masculino, o Asmoneu deu a ordem. Ao seu comando, os oitocentos condenados desfilarão.

Imediatamente começaram a enforcá-los nas cruzes. Uma cruz por cabeça. Se algum dos presentes sentiu a alma partir-se, nenhum se atreveu a derramar uma lágrima. O vinho, as prostitutas, o prazer de ver morrer como bandido aquele que até ontem ostentava a sua condição de príncipe do povo, tudo isso junto fez o resto.

«O que se faz com os ratos que invadem a vossa casa? Perdoais a sua prole amaldiçoada ou enviais-a também para o inferno?», no êxtase da tragédia, o Asmoneu voltou a uivar das muralhas de Jerusalém.

O que se seguiu foi algo que ninguém esperava. O Asmoneu era um poço de surpresas. Provavelmente nem tu, leitor, o imaginarias se eu não te contasse e te desafiasse a adivinhar. Todos acreditavam que, com a crucificação dos oitocentos fariseus, a sede de vingança do Asmoneu seria saciada. Já estavam a virar as costas às vítimas nas suas cruzes quando começaram a circular oitocentas famílias, as oitocentas famílias dos oitocentos infelizes expostos às estrelas do seu destino. Mulheres, crianças, família por família, foram ocupando o seu lugar ao pé da cruz do chefe de família de cada casa.

Atónitos, acreditando terem sido convidados para viver um pesadelo infernal, os olhos dos convidados para o banquete do Nérão judeu abriram-se de par em par. Paralisados de horror, compreenderam o que estava prestes a acontecer. A última e mais recente encarnação do Diabo ia degolar a cabeça e o corpo ao mesmo tempo. Se o homem é o chefe de família, então a sua família é o corpo, e quem é o louco que mata a cabeça e deixa vivo um corpo cheio de ódio para que este se vingue?

O exército de carrascos do Asmoneu desembainhou as suas espadas, à espera da ordem do homem que transformou Jerusalém no trono do Diabo.

Todos os corpos já se encontravam aos pés das suas cabeças; as suas mulheres, com os seus filhos e filhas, tremiam de horror e desespero, chorando o destino do pai, quando, acreditando que o seu destino era o pranto, o raio da loucura do rei os arrancou da sua ilusão.

Mais uma vez, no auge da sua loucura, o Asmoneu gritou emocionado: «Jerusalém, lembra-te de mim». Imediatamente a seguir, deu a ordem satânica.

Decapitaram-nos a todos, mulheres e crianças, aos pés das oitocentas cruzes e dos seus oitocentos cristos. Os carrascos assassinos do Asmoneu desembainharam machados

e espadas, ergueram os braços e deram início à sua tarefa infernal e macabra. Ninguém moveu um dedo para impedir o crime.

(Sobre este crime, o historiador oficial dos judeus pouco mais escreveu. Afirmando no seu prólogo que a verdade era o seu único interesse, depois de ler o seu relato, perguntamos que amor pela verdade poderá o diabo ter. Mas continuemos).

Paralisados, acreditando estar a viver um sonho, os convidados assistiram à terceira parte do espetáculo infernal sem se mexerem do lugar. Atores secundários na grande representação do Asmoneu, o pagamento tinha-lhes cegado o cérebro. A verdade é que não era preciso ser muito esperto para adivinhar o resto. O Asmoneu ordenou então que ateassem fogo aos crucificados. E que a festa continuasse.

E a festa continuou sob uma enxurrada de álcool, carne e prostitutas.

No dia seguinte, toda a Jerusalém correu para o Templo em busca de consolo no Oráculo de Yavé.

O homem de Deus limitou-se a dizer: «Está decretada a destruição que trará a ruína a esta nação».

Depois daquela orgia de crueldade e loucura, nada poderia voltar a ser como antes. A ambição de uns, o fanatismo de outros, tudo os tinha conduzido a um beco sem saída como aquele. Um rei dá asas à sua loucura assassina, descarrega-a contra os estrangeiros, tudo bem, mas quando é que, em toda a história do reino de Judá, algum rei se levantou contra o seu próprio povo para cometer um crime semelhante?

A reputação que os judeus ganharam junto dos Macabeus encontrava-se, no dia seguinte ao Massacre dos Oitocentos, a rastejar pelos abismos mais profundos da decência

e do respeito que uma nação deve a outra. Rotulados de monstros devoradores dos seus próprios filhos, aqueles que até ontem se passeavam entre os gentios reivindicando para si a condição de Povo Eleito, no dia seguinte tiveram de se esconder dos olhares de todos, como se fugissem do próprio Satanás. Mas voltemos à Jerusalém Santa.

Por algum tempo, o grito de dor e sofrimento manteve em franto a insaciável sede de vingança dos familiares dos Oitocentos. Mas, mais cedo ou mais tarde, o ódio mortal espalhar-se-ia e percorreria as ruas, semeando a morte nos passeios. Quem seriam os primeiros a cair? Nas esquinas, nas trevas dos becos, debaixo de qualquer pórtico. A qualquer hora, em qualquer ocasião. Os carrascos estrangeiros do rei?

Não! Seriam eles, os saduceus. Seriam os filhos de Aarão, todos sacerdotes, todos santos, todos sagrados, todos invioláveis — os primeiros a sofrer a vingança. Pois, uma vez que a vingança não podia devorar o rei, iria saciar-se na carne dos seus aliados. Cunhados, primos, sogros, genros, mulheres, sogras, avós, netos, todos ficaram na mira do punhal.

Seja ao saírem do Templo, seja ao irem das suas casas para os seus campos, onde quer que fossem encontrados, o ódio lançar-se-ia sobre eles sem distinguir o justo do culpado, o pecador do inocente. Não haveria piedade, não haveria tréguas. Com a sua lição macabra, o Asmoneu tinha desviado o punhal das suas costas. Quem os livraria agora? Um por um. Quando, nas suas casas, fechassem os olhos... das sombras surgiriam duas moedas de prata à procura de órbitas onde se instalassem. Quando as necessidades animais... das fendas do chão surgiriam garras. Não, os saduceus não dormiriam em paz, nem viveriam tranquilos daquele dia em diante. Chegaria o dia em que lhes pareceria melhor viver no inferno do que sofrer o inferno de estarem vivos.

E assim foi. As ruas de Jerusalém acordavam todos os dias após o Massacre dos Oitocentos, entre os gritos de viúvas e órfãos que reclamavam justiça ao rei. Um rei encantado por ver que, enquanto se matavam uns aos outros, o deixavam em paz.

É a verdade: na sua loucura, o Asmoneu deleitava-se ao ver os seus aliados a viver aterrorizados como ratos apanhados na casa de gatos famintos. No que lhe dizia respeito, a sua segurança pessoal estava garantida contra qualquer risco. Sem distinguir idade nem sexo, uma vez matou seis mil num único dia. Noutra ocasião, devorou 800 com as suas famílias. Queriam ainda mais? Ele ainda tinha coragem para duplicar o número de mortos.

Porque é que 800 crucificações? Porque é que não setecentas? Ou três mil quatrocentas?

O facto é que o Asmoneu tinha a memória das feras. O ser humano supera os traumas da infância, distingue-se das feras pela sua capacidade de esquecer o dano sofrido em algum momento do passado. A fera, pelo contrário, nunca esquece. Podem passar anos; mesmo que transcorra uma década, as feridas permanecem gravadas na sua memória. Com o passar do tempo, o cachorrinho transforma-se numa fera; então, um dia, depara-se com o seu inimigo de infância, a ferida reabre-se e, por inércia, salta para se vingar. Era deste tipo a memória do Asmoneu.

Porquê 800 almas? Por que não setecentas nem três mil quatrocentas?

O povo tinha de conhecer a verdade. O mundo inteiro tinha de conhecer a sua verdade. A História tinha de registar nos seus anais a causa, na raiz, daquele ódio do Asmoneu contra os fariseus. Quantos bravos seguiram o Macabeu no dia da Queda dos Bravos? Não foram precisamente 800? Não foram os pais dos 800 fariseus crucificados que deram a ordem de retirada e entregaram o Herói ao inimigo? Por que o fizeram? Por que é que aqueles cobardes deixaram apenas o Herói e os seus 800 Bravos a enfrentar os inimigos?

«Eu vou dizer-vos», gritou o Asmoneu da muralha. «Porque temeram que o Herói se proclamasse rei. Cobardes, venderam o Herói e entregaram-no para acalmar o medo que alimentavam. Mas digam-me: quando, em que momento, em que ocasião secreta é que ao Herói escapou, entre os seus 800 bravos, a ideia de os conduzir contra Jerusalém e proclamar-se rei? A sua alma não conhecia outra ambição senão a liberdade da sua nação. O seu coração só batia pelo anseio de liberdade. Os vossos pais desafiaram-no a entregar o comando, a colocar-se às suas ordens, ignorando que aquele Valente não reconhecia outro rei e senhor senão o seu Deus. Puseram-no à prova, empurraram-no para a beira do abismo, acreditando que o Valente viraria as costas à morte. Desafiaram o Campeão do Todo-Poderoso. Pois bem, esta é a recompensa que o vosso Rei e Senhor coloca nos vossos bolsos. Recebam o vosso salário, covardes. Desafiaram o Campeão que Deus vos suscitou para vos conceder a liberdade ao preço do seu sangue e do de toda a sua casa. Não querem o paraíso? Para lá vos envio para reclamar ao Todo-Poderoso o vosso salário. A glória e a fama dele incomodavam-vos. Tivestes de fugir do campo de batalha para lhe provar que a vitória era vossa, que sem vós ele não era nada. Alegrai-vos, pois em breve o vereis cara a cara.»

Por mais que dissesse, independentemente das razões com que justificasse a sua consciência, o asmoneu sabia que, após o Massacre dos 800, nada poderia voltar a ser como

antes. Depois daquela ode às profundezas do inferno, não podia esperar outra coisa senão a destruição da sua casa. Abias tinha-lha profetizado e, sem o querer nem o procurar, ele próprio a tinha causado. O destino, a fatalidade, um passo em falso não corrigido, outro erro imprevisto a impor a lei da necessidade, o puro acaso, o caos, os fados, a irresponsabilidade do povo e os seus sonhos de justiça, liberdade e paz. Como culpar a deusa Fortuna por distribuir beijos nefastos? Às vezes ganha-se e outras vezes perde-se. Dinastas piores conseguiram abrir caminho para os seus filhos na planície dos séculos. Mas para quê? No fim, toda a coroa acaba por ser arrancada; quem parece ter menos pernas dá o salto mais alto e a glória de amanhã é conquistada pelo zé-ninguém de ontem. De um trono, o mundo é uma caixa de grilos; quem grita mais é o rei. Por que é que o povo não se contenta com a sua sorte? Para que quer mais justiça, mais liberdade? Se lhe deres uma mão, ele agarra-te o braço. Encontra sempre uma razão para arruinar a felicidade dos seus governantes. Se não fosse porque os súbditos são necessários, não estariam todos melhor mortos? Ou, pelo menos, surdos-mudos?

As reflexões sombrias do Asmoneu nos seus momentos de angústia eram imperdíveis. Mais de uma vez, deixou-as fluir da sua mente sem sequer se aperceber da presença dos seus chefes pretorianos. Os seus sorrisos diabólicos respondiam com mais eloquência do que o discurso mais longo e profundo do sábio mais excêntrico e notável.

A vida dos seus filhos estava em perigo? E continuariam a estar se não restasse nenhum judeu vivo?

Era uma opção delicada. Quando a depressão o sufocava, o Asmoneu acalmava-o. Mas não. Isso seria demasiado. Tinha de encontrar uma solução mais inteligente. Ignorar o facto de ter ultrapassado o limite não iria resolver o problema. Tinha de pensar. Depois do Massacre dos 800, nada voltaria a ser como antes. Tinha de encontrar a saída do labirinto antes que a sua família abrisse a porta do inferno e as chamas do ódio os consumissem.

Sim, nada voltaria a ser como antes.

Não foi só o Asmoneu que compreendeu isso. Também Simeão, o Babilónio, compreendeu. As palavras de Abias ressoaram na sua cabeça com toda a dimensão da sua realidade eterna. «O ódio gera ódio, a violência gera violência e ambos devorarão todos os seus servos». Para onde, de facto, as suas artes mágicas os tinham conduzido? O sangue dos 800 pesava sobre a sua consciência. O peso esmagava-o. Abias sempre teve razão. Não se cansava de dizer: «Quem pega no jarro e vai buscar água à floresta em chamas? A tal fim, tais meios». Mas claro, que outro conselho se poderia esperar de um homem de Deus?

Que mais?!

Que depusessem as armas e, sem abandonar o objetivo, colocassem ao serviço da restauração da monarquia davídica os meios que se adequassem a tal causa. Por exemplo.

Convencido pelos factos, Simeão, o Babilónio, depôs as armas, tornou-se discípulo e companheiro de Abias, que durante tanto tempo pregara no deserto àqueles corações de pedra.

Por seu lado, o desespero do Asmoneu foi aumentando à medida que os dias passavam. A profecia de Abias sobre o destino da sua casa começou a tornar-se tão evidente que, contra todas as expectativas, ele acabou por ceder. Não porque o peso que a sua consciência conseguia suportar — ainda forte o suficiente para aguentar mais alguns milhares de cadáveres — lhe tivesse comovido as entranhas. A verdadeira causa da opressão mental que lhe apertava o pescoço, deixando-o sem fôlego, residia no destino que ele próprio tinha traçado para os seus filhos. Tinha sido ele próprio a afiar o fio do machado. Por sua culpa, os seus filhos tinham-se tornado alvo da ira de Deus. O carrasco que lhes cortaria a cabeça ainda não tinha nascido, mas quem lhe garantiria que não nasceria?

Num gesto digno dos seus terrores, celebrou com os seus inimigos um tratado de reconciliação nacional. Abias e Simeão, o Babilónio, seriam os fiadores desse pacto que garantiria à sua descendência a vida entre as demais famílias de Jerusalém. O pacto de Estado era o seguinte.

Após a sua morte, a coroa passaria para a sua viúva. A rainha Alexandra restauraria o Sinédrio. Desta forma, encerrar-se-ia entre fariseus e saduceus a batalha pelo controlo do Templo, na origem de todos os males recentes. O seu filho Hircano II receberia o sumo sacerdócio.

Após a morte da rainha Alexandra, o facto de a coroa passar para o seu outro filho, Aristóbulo II, ou de ser coroado o herdeiro legítimo da Casa de David dependeria dos resultados da busca pelo Filho de Salomão.

Uma vez falecida a rainha Alexandra, a Casa dos Asmoneus não poderia ser responsabilizada pelos acontecimentos finais a que a busca conduzisse. Esta parte do acordo seria mantida em segredo entre o rei, a rainha, Hircano II e os dois homens de sua confiança, Abias e Simeão, o Babilónio.

A sua viúva elevaria estes dois homens à chefia do Sinédrio liderado por Hircano II. Esta parte final do pacto permaneceria em segredo para evitar que o príncipe Aristóbulo se rebelasse contra o testamento dos seus pais e reivindicasse a coroa.

Alexandre Janeu morreu no seu leito. A sua viúva sucedeu-lhe no trono, tendo reinado durante nove anos. Fiel ao pacto assinado, a rainha Alexandra restaurou o Sinédrio, entregando-lhe o governo em condições de igualdade aos fariseus e aos saduceus. O seu filho Hircano II recebeu o sumo sacerdócio. O príncipe Aristóbulo II ficou excluído da sucessão e das questões de Estado. A parte secreta do pacto, a busca pelo herdeiro vivo de Salomão, já não dependeria da rainha Alexandra, mas dos dois homens a quem o seu falecido tinha confiado a missão. Uma missão que deveria concluir-se durante o reinado de Alexandra e permanecer no segredo que lhe deu origem. Embora jovem, se tal plano de restauração da monarquia davídica chegasse aos ouvidos do príncipe Aristóbulo, ninguém poderia afirmar que, na sua loucura, ele não se levantaria numa guerra civil contra o seu irmão.

Foram nove anos de paz relativa. Os dois homens encarregados de encontrar o herdeiro legítimo de Salomão tiveram nove anos para percorrer as classes altas do reino e descobrir o seu paradeiro. Digo «paz relativa» porque os familiares dos 800 aproveitaram o poder para banhar as ruas de Jerusalém com o sangue dos executores dos seus.

Impotentes para conter aquela sede de vingança que, impunemente, ceifava vítimas diariamente, a rainha e os saduceus viram, a cada ano que passava, os olhos dos condenados fixarem-se cada vez mais no príncipe Aristóbulo como salvador. Com Aristóbulo adormecido na esperança de reinar após a morte da sua mãe, era preciso retirá-lo da sua agradável condição de príncipe herdeiro, agir de imediato e dar o golpe de Estado que a própria situação de indefesa dos saduceus estava a gestar.

Nestas circunstâncias, de quanto tempo dispunham Simeão e Abias para encontrar o legítimo herdeiro de Salomão? Por quanto tempo conseguiriam resistir à guerra civil que se profilava no horizonte?

Deus sabe que Simeão e Abias procuraram, que vasculharam todo o reino na sua busca. Moviam céu e terra na sua busca. E era como se a casa de Zorobabel se tivesse evaporado da cena política de Judá após a sua morte. Sim, claro que havia quem afirmasse ser descendente de Zorobabel, mas na hora de apresentar os documentos genealógicos pertinentes, tudo ficava por meras palavras. Assim, com o tempo a correr contra eles, a rainha-mãe cada dia mais perto da morte, o príncipe Aristóbulo II a tornar-se cada ano mais forte sob a proteção dos saduceus que defendiam o golpe de Estado que lhes daria o poder; e eles, Abias e Simeão, cada vez mais longe daquilo que procuravam. As suas orações não chegavam ao Céu; os rumores de guerra civil, pelo contrário, pareciam chegar. No nono

ano do seu reinado, a rainha Alexandra faleceu. Com ela morreu a esperança dos restauradores de encontrar o herdeiro legítimo de Salomão.

Após a morte do Asmoneu, depois da regência da rainha Alexandra, enquanto Hircano II ocupava o cargo de sumo sacerdote, após a guerra civil contra o seu irmão Aristóbulo II, Deus despertou o espírito de sabedoria em Zacarias, filho de Abias.

Chamado ao sacerdócio por ser filho de Abias, Zacarias dedicou a sua carreira na administração do Templo à área da História e Genealogia das famílias de Israel. Confidente do seu pai, com quem Zacarias partilhava o zelo pela vinda do Messias, enquanto o seu pai e o seu sócio, o babilónio, lideravam a busca pelo herdeiro da Coroa de Judá, Zacarias

concebeu, na sua inteligência, a ideia de abrir os arquivos do Templo. Quando o fracasso da busca pelos herdeiros legítimos de Zorobabel se tornou um facto consumado, Zacarias jurou a si mesmo que não descansaria até virar as prateleiras de cabeça para baixo e, por Yavél!, que não pararia até encontrar a pista que o conduzisse à casa do herdeiro vivo de Salomão.

O Templo de Jerusalém desempenhava todas as funções de um Estado. Os seus funcionários atuavam como uma burocracia paralela à da própria Corte. Registo de nascimentos, salários dos seus empregados, contabilidade das suas receitas, Escola de Doutores da Lei — todo este mecanismo funcionava como um organismo autónomo.

Os cargos de poder eram hereditários. Dependiam também das influências de cada aspirante. Como aspirante, Zacarias teria a seu favor as três forças clássicas com as quais qualquer um poderia ter chegado ao topo.

Contava com a liderança espiritual do seu pai. Contava com a influência e o apoio total de um dos homens mais influentes dentro e fora do Sinédrio, Simeão, o Babilónio, o Semayas das fontes tradicionais judaicas. Nestas fontes, Abias é chamado Abtalión, uma deformação do original hebraico, cuja distorção das fontes hebraicas o historiador judeu pretendia utilizar para ocultar aos olhos do futuro as ligações messiânicas entre as gerações anteriores ao Nascimento e o próprio Cristianismo. E, acima de tudo e mais importante ainda, Zacarias contava com o espírito de inteligência que o seu Deus lhe tinha concedido para levar a bom termo a sua empreitada.

Sob o comando de Deus, a saga dos restauradores liderados por Abias e Simeão, o Babilónio, cujos nomes — como já referi — foram deturpados pelos historiadores judeus posteriores com o objetivo de enraizar a origem do cristianismo na mente de um louco, Deus voltou a repetir o desfecho que se dera entre os seus dois servos, despertando no filho de Simeão o espírito precursor que havia gerado no filho do seu companheiro.

Tendo negado a vitória aos pais, porque a glória do triunfo a tinha reservado para os seus filhos — sendo o de Abías maior do que o de Simeão —, Deus, na sua Onisciência, quis que o filho de Simeão, Simeão como o seu pai, tivesse como mestre o filho de Abías, selando a amizade que já existia entre eles com laços que perduram para sempre.

Além disso, tal como o seu pai, Simeão, o Jovem, parecia ter nascido para desfrutar de uma existência confortável e feliz, longe das preocupações espirituais do filho de Abias.

Tal pai, tal filho: Simeão, o Jovem, uniu o seu futuro ao de Zacarias, colocando ao seu serviço a fortuna que herdaria do pai.

Muito tolo teria de ser um homem — falando de Zacarias — para, apoiado em tais poderes, falhar na sua tentativa de subir na pirâmide da burocracia do Templo e alcançar o cume como Diretor dos Arquivos Históricos e Genealogista-Mor do Estado Teocrático em que, após a conquista de Judá por Pompeu, o Grande, se transformou o antigo reino dos Asmoneus. Superando essa incapacidade graças à inteligência sem limites que o seu Deus lhe concedeu para abrir caminho, Zacarias chegou ao topo e hasteou a sua bandeira no ponto mais alto da estrutura do Templo.

De qualquer forma, os tempos eram difíceis. As guerras civis assolavam o mundo. O horror tornou-se a norma. Graças a Deus, o fracasso de Simeão e Abias terminou com um final feliz compensatório.

Após a morte da rainha Alexandra, aconteceu o que já se previa há muito tempo. Aristóbulo II reivindicou para si a coroa, enfrentou o seu irmão Hircano II no campo de batalha e saiu vitorioso. Mas, embora sonhasse em legalizar o seu golpe de Estado, não demorou a perceber o seu erro.

O mundo já não estava disposto a regressar aos dias do seu pai. Os próprios saduceus recusavam-se já a perder as prerrogativas que o Sinédrio lhes tinha conferido. Nem aos saduceus nem aos fariseus convinha um regresso ao status quo anterior à inauguração do Sinédrio. Obviamente, aos fariseus menos do que aos saduceus. Assim, decidiu-se colocar em cena o pai do futuro rei Herodes, palestino de nascimento, judeu à força. Por ordem d e dos fariseus, Antípatro contratou o rei dos árabes para expulsar Aristóbulo II do trono.

A manobra de atribuir o peso da rebelião aos ombros de Hircano II foi uma estratégia do Sinédrio para se manter à margem, caso as forças contratadas fossem derrotadas. A guerra em curso resolveu-se a favor de Hircano graças à presciência divina, que colocou entre os irmãos o general romano da época, numa marcha triunfal pelas terras da Ásia. Estamos a falar de Pompeu, o Grande.

Depois de conquistar a Turquia e a Síria, o general romano recebeu uma delegação dos judeus, que lhe imploravam que intervisse no seu reino e pusesse fim à guerra civil para a qual as paixões os tinham arrastado. Estamos nos anos 60 do século I a.C.

Pompeu aceitou agir como árbitro entre os dois irmãos. Ordenou-lhes que se apresentassem imediatamente para lhe darem conta das razões pelas quais se estavam a matar. Quem era Caim, quem era Abel?

Pompeu não se envolveu em discussões desta natureza. Com a autoridade de um senhor do universo, proferiu palavras de sabedoria e deu a conhecer o seu julgamento

salomónico sobre o caso. A partir desse dia e até nova ordem, o reino dos judeus passava a ser uma província romana. Hircano II era restabelecido nas suas funções de chefe de Estado e Antípatro, pai de Herodes, como chefe do seu estado-maior. Quanto a Aristóbulo, deveria retirar-se para a vida civil e esquecer a coroa.

E assim se fez. Depois, Pompeu partiu com as águias romanas para completar a sua conquista do universo mediterrânico, deixando que as campainhas tocassem em Jerusalém pela solução adotada, a melhor entre todas as piores.

Naqueles dias, o dragão da loucura galopava à vontade por todos os confins do Mundo Antigo. Já o fazia desde o alvorecer dos tempos, mas desta vez, quando as guerras civis romanas eclodiram — sendo o Diabo mais sábio pela idade do que pelo génio —, as suas línguas de fogo criaram homens mais perversos do que nunca. Ao contrário das outras línguas que criavam santos, as do Diabo geravam monstros que vendiam a sua alma ao Inferno em nome do poder efémero da glória das armas. Tal como uma superestrela a assinar contratos de casamento de sangue com os noivos da Morte, o Príncipe das Trevas assinava autógrafos com toda a naturalidade, esperando, na sua loucura manifesta, obter do seu Criador os aplausos devidos àquele que deu a Deus um ultimato.

O número de mortos nas guerras mundiais romanas nunca foi registado. O futuro nunca saberá quantas almas pereceram sob as rodas demenciais do Império Romano. Ao ler as crónicas daquele império das trevas na Terra, atrever-se-ia a dizer que o próprio Diabo tinha sido contratado como conselheiro dos Césares. Mais uma vez, a Besta percorria os confins do mundo, executando a sua vontade soberana.

No meio daqueles tempos sangrentos, quando até um cego conseguia ver a impossibilidade de contrariar o novo senhor do universo — pior ainda se o aspirante não passasse de uma mosca nas costas de um elefante —, contra toda a lógica e bom senso, Aristóbulo II ignorou o julgamento salomónico de Pompeu, o Grande, e declarou-se em rebelião armada contra o Império.

A ambição ilimitada pelo poder absoluto não conhece raças nem épocas. A História já viu a verdade vir à tona mais vezes do que os anais das nações modernas conseguem recordar. Ao que parece, o abismo entre o homem e a besta é menos perigoso do que o salto do homem para a condição de filhos de Deus. E, no entanto, aqueles que negam ao futuro do homem o que lhe pertence por direito de criação são os mesmos que depois defendem a todo o custo a ideia da evolução. Não sabemos se, com a dúvida sobre as intenções de Deus ao criar o Homem, a Ciência esconde uma rebelião aberta contra o

estádio final programado nos nossos genes desde as origens dos tempos históricos. No fundo, pode tratar-se apenas de uma questão de orgulho intelectual elevado ao quadrado da sua potência. Ou seja, não se nega que Deus exista; o que existe é uma recusa em viver uma crónica anunciada. Explico-me: por que temos de ser objetos passivos de uma história escrita antes de nascermos? Não será melhor sermos sujeitos ativos de uma tragédia escrita pelo Destino?

As profundezas da psicologia humana nunca deixam de surpreender. Nas trevas dos abismos da mente, criaturas luminescentes, belas como estrelas na noite, transformam-se de repente em dragões monstruosos. As suas flechas de fogo devoram toda a paz, violam toda a justiça, negam toda a verdade. E, ambicionando o poder dos deuses rebeldes, dão razão àqueles que, sem acreditar na evolução, acreditam quando afirmam que, depois do homem, há algo mais.

Afinal, não se trata tanto de acreditar ou não acreditar, mas sim de escolher entre a natureza da Besta e a dos filhos de Deus.

A este respeito, Aristóbulo II tinha uma estrutura mental muito típica da sua época. Ou tinha tudo ou não tinha nada. Porquê partilhar o poder? Entre Caim e Abel, tinha escolhido o papel de Caim. E não lhe tinha corrido nada mal. Por que razão vinha agora o romano roubar-lhe o fruto da sua vitória?

Enquanto, à ponta da espada, Pompeu, o Grande, lhe impunha a sua vontade e o mito sobre a invencibilidade do Matador de Piratas mantinha a sua paixão sob controlo, tudo correu na perfeição para o Salvador do Mediterrâneo. Assim que Pompeu lhe virou as costas, Aristóbulo deixou-se levar pela sua veia asmoneia e dedicou-se ao que melhor sabia fazer: a guerra.

A forma como ele entendia fazer a guerra, pelo menos, foi-a colocando em prática.

Por onde quer que cavalgasse, dedicava-se a deixar a sua marca. Uma quinta por aqui, outra por ali — a Judeia iria recordar o filho do seu pai durante muito tempo. Fogo, ruína, desolação — que a história seja escrita e o que for escrito permaneça escrito, se não nos anais da História, pelo menos nas costas do povo!

A Antiga Serpente devia saber que o Dia de Yavé se aproximava, dia de vingança e ira. Com o Leviatã na mira, o Inferno redobrou o fogo que guardava no seu interior e, do pináculo da sua maldita glória, começou a comandar o exército das trevas rumo à sua vitória impossível.

Irmão contra irmão, reino contra reino. Até o todo-poderoso Senado Romano tremeu de pavor no dia em que César atravessou o seu particular Mar Vermelho. Por culpa do Conquistador da Gália, que pouco antes tinha sido aclamado senhor da Ásia, esse mesmo Pompeu foi visto a atravessar o Grande Mar como uma gata, para acabar por ser assassinado como um piolho numa praia, por ordem de um faraó com saias.

Chegou até ao Egito em perseguição ao seu antigo sócio, aquele que transformara um rio numa frase para a lenda, e ali mesmo o próprio faraó, assassino de Pompeu, tê-lo-ia enterrado, se não tivessem intervindo providencialmente a seu favor os exércitos provinciais da Ásia, entre cujos esquadrões a cavalaria dos judeus se destacou pela ousadia e coragem, dando-lhe a vitória e, o que é mais importante, salvando-lhe a vida. Salvação que valeu aos judeus do Império a gratidão sincera de César e recuperou para a nação a sua fama perdida de guerreiros valentes.

A necessidade que leva os poderosos a precisarem uns dos outros foi a que lançou o chefe do estado-maior judeu nos braços do novo senhor do universo mediterrânico, conquistando o pai de Herodes para o povo judeu as honras da graça, como já disse, e para ele e a sua casa a amizade daquele que é grato por ter nascido bem, a do único e incomparável Júlio César.

Esta última graça não foi tão bem recebida em Jerusalém como nos círculos familiares do interessado. Mas, dada a persistência do filho do Asmoneu em seguir os passos do pai, foi respeitada como um muro de contenção. Nesses momentos, os judeus pouco ou nada acreditavam que devessem temer a ascensão fulgurante ao poder do jovem Herodes.

Nem mesmo quando Herodes demonstrou coragem de sobra para dismantelar as forças dos bandidos da Galileia e condená-los à morte, ignorando as leis do Senado dos Judeus?

Aproveitando a sua condição de tenente-general das forças do Norte, Herodes prendeu os bandidos, dismantelou as suas bases e condenou à morte os seus líderes. Nada de invulgar, se se tratasse de um líder judeu. O problema era que, ao atribuir a si próprio as funções do Sinédrio — julgar e condenar à morte —, a ambição pessoal de Herodes ficou ao descoberto e obrigava o Sinédrio a cortar-lhe as asas enquanto ainda era tempo.

A questão de julgar o jovem idumeu era complexa devido à identidade do seu padrinho: o próprio César. O problema era que, se não lhe cortassem as asas, ninguém poderia deter a sua ascensão fulgurante ao trono.

Simeão, o Babilónio, e Abias expuseram este argumento perante os restantes membros do tribunal que se reuniu para julgar Herodes. Teriam eles livrado-se da usurpação do trono de David por um judeu de nascimento para verem agora um palestíniano a sentar-se nele?

Sem receio do jovem idumeu, Simeão, o Babilónio, expôs o seu veredicto perante todos: ou o condenavam à morte agora que o tinham à sua mercê, ou se arrependeriam da sua covardia no dia em que o filho de Antípatro se sentasse no trono de Jerusalém.

Herodes virou-se para olhar para aquele ancião que lhe estava a profetizar, à luz do dia, o que tantas vezes tinha visto nos seus sonhos. Admirado por encontrar entre aqueles covardes um homem corajoso, jurou ali, na presença de todos os seus juízes, que no dia em que se coroasse os passaria todos à espada. A todos, exceto ao único homem que se tinha atrevido a dizer-lhe na cara o que sentia.

Quando Herodes se tornou rei, essa foi a primeira medida que tomou. Com exceção do seu profeta particular, decapitou todos os membros do Sinédrio.

No meio daqueles dias de horrores sangrentos, a Natureza desafiou o Inferno, inundando a terra de beleza. Foi, de facto, uma época de mulheres belas. Ao serviço do seu Senhor, a Natureza concebeu uma mulher de uma beleza extraordinária e deu-lhe um nome. Chamou-lhe Isabel.

Isabel era filha de uma das famílias sacerdotais da alta sociedade de Jerusalém. Os seus pais pertenciam a uma das vinte e quatro famílias herdeiras dos 24 turnos do Templo. Sendo

os seus pais clientes da casa dos Simeões, a extraordinária beleza daquela rapariga abriu-lhe as portas do coração de Simeão, o Jovem, com quem ela cresceu como se fosse uma irmã.

Os pais de Isabel não podiam deixar de ver com bons olhos a relação que os jovens mantinham. Pensando na possibilidade de um futuro casamento, os pais concederam a Isabel uma liberdade que, em regra geral, era negada às filhas de Aarão. Havia algo que pudesse encher mais de orgulho o coração daqueles pais do que a sua filha mais velha vir a ser a esposa do herdeiro de uma das maiores fortunas de Jerusalém?

Já não se tratava apenas de uma questão de riqueza, mas também da proteção que Herodes tinha concedido aos Simeões. A morte dos principais membros do Sinédrio após a sua coroação deixou os Simeões numa posição privilegiada. De facto, a dos Simeões foi a única fortuna que o rei não confiscou.

Se Isabel conseguisse cativar o jovem Simeão com a sua beleza, ufa!, mais do que os seus pais alguma vez poderiam ter sonhado.

Com esta possibilidade secreta em mente, que a cada ano parecia tornar-se mais real devido à inteligência com que a Sabedoria tinha enriquecido aquilo que a Natureza dotara de tantos dons, os pais de Isabel deixaram-na atravessar aquela ténue fronteira, para além da qual a mulher hebraica ficava livre para escolher marido.

O habitual nas castas judaicas era celebrar o contrato de casamento das mulheres da linhagem de Aarão antes de atingirem aquela idade perigosa, a partir da qual, por lei, a mulher não podia ser obrigada a aceitar a autoridade paterna como se se tratasse da vontade de Deus. Convencidos da influência e irresistível da beleza de Isabel sobre o jovem Simeão, os seus pais correram o risco de a deixar atravessar essa fronteira.

Ela atravessou-a encantada, e ele foi seu cúmplice.

Simeão entrou no jogo daquela alma gémea que a vida lhe tinha dado. Tendo ele próprio sido educado para desfrutar de uma liberdade privilegiada, quando os pais de Isabel se apercebessem da verdade, já seria tarde demais. Isabel já teria, nessa altura, atravessado aquela fronteira e nada nem ninguém no mundo poderia impedi-la de se casar com o homem que amava mais do que a própria vida, mais do que as muralhas de Jerusalém, mais do que as estrelas do céu infinito, mais do que os próprios anjos.

No dia em que os pais compreenderam quem era o escolhido de Isabel, nesse dia os pais levantaram um alvoroço.

O problema do homem que Isabel amava de uma forma tão superior aos interesses familiares era simples. Isabel tinha entregue o seu coração ao jovem mais teimoso de toda

a Jerusalém. Na verdade, ninguém apostava nada na vida do filho de Abias. Zacarias tinha metido na cabeça entrar no Templo e expulsar todos os vendedores de genealogias e traficantes de certidões de nascimento por grosso. Alucinados com o que consideravam um ataque frontal aos seus bolsos, foram muitos os que juraram acabar com a sua carreira a qualquer custo. Mas nem as ameaças nem as maldições conseguiram assustar Zacarias.

Nesse aspeto, todos reconheciam que o filho era a cópia exata do pai. Não tinha sido o seu pai o único homem em todo o reino capaz de se colocar diante do Asmoneu nos seus melhores dias, barrar-lhe o caminho e profetizar-lhe na cara uma torrente de desgraças? O que se poderia esperar do seu filho, que fosse um covarde?

De qualquer forma, por que razão Zacarias não dirigia a sua cruzada para outro lado? Por que razão lhe tinha metido na cabeça centrar a sua cruzada contra o negócio florescente da compra e venda de documentos genealógicos e registos de nascimento falsos? Que mal faziam a alguém a emissão desses documentos?

Os interessados vinham da própria Itália, dispostos a pagar o que lhes pedissem por um simples pedaço de papiro assinado e selado pelo Templo. De onde vinha essa teimosia do filho de Abias? Porque é que não se dedicava a aproveitar a vida como qualquer outro rapaz da vizinhança? Será que se divertia a estragar a festa a toda a gente?

Bem, mas antes de continuarmos, vamos entrar na mente de Zacarias e nas circunstâncias contra as quais ele se levantou.

Já referi que Zacarias, filho de Abias, e Simeão, o Jovem, filho de Simeão, o Babilónio, assumiram o testemunho da busca pelo Herdeiro vivo de Salomão.

Tendo em conta todas as circunstâncias expostas nos capítulos anteriores, compreende-se que o segredo fosse a condição sine qua non que os levaria até ao fim do caminho. Ninguém devia saber qual era o objetivo em mente.

Se aos Asmoneus a mera ideia da restauração davídica lhes arrepiava os cabelos, ao menor suspeita das intenções dos filhos dos seus protegidos — os Semayas e Abtalión dos escritos oficiais judaicos, Simeão e Abias para nós —, o rei Herodes exterminaria num só dia todos os filhos de David.

Depois, havia os piratas de sempre, que ficariam encantados em denunciar os seus filhos, os nossos Simeão e Zacarias. Herodes recompensaria a denúncia por traição à coroa com milhares de honras. E, de passagem, eliminariam de cena o cruzado solitário com quem não se conseguia chegar a qualquer acordo.

Assim, ciente do mar de perigos sobre cujas ondas navegava, Zacarias não se abria com ninguém no mundo. Nem mesmo com a própria Isabel, a mulher com quem ele sabia que iria casar-se, apesar da vontade dos seus futuros sogros.

Era natural que, de todos os homens de Jerusalém, não houvesse outro que contasse com mais proteção do que o filho de Abias.

Entremos agora nas causas daquela corrupção generalizada nos braços da qual se lançaram os funcionários do Templo.

Em agradecimento pela sua salvação pela cavalaria judaica — como já referi —, Júlio César concedeu à Judeia privilégios fiscais e isenção do serviço militar para os seus cidadãos.

César ignorava a complexa extensão do mundo judaico. Astutos como ninguém, os judeus de todo o seu Império aproveitaram-se da sua ignorância para beneficiar dos privilégios concedidos aos cidadãos da Judeia. Mas, para usufruir desses privilégios, eram obrigados a apresentar os documentos pertinentes.

Tudo o que tinham de fazer era ir a Jerusalém, pagar uma quantia em dinheiro e obter esses documentos.

Será que o filho de Abias tinha motivos para se opor a esse plano? Será que Zacarias não amava os seus irmãos em Abraão? Por que se opunha? O que lhe dizia isso a ele? Os cofres do Templo estavam a encher-se. Não lhe interessava, como sacerdote e judeu de nascimento, a prosperidade do seu povo?

A hostilidade crescente contra Zacarias decorria do facto da sua ascensão imparável, que, em breve, se ninguém lhe impedisse o caminho, o levaria ao topo da direção dos Arquivos Históricos e Genealógicos, da qual dependia a emissão dos referidos documentos.

Ora, havia motivos para que o filho de Abias fizesse vista grossa e aproveitasse a ocasião para enriquecer e, de passagem, partilhar com todos a prosperidade que o céu lhes tinha concedido após tantos males passados; motivos, sim, havia.

Mas não, o filho de Abías dizia que não se alinhava com a corrupção. Tinha a cabeça dura como uma pedra. Para piorar a situação, a proteção com que contava não deixava aos seus inimigos outra saída senão tentar travar a sua carreira por todos os meios.

Por isso, por muito que adorasse o homem da sua vida, a própria Isabel questionava-se sobre o motivo daquela cruzada do seu amado. Se ela abordasse o assunto, ele limitava-se a dar-lhe respostas evasivas, desviava o olhar, mudava de assunto e deixava-a com a palavra na boca. Será que ele não a amava?

Simeão, o Jovem, ria-se daqueles dois amantes impossíveis.

Um riso que Isabel interpretou como um sinal de que, sendo filha de Aarão e tendo a Natureza do seu lado, o seu melhor amigo iria revelar-lhe o mistério que os dois escondiam.

Simeão, o Jovem, foi enrolando no início. A última coisa que queria era pôr em perigo a vida de Isabel. No fim, teve de abrir o coração e revelar-lhe a verdade.

Um judeu de qualquer parte do Império que desejasse registar-se como cidadão da Judeia, a que família se ligaria e em que cidade pediria para ser registado como nativo?

A resposta era tão óbvia que Isabel compreendeu imediatamente.

«Em Belém da Judéia e ao rei David.»

Já era de si difícil para o Genealogista-Mor do Reino avançar por entre montanhas de documentos; para além disso, havia esta avalanche de filhos de David que, de repente, estavam a surgir por todo o lado, ligados ao lendário rei.

«Então estão à procura do herdeiro de Salomão», respondeu Isabel a Simeão. «Que bonito!» Simeão riu-se com vontade da sua piada.

Para Zacarias, não foi assim tão engraçado que o seu sócio revelasse a verdade a Isabel. Feito o mal, era preciso seguir em frente e confiar na prudência feminina. Confiança essa que Isabel nunca desiludiu.

O mesmo Espírito que detém o avanço dos guerreiros e lhes nega o acesso aos objetivos que Ele reservou para aqueles que lhes seguirão, esse mesmo Deus é quem ordena os tempos e, c , move no palco os atores para quem reservou a vitória que negou àqueles que lhes abriram caminho.

Contra todos os maus presságios que os seus inimigos lhes desejaram, Zacarias alcançou o cargo mais alto na direção dos Arquivos do Templo. Casou-se também com a companheira que o destino lhe reservara. Quando descobriram que não podiam ter filhos, ouviram dizer: «Castigo de Deus», por ela se ter rebelado contra a vontade dos pais, mas consolaram-se amando-se com toda a força de que o coração humano é capaz.

À dor de se verem estéreis juntou-se o fracasso da sua busca.

O Nascimento de José

Zacarias passou anos a vasculhar montanhas de documentos genealógicos, organizando pergaminho a pergaminho, à procura da pista que o levasse ao último herdeiro vivo da coroa de Salomão. Não enlouqueceu porque a sua inteligência era mais forte do que o desespero que se apoderou da sua mente e, claro, porque o Espírito do seu Deus lhe sorria através dos lábios do seu companheiro Simeão, que nunca perdia a esperança e estava sempre lá para lhe levantar o ânimo.

«Tranquilo, meu, vais ver que, no final, vamos encontrar o que procuramos onde menos esperamos e quando menos imaginamos, vais ver. Não te quebres a cabeça, porque o teu Deus quer abrir-te os olhos à sua maneira. Não acredito que Ele te vá deixar de mãos vazias. É só que estamos a olhar na direção errada. A culpa é nossa. Achas que Ele te elevou

até onde estás para te deixar com a tua desolação no cume? Descansa, aproveita a tua existência, vamos deixar que Ele nos faça rir.”

Aquele Simeão era extraordinário. Mas em todos os sentidos. Quando se casou com a mulher dos seus sonhos, também desfrutou do sonho de ser o homem mais feliz do mundo. Com aquela felicidade sua que se espalhava por todos os clientes da sua Casa e que o transformou no banqueiro dos pobres, um belo dia, assuntos de negócios levaram-no a Belém.

A clientela dos Simeões também se estendia pelas povoações ao redor de Jerusalém. Entre as famílias que faziam negócios com eles figurava o Clã dos carpinteiros de Belém. Naquela altura, a liderança do Clã estava nas mãos de Matat, pai de Heli. Mestres marceneiros, o clã dos carpinteiros de Belém tinha construído a sua fama de profissionais da madeira desde tempos imemoriais. Diz-se até que o fundador do clã instalou uma das portas da cidade santa nos dias de Zorobabel. Simples rumores, claro. O que se passou foi que a chegada de Simeão, o Jovem, a Belém coincidiu com o nascimento do primogénito de Heli. Chamaram ao recém-nascido José. Para além dos parabéns, uma vez concluído o negócio que o trouxera a Belém, o avô da criança e o nosso Simeão entraram em conversas sobre as origens da família. O tema em questão levou a que Matat se alongasse sobre a origem davídica da sua casa.

Em Belém, nunca ocorreu a ninguém pôr em dúvida a palavra do chefe do clã dos carpinteiros. Todos acreditavam — pois sempre se acreditara na aldeia — que o clã pertencia à casa de David. Matat, o avô de José, também não andava por aí a usar o documento genealógico da sua família como se fosse um chicote pronto a cair sobre os incrédulos. Não teria feito sentido. Simplesmente era assim, sempre tinha sido assim e não cabia outra coisa. Os seus pais tinham sido considerados filhos de David desde uma época de que já ninguém se lembrava, e ele, Matat, tinha todo o direito de acreditar na palavra dos seus antepassados. Afinal, cada um era livre de se considerar filho de quem melhor lhe conviesse. Mas claro, com a investigação de Zacarias num impasse, a busca pelo filho de Salomão nos arquivos históricos encalhada num beco sem saída, era inevitável que uma simples família de carpinteiros saltasse para o terreno das realidades infalíveis; era inevitável que ao nosso Simeão, amigo íntimo do Genealogista-Mor do Reino, aquela certeza absoluta do avô Matat lhe parecesse, se não engraçada, pelo menos bastante simpática. Mais do que tudo, foi o tom de certeza na voz do avô de José.

Quando, sem intenção de ofender o chefe do clã dos carpinteiros de Belém, Simeão, o Jovem, pôs em dúvida a legitimidade da origem davídica da sua família, o avô Matat olhou para o jovem Simeão com as sobrancelhas ligeiramente franzidas. A sua primeira reação foi sentir-se ofendido e, pela sua barba, se a dúvida tivesse vindo de outra pessoa, por uma questão de honra, tê-lo-ia mandado sair imediatamente de casa. Mas, em honra da amizade que o unia aos Simeões, e porque o Jovem não pretendia de forma alguma ofendê-lo, o avô Matat absteve-se de dar rédea solta ao seu temperamento. Também porque, com os rumores que circulavam — quando bastava dar um pontapé numa pedra para que surgissem filhos de David —, a dúvida do rapaz pareceu-lhe compreensível.

Homem de muito bom caráter, apesar desta forma de entrar na nossa narrativa, não querendo que, doravante, pairasse qualquer tipo de dúvida entre a sua casa e a dos Simeões, o avô Matat pegou no nosso Simeão pelo braço e levou-o à parte. Com toda a confiança do mundo depositada na sua sinceridade, o homem conduziu-o aos seus aposentos privados. Dirigiu-se a um baú tão antigo quanto o inverno, abriu-o e retirou do seu interior uma espécie de rolo de bronze envolto em peles rançosas.

À vista de Simeão, o avô Matat colocou-o sobre a mesa. E desenrolou-o lentamente, com o mistério de quem se prepara para desnudar a sua alma.

Assim que Simeão viu o conteúdo envolto naquelas peles rançosas, as suas pupilas abriram-se como janelas ao surgirem os primeiros raios da primavera. Um mudo «Meu Deus» escapou-lhe dos seus lábios, mas disfarçou a surpresa e escondeu a emoção que lhe percorria as costas. E é que poucas vezes na sua vida, mesmo sendo o confidente do Genealogista-Mor do Reino e apesar de estar habituado a ver documentos antigos — alguns tão antigos como as muralhas de Jerusalém —, poucas vezes os seus olhos tinham contemplado uma joia tão bela quanto importante.

Aquele rolo genealógico exalava antiguidade a cada pormenor. Os selos no seu metal eram duas estrelas a brilhar num firmamento de couro tão seco como a montanha onde Moisés recebeu as Tábuas. Os caracteres da sua escrita exalavam fragrâncias exóticas nascidas no campo de batalha onde David empunhou aquela que viria a ser a espada dos reis de Judá. O avô Matat desdobrou o rolo genealógico do seu clã em toda a sua extensão mágica e deixou que o Jovem lesse a lista dos antepassados de José, o seu neto recém-nascido. Dizia:

«Heli, filho de Matat. Matat, filho de Levi. Levi, filho de Melqui. Melqui, filho de Jannai. Jannai, filho de José. José, filho de Matatías. Matatías, filho de Amós. Amós, filho

de Nahum. Nahum, filho de Esli. Esli, filho de Naggai. Naggai, filho de Maat. Maat, filho de Matatías. Matatías, filho de Semeín. Semeín, filho de Josec. Josec, filho de Jodda. Jodda, filho de Joanam. Joanam, filho de Resa. Resa, filho de Zorobabel”.

Enquanto Simeão, o Jovem, o lia, não se atreveu a levantar os olhos. Uma energia fulgurante percorria-lhe a medula, fibra a fibra. No seu íntimo, queria dar saltos de alegria; a sua alma sentia-se como a do Herói após a vitória, a saltar nu pelas ruas de Jerusalém. Se Zacarias estivesse ali com ele, ao seu lado, por Deus que teriam dançado a dança dos valentes em torno da fogueira da vitória.

Claro que sim, é evidente que Simeão, o Jovem, já tinha visto um documento idêntico a aquele, com nomes diferentes, mas da mesma antiguidade, guardando nos seus segredos os caracteres hebraicos mais antigos, escritos pelos homens que viveram na Babilónia de Nabucodonosor. Tinha-o visto na sua própria casa. O seu próprio pai herdara-o do pai deste e trouxera-o para Jerusalém para depositar uma cópia nos Arquivos do Templo. Sim, tinha-o visto na sua própria casa; era a joia da família dos Simeões. Quantas famílias em todo o Israel poderiam apresentar um documento dessa natureza? Simeão sabia a resposta desde criança: apenas as famílias que regressaram com Zorobabel da Babilónia podiam fazê-lo, e todas as que podiam fazê-lo encontravam-se no Sinédrio.

Meu Deus!, o que o nosso Simeão não teria dado para ter, naquele momento, o seu Zacarias ao seu lado. A Lua e as estrelas não valiam, aos seus olhos, tanto quanto aquele rolo de bronze babilónico abraçado àquele pergaminho de couro de vaca do Éden. Aquele documento tinha mais valor do que mil volumes de teologia. O que não teria ele dado por ter tido a oportunidade de ouvir, da boca de Zacarias, a leitura do resto da Lista! Dizia:

«Zorobabel, filho de Salatiel. Salatiel, filho de Neri; Neri, filho de Melqui; Melqui, filho de Addi; Addi, filho de Cosam; Cosam, filho de Elmadam; Elmadam, filho de Er; Er, filho de Jesus; Jesus, filho de Eliezer; Eliezer, filho de Jori; Jori, filho de Matat; Matat, filho de Levi; Levi, filho de Simeão; Simeão, filho de Judá; Judá, filho de José; José, filho de Eliakim; Eliakim, filho de Meleá; Meleá, filho de Mená; Mená, filho de Matata; Matata, filho de Natã. Natã... filho de David”.

A Grande Sinagoga do Oriente

Talvez me esteja a precipitar um pouco na sucessão dos acontecimentos, levado pela emoção das recordações. Espero que o leitor não me leve a mal por me ter lançado, quase desenfreado, pela planície das memórias que lhe revelo. Depois de terem permanecido adormecidas durante dois mil anos no silêncio dos altos cumes da História, nem o próprio autor consegue controlar a emoção que o domina, e os seus dedos voam para as nuvens com a mesma facilidade com que as asas da águia-das-neves se estendem em direção ao sol inatingível que dá vida às suas penas.

A verdade que deixei de lado é a relativa calma internacional que o império de Júlio César trouxe à região, uma paz relativa que jogou a favor dos nossos heróis, estimulando a

sua inteligência, especialmente a do nosso Zacarias. Noutras circunstâncias geopolíticas, talvez, a possibilidade de integrar essa Paz no esquema dos seus interesses nem lhes tivesse passado pela cabeça.

Em linhas gerais, grosso modo, toda a gente sabe que tipo de relação de amor e ódio entre romanos e partos manteve o Médio Oriente em suspenso durante aquele século. De qualquer forma, os manuais de História do Antigo Oriente Próximo e da República Romana estão ao alcance de qualquer pessoa. Não é um tema que predomine na recriação oficial, sobretudo devido à origem asiática dos partos, pormenor esse que, para os historiadores ocidentais, influenciados pela sua cultura greco-latina, constitui desculpa suficiente para abordar de passagem o tema da história do seu Império. Esta História não é o melhor local para alargar os horizontes nessa direção; fica aqui registado o desejo de o fazer noutra ocasião. Em suma, esta História não pode alargar até ao infinito o cenário onde se desenrolou. Os manuais oficiais estão lá para alargar os horizontes a quem quiser aprofundar um pouco mais o tema.

O facto que vem ao caso e que pertence a esta História centra-se na influência que a paz de César exerceu sobre a região e nas opções que colocou nas mãos dos seus habitantes. Pensemos que, sempre que se pensa nos dias do conquistador da Gália, a nota predominante recai sobre a parafernália das suas guerras, os seus instintos ditatoriais, a teia de conspirações políticas contra o seu *império*, ignorando-se sempre os benefícios que a sua paz trouxe a todos os povos submetidos a Roma. No que diz respeito ao nosso relato, a paz de César foi, mais do que grandiosa, extremamente importante.

Zacarias, que não parava de tramar a forma de levar a bom termo a sua busca pelo legítimo herdeiro da coroa de Salomão, pensou um dia nas palavras do seu sócio: «Tranquilo, meu, vais ver que, no final, vamos encontrar o que procuramos onde menos esperamos e quando menos imaginamos, vais ver», e disse a si mesmo que Simeão tinha toda a razão do mundo. Ainda não tinham encontrado o que procuravam porque andavam a dar voltas em torno do vazio. E provavelmente nunca encontrariam a pista dos filhos de Zorobabel se continuassem a vasculhar onde não havia vestígios da sua existência. Então, porque não jogar a carta da Grande Sinagoga do Oriente? A única coisa que tinham de fazer era enviar um e-mail a pedir aos Magos da Nova Babilónia que procurassem a genealogia de Zorobabel nos seus arquivos. Tão fácil quanto isso, tão simples quanto isso.

Simeão, o Babilónio, natural de Selêucia do Tigre, perfeito conhecedor da sinagoga em questão, acenou com a cabeça. Ri-se e deixou escapar o que lhe saía da alma:

«Claro, filhos, como é que estivemos tão cegos todo este tempo? Aí está a chave do enigma. Não percam tempo. Em algum lugar daquela montanha de arquivos deve estar a joia que vos está a dar dores de cabeça. A ocasião é propícia. É agora ou nunca. Ninguém pode dizer quando a paz se quebrará. Mãos à obra.»

Zacarias e os seus homens escolheram um mensageiro de total confiança entre os mensageiros da Grande Sinagoga do Oriente que, naquela época, assim que as rotas fossem abertas, costumavam trazer o Dízimo para Jerusalém. A mensagem que ele deveria levar no seu regresso a Selêucia, para ser lida exclusivamente pelos chefes da Sinagoga dos Magos do Oriente, terminava com estas palavras: «Concentrem a investigação nos filhos de Zorobabel que o acompanharam de Babilónia a Jerusalém».

A tensão entre os dois impérios da época, o Romano e o Parto — uma corda esticada que podia romper-se a qualquer momento —, além de terem de contar com as contínuas insurreições nacionalistas típicas do Médio Oriente, fazia com que a resposta pudesse demorar algum tempo. Mas eles tinham tempo.

Desde os tempos de Zorobabel, os judeus do outro lado do Jordão tinham conseguido contornar os perigos e cumprir o dízimo. Durante o período de estabilidade que o império persa proporcionou à Ásia Ocidental, a caravana dos Magos do Oriente chegava ano após ano. Posteriormente, após a conquista da Ásia por Alexandre, o Grande, a situação não se alterou. As coisas pioraram quando os partos montaram as suas tendas a leste do Éden e sonharam com a invasão do Ocidente.

Antíoco III, o Grande, teve de se esforçar ao máximo para conter a avalanche dos novos bárbaros. O seu filho, Antíoco IV, morreu a defender as fronteiras. Tendo-se as terras do Próximo Oriente transformado numa terra de ninguém, aberta à pilhagem e ao saque após a morte da Besta dos judeus, os judeus a leste do Jordão tiveram de aprender a desenrascar-se sozinhos; mas, acontecesse o que acontecesse, a caravana dos Magos do Oriente chegava sempre a Jerusalém com a sua carga de ouro, incenso e mirra.

Apesar desta adversidade, o mensageiro de Zacarias chegou ao seu destino. A seu tempo, regressou a Jerusalém com a resposta esperada.

A resposta à pergunta de Zacarias era a seguinte:

«Foram dois os filhos que Zorobabel trouxe consigo da Babilónia. O mais velho chamava-se Abiud; o mais novo chamava-se Resa».

E havia mais, continuou a dizer-lhes o mensageiro dos Magos:

«A Zorobabel entregou ao mais velho dos seus filhos o rolo do seu pai, rei de Judá. O filho de Abiud era, portanto, o portador do rolo salomónico. Ao mais novo, entregou o rolo genealógico da sua mãe. Consequentemente, o filho de Resa era o portador do rolo da casa de Natã, filho de David. Exceto nas suas listas, os dois rolos eram idênticos. Quanto ao paradeiro de ambos os herdeiros, sobre isso não lhes puderam dar detalhes».

«Quão estranho é o Onipotente!», pensava Simeão, o Jovem, ao regressar de Belém. «Que forma estranha de agir tem o Todo-Poderoso! O rio esconde-se debaixo da terra, é engolido pela rocha, ninguém sabe que caminho irá traçar pelos hipogeus, longe da vista de todos os vivos. Só Ele, o Onisciente, conhece o local exato por onde irá romper a superfície e emergir.

O Senhor ri-se do desespero do seu povo, deixa-os cavar o solo à procura do caminho por onde passará o rio que se perdeu no coração da terra mal nascido, e quando já desistem sob o peso da vitória impossível e as mãos lhes sangram com as feridas da frustração, então a alma do Onisciente comove-se, levanta-se, sorri para os seus e, com uma palmada nas costas, aproxima-se e diz-lhes: «Vá lá, rapazes, o que se passa convosco? Levantem os olhos, o que procuram está a dois palmos do vosso nariz.»

Simeão, o Jovem, riu-se ao pensar na cara que o seu sócio Zacarias iria fazer quando lhe desse a notícia. Já se imaginava a contar-lhe toda a história da sua descoberta.

«Senta-te, Zacarias», dir-lhe-ia.

Zacarias ficaria a olhar fixamente para ele. Simeão, o Jovem, continuaria a envolvê-lo no mistério da sua alegria, disposto a saborear aquele momento segundo a segundo.

«O que se passa contigo, irmão? Já perdeste essa tua capacidade de ler os meus pensamentos?», insistiria Simeão, o Jovem.

Sim, senhor, ia desfrutar daquele momento até à última micra de segundo.

Naquele momento, não havia nada no mundo que ele desejasse mais do que viver ao ar livre o olhar do seu sócio quando este lhe dissesse:

«Senhor Genealogista-Mor do Reino, amanhã terei o infinito prazer de lhe apresentar Resa, filho de Natã, filho de David, pai de Zorobabel».

O Alfa e o Ómega

Contra o horizonte, o oceano ergue a sua boca, devorando o céu. Os ventos rangem, os tubarões traçam os seus caminhos nas profundezas escuras, fugindo dos arbustos de fogo que, sob a forma de chicotes de água, açoitam os braços fortes que preferiram morrer a lutar a viver a morrer. Que força desconhecida, proveniente dos remotos altares do universo, asperge com o seu néctar de coragem risonha os olhos dos homens que se descalçam e caminham com a alma nua por um caminho de espinhos, procurando aquecer os seus ossos no fogo que nunca se consome? Que energia endurece os ossos da cotovia das distâncias entre os dois pólos do íman, percorrendo as curtas estações da sua vida efémera? Por que razão a terra sofredora, esmagada, exausta e queimada dos seus lamas

primordiais gera espíritos nascidos para virar as costas à praia dos coqueiros e adentrar-se solitários nas profundezas das florestas negras? Que mistério se esconde na alma humana, que tantos procuram e tão poucos alcançam? Em que berço o firmamento dos céus amamentou o peito que mostra à flecha a fenda que lhe servirá de aljava entre as costelas?

Não serão os prazeres da vida ondas de natas e chocolate sobre cujos lábios pétalas perfumadas depositam os seus beijos? O rei da selva senta-se na planície para admirar a dança da sua rainha no vale das gazelas. O condor indomável passeia a sua nave de penas sobre cumes que cortam o céu como espadas de heróis as fileiras do inimigo. O golfinho dos oceanos deixa-se levar pelas correntes quentes, sonhando encontrar, pelos caminhos do mar, caravelas de colonos embriagados de sonhos. Por que razão coube ao homem, por sorte, o bater das ambições, o choque dos interesses, o estalar das paixões?

O que faremos com essa parte da natureza do nosso Género? Cantaremos-lhe uma canção de embalar antes do réquiem? Baniremos do nosso futuro o nascimento de novos heróis? Faremos com os filhos do futuro o que outros fizeram: dar-lhes um túmulo em nome da liberdade? Ou os encerraremos numa gaiola para que cantem tristemente como aqueles passarinhos tolos que morrem se lhes roubarem a liberdade?

Todo o homem tem diante de si uma vida de perigos e outra de comodidades, esquecendo o destino dos outros. Todas as épocas tiveram os seus advogados do diabo e os seus procuradores de Cristo. A única coisa que sabemos é que, quando se inicia o caminho, já não há volta a dar.

O mensageiro que, vindo da Nova Babilónia, lhe trouxe a resposta à Saga dos Precursores chamava-se Hilel. Hilel era um jovem doutor da Lei, formado na escola dos Magos do Oriente. Tal como outrora Simeão, o Babilónio, Hilel fez a sua entrada em Jerusalém trazendo o Dízimo numa mão e, na outra, uma sabedoria secreta, adequada apenas àquela classe de homens que a terra gera, ainda que os seus semelhantes os condenem.

Também a terra chora, e também os seus filhos aprendem. Sempre se disse que o homem sabe mais sobre o inferno — por ter vivido entre as suas chamas desde que foi expulso do paraíso — do que o próprio diabo e os seus anjos rebeldes, pois, sendo o seu futuro o nosso destino, esses filhos amaldiçoados ainda não provaram o sabor amargo dos fogos do terrível inferno que os espera ao virar da esquina.

Os sábios helénicos consideravam-se superiores aos hebreus pela sua capacidade de penetrar no mistério de todas as coisas. É então inevitável perguntar: será que aquele que

tropeça na pedra dos burros sabe mais do que aquele que nunca caiu? Ou seja, estamos todos condenados a aprender tropeçando como os burros, duas vezes. E, por conseguinte, devemos condenar sistematicamente todos aqueles que aprenderam a lição sem precisarem de morder o pó onde a Serpente se contorce.

Naqueles dias de dragões e bestas, de escorpiões e lagartas, dois caminhos abriam-se perante os homens. Se se escolhesse o primeiro caminho — esquecer-se de olhar para as estrelas e dedicar-se aos seus trabalhos —, a existência não exigia mais discurso do que «vive e deixa viver», que o tirano esmague e o poderoso afunde, é o seu destino, e o do fraco é ser esmagado e afundado.

Se se escolhesse o segundo caminho, toda a sabedoria era pouca e toda a precaução insuficiente. Zacarias e os seus homens tinham escolhido este último caminho. Também Hilel, o jovem doutor da Lei que lhes fora enviado pelos Magos do Oriente, da Nova Babilónia, com a resposta à sua pergunta.

Hilel não lhes trouxe apenas os nomes dos dois filhos de Zorobabel que o acompanharam desde a Antiga Babilónia até à Pátria Perdida. A sós com a Saga dos Precursores, contou-lhes o que nunca tinham ouvido, revelou-lhes uma doutrina cuja existência nem nos seus sonhos mais remotos teriam podido imaginar.

Que Zorobabel foi o herdeiro da coroa de Judá e que, na sua qualidade de príncipe do seu povo, liderou a caravana do regresso do Cativo, é um clássico da História Sagrada. Partindo deste facto amplamente conhecido, e partindo do pressuposto de Zacarias e da sua Saga de que ao filho mais velho de Zorobabel cabia a primogenitura dos reis de Judá, Zacarias abriu caminho pelas cadeias genealógicas da sua nação. Por fim, a impossibilidade de ultrapassar aquelas cadeias de arquivos intermináveis levou-o a olhar para o outro lado do Jordão. E daquela que outrora fora a terra do paraíso terrestre chegou-lhe a resposta pelos lábios do doutor da Lei, protagonista do discurso que se segue.

«Aqui estou eu com os dois filhos que o Senhor me deu», começou Hilel a mensagem que trazia do atual Chefe dos Magos do Oriente, um homem chamado Ananel.

«Muitas vezes todos os aqui presentes já lemos estas palavras do profeta. No entanto, não foram dois os filhos que Davi teve. Teve muitos. Mas apenas dois, como atestam as suas palavras, incluiu na sua herança messiânica. Falamos de Salomão e Natã. O primeiro foi sábio, o segundo foi profeta. Entre estes dois, Davi dividiu o seu legado messiânico.

Ao fazê-lo, David afastou do seu herdeiro à coroa a ideia de que ele fosse o Filho do Homem, o Menino que nasceria de Eva para esmagar a cabeça da Serpente. Por outras

palavras, Salomão não devia deixar-se influenciar pelo clamor da sua Corte que clamava pelo reino universal; pois ele não era o rei Messias das visões do seu pai David.

Filho digno do seu pai, o rei sábio por excelência seguiu à risca o Plano Divino. O mesmo fez o seu irmão, o profeta Natã. Este, desde o dia seguinte à coroação do seu irmão, retirou-se da corte e fundiu-se com o povo, deixando para trás um rasto que nunca se esquece nem jamais se alcança.”

(Muitas dúvidas podem surgir aqui, relativamente ao facto de Natam, filho do rei David, e o profeta Natã serem a mesma pessoa. Não gostaria de me perder em divagações típicas de um historiador do passado. Quando faltam as provas documentais necessárias para a reconstrução da história de uma personagem, o historiador deve recorrer aos elementos de uma ciência infinitamente mais exata: estamos a falar da ciência do espírito. Apenas coloco uma pergunta em cima da mesa e deixo o assunto de lado. A que outro profeta teria o rei dos profetas aberto a porta do seu palácio, senão àquele que nasceu na sua própria casa, nascido da sua coxa, como diriam os gregos? Não o maravilhou o seu Deus, fazendo-o rir daquela forma? É claro que o assunto fica pendente de confirmação por meio de documentação oficial. Mas insisto: quando faltam provas naturais, o investigador deve erguer o olhar e procurar a resposta naquele que guarda na sua memória o registo de todas as coisas do universo. Mas se a fé falhar e o testemunho de Deus for considerado nulo perante o tribunal da história, então não nos resta outra alternativa senão ignorar o assunto ou vaguear interminavelmente em busca daquela sabedoria inatingível dos gregos. Considerando aqui que a sabedoria dos presentes está isenta de preconceitos contra o Criador dos céus e da Terra, dito isto, continuamos).

«A casa de Salomão e a casa de Natã separaram-se. Na hora certa, quando, na sua onisciência, Deus assim o determinasse, estas duas casas messiânicas voltariam a encontrar-se, unir-se-iam numa única casa e o fruto deste casamento seria o Alfa. Quando tal acontecimento teve lugar, os seus pais deram-lhe um nome; chamaram-no Zorobabel. Este nascimento ocorreu aproximadamente cinco séculos após a morte do rei David.

Zorobabel, filho de David, herdeiro da coroa de Judá, casou-se e teve filhos e filhas. Entre os seus filhos, escolheu dois para repetir a tarefa que o seu lendário pai tinha realizado e, entre eles, dividiu o seu legado messiânico. Os nomes dos seus dois herdeiros eram Abiud e Resa.

Amantes do seu pai, tementes ao seu Deus, os príncipes Abiud e Resa acompanharam o seu pai desde a Babilónia de Ciro, o Grande, até à Pátria Perdida. Empunharam a espada

contra aqueles que tentaram, por todos os meios, impedir a reconstrução de Jerusalém e, após a morte do seu pai, separaram-se.

Cada um deles herdou do seu pai Zorobabel um rolo genealógico escrito de mão do próprio David. O rolo salomónico começa a sua lista a partir de Abraão. O rolo natâmico inicia a sua lista a partir do próprio Adão.

Se, no que diz respeito à Lista Real de Judá, ninguém ignora a sucessão desde David até Zorobabel, o mesmo não se passa com a Lista de Natã. A sua sucessão é a seguinte: Natã, Matata, Menna, Melea, Eliakim, Jonam, José, Judá, Simeão, Levi, Matat, Jorim, Eliezer, Jesus, Er, Elmadam, Cosam, Addi, Melqui, Neri, Salatiel.

Qualquer pessoa que se declare filho de Resa deve apresentar esta Lista. Caso contrário, a sua candidatura à sucessão messiânica deve ser rejeitada».

Mas recapitulemos.

Cinco séculos após a morte de David, as duas casas messiânicas encontraram-se na Babilónia de Nabucodonosor II. Na Corte dos Jardins Suspensos, nasceu Salatiel, príncipe de Judá. Salatiel uniu-se à herdeira da casa de Natã, e tiveram Zorobabel.

Todos os judeus já se congratulavam pelo nascimento do filho das Escrituras quando Deus despertou o espírito de profecia em Daniel. Com a autoridade do Chefe dos Magos

de Nabucodonosor, Daniel acalmou aquele clamor messiânico, anunciando a todos os judeus a vontade divina. A saber, Deus tinha entregue o império a Ciro, príncipe dos persas.

O que Daniel fez e disse está escrito. Não serei eu a indicar aos sábios especialistas em História Sagrada o número dos prodígios com cujos halos Daniel envolveu o trono dos caldeus, retirando a coroa ao herdeiro para a entregar ao escolhido do seu Deus.

O preço que Ciro pagou pela coroa atesta, com provas incontestáveis, a natureza da participação do profeta Daniel nos acontecimentos que conduziram à transferência do império da Babilónia para Susá. Mas a preocupação que aqui nos reúne tem a ver com o destino do Alfa.

Inculcado por Daniel, o jovem Zorobabel repetiu na sua própria pele o que o seu pai, David, fizera na sua. Pegou nos dois filhos que Deus lhe dera e dividiu entre eles o seu legado messiânico. Ao mais velho, Abiud, entregou a lista genealógica do rei Salomão. Ao mais novo, Resa, entregou a do profeta Natã. E depois separou-os para que o Alfa seguisse os seus caminhos e crescesse até se transformar no Ómega.

Já temos o portador do rolo profético — continuou Hilel o seu relato —, o legítimo herdeiro do profeta Natã, filho de David. O seu surgimento é a manifestação carnal de quão perto estamos da hora em que o outro braço do Ómega se revele e venha à luz. A palavra de esperança que os meus lábios trazem do Oriente está nos vossos corações: Deus está convosco. O Senhor que vos conduziu à casa de Resa irá preparar-vos o caminho para a casa do seu irmão Abiud. Na Sua Onisciência, reuniu-nos a todos para sermos testemunhas do Nascimento do Alfa e do Ómega, o filho de Eva, o herdeiro do Cetro de Judá, o Salvador em cujo nome serão abençoadas todas as famílias da Terra».

A descoberta da doutrina do Alfa e do Ómega maravilhou Zacarias e a sua Saga. Possivelmente também estará a maravilhar todos vós que estais a ler estas páginas. As duas genealogias de Jesus têm estado diante dos olhos de todos desde que os Evangelhos foram escritos. Foram muitas as dores de cabeça que estas duas listas causaram aos exegetas e outros especialistas na interpretação das Escrituras Sagradas. Não pretendo, num dia tão belo, erguer a minha vitória sobre a memória daqueles que tentaram transformar essas listas numa espécie de calcanhar de Aquiles contra o qual lançar a flecha que o matou. Se é Deus quem fecha a porta, quem a abrirá contra a Sua vontade? Só Ele sabe por que faz o que faz e ninguém compreende as Suas razões, a não ser aquele a quem Ele gerou no Seu pensamento. Ou será que alguém acredita que, contra a Sua vontade, alguém Lhe possa arrebatá-la vitória que a tantos foi negada? Não é verdade que Noé tinha na sua Arca águias

poderosas, capazes de vencer os ventos e de lançar o seu olhar sobre horizontes distantes? E falcões velozes como estrelas cadentes, nascidos para desafiar tempestades. E, no entanto, foi a mais frágil de todas as aves que desafiou a Morte.

Mas voltemos à nossa narrativa.

O facto de terem encontrado o filho de Resa, filho de Zorobabel, filho de Natã, filho de David, elevou o ânimo de Zacarias e dos seus homens a alturas fantásticas.

Já tinham o portador do rolo natâmico. Era um recém-nascido que acabara de vir ao mundo em Belém. Os seus pais tinham-no chamado José.

Assim, com o filho de Natã ainda em fraldas, a busca pelo filho de Salomão transformava-se na busca pela Filha de Salomão. Uma mulher que poderia muito bem já ter nascido ou ainda não. Imaginando que a encontrariam e partindo do melhor dos cenários — que conseguissem que os pais dela aproximassem a sua família da do seu irmão Resa e, conseqüentemente, a união dos seus herdeiros —, Zacarias e Simeão, o Jovem, encontravam-se perante o Nascimento do Filho de David, filho de Abraão, filho de Adão. No fruto desse casamento entre o filho de Natã e a Filha de Salomão, o Alfa e o Ómega encarnar-se-ia na Criança que lhes nascesse.

Não lhes restava senão felicitar-se e pôr mãos à obra.

Mas continuava a haver um problema. Se, tal como se tinha demonstrado com a casa do Filho de Natã, os pais da Filha de Salomão pertenciam às classes humildes do reino, como é que a iriam encontrar? A resposta, mais uma vez, teriam de procurá-la nos Arquivos da Nova Babilónia. Em algum lugar, debaixo da montanha de documentos da Grande Sinagoga do Oriente, deveria estar a pista que os levaria até à Filha de Salomão. Das duas agulhas no palheiro, já tinham encontrado uma; agora era preciso ir buscar a outra.

Zacarias e os seus homens não demoraram a enviar à Nova Babilónia uma mensagem com a seguinte pergunta: Onde se instalou na Terra Santa Abiud, o filho mais velho de Zorobabel?

Certamente que, naquela montanha de pergaminhos da Grande Sinagoga do Oriente, deveria existir algum documento assinado de mão própria por Abiud.

Era de crer, e estavam certos disso, que, seguindo a doutrina messiânica, os dois irmãos se separaram e colocaram o futuro do seu encontro nas mãos de Deus.

A comunicação entre aqueles que partiram da Babilónia e os que ficaram era constante naqueles dias; se procurassem, encontrariam uma carta selada por Abiud; tinha de haver

algum documento pessoal escrito de sua própria mão que lhes revelasse para que parte de Israel se dirigiu e onde se estabeleceu o filho mais velho de Zorobabel.

A fé move montanhas, ora de pedra, ora de papel. Neste caso, foi de papel.

No ano seguinte, a resposta foi trazida a Jerusalém pelo próprio chefe dos Magos do Oriente. Ananel chegou com o Dízimo. Apresentou as suas credenciais perante o rei e o Sinédrio. Terminados os protocolos, realizou uma reunião secreta com Zacarias e a sua Saga. Foi breve.

«De facto, Abiud e Resa separaram-se. Resa estabeleceu-se em Belém e os seus descendentes não se afastaram daquele local. O seu irmão Abiud, pelo contrário, rumou para norte, atravessou a Samaria e chegou ao coração da Galileia dos Gentios. Seguindo a política de colonização pacífica através da compra de terras aos seus proprietários, Abiud comprou todas as terras que avistava de uma colina a que chamavam Nazaré».

Ananel repetiu este nome, «Nazaret», com o sotaque de quem sabe que os seus ouvintes estão a beber as suas palavras. Nazaret!, repetiram Zacarias e Simeão.

«Galiléia dos Gentios, uma luz surgiu entre as tuas trevas», sussurraram os dois homens em uníssono.

Sabendo como as coisas estavam a correr, Ananel podia garantir-lhes, sem qualquer tipo de dúvida, que a Casa de Abiud continuava de pé. A questão que tinham agora de resolver era como se aproximar da Filha de Salomão sem despertar suspeitas na corte do tirano.

Sobre a linha do horizonte, Jacob de Nazaré escrevia palavras de poeta: «Ai, mulher, o que farei se ninguém me ensinou as leis e os princípios da ciência do engano? Por que não me queres inocente? Se me dói a costela e da ferida brotas tu como um sonho, o que queres que eu faça?»

Jacob tinha a alma de um poeta perdido numa galáxia de versos de Sarón, aquele Lírio dos vales que canta uma sabedoria esquiva e ferida pelos amores do seu rei. Matán, o seu pai, casou-se com Maria; tiveram filhos e filhas. Jacob era o seu filho mais velho.

Naqueles dias de insurreições contra o Império do Oeste e de invasões do Império do Leste, com a Galileia submetida à pilhagem e ao saque, campo de batalha de todas as ambições dos outros povos, Jacob de Nazaré tornou-se o braço direito do seu pai. O rapaz, apesar de já não ser tão rapaz — diria antes que já era um homem feito —, ainda não se tinha casado. Não porque tivesse passado o tempo a sacrificar a sua juventude pela prosperidade dos seus irmãos e irmãs. Era isso que se dizia na aldeia. Eu não diria tanto. Ele também não diria. Como o conheciam tão pouco! Não tomou mulher porque sonhava com aquele amor extraordinário e paradisíaco dos poetas. Será que realizaria o seu sonho naquele mundo de metal e pedra?

Talvez sim, talvez não.

A verdade é que Jacob de Nazaré tinha a essência do Adão que conquistou Eva ao preço de deixar que lhe arrancassem uma costela. Para Jacob, o primeiro poeta do mundo foi Adão. Jacob imaginava o Primeiro Patriarca nu entre as feras do Éden. Tanto a correr contra a pantera como a interpor-se entre o tigre e o leão durante uma disputa pela coroa da sua amizade. Para Jacob, quando Adão ia banhar-se no rio, os grandes lagartos do Éden saíam das águas. E se visse as aves do Paraíso pousarem na Árvore Proibida, com um atirar de pedra afugentava-as para que vivessem e não morressem. Depois, ao cair da noite, deitava-se de barriga para cima a sonhar com Eva. Via-a a correr ao seu lado com as suas longas cabeleiras como um manto de estrelas, nus ao sol da primavera perene do Éden. Ao acordar, a costela da solidão doía-lhe a Jacob.

Tal como aquele Adão do Éden, Jacob de Nazaré sentava-se encostado ao tronco de uma das árvores da esplanada do Cigüeñal para sonhar com ela, a sua Eva. Numa daquelas tardes de devaneios poéticos, surgiu pelo caminho do Sul um doutor da Lei que dizia chamar-se Cleofás.

Entretanto, do outro lado do reino de Herodes, na Judeia, a entrada do chefe da Grande Sinagoga do Oriente, um mago chamado Ananel, revolucionou o panorama ao ser este Ananel eleito para o sumo sacerdócio.

Para muitos, a eleição de Ananel marcou o fim da destituição do Sinédrio que Herodes levou a cabo no dia seguinte à sua coroação. Ele jurou e cumpriu. Jurou a todos os seus juízes o que lhe viesse à cabeça fazer-lhes no dia em que fosse rei e, quando, contra todas

as previsões, se tornou rei, Herodes não se esqueceu da sua palavra. Com exceção dos homens que lhe anunciaram o seu futuro, mandou decapitar todos os outros. Não deixou escapar nem um único dos cobardes que deixaram passar a oportunidade de o esmagar quando o tinham aos seus pés. Depois, confiscou todos os seus bens.

A entrada em cena do Chefe dos Magos do Oriente — pensando na sua reconciliação com o povo — simplificou a tarefa a Herodes. Ainda mais quando, na qualidade de presidente do Sinédrio, Ananel lhe apresentou um plano de reconstrução das sinagogas do reino, que não custaria um euro ao rei e traria à sua coroa o perdão da História.

Como sabem, na sequência da perseguição de Antíoco IV Epifânio, a grande maioria das sinagogas de Israel foi arrasada. A Guerra dos Macabeus e os subsequentes feitos bélicos asmoneus impediram a reconstrução das sinagogas que, desde então, se encontravam em ruínas.

Agora que a Pax Romana tinha sido assinada, era a oportunidade certa.

É evidente que, se o financiamento daquele projeto de reconstrução tivesse dependido de Herodes, a disseminação de sinagogas por todo o reino nunca se teria concretizado. Outra coisa era que o financiamento fosse assegurado por capital privado. E assim foi: o projeto foi levado a cabo pelos seus promotores.

Quanto aos clãs saduceus, o costume das classes sacerdotais de administrar os tesouros do templo em benefício dos seus próprios bolsos também teria impedido a execução do projeto de reconstrução de todas as sinagogas do reino. Com a eleição de Ananel como presidente do Sinédrio e o apoio ao seu projeto por parte dos homens de Zacarias — de quem, naquela altura, dependiam as decisões finais do Senado judeu —, o projeto pôde e conseguiu avançar. Nem Herodes nem ninguém fora do círculo de Zacarias foi capaz de imaginar que objetivo secreto se escondia por trás daquele plano tão generoso de reconstrução das sinagogas. Se Herodes tivesse suspeitado de algo, a história teria sido bem diferente. O facto é que Herodes mordeu o isco.

A história judaica conta que, pouco depois de o projeto ter sido assinado, Ananel foi destituído do sumo sacerdócio por instigação da rainha Mariana, a favor do seu irmão mais novo. Bem, não o diz com estas palavras, porque o historiador judeu enterrou aquele projeto no pântano do esquecimento. O que se diz, sim, é que foi um favor muito insignificante o que a rainha fez ao seu irmão mais novo, pois mal foi elevado ao sumo sacerdócio, acabou por ser assassinado por aquele mesmo que o tinha elevado. Mas enfim, estes pormenores tão típicos do reinado daquele monstro não vêm ao caso nesta História.

O facto é que Zacarias e os seus homens receberam total liberdade de ação para concretizar aquele generoso projeto de reconstrução das sinagogas do reino.

Com carta branca para dirigir a reconstrução das sinagogas, o problema que Zacarias tinha de superar era escolher a pessoa adequada. É claro que não podiam enviar para Nazaré um charlatão. Se o enviado descobrisse o objetivo por trás de um projeto tão vasto e dispendioso e deixasse escapar alguma informação, o futuro da Filha de Salomão ficaria condenado. O escolhido tinha de ser um homem inteligente e ambicioso, para quem a escolha representasse uma espécie de exílio. Cegado pelo que consideraria um castigo, toda a sua energia seria direcionada para concluir a sua missão e regressar a Jerusalém o mais rapidamente possível. E é aqui que entra em cena aquele doutor da Lei que dizia chamar-se Cleofás.

Este Cleofás foi o marido que os pais de Isabel escolheram para a sua filha mais nova. Tendo aprendido a lição com a desilusão que sofreram quando a filha mais velha se casou com Zacarias, os pais de Isabel procuraram um marido para a irmã mais nova, para que ela

não seguisse os passos da irmã mais velha. A última coisa que queriam para a sua filha mais nova era outro indivíduo do tipo de Zacarias, por isso casaram-na com um jovem doutor da Lei muito promissor, inteligente, de boa família, um rapaz clássico, a mulher em casa, o homem a ocupar-se dos assuntos dos homens, o genro perfeito. A Isabel, a escolha de Cleofás como marido para a sua irmã mais nova desagradou-lhe imenso, mas, nesta questão, ela já não tinha voz activa.

Para Cleofás, o seu casamento com a irmã de Isabel — assim acreditava ele — abrir-lhe-ia as portas para o círculo de influência mais poderoso de Jerusalém. Cleofás não demorou a descobrir qual era a opinião do seu cunhado Zacarias sobre essa questão de lhe abrir as portas para o seu círculo de poder. Por amor à irmã, Isabel facilitou-lhe o caminho, mas no que dependia do próprio Zacarias, a história era bem diferente. O que era lógico, tendo em conta o que estava em jogo.

Pois bem, Cleofás teve com a sua mulher uma menina, a quem chamou Ana. De estatura pequena, mas de rosto muito bonito, Isabel dedicou à sua sobrinha todo o carinho que não pôde derramar sobre a filha que nunca teria. Carinho esse que foi crescendo com a menina e se tornou uma influência cada vez mais poderosa sobre a personalidade de Ana.

Cleofás, o interessado em questão, não podia ver com bons olhos uma influência tão poderosa sobre a sua filha por parte da sua cunhada. O seu problema era que devia tanto a Isabel que, por força das circunstâncias, tinha de engolir as suas queixas em relação à educação que a tia estava a dar à sua «sobrinha» do coração. Não porque os mimos a estivessem a privar da educação devida a uma filha de Aarão; neste aspeto, a educação religiosa de Ana não tinha nada a invejar à da própria filha do sumo sacerdote. Pelo contrário, se falamos de inveja, era a sua filha que mais inveja suscitava. Filha de um doutor da Lei, sobrinha da mulher mais poderosa de Jerusalém — à exceção da própria rainha e das mulheres de Herodes —, Ana cresceu entre salmos e profecias, recebendo a educação religiosa mais adequada a uma descendente viva do irmão do grande Moisés.

O romantismo que a sua cunhada estava a incutir na filha era o que deixava Cleofás fora de si. Quando a rapariga se tornou uma jovem, já não se podia falar-lhe de casamento por interesse. Nenhum partido que o pai lhe procurasse lhe agradava. Nenhum pretendente lhe parecia adequado. Ana, tal como a sua tia, só se casaria por amor com o homem que o Senhor escolhesse para ela. E a menina confessava-o ao pai com uma inocência tão descarada que fazia o sangue do homem ferver.

Ana já estava na idade de casar quando Zacarias chamou Cleofás em particular e ordenou-lhe que se preparasse para partir para a Galileia. Ele era o seu escolhido para reconstruir a sinagoga de Nazaré.

Ignorante da Doutrina do Alfa e do Ómega, Cleofás interpretou a escolha como uma manobra da sua cunhada Isabel. Para ele, a escolha era obra da sua cunhada, que assim se livrava do pai da «sua menina» e o impedia de fechar acordos de casamento.

Os protestos de Cleofás não serviram de nada. A decisão de Zacarias era firme. A missão que o Templo lhe confiava tinha prioridade. Devia abandonar Jerusalém imediatamente e apresentar-se em Nazaré o mais depressa possível.

Antes de o enviar para Nazaré, Zacarias fez as suas investigações preliminares. Soubes que Nazaré tinha como presidente da câmara um tal Matán. Este Matán era o proprietário da Casa Grande, a que chamavam «A Cegonha». O seu informador comunicou-lhe o que ele esperava ouvir. O tal Matán, segundo se dizia na aldeia, era de origem davídica. No entanto, ninguém lhe tinha jurado isso, nem por palavras nem por atos.

Com um pressentimento na ponta da língua, Cleofás partiu em direção a Nazaré. O homem nunca tinha estado em Nazaré. Já tinha ouvido falar de Nazaré, mas não se lembrava do que. Deduindo, a partir do que tinha ouvido, o que o esperava, na sua imaginação Cleofás já se via banido de Jerusalém para uma aldeia de campónios ignorantes e, provavelmente, maltrapilhos.

Ao longo do caminho, Cleofás podia apostar o que fosse que o endereço cujo dono lhe exigiria apresentar credenciais seria o de um morador de uma cabana, pouco ou nada diferente de uma das cavernas do Mar Morto. Quanto mais pensava no assunto, mais os seus cabelos se eriçavam. Ainda não compreendia por que razão tinha sido ele.

Porque é que o seu cunhado Zacarias não tinha confiado a missão a qualquer outro doutor da Lei? O que é que o seu cunhado andava a tramar? Nunca lhe tinha confiado qualquer missão e, na única vez em que o envolveu nos seus planos, mandou-o para o fim do mundo. Que erro é que ele tinha cometido para merecer tal exílio?, queixava-se o homem sozinho.

Será que, de verdade, a sua cunhada Isabel não estava por trás deste movimento? Ele respondia a si próprio que sim. O que Isabel pretendia era afastar o pai da cena e ganhar tempo para a sua sobrinha Ana. Ora, ele até poderia apostar a vida nisso. Quando menos esperasse, Ana teria ultrapassado a linha que, no seu tempo, a própria Isabel tinha ultrapassado e já ninguém a poderia obrigar a casar com o partido que ele lhe escolhesse.

Cleofás percorreu todo o caminho a dar voltas à cabeça. A verdade é que o seu cunhado Zacarias não era o tipo de homem de quem se esperasse um comportamento de fantoche. Como Zacarias também não falava mais do que o necessário — o mínimo e conciso —, descobrir a que se devia a sua decisão de o enviar a Nazaré para reconstruir uma sinagoga que qualquer médico de segunda categoria teria conseguido erguer sem a ajuda de ninguém, compreender porquê, mais do que difícil, revelava-se-lhe impossível. Melhor acreditar que tudo se devia à vontade de Isabel.

Estava absorto nas suas visões dramáticas sobre o destino que o aguardava quando contornou a última curva do caminho. Do outro lado estava Nazaré. Que surpresa foi a sua ao levantar os olhos e deparar-se com aquela espécie de fortaleza-quinta bem no centro da colina!

Ufff, suspirou fundo, aliviado. A contemplação do Cigüeñal animou-lhe o coração. Pelo menos não iria passar os próximos tempos entre cavernícolas.

Aliviado, Cleofás dirigiu os seus passos para o Cigüeñal, a Casa Grande da aldeia. Saiu para o receber o avô Matán, o proprietário daquela mansão de arquitetura tão invulgar para a época.

O avô Matán era um homem forte para a sua idade, um homem do campo, marcado pelo trabalho, mas ainda capaz de atrelar os burros e dar uma mão ao seu filho mais velho. A sua mulher, Maria, tinha falecido; ele vivia com o seu primogénito, um tal de Jacob, que naquele momento se encontrava no campo.

Cleofás apresentou as suas credenciais ao proprietário do Cigüeñal. Explicou ao avô Matán, em poucas palavras, a natureza da missão que o trazia a Nazaré.

O avô Matán sorriu-lhe com toda a franqueza, abençoou o Senhor por ter ouvido as orações dos seus conterrâneos, mostrou ao enviado do Templo o quarto que ocuparia enquanto precisasse e, de imediato, convocou todos os vizinhos à sua casa para o receber como Cleofás merecia.

Já mais calmo, Cleofás alegrou-se por poder servir os nazarenos. A disposição rápida e alegre que os aldeões lhe demonstraram acabou por afastar da sua alma aqueles maus presságios que o acompanharam durante a subida por Samaria.

Na tarde desse dia, foi a primeira vez na sua vida que se encontrou cara a cara com Jacob, o filho do seu anfitrião.

A primeira vez que Cleofás viu Jacob, ficou surpreendido.

Jacó era um homem jovem. O traço mais característico do filho de Matã era o seu sorriso sempre à flor da pele. Por vezes, a natureza alegre de Jacó confundia quem não o conhecia. De alguém que herdara sozinho a propriedade do pai, todos esperavam um homem sério, autoritário e até mesmo brusco. Também Cleofás, sem saber porquê nem como, ao pensar no filho de Matã, tinha-se feito essa ideia de como seria Jacob. Quando o viu pela primeira vez, teve uma surpresa bastante agradável. A ideia preconcebida que tinha formado ao longo de todo aquele dia sobre o herdeiro do Cigüeñal desmoronou-se em pedaços assim que Jacob lhe lançou o olhar.

O que já não lhe pareceu tão engraçado — para o Doutor da Lei que Cleofás era — foi o facto de o filho de Matán ainda ser solteiro. Qualquer outro homem da sua idade já seria pai.

Perante o comentário, Jacob riu-se com vontade. Mas, enfim, Cleofás não tinha vindo a Nazaré para fazer de casamenteira. Se o rapaz era estranho, isso era assunto do pai dele.

Em grande parte, Jacob fazia-lhe lembrar a sua filha Ana. Tal como ela, ou se casava por amor ou não se casava de todo.

De resto, insisto, a impressão que Cleofás teve de Jacob foi excelente. Quanto à questão da ascendência davídica dos donos do «Cigüeñal» — quer fosse filho de David de nome ou de facto —, o que lhe dizia isso a ele, afinal? Tinha sido enviado a Nazaré para investigar a falsidade ou a veracidade da ascendência davídica de Matán e do seu filho? Claro que não.

Enfim, a reconstrução da sinagoga de Nazaré deu início ao seu percurso. Não se tratava apenas de reconstruir paredes. Assim que o edifício estivesse concluído e decorado por dentro e por fora, era necessário pôr em funcionamento o culto. Era essa a sua missão: deixar a sinagoga em funcionamento para a chegada do doutor da Lei, a quem ele entregaria as chaves da sinagoga no final do seu mandato.

Esta obrigação não o privava das férias a que tinha direito.

Cleofás não sabia, mas em Jerusalém havia quem estivesse ansioso por vê-lo regressar. Se o soubesse, talvez as coisas tivessem sido diferentes e a história que se segue nunca tivesse sido vivida. Felizmente, a Sabedoria brinca com o orgulho humano e vence-o, valendo-se da ignorância dos sábios para, à vista de todos, glorificar a onisciência divina.

E chegou a Páscoa. Tal como todos os anos em que a paz o permitia, o avô Matán e o seu filho Jacob desciam a Jerusalém para fazer as oferendas pela purificação dos seus pecados, entregar o dízimo ao Templo e celebrar a maior das festas nacionais.

A Páscoa judaica comemorava aquela noite em que, enquanto o anjo matava todos os primogénitos dos egípcios, os hebreus, nas suas casas, comiam um cordeiro, ceia que repetiriam em memória perpétua da salvação de Deus durante todos os anos das suas vidas.

O avô Matán lembrava-se de ter ido a Jerusalém nessa data desde que tinha uso de razão. Ou seja, mesmo que Cleofás não estivesse em Nazaré, ele e o seu filho teriam descido a Jerusalém. Mas, uma vez que tanto Cleofás como Matán iam fazê-lo, era justo que o fizessem juntos.

Ao chegar a Jerusalém, Cleofás recusou-se categoricamente a aceitar a ideia de Matán. Nada feito, o homem tinha-se metido na cabeça passar a festa numa tenda, nos arredores de Jerusalém, como toda a gente. Era o costume. Nessa altura, Jerusalém parecia uma cidade sitiada, rodeada de tendas por todos os lados.

Cleofás manteve-se inflexível. Sob nenhuma circunstância estava disposto a permitir que o seu anfitrião passasse a festa ao ar livre, quando ele próprio tinha na cidade santa uma casa onde cabia toda a população de Nazaré.

A desculpa que Matã e o seu filho lhe deram — «se o tratavam assim em Nazaré, não era por interesse; o que faziam, faziam-no de coração, sem esperar nada em troca» —, uma desculpa tão inocente, não lhes serviu de nada. Para Cleofás, a única resposta que valia era o «sim».

«Vais amaldiçoar a minha casa aos olhos do Senhor por causa do teu orgulho, Matán?», lançou-lhe Cleofás, irritado com a recusa em aceitar o seu convite. Matán riu-se e acabou por ceder.

Cleofás ignorava, como já disse antes, o nervosismo com que esperavam por Matã e pelo seu filho em Jerusalém. E Cleofás ignorava, com ainda mais razão porque era obra de Deus, que ao convidar Jacob para a sua casa estava a trazer à sua filha Ana o homem dos seus sonhos como presente da Páscoa.

Assim que Matán e o seu filho se instalaram na casa de Cleofás, concluídas as apresentações, Zacarias e o avô Matán entraram em conversas privadas. Conhecendo o nosso Zacarias, não é difícil adivinhar o que ele procurava nem que tipo de rodeios deu para levar o pai de Jacob ao tema que mantinha a alma da sua Saga em suspenso. Neste capítulo, nem sequer vamos tentar reproduzir uma conversa entre algo mais do que um

mago e um homem do campo sem qualquer domínio nas artes do Logos. Onde vou, sim, centrar a minha atenção é no pressentimento daquela Isabel quando pousou os olhos pela primeira vez no filho de Matán.

Isabel aproveitou a conversa entre os homens para pegar no braço do jovem e envolvê-lo na sua graça. Desde o primeiro momento em que Isabel viu o filho de Matán, um raio de luz sobrenatural penetrou-lhe na alma, algo que ela não conseguia explicar com palavras, mas que a impelia a fazer o que fazia, como se a própria Sabedoria lhe tivesse sussurrado ao ouvido os seus planos; e ela, encantada por ser sua confidente, fingia renunciar ao seu corpo e entregar o controlo a favor da sua cúmplice divina.

Sorriso após sorriso, o do jovem frente ao da beleza madura, Isabel pegou Jacob pelo braço, afastou-o do olhar dos homens e apresentou-lhe a joia da sua casa, a sua sobrinha Ana.

Ana, a sobrinha de Isabel, filha de Zacarias

Deus é testemunha das minhas palavras e guia o movimento das minhas mãos sobre as linhas que Ele traça, sejam elas tortas ou retas, segundo o Seu julgamento. O facto é que o amor à primeira vista existe. E, conhecendo as Suas criaturas melhor do que elas próprias alguma vez se conhecerão, Ele gerou, na Sua Sabedoria, o fogo do amor eterno naqueles dois sonhadores que, de ambos os lados do horizonte, sem se conhecerem, trocavam versos nas asas do firmamento.

A primeira a ver o brilho daquela chama foi Isabel. E foi ela a primeira mulher do mundo a ver a Filha de Salomão nascer daquele amor que arderia sem se consumir.

Incapazes de se afastar, Ana e Jacob, e com Isabel a proteger sob o seu manto de fada madrinha aquele amor divino que tinha encantado os rapazes, Isabel conseguiu mantê-los a sós e juntos, longe da atenção dos homens, sempre tão resmungões, sempre tão hipócritas.

O seu marido, Zacarias, por seu lado, procurou a companhia do avô Matã e utilizou o arsenal de inteligência sem limites que o seu Deus lhe tinha concedido para arrancar ao pai de Jacob o nome do filho de Zorobabel, de quem provinha a sua linhagem.

Ao pronunciar aquelas cinco letras, A-B-I-U-D, Zacarias sentiu que as forças o traíam.

Simeão, o Jovem, ao seu lado, leu nos seus olhos a emoção que quase o derrubou ao chão.

«Por que te surpreendes, homem de Deus?», respondeu-lhe Isabel ao ouvi-lo repetir aquelas cinco letras: A-B-I-U-D. «Não te deu o teu Deus provas suficientes de que Ele próprio está a comandar os teus movimentos? Vou dizer-te mais uma coisa. Vi a filha de Salomão no ventre da tua sobrinha Ana.»

O regresso a Nazaré foi difícil para Jacob. Pela primeira vez na vida, Jacob começava a descobrir o mistério do amor. A felicidade extrema e a agonia total num mesmo destino. Será isto o amor? Não sabia se devia chorar de alegria ou de tristeza. Não seria por isso que Deus criou o homem e a mulher para que não se separassem, porque se se separarem morrem? Se, já antes da costela da solidão, a sua dor se disfarçava de poeta e pintava no firmamento azul o rosto da sua princesa, agora que a tinha visto em carne e osso, aqueles versos tinham-se metamorfoseado, começavam a abandonar a sua crisálida e, na verdade,

doía. Tanto que já começava a não saber se não teria sido melhor ter-se mantido entre amanheceres e orvalhos de primavera. Agora que a tinha visto, que tinha saboreado nos seus olhos o perfume dos seus sorrisos, sensações que nunca imaginara tinham-se infiltrado na sua medula e faziam-lhe vibrar os ossos de tristeza e felicidade. Ai, a costela de Adão.

À medida que percorriam as distâncias, o avô Matán olhava para o filho, surpreendido com o seu silêncio e os seus suspiros. Durante toda a vida, o seu Jacob fora um conversador nato, extrovertido e afável. Mas desde que tinham saído de Jerusalém, e já tinham percorrido toda a Samaria, o seu filho não tinha infringido uma única das regras dos monossílabos.

«O que se passa, Jacob?»

«Nada, pai.»

«Parece que vai chover, filho.»

«Sim.»

«Em breve teremos de plantar as favas.»

«Claro.»

O Doutor da Lei também não se mostrou muito falador. Limitou-se a deixar-se levar e a falar o estritamente necessário. O regresso ao trabalho, que outrora fora motivo de celebração e alegria? Portanto, não havia que dar-lhe mais importância.

A questão era quanto tempo demoraria o avô Matán a descobrir o desgosto amoroso do filho. E quanto tempo demoraria o próprio Cleofás?

O avô Matán não demorou muito a chegar ao cerne da questão. Jacob tentou enrolar o pai. Tudo tinha sido tão repentino, quase como uma alucinação. Por quanto tempo mais se recusaria a pedir ao pai que pedisse a Cleofás a mão da filha em casamento? Quanto mais pensava nisso, mais se maravilhava.

De qualquer forma, mesmo que Jacob se calasse, o avô Matán já estava a perceber. Em Jerusalém, tinha acontecido algo que mudara o seu filho de forma tão categórica, rápida e profunda. O que mais poderia ser senão a filha de Cleofás?

Quando, passado algum tempo, Cleofás anunciou o seu desejo de descer a Jerusalém e o seu filho Jacob se ofereceu espontaneamente para o acompanhar, para o caso de algum bandido querer aproveitar-se daquele viajante solitário, o pai de Jacob já não teve mais dúvidas. O seu filho estava perdidamente apaixonado pela filha de Cleofás.

Cleofás, pelo contrário, não fazia a menor ideia do que se passava. O homem aceitou encantado a oferta de Jacob. Só Deus sabe o que teria acontecido se Cleofás estivesse a par

da história de amor entre a sua filha e o filho de Matán. O homem era tão conservador que não conseguia conceber o casamento de uma filha da alta sociedade de Jerusalém com o filho de um camponês da Galileia, por mais proprietário de terras que o noivo fosse. E lá foi ele, deixando-se acompanhar.

Em Jerusalém, entre lágrimas de impaciência que a tia Isabel enxugava com as mãos trémulas de tanto rir, a sua filha Ana esperava pelo dia em que veria aparecer o seu príncipe encantado.

Como conhecia o seu cunhado como se o tivesse dado à luz, Isabel pegou em Jacob e levou-o para sua casa. Assim, matava dois coelhos com uma cajadada só. Zacarias teria o Filho de Abiud só para si e, pelo caminho, os dois jovens teriam todo o tempo do mundo para se prometerem mais uma vez um amor eterno. Na altura certa, o seu cunhado acabaria por perceber o que se passava. Segundo Isabel, aquilo era obra do Senhor e, ai dele, se ao seu cunhado lhe ocorresse meter-se no meio.

Alheios aos preconceitos de classe e aos interesses sociais dos adultos, Jacob e Ana escreveram-se versos de Sarão entre lírios de promessas enormes como pirâmides e resplandecentes como estrelas à luz dos olhos da fada madrinha que Deus lhes tinha enviado. E despediram-se com a promessa de que, da próxima vez, ele viria acompanhado do pai, trazendo nas mãos o dote para as donzelas.

Quando Cleofás e Jacob regressaram a Nazaré, o rapaz expôs ao pai o seu desejo. O pai conteve o coração, implorando-lhe que esperasse até que Cleofás terminasse o seu trabalho. Então, ele próprio desceria a Jerusalém para pedir a mão da filha em casamento.

Jacó aceitou a sugestão do pai.

Cleofás, de facto, terminou o seu trabalho, despediu-se dos nazarenos e regressou à sua vida de sempre. Pouco depois de se ter instalado em Jerusalém, recebeu uma surpresa: a visita de Matán.

«Matán, meu amigo, o que se passa?»

«Como vês, Cleofás, são as obrigações de pai que me trazem à tua casa.»

«Diz lá.»

O pai de Jacob contou-lhe tudo o que se passava. O seu filho queria casar com a filha dele e vinha, na qualidade de co-sogro, com o dote para as donzelas na mão.

Cleofás ouviu em silêncio. Terminado o que tinha levado Matán à sua casa, continuou calado. Era a típica surpresa que se apodera daquele que fica sempre a saber das coisas em

último lugar; tinha-o deixado pasmado. Nestes casos, após a surpresa, segue-se a clássica explosão de raiva.

A chama acende-se no cérebro: a sua filha tinha jurado amor a Jacob? E quando é que isso tinha acontecido? E como é que ela se tinha atrevido a entregar-se a um homem sem contar com a vontade e a bênção do pai? E acaba por deixar o fogo sair pela boca.

Ana, a jovem interessada, embora não fosse de boas maneiras, escutava atrás da porta com o coração na boca. Os seus dedos ansiavam por erigir um altar ao «Sim» do pai no recanto mais belo da sua alma. O seu «sogro» lançou-lhe um olhar tão caloroso ao passar que ela já se considerava casada e sentia-se a voar nas asas da felicidade mais completa em direção ao leito nupcial.

A jovem mordida-se os lábios quando o pai abriu a boca.

«E como é que isso será possível, meu bom Matán, se a minha filha já está prometida a outro homem?».

Cleofás estava a mentir. Uma mentira inocente para não passar por aquele que apunhala o homem a quem, até ontem, professava uma amizade eterna.

Meu Deus, para evitar apunhalar o amigo, ele cravava a adaga até ao punho na própria filha. A jovem deixou-se cair contra a parede, com o coração transpassado de um lado ao outro. Sem forças para fugir e atirar-se das muralhas, Ana aguentou o resto.

«Lamento, mas a pretensão do teu filho é algo impossível, fora do meu alcance», concluiu o pai.

O avô Matán ficou em silêncio total. Num piscar de olhos, a luz surgiu-lhe no cérebro. Pela sua barba que Cleofás lhe estava a mentir. Para ele, o que realmente estava ali a cruzar espadas era a recusa de Cleofás em aceitar a sua palavra sobre a origem davídica da sua Casa. Se o noivado com um rapaz desconhecido fosse verdade, o avô Matán teria aceitado o «não» sem sentir a adrenalina a queimar-lhe as entranhas. Mas não, o santo e imaculado servo de Deus que ele acolheu na sua casa, prestando-lhe honras como se fosse o próprio Senhor, estava a tirar a máscara. A sua filha casar-se com um camponês, e ainda por cima da Galileia, para piorar a situação?

O Cleofás teria feito melhor em dizer-lhe na cara o que pensava. A verdade é que ele nunca tinha acreditado na história sobre a suposta descendência davídica de Jacob. Enquanto esteve em Nazaré, como o assunto não lhe dizia nada, limitou-se a dar-lhe respostas evasivas. Se era ou não era, não era da sua conta. Agora que a filha dele lhe pedia a mão da filha dele para o filho, já não havia motivo para continuar a fingir.

«É a minha última palavra», encerrou Cleofás a discussão.

«Eu vou dar-te a minha», explodiu o pai de Jacob. «Mais vale casar o meu filho com uma porca do que com a filha de um filho privilegiado dos assassinos que vivem do sangue dos seus irmãos à custa da destruição do seu povo.»

Senhor, se a criatura já estava mortalmente ferida, as palavras do pai do seu Jacob acabaram por destruir-lhe a alma.

Ana saiu a correr de casa e percorreu as ruas de Jerusalém, deixando para trás um rio de lágrimas quebradas. Como pôde, encontrou a casa da sua tia Isabel. Entrou e atirou-se para os seus braços, disposta a morrer para sempre.

Enquanto Isabel tentava conter aquele dilúvio de lágrimas, o avô Matán montou no seu cavalo e galopou a toda a velocidade subindo por Samaria. Ao chegar a Nazaré, ainda lhe fervia o sangue. O seu filho Jacob ficou como morto ao ouvir as suas palavras: «Mais vale casares com uma porca do que com a filha de Cleofás». Foram as suas últimas palavras.

Nascimento de Maria

Que tolos são os homens, Senhor! Procuram-Te e, quando Te encontram com palavras afiadas como facas, amaldiçoam-se a si próprios porque Tu lhes falas. Tal como quem encontrou o que procurava e se arrepende de o ter encontrado porque esperava outra coisa, os homens transformam as suas palavras em espadas e lanças, desfiguram os rostos com pinturas de guerra e, odiando o inferno, matam-se uns aos outros, acreditando que estão a matar o próprio Diabo. «Uma alavanca para mover o universo!», diz um. «O meu reino por um cavalo!», clama o vizinho, acreditando escrever nas paredes do tempo palavras de sabedoria dourada.

Quando é que aprenderão a ser livres com a liberdade de quem tem o infinito à sua frente? A existência do homem é como a da borboleta que voa vinte e quatro horas e, ao chegar o crepúsculo do dia, entrega o seu corpo ao barro de onde veio à vida; mas, ao contrário da criatura leve, nessas vinte e quatro horas o homem transforma esse precioso e curto dia num inferno de monstruosidades. Por que lhe deste boca à pedra? Para quê dar braços a quem a imaginação só lhe chega para transformar os seus dedos frágeis em armas de destruição? O que te levou a elevar os seus cérebros acima dos das aves, que apenas pedem para as suas asas um pedaço de céu?

Ai da alma de Jacob. Ai de como chorava o filho de Matán de Nazaré a sua desgraça. Entre os mesmos olivais onde, um dia, a pomba de Noé arrancou a Deus a promessa de uma eternidade sem retorno, aos pés do tronco onde, num dia não muito distante, o filho de Matán viria a morrer, derramava aquele coração transbordante daquela alegria que não cabia entre o peito e as costas. Toda a vida a sonhar com ela e agora que as suas mãos tinham tocado a carne dos seus sonhos, a sua costela era atirada para o fogo.

«Vaidade e mais vaidade, tudo é vaidade», escreveu num muro sagrado o sábio Cohelet. Será de admirar que, quando escreveu isso, o homem não estivesse muito apaixonado?

Ai do coração de Ana. Será que os olhos choram sangue? Será que pelas veias corre água pura? Que mistério tão recôndito forjou Deus quando concebeu duas pessoas para serem uma só? Por que não fez o homem e a mulher de acordo com a natureza dos animais?

Estes acasalam ao som da voz dos instintos e separam-se sem pesar. Por que é que o Senhor teve de fazer com que, d , surgisse das brumas dos instintos a chama da solidão assassina, contra a qual Adão nasceu desprotegido no seu paraíso? Seria tão fácil para o Eterno ter feito o homem à imagem e semelhança das máquinas... Programa-se o bicho, solta-se-o livremente no seu zoológico sideral, os céus movem-se nas suas constelações e, ao ritmo marcado pelas suas coordenadas, o bicho acasala e reproduz-se como uma praga. Por que substituir um programa infalível, como vemos no mundo natural, por um código de liberdade? Chega a primavera e as criaturas acasalam-se e multiplicam-se com tranquilidade, mas sem pausa. Enquanto o instinto chama à ação, o ser humano mantém-se firme e responde-lhe com uma única palavra. Amor chamam-lhe.

E, no entanto, uma vez provado o fruto desse código, quem é que olha para trás? As bestas chamam ao Amor «sexo», as bestas chamam ao sexo pelo seu nome. Ou será que, quando o sexo morre, o Amor não vive? Ou sem sexo não há Amor? Contra a opinião desses especialistas, nós, os outros, sabemos que o Amor existe independentemente do ato reprodutor das espécies. E, porque existe, fere quem o quer e não o tem. Ontem, hoje e sempre, onde houver amor haverá dor.

O avô Matán fechou os ouvidos às lamentações do filho. Não queria voltar a ouvir o nome de Cleofás, nem mesmo em sonho. Para ele, o assunto estava definitivamente encerrado. O seu herdeiro podia muito bem procurar uma mulher entre os bárbaros, se, por despeito, assim o quisesse; ele não diria uma palavra contra, mas, por Deus e pelos seus profetas, antes o deserdaria do que sofrer novamente uma humilhação tão grande.

Ao contrário de Matán, assim que as águas se acalmaram, a senhora Isabel sacou da vara do seu temperamento, foi ter com o cunhado e desferiu-lhe um golpe nas costas com estas palavras: «Tolo, devorador da tua filha, o que estás a tramar? Interpões-te entre Deus e os Seus planos, invocando a tua condição de servo? Estás a rebelar-te contra o teu Senhor, implorando-Lhe que deixe a tua casa em paz? Digo-te, tanto quanto há céu e terra, que a minha menina se casará com o Filho de Abiud daqui a um ano, a contar a partir desta data».

Ufff, se Cleofás pensou que a tempestade tinha passado, foi porque ainda não tinha recebido a visita de Zacarias. A sua cunhada trovejou, o seu cunhado iria lançar-lhe relâmpagos e trovões.

Mas não com palavras de raiva nem de ira. Zacarias compreendeu que parte da culpa pelo que tinha acontecido era sua. Dada a situação, já não podia continuar a manter o seu cunhado alheio à Doutrina do Alfa e do Ómega. Sentou-o e contou-lhe tudo.

O Filho de Resa, filho de Zorobabel, vivia em Belém. Era uma criança e chamava-se José.

O Filho de Abiud, o outro filho de Zorobabel, já o conhecia: era Jacob. A esperança que se lhes tinha instalado na alma a todos era que a Filha de Salomão nascesse do casamento de Jacob e Ana. Assim Deus o tinha disposto e, embora fosse apenas uma esperança, apostavam as suas vidas em que assim seria. Essas duas crianças iriam casar-se, e delas nasceria o Filho de David, o filho de Eva pelo qual todos os filhos de Abraão ansiavam há milénios.

Quanto à legitimidade genealógica de Jacob, sobre a qual ele não tinha qualquer dúvida, muito em breve teriam a prova.

Por razões de prudência, Isabel impôs a sua decisão de ser ela a encarregada de resolver a situação. Matán cederia mais facilmente perante uma mulher do que se fosse outro homem de Jerusalém a subir para lhe exigir que abandonasse a sua atitude. Também porque a viagem inesperada de um deles poderia levantar suspeitas na corte do rei Herodes, enquanto que, se fosse ela, ninguém sentiria a sua falta.

E assim foi feito. Isabel apresentou-se em Nazaré e dirigiu-se diretamente ao Cigüeñal. Ao vê-la, o pai de Jacob ficou sem palavras.

O que queria agora aquela senhora?

Muito simples. Apresentar os seus respetos ao Filho de Abiud. Em nome de toda a sua família, incluindo o seu cunhado, vinha pedir ao seu filho Jacob que se casasse com a sua sobrinha Ana. E, pelo caminho, ela tinha subido de Jerusalém a Nazaré para revelar ao Filho de Abiud a Doutrina do Alfa e do Ómega.

O avô Matán ouviu maravilhado a sucessão de acontecimentos vividos por Zacarias e a sua saga. No final do relato, o avô Matán baixou a cabeça, acenou com o olhar e pediu-lhe que esperasse alguns momentos.

Regressou imediatamente, trazendo na mão um rolo genealógico envolto em peles tão antigas quanto a primeira manhã que estendeu o seu amanhecer sobre os oceanos. Isabel sentiu ao longo da espinha dorsal a mesma sensação que, no seu tempo, Simeão, o Jovem, tivera. A par do encontro na Casa de Resa, o avô Matán desdobrou a Lista de São Mateus sobre a mesa.

O mesmo metal, o mesmo selo, os mesmos caracteres; apenas os nomes mudavam.

«Matã, filho de Eleazar. Eleazar, filho de Eliud. Eliud, filho de Aquim. Aquim, filho de Sadoc. Sadoc, filho de Eliacim. Eliacim, filho de Abiud. Abiud, filho de Zorobabel».

Isabel não conseguiu impedir que a respiração lhe falhasse na ponta dos lábios. Mesmo tentando manter a calma, os seus olhos brilhavam de alegria ao seguir a linha que os filhos de Abiud tinham traçado ao longo dos séculos.

Depois, leu a lista dos reis de Judá, desde o último até Salomão.

«E, com tudo isto, onde está o teu Jacob?», perguntou Isabel assim que terminou a leitura.

Aquela mulher era um verdadeiro génio. Jacob deu um salto de alegria ao ver a sua fada madrinha. O brilho nos olhos de Isabel revelou-lhe a mudança de humor do seu pai. O resto já podem imaginar. Matã e o seu filho acompanharam Isabel de volta a Jerusalém, levando consigo a joia da Casa dos filhos de Abiud, o dote das virgens e os termos do contrato matrimonial.

Cleofás viu com os próprios olhos aquilo que nunca pediu para ver durante o tempo em que esteve hospedado no Cigüeñal. Tal como o seu cunhado Zacarias, testemunha do encontro, Cleofás ficou maravilhado ao ver o rolo gémeo do outro nas mãos do pai de José. Mas se os presentes pensaram que as surpresas tinham acabado por aquele dia, estavam enganados. Os termos do contrato matrimonial deixaram-nos estupefactos. Eram os seguintes:

Primeiro: A propriedade do Filho de Abiud, neste caso, Jacob, era intransmissível. O que é que isto significava? Em caso de morte de Jacob, a sua herança passaria diretamente para o seu primogénito, fosse homem ou mulher o primeiro filho do casal.

Segundo: Em caso de viuvez, a viúva nunca poderia vender, nem parcialmente nem na totalidade, a propriedade do herdeiro de Jacob. A referida herança, o Cigüeñal e todas as suas terras, seria reservada ao seu herdeiro até este atingir a maioridade. O que é que isto significava? Que a família da viúva não teria qualquer direito sobre a herança de Jacob.

Terceiro: Caso a viúva de Jacob voltasse a casar, os filhos desse novo casamento não teriam parte na herança do falecido.

Quarto: Caso o casal não tivesse descendência, a herança de Jacob passaria diretamente para os filhos de Matán. A viúva de Jacob continuaria, no entanto, a viver na casa do seu falecido até à sua morte.

Quinto: Caso a herdeira de Jacob fosse do sexo feminino, esta herdaria o legado messiânico do seu pai, que, por sua vez, o legaria ao seu herdeiro. Se acontecesse, como já se tinha verificado em ocasiões anteriores, que uma mulher fosse sucedida por outra, a sucessão messiânica passaria de Jacob para o próximo herdeiro do sexo masculino que se

apresentasse. Digamos que, se Jacó fosse sucedido por uma mulher, caberia apenas a ela — e não à sua viúva — entregar a sua herança ao seu escolhido. Qualquer transferência da herança de Jacob para uma casa ligada aos seus descendentes por laços matrimoniais « » não teria, neste caso, validade. A herança passaria de mãe para filha até que um homem assumisse a liderança da Casa de Abiud, cujo nome seria aquele que figuraria a seguir ao de Jacob.

Foi assim que José passou a suceder a Jacob, reunindo nas suas mãos a liderança de ambas as Casas, a do seu pai e a do seu falecido sogro. Uma herança unificada que legaria ao seu primogénito, o Filho de Maria.

Os termos deste contrato suscitaram entre os presentes um sorriso de admiração. Numa natureza sucessória tão atípica no âmbito das tradições patriarcais judaicas, encontrava-se a explicação para a ausência de gerações na Lista da Casa de Abiud. Graças a esta fórmula tão singular, a Casa de Abiud tinha mantido a propriedade na sua extensão original e continuava a assegurar que assim fosse.

Assinado o contrato pelos sogros, um ano depois celebrou-se o casamento e, ao fim do tempo natural, o casal trouxe ao mundo uma menina.

Em memória da sua mãe, Jacob chamou-lhe Maria.

«Não te disse eu, homem de Deus, que vi a Filha de Salomão no ventre da minha menina?», disse Isabel ao marido, envolvida numa felicidade divina.

Vida da Sagrada Família

Depois de encontrados os portadores dos pergaminhos messiânicos, após o nascimento da Virgem, Zacarias reuniu na sua casa Heli, pai de José, e Jacob, pai de Maria. Havia muito para os dois homens se dizerem. A descoberta do Alfa e do Ómega tinha revolucionado as suas vidas e o futuro dos seus filhos, e de que maneira! Zacarias, emocionado, deixou a sua alma fluir.

Quão incrível é a Sabedoria! Os fortes acreditam ter os fracos estrangulados sob o peso das suas almas insensíveis e violentas, enquanto os pequenos se abandonam ao destino que os grandes querem escrever nas suas costas com o chicote das suas maldades perversas. Os sonhos de liberdade deixam de pairar sobre o horizonte, dando lugar às trevas; as ilusões jazem já despedaçadas aos pés dos seus exércitos. Mas, de repente, a Sabedoria dá meia-volta. Já está cansada de ser perseguida, de nunca ser alcançada. Torna-se a filha do vento, fixa o olhar nos atletas do pensamento; um implora-lhe que o escolha, outro promete-lhe amor eterno. Ela não abre a boca; a Sabedoria escolheu o seu campeão, avança na sua direção, estende-lhe a mão, levanta-o do pó, pisca-lhe o olho e ela própria lhe entrega a coroa da vida. Atónitos, enlouquecidos, escandalizados com a sua escolha, porque ela fixou o olhar no último entre eles, porque concedeu os seus favores a quem não era nada, os desprezados pelo destino aliavam-se então às trevas para destruir a Eterna. Ela, a Esposa do Todo-Poderoso, ri-se; o seu Esposo ergueu as galáxias com um único movimento das mãos; bastou-lhe abrir os lábios uma única vez para que o Inferno tremesse. Ela é a menina dos seus olhos, o que poderá temer dos planos dos génios?

Ali estavam os seus homens. Os dois rios que Ela tinha escondido debaixo da terra e que todos davam por desaparecidos tinham ressurgido e, num mistério que suscitava espanto e a entoação de novos salmos, tinham-no feito pela mesma fenda na terra.

Helí e Jacob apresentaram-lhe os seus filhos. A Filha de Salomão e o Filho de Natã estavam vivos. A Virgem no seu berço, José a observá-la, de pé entre os homens.

Falou então Simeão, o Jovem, palavras de Sabedoria: «A ignorância, amigos, mantém o género humano acorrentado ao poste do cão nascido para vigiar a porta do seu senhor», disse ele. « » Deus criou o Homem para saborear as delícias da liberdade de um Sansão imune aos feitiços de Dalila. O Diabo pérfido esqueceu-se da sua condição divina, invejou a humana e, tendo acabado por possuir a das bestas, uiva alucinado para as estrelas do Inferno que adora como Paraíso. Covarde, com a covardia de quem funda a sua grandeza sobre o cadáver de um exército de crianças, a Serpente enlouqueceu, acreditando poder seguir o rasto que a águia traça nas alturas. Não temais, amigos, Ele está connosco. A Águia Sagrada vigia, do penhasco invisível, cada movimento do Dragão; ora este respira, ora o fogo tenebroso sai das suas fendas nasais, os músculos do Grande Espírito tensionam-se como arcos prontos para a batalha; se ele avançar um passo, o Guerreiro salta do seu sono pacífico na tenda do Sábio e empunha a sua flecha, rápida como o relâmpago, forte como o trovão. O que aqui estamos a viver é o amanhecer de um novo Dia que já espalha a sua aurora sobre os olhos imaculados da inocência dos vossos filhos.

Que nas suas cavernas os inimigos do Reino de Deus tramem os seus planos de destruição, que se escondam nos labirintos dos hipogeus do Poder os inimigos do Homem, nós não tememos nada, Deus está connosco. Tem o arco armado, empunha a espada afiada, o seu escudo protege-nos. Se o Diabo é maior do que o nosso Salvador, por que fugiu para se esconder depois de matar Adão? Foge o leão da gazela? Ajoelha-se o vencedor perante o trono do vencido? Se o Diabo tem fome, que coma as pedras; se tem sede, que beba toda a areia do deserto. Os vossos filhos estão longe das suas garras.

Foi um juramento comovente. Ouviram-se palavras que nunca serão esquecidas. Heli e Jacob juraram casar os seus filhos quando chegasse o dia de o fazer. O Todo-Poderoso afundaria as suas almas nos abismos onde os demónios têm as suas moradas se faltassem à sua palavra — assim prometeram.

Depois, cada um regressou à sua vida quotidiana. Helí deu irmãos e irmãs ao seu filho José. Jacob teve como esposas as irmãs de Maria; depois, o menino por quem tanto suspiraram.

José já era um homem e Maria uma mulher, ambos prestes a assinar o contrato matrimonial mais secreto e importante da história do mundo, quando a notícia da morte de Jacob deixou boquiabertos todos aqueles que viviam para ver aquele dia. Se Maria não

tivesse feito aquele seu voto, o casamento teria sido antecipado. O voto de Maria, como disse, afetava sobretudo o próprio José. Por um momento, pareceu que o edifício das esperanças de todos eles desmoronava, quando José escreveu na história da eternidade aquelas suas palavras, que mais tarde a sua esposa repetiria ao anjo da Anunciação: «» «Faça-se a vontade de Deus; eis aqui o seu servo, mil anos esperaram os nossos pais, bem posso eu esperar alguns».

Foram os anos que foram, nem mais nem menos. Quando chegou a sua hora, José organizou tudo e partiu para Nazaré. Alugou à viúva um terreno onde montou a sua carpintaria e esperou que Cleofás se casasse para se casar ele com Maria.

Após o nascimento de José, o segundo dos filhos de Cleofás, José pagou o dote pelas donzelas. Um ano depois, celebrou-se o casamento.

E o casamento realizou-se apesar da sombra de adultério que pairava sobre a inocência da Virgem.

Tal como lhe dissera a sua sogra, o anjo de Deus tirou José da sua dúvida. Dissipada a sombra do adultério, José montou no seu cavalo e partiu a galope para a Judeia para ir buscar a Mãe do Menino. O acontecimento da Anunciação de João tinha-lhe sido revelado pelo mensageiro que Zacarias lhe enviara. O que José não esperava era encontrar Zacarias e Isabel transformados em jovens cheios de vida. Mas, depois do que lhe tinha acontecido, já nada o surpreendia. Ou, pelo menos, era o que ele acreditava. Pois, ao recuperar a fala, as primeiras palavras de Zacarias foram para lhe revelar os pensamentos que, desde a chegada da Virgem, tinham crescido na sua alma sobre o Filho de Maria.

«Meu filho, Deus, nosso Senhor, maravilhou-nos com um prodígio de natureza infinita. Desde tempos antigos que sabíamos que Deus é Pai, tal como podemos ler no Seu Livro. Ao criar-nos à Sua imagem e semelhança, deu-nos a provar as delícias da paternidade; e, ao revelar-nos que é Pai de muitos filhos, abriu-nos os olhos para a existência de um entre eles, nascido para ser o Seu Primogénito. O que Ele nunca revelou abertamente no Seu Livro é que esse mesmo Primogénito fosse o Seu Filho Único. Ou não quisemos ver isso nas Suas palavras quando o Seu profeta disse: «Chorareis como se chora pelo primogénito, fareis luto como se faz luto pelo filho único.»

Meu filho, esse é o Filho que a tua Esposa carrega no seu ventre. Nas tuas mãos, José, o teu Senhor colocou o seu Menino. A vida dele está nas tuas mãos; se a vida dele já corre perigo por ser quem é: o filho de Eva que nos havia de nascer, qual será a responsabilidade do homem a quem o Pai confiou a custódia do seu Unigénito? Nunca baixes a guarda, José.

Defende-O com a tua vida; envolve a Sua Mãe com o teu braço e coloca o teu cadáver entre Ela e aqueles que irão procurá-la para matar o Seu Filho. Lembra-te de que Ele tem de nascer em Belém, porque assim está escrito. E precisamente porque está escrito, será esse o primeiro lugar para onde o diabo dirigirá o seu braço assassino.”

José ouviu as palavras de Zacarias, filho de profeta e pai de profeta, sem conseguir acreditar que Deus permitisse que qualquer homem, chamasse-se Herodes ou César, tocasse sequer num fio de cabelo da cabeça do Filho de Maria.

Assim, regressou a Nazaré, celebrou o casamento com uma Maria já em estado avançado de gravidez e preparou-se para descer a Belém quando o Editó de Recenseamento do César Otávio Augusto suscitou na nação um clamor espontâneo de insurreição.

Apenas numa ocasião é que as tribos de Israel se submeteram a um recenseamento. Na mente de todos estava o preço que o povo pagou pelo recenseamento do rei David. Que castigo lhes enviaria se, por medo de César, desobedecessem à proibição de se deixarem contar como se conta o gado?

Judas, o Galileu, e os seus homens preferiram morrer como bravos, lutando contra César, a viver como covardes perante Deus.

A insurreição eclodiu na Galileia. Judas bloqueou as estradas, impedindo José de descer a Belém para que se cumprissem as Escrituras.

«Quanto tempo durará esta insurreição? Obviamente, o tempo que o senhor de Herodes quiser», respondeu José ao seu cunhado Cleofás. «Não achas que Herodes, o Jovem, é capaz de acabar com Judas e os seus homens no tempo que demora o relincho da famosa cavalaria do seu pai? Os Herodes devem estar neste momento a roer as unhas. Se dependesse deles, já teriam acabado com esta guerra santa. Mas creio que César não o quer, e César é quem manda. O romano decretou que o Censo começasse no reino dos judeus porque sabia que aconteceria o que está a acontecer. O esmagamento impiedoso de Judas e dos seus homens servir-lhe-á de propaganda contra qualquer outra possível insurreição; é assim que o romano previne a doença.”

José não se enganou. Os Herodes obedeceram à ordem do senhor romano. Deixaram a insurreição da Galiléia crescer. Quando a vítima estava pronta para o matadouro, enviaram os seus exércitos. Mataram todos os que puderam do bando do Galileu e, com os corpos dos sobreviventes, semearam cruces por todos os caminhos que conduziam a Jerusalém.

Por baixo daquela multidão de cruzes, José e Maria passaram em direção a Belém. A quem surpreende que, de dor, a Virgem tenha dado à luz assim que chegou à casa do seu marido?

Neste capítulo, a verdade depende mais da fé de cada parte do tribunal da história do que dos factos propriamente ditos. Se depositarmos a nossa confiança no historiador Flávio Josefo, traidor da sua pátria, salvador do seu povo ao conseguir, com as suas «Histórias», que os Césares aprendessem a distinguir entre judeus e cristãos, mesmo que isso significasse converter os seus descendentes numa nação em guerra perpétua contra a Verdade, neste caso a insurreição de que falam os Apóstolos nasceu na imaginação dos autores do Novo Testamento.

Os princípios da Psicohistória, no entanto, opõem-se à deturpação que Flávio Josefo levou a cabo ao impor entre judeus e cristãos o muro de aço que os manteria separados durante vinte séculos, ação que exigiu que ele próprio negasse a existência do próprio Cristo, tornando-se, ao fazê-lo, no Anticristo das palavras de São João.

O nascimento de Jesus

A insurreição foi esmagada, Jerusalém cercada por um exército de cruzeiros; no meio desse mar, passaram José e Maria, que já se encontrava num estado muito avançado de gravidez.

Quando José e Maria chegaram a Belém, a aldeia estava lotada. Surpreendidos os irmãos de José, pois nenhum deles imaginava que José descesse antes de a sua mulher dar à luz, improvisaram um leito na manjedoura para que Maria desse à luz.

Mais uma vez, os elementos da Psicohistória pedem-nos passagem. Quero dizer, Herodes, o Jovem, não teria ordenado o Massacre dos Santos Inocentes se os romanos estivessem presentes em Belém. Os romanos, de quem dependia, em última instância, a sua coroação, nunca teriam permitido tal crime. Assim que partiram, Herodes, o Jovem, pôs mãos à obra. Mas já era tarde demais. José, Maria e o Menino tinham partido.

Este conjunto de elementos psichistóricos abre-nos os olhos para a Batalha entre o Céu e o Inferno de que nos fala São João no seu Apocalipse. A Morte, uma vez que não tinha conseguido impedir que as Escrituras se cumprissem nem que o Nascimento ocorresse, tinha de pôr a mão sobre o Menino. Mas a Vida, confiante nas suas forças, movia-se no tabuleiro da Terra com a segurança de quem conhece a estratégia e as capacidades do seu inimigo e está sempre um passo à frente. Quando Herodes, o Jovem, foi para colocar as mãos sobre o Menino, os seus pais já tinham partido. Para Jerusalém, certamente que não. Embora pudessem ter-se refugiado na casa da avó de Maria.

E digo que não para Jerusalém porque, se tivessem ficado em Jerusalém, as palavras de Simeão, o Jovem, ao saudar a Mãe e o Menino no Templo não fariam sentido. Mas se ele viu o Menino pela primeira vez, sim.

Nisto, como em tudo o resto, o leitor deverá julgar por si próprio a quem dar credibilidade: se a um traidor da sua pátria, transformado numa espécie de salvador daqueles a quem traiu, ou a uns homens que, por amor à verdade, levaram esse amor até às suas últimas consequências. Digo isto porque, na sequência desta nova recriação dos factos, surgirão aqueles que dirão que esta forma de reorganizar os tempos não corresponde à própria sucessão dos acontecimentos vividos.

Assim, após o nascimento do Menino, com a Mãe já de pé, José registou o seu filho. Não sabemos qual era a intenção original de José. Se era a de ficar em Belém, o seu plano mudou após a conversa secreta que teve com os Magos.

Como já devem ter deduzido, os Magos não eram reis. Os Magos eram os portadores do Dízimo da Grande Sinagoga do Oriente e, como tal, deviam fazer uma paragem no Templo.

O que os Magos nunca imaginaram, enquanto vinham alegres, era que os últimos quilómetros do caminho os levariam por entre um mar de cruzeiros. Graças a Deus, a violência do momento mantinha o filho de Herodes ocupado e eles dirigiram-se a Belém para alertar José.

José registou o seu filho e regressou a Nazaré. Passados os dias estipulados pela Lei, desceu ao Templo, acreditando que o perigo já tinha passado. Entrou no Templo acompanhando a sua mulher quando Simeão, o Jovem, lhe saiu ao encontro.

«O que ainda fazes aqui, homem de Deus?», perguntou-lhe ele. «Ninguém te contou o que aconteceu?»

Levou-o à parte e pôs-o a par de tudo.

«Zacarias ocultou o teu rasto, cobrindo as tuas pegadas com o seu sangue. Pouco depois da partida dos romanos, os Herodes enviaram os seus assassinos à tua cidade. Os teus irmãos choram a morte dos seus filhos de peito. Mas a história não acaba aqui. O horror da notícia chegou a Zacarias. Ele pegou em Isabel e em João e escondeu-os nas cavernas do deserto, onde estarão a salvo de todo o perigo. Depois, veio ao Templo. José, cercaram-no como uma matilha de cães, ameaçando matá-lo se não lhes revelasse tudo o que sabia. Incapazes de suportar o seu silêncio, mataram-no à surra, com socos e pontapés,

mesmo às portas do Templo. José, pega no Menino e na sua Mãe e vai para o Egito. Não volte até que estes assassinos morram».

José não disse uma palavra a Maria. Para evitar que ela soubesse das notícias através dos seus familiares, levou-a de Jerusalém sem lhe dar qualquer tipo de explicação.

«Como conseguiste viver toda esta vida a carregar sozinho este fardo, meu marido?», chorou Ela quando ele lhe contou tudo no leito de morte.

Ao regressarem do Egito, a avó do Menino ainda vivia. Creio ter dito que os emigrantes regressaram no que poderíamos chamar de prósperos e felizes. A situação económica da Herança de Maria era igualmente boa. As secas que outrora assolaram os campos foram seguidas por períodos de chuvas abundantes. Juana, a irmã virgem de Maria, administrou as terras da irmã sem invejar nada a um homem. Aqueles que acreditavam que, com a morte de Jacob, a sua casa entraria em ruína tiveram de reconhecer que se tinham enganado. Aquela rapariga dedicada à sua família desde a juventude não baixou a guarda nem se deixou enganar. Embora libertada do seu voto pelo casamento de Cleofás, Juana não se casou.

De repente, recomeçar do zero o negócio da carpintaria não parecia tarefa fácil. Cleofás não partilhava dessa opinião. A situação que José teve de superar no dia em que chegou a Nazaré era uma coisa, e esta nova era outra muito diferente. José era, na altura, um completo desconhecido. Agora, para começar a abrir caminho, contavam com uma clientela familiar espalhada por toda a Galileia.

Entre estas ligações, Jesus encontraria os seus futuros discípulos. Mas voltemos ao Filho de Maria, seu herdeiro e líder espiritual dos clãs que, como ramos do mesmo tronco, se estendiam pelos arredores.

A morte de José implicou Jesus no juramento que o falecido lhe fizera a Cleofás. Já vimos que o Menino viveu no seu íntimo a experiência de quem renasce do Espírito, na sequência do episódio que protagonizou no Templo. O Simeão que se cruzou com o Filho de David no Templo era o Simeão, o Jovem, a quem vimos dizer a José: «Vai-te embora, homem de Deus, pois vão matá-lo».

Durante os anos que se seguiram à morte de José, Jesus deixou a carpintaria a cargo do seu primo Santiago e substituiu a sua tia Juana na gestão da propriedade da sua Mãe. Durante o seu mandato, os campos renderam cem por cento; a fama dos vinhos das vinhas de Jacob espalhou-se por toda a região. Inteligente como ninguém, Jesus revelou-se um

homem de negócios com quem fazer negócios era garantia de sucesso. Comprava e vendia colheitas de azeitonas sem nunca perder uma dracma.

Apoiado nas relações familiares e no capital do chefe do clã, a carpintaria de Nazaré também conheceu um grande florescimento.

Após a morte dos Herodes, Jesus tomou posse da herança do seu pai na Judeia.

Creio ter dito anteriormente que, em Jerusalém, Jesus de Nazaré era conhecido como se conhece um mistério. Os irmãos do seu pai aproveitaram o facto de ele ser solteiro, invocando o provérbio: «De tal árvore, tal lasca». Fisicamente, Jesus era a imagem daquele José alto e forte, homem de palavra firme, pouco falador, prudente nos seus julgamentos, caseiro, sempre atento às necessidades dos seus.

O que se passa é que, depois de casar todos os seus primos e deixar os negócios a funcionar por si próprios, aquele Jesus, adorado pelos seus, surpreendeu-os a todos com «os seus desaparecimentos».

23

O Mistério dos desaparecimentos de Jesus

Ninguém sabia para onde Jesus ia nem o que fazia quando desaparecia daquela maneira. Simplesmente desaparecia. Desaparecia sem avisar, sem dar explicações. Os seus desaparecimentos podiam durar dias, ou até semanas. Se os seus primos Santiago e José perguntassem por aí, para ver se alguém tinha visto o seu Jesus, todos faziam cara de quem não sabia de nada.

Onde é que Jesus se metia?

Bem, isso não era fácil de dizer. Mas, fosse onde fosse, ele regressava de onde tivesse estado como se nada fosse. Depois, voltava todo tranquilo, dava uma desculpa qualquer a todos aqueles que, com aquela preocupação tão natural, lhe demonstravam o quanto o queriam: «Tive de tratar de um assunto urgente», por exemplo, e pronto, assunto encerrado. Não valia a pena insistir mais; no final, Jesus desatava a rir e eram eles que pareciam os tolos.

«De onde vêm essas preocupações, Santiago, irmão? Falta-te alguma coisa? Os teus filhos estão doentes? Tens saúde, dinheiro e amor, o que mais pode um homem querer?». Não foi o que eu disse? Era impossível zangar-se com Ele. Não só tinha toda a razão do mundo, como, além disso, dizia-o com aquele sorriso nos olhos; no final, quem parecia tolo eras tu, por te preocupares sem motivo.

As únicas que pareciam nem se surpreender nem escandalizar-se com os seus desaparecimentos eram as Mulheres da Casa. Para maior surpresa de Santiago e dos seus irmãos, as Mulheres nem queriam ouvir falar de repreensões. Que mistério era o Dele para as ter tão encantadas daquela maneira?

Mistério? Por que razão tinha ele encantado a sua mãe, a sua tia Juana e a sua tia María? Havia mesmo um mistério. Um muito grande.

Acontece que, quando Ele partia, ocorria um milagre na casa. Os sacos de farinha nunca se esgotavam, por mais que retirassem a farinha com pás. Os jarros de azeite nunca ficavam vazios; por mais litros que oferecessem, o nível do azeite nos jarros nunca baixava. E se alguma delas adoecesse, as três Mulheres da Casa sabiam que Ele regressava, porque ficavam logo bem. E assim eram todas as outras coisas. Então, como é que não as teria encantadas? Claro que, na hora de responder a elas ou aos seus primos sobre de onde vinha ou o que Jesus andara a fazer, limitava-se a olhar para elas e dava-lhes, como única resposta, um beijo cheio de sorrisos.

Para onde ia? De onde vinha? O que fazia? Creio que foi o décimo terceiro apóstolo quem disse que Jesus ia implorar ao seu Deus, com lágrimas intensas, misericórdia para todos nós.

A origem dessas lágrimas não nos deve parecer estranha, conhecendo a fonte de onde jorraram. Era o Filho de Deus, da mesma natureza que o seu Pai, que contemplava face a face o futuro da obra que iria realizar e, ao ver o destino para o qual conduzia os seus discípulos, o seu coração partia-se por completo.

Como não procurar no seu Pai uma alternativa viável e diferente, que afastasse dos seus o destino para o qual, com a sua Cruz, os arrastava?

E o que é mais trágico: quando o seu sangue o arrastava para a fragilidade da existência humana e ele se questionava como poderia ter a certeza de que o que ia fazer era a vontade de Deus, nesse momento o peso desse Destino esmagava-o, cravava-se-lhe no peito e arrancava-lhe lágrimas de sangue vivo. Como poderia ter a certeza de que o que ia fazer era o correto? Porquê a Cruz de Cristo e não a Coroa de David?

A tensão, a pressão, a natureza humana na sua nudez a atingir-lhe o cérebro e a alma com a visão das centenas de milhares de cristãos a quem Ele conduziria ao martírio. Um Destino que lhes poderia poupar, bastando para isso aceitar a Coroa que o povo, em massa, Lhe ofereceria. O que fazer? Como saber? E com que meios resistir ao consolo que o seu Pai lhe oferecia? Pois depois do Dia de Yahweh viria o Dia de Cristo, um Dia de liberdade e glória: o Rei no seu Trono de Poder a conduzir os exércitos do seu Pai rumo à vitória.

Durante aqueles dias, antes de iniciar a Sua Missão, Jesus foi escolhendo na Galileia aqueles que seriam os Seus futuros Apóstolos. Os laços que O uniam aos Seus futuros Discípulos provinham do vínculo sanguíneo que o filho mais velho de Zorobabel começou a tecer quando fundou Nazaré.

Ao contrário do ambiente em que se multiplicaram os homens de Zorobabel que permaneceram na Judeia, o povo da Galileia acolheu de forma pacífica e amigável os homens de Abiud. Os vizinhos da Judeia ficaram escandalizados ao descobrirem as intenções de Zorobabel e dos seus homens; rebelaram-se contra a ideia da reconstrução de Jerusalém e tentaram, por todos os meios, obrigá-los a abandonar o projeto.

A Bíblia diz que não conseguiram. Em troca, os então habitantes da Terra Santa viram-se confrontados com uma política de inimizade perpétua. Política essa que resultou no enclausuramento e isolamento dos judeus do Sul do resto do mundo. Circunstância que, com o passar do tempo, transformaria o judeu do Sul naquele povo que abominava os gentios, a quem desprezavam e tratavam em privado como se estivessem a falar de meras bestas.

«Mais vale comer com um porco do que com um grego», dizia um rabino.

«Mais vale casar com uma porca do que com uma grega», acrescentava o seu colega.

Este ódio para com os gregos e para com os gentios em geral, aquele desprezo de um povo que chegou a acreditar ser a Raça Superior, era, até certo ponto, um ódio natural. Para com os gregos, na sequência das perseguições de Antíoco IV Epifânio. Em relação aos egípcios, porque um dia o Faraó... Em relação aos sírios, porque noutros tempos... Em relação aos romanos, porque os tinham por cima... A questão era transformar o ódio numa espécie de identidade nacional, extrair dele as forças para continuar a acreditar-se na Raça Superior, a chamada a subjugar e a ser servida pelo resto da Humanidade.

Os habitantes da Judeia esperavam pelo Messias para se tornarem o Novo Império Mundial. A sua relação com as leis não nacionais, impostas pelo império, que regulavam a vida entre judeus e gregos, entre gregos e romanos, entre romanos e iberos, constituíam

um caminho na selva repleto de perigos mortais, pelo qual o judeu devia manter-se alerta e ter sempre no ódio e no desprezo contra as outras raças a força vital que o ajudasse a superar as circunstâncias até à vinda do Messias.

Ao contrário dos seus irmãos do Sul, os do Norte integraram-se perfeitamente na sociedade gentia. Trabalharam com eles, fizeram comércio com eles, vestiram-se como eles, aprenderam a sua língua, respeitaram os seus costumes, as suas tradições e os seus deuses.

Em comparação com os seus irmãos do Sul, os judeus da Galileia tinham evoluído na direção oposta. Enquanto o sulista invocava o ódio como muro protetor da sua identidade, o nortista invocava o respeito entre todos os homens como garante da preservação da paz.

Quando, portanto, Jesus chegou, as diferenças mentais e morais entre os judeus da Galiléia e os judeus do Sul eram tão enormes quanto as que existiam, naquela época, entre um bárbaro e um homem civilizado. O galileu continuava à espera da Vinda do Messias, o Cristo que iria unir todos os povos do mundo; o judeu de Jerusalém também esperava o Nascimento, mas não o de um Salvador, e sim o de um conquistador belicoso e invencível que colocaria aos seus pés, de joelhos, todas as outras nações do mundo. Dificilmente Jesus teria encontrado entre estes judeus do Sul um único homem que o seguisse para cantar ao Amor e à Fraternidade Universal o poema mais maravilhoso jamais escrito, o Evangelho.

Dadas essas circunstâncias, não foi por acaso que todos os seus discípulos se encontravam presentes nas bodas de Cana.

Quando o Filho de Zorobabel e herdeiro da coroa de Salomão se estabeleceu em Nazaré, os seus homens e os seus filhos uniram-se entre si e foram espalhando a sua semente por toda a região. Trabalhadores respeitosos para com os seus vizinhos, amantes das leis da civilização de todos, considerando a religião um assunto privado sujeito à lei da liberdade de culto, os homens de Abiud e os seus filhos espalharam-se por toda a Galileia, mantendo o casamento endogâmico como base da sua identidade nacional. No resto, o judeu galileu não se diferenciava em nada dos seus vizinhos. Vestia-se como eles, falava como eles.

Nesse ambiente, o sucesso do negócio da Oficina de Confecção da Virgem de Nazaré baseou a sua fortuna na onda nacionalista que surgiu na Galileia na sequência da reconstrução das sinagogas. Era nesses momentos únicos e decisivos da vida, como o casamento, por exemplo, que o orgulho nacional aflorava e as pessoas gostavam de se exibir com um traje típico e popular. A arte da confecção do traje nacional nas mãos das filhas de Aarão, que a tinham transformado num monopólio com sede em Jerusalém, a abertura do

negócio pela Virgem, discípula de uma mestra no segredo mais bem guardado da casta sacerdotal feminina — sendo a confecção de mantos sem costuras o seu expoente mais supremo —, foi um acerto que atraiu a Nazaré os noivos da região.

Independentemente da prosperidade que trouxe à casa da Virgem e à própria Nazaré, o sucesso da oficina da Virgem abriu caminho na região e preparou-a para que as suas irmãs encontrassem ali um terreno onde crescer e multiplicar-se. Casaram-se na Galileia e tiveram os seus filhos e as suas filhas. Aos laços pré-existentes ao nascimento da Virgem somamos, então, aqueles que as suas irmãs e os filhos e filhas do seu irmão Cleofás criaram, e as dimensões do quadro em que o seu Filho se moveu adquirem as suas verdadeiras dimensões.

Ou, o que dá no mesmo, os discípulos de Jesus estiveram presentes nas famosas bodas de Caná simplesmente porque estavam ligados aos noivos por laços de sangue. Ou será que acreditam que a sogra de Pedro foi curada sem fé?

Ao longo de todos os Evangelhos, vemos que a única condição que Jesus exigia para receber a graça do seu Poder era a fé. Ao curar a sogra de Pedro, esta ainda não tinha visto o Unigénito de Deus. O facto de, sem ver, ter tido fé abre-nos os olhos para a ligação entre a sogra de Pedro e a Virgem, graças à qual a fé daquela mulher no Filho de Maria era absoluta. E isso ajuda-nos a abrir a porta da sua casa e a ver que Pedro, pelo seu casamento com a filha da sua sogra, está diretamente em parentesco com a Virgem.

Depois do milagre da transformação da água em vinho, a única coisa que Pedro precisava de ver era a unção do filho de David pelo profeta.

Quando se lê o Evangelho, a primeira surpresa surge ao ver Pedro e os seus companheiros a abandonarem tudo ao ouvir a voz: «Segui-me». Como se fossem robôs ou autómatos sem vontade própria, aqueles homens deixaram as suas famílias e seguiram-no sem sequer perguntar para onde. É a primeira impressão. Logicamente, trata-se apenas de uma aparência. Aqueles homens conheciam perfeitamente o Filho de Maria. Sabiam de que natureza era a sua liderança espiritual sobre todos os clãs davídicos da Galileia. Pedro e os seus companheiros não eram autómatos sem vontade própria, obedecendo à ordem do seu criador ao ritmo das batidas dos seus dedos num teclado de computador. De modo algum. Escusado será dizer que, em mais de uma ocasião, unidos por laços de sangue à Casa da sua Mãe, falaram com o seu Filho sobre o Reino do Messias. Vale também referir que o Primeiro Milagre em público, do qual foram testemunhas, transformou a concepção que

tinham da Natureza da Missão Messiânica, pelo que estavam dispostos a deixar tudo para trás no momento em que Jesus assim o quisesse. Esclarecido isto, continuamos.

Já viram quem era aquele João e que sentimento estava na origem daquelas sentenças severas contra os judeus. A sua mãe viveu para o criar e contar-lhe toda a verdade sobre o seu pai, por que razão ele morreu e a quem ele precederia. Com a morte de Isabel, João retirou-se para o deserto e viveu a sua vida sobrenatural, à espera do cumprimento da missão para a qual tinha nascido. O batismo de Jesus por João confirmou aos discípulos aquilo que já sabiam: o Filho de Maria era o Messias.

Seguiram-no na conquista do reino universal. Nunca imaginaram que a espada com que Jesus conquistaria o trono de David estivesse na sua boca.

Jesus anunciou-lhes muitas vezes qual seria o seu fim. Mas como é que lhes poderia caber na cabeça que o Filho de Deus fosse morrer crucificado?

Testemunhas de obras prodigiosas, sobrenaturais, extraordinárias, divinas em todas as suas dimensões, como lhes poderia caber na cabeça que os seus irmãos em Abraão fossem cometer um crime semelhante contra o Pai daquele Filho?

Aconteceu o que tinha de acontecer. Incrivelmente, Jesus fechou a boca como quem guarda a espada na bainha e se entrega inexplicavelmente ao inimigo que vem para o matar. Tudo o que teria de fazer era abrir os lábios. Se tivesse dito apenas: «De joelhos», a multidão que saiu à sua procura teria ficado paralisada no chão como estátuas de sal. Mas não, não proferiu uma única palavra. Simplesmente deixou-se acorrentar.

A eles, os Onze, a Ele só lhes deixou a alternativa dos covardes.

Pois todos correram a esconder-se. Todos, menos aquele que saiu a correr nu. Foi ele quem levou a notícia à Mãe: tinham acabado de prender o seu Filho, levavam-no para o julgar.

O romano tinha pedido a cabeça daquele Messias ao Sinédrio. Intimidado pelas legiões de Pilatos, o Sinédrio tinha-lho entregue.

Esta questão da culpa absoluta que o futuro fez recair sobre aquela geração judaica, ilibando os romanos da sua participação direta na Paixão de Cristo, resolve-se no âmago das palavras do sumo sacerdote perante o Tribunal que entregou o Messias a Pilatos:

«Convém que um homem morra pelo povo».

«Convém» significava que ou o entregavam a Pilatos ou este decretaria o estado de sítio e enviaria as legiões para o caçar. Se entregassem Jesus de Nazaré, o povo permaneceria calmo por ter sido apanhado de surpresa, mas se Pilatos enviasse as suas legiões contra

aquele a quem agora abandonavam à sua sorte, depois, por amor à pátria, defendê-lo-iam até à morte. E onde estava o louco capaz de acreditar na vitória de uma rebelião popular contra César?

O destino de Jesus de Nazaré estava traçado. Era Ele ou a Nação. Que o futuro os culpar, pela sua covardia, de o terem entregue, fazendo recair sobre eles toda a responsabilidade pela sua morte, que assim seja. Que mais poderiam fazer? O astuto Pilatos lavaria as mãos, e daí? Não era preferível que morresse um homem a que todo o povo fosse massacrado pelas legiões?

O problema dos discípulos foi acreditar que o seu povo não assumiria o papel de covarde e se levantaria em armas antes de entregar o Messias aos romanos. Para eles, a situação era clara: como poderia o Império vencer um exército liderado pelo Rei do Universo? Não tinham sido centenas e centenas de homens, mulheres e crianças que, na própria pele, tinham vivido a sua Glória? Entre as massas, não eram esses abençoados um testemunho vivo da Missão Divina de Jesus de Nazaré? É verdade que, muitas vezes, essas multidões o tinham aclamado rei e, no mesmo número de ocasiões, Ele lhes tinha virado as costas. Ilógico? Renúncia ao trono que, por herança, lhe pertencia?

Sim e não.

Ora, ao longo de toda a história de Israel, tinha-se demonstrado que a unção do rei não cabia ao povo, mas aos profetas de Deus. A partir desta experiência, era natural que Jesus recusasse uma coroação estabelecida contra o direito histórico.

Na Era dos Profetas, uma vez terminada a unção, canonicamente falando, esta cabia ao Templo. Chegaria, portanto, o momento em que essas mesmas multidões o seguiriam até Jerusalém e pediriam ao Sinédrio o reconhecimento divino que Jesus de Nazaré tinha conquistado pelas suas obras.

Então, pressionado pelo testemunho de tantos e tantos abençoados e por uma multidão incontável a clamar a plenos pulmões pela unção do Messias pelo sumo sacerdote, Jesus sentar-se-ia no Trono de David, o seu pai histórico, e, na presença de todos os filhos de Israel, colocaria a coroa dos reis.

Quando, no terceiro ano da sua Missão, se espalhou a notícia: «Jesus de Nazaré dirige-se a Jerusalém para a Páscoa», a expectativa messiânica atraiu a Jerusalém multidões incontáveis.

Pôncio Pilatos esperava-o. A par das aventuras do Messias dos judeus, já há algum tempo que tinha pedido ao Sinédrio a cabeça daquele nazareno. A decisão política que devia

tomar relativamente à explosão messiânica causada por aquele nazareno era complexa e clara ao mesmo tempo. Tinha de o matar. Matando o Pastor, o rebanho dispersar-se-ia. Também não podia mobilizar as suas legiões e lançá-las em conjunto contra a multidão. A rebelião nacionalista iria eclodir em defesa do seu Messias e uma guerra espartaciana era a última coisa que o César poderia desejar. Como político, a sua missão era prevenir o mal antes que a guerra se desenvolvesse. Podia esperar pelo pior e deixar a presa engordar. Tal como já tinham feito Augusto e Herodes nos dias do Censo. No momento certo, Pilatos mobilizaria as suas legiões e, com o massacre, as outras nações aprenderiam como Roma castiga a rebelião contra o César.

O facto é que o Sinédrio, na sua totalidade, estava contra o Nazareno e não lhe punha as mãos por medo da multidão que o acompanhava por onde quer que fosse. O Sinédrio tinha jurado a Pilatos que lho entregaria pessoalmente, mas que esperasse até que o fruto estivesse maduro.

Após o primeiro ano de marcha triunfal em direção ao Monte do Sermão, o segundo ano tinha sido de declínio. Na encruzilhada entre o segundo e o terceiro ano, a recusa de Jesus em ser coroado rei tinha vindo a afugentar as multidões, que não o compreendiam de todo.

Quem, de entre todos aqueles que tivessem desfrutado de tal Poder Divino, não se teria feito acompanhar pelas multidões até Jerusalém para exigir ao Sinédrio, em pleno, a Coroa do seu pai David?

A perplexidade e a ignorância quanto ao seu Pensamento tinham-no deixado sozinho no alvorecer do terceiro ano. Apenas as Mulheres e os seus Discípulos continuavam a ser-lhe fiéis.

O que tinha, então, restado daquele primeiro desespero do político romano? E o que parecia ainda pior ao Sinédrio: por que razão iria Pilatos recuar agora? Não haveria, nas fileiras do seu exército, alguém que, em caso de insurreição messiânica, desertasse do Império e se colocasse ao serviço do Filho de David?

Tal como demonstra a entrada triunfal de Jesus em Jerusalém, a expectativa — abafada no último ano pelo próprio Jesus — despertou do seu letargo. Acreditando as multidões que o Filho de David tinha tomado a sua decisão final a favor da sua coroação naquele ano, todos correram para Jerusalém.

Como já sabemos, e como a história demonstra, na Páscoa, Jerusalém transformava-se numa cidade sitiada. De todas as partes do mundo, os judeus desciam e subiam à Cidade Santa para celebrar aquela Ceia que serviu de prelúdio à Libertação de Moisés.

Naquele ano de 33 da nossa Era, à multidão habitual juntaram-se todos aqueles que outrora o tinham proclamado rei.

Qual não foi a surpresa de todos quando Jesus entrou no Templo e, com um chicote, dissipou para sempre a pressão contra o Sinédrio e César que aquela multidão exaltada estava disposta a exercer.

Aquela febre messiânica que Jesus despertara no seu primeiro ano voltara a surgir. Chegou a Jerusalém antes de Ele chegar e fez tremer as muralhas de Jerusalém com a mesma força com que, no seu tempo, o fizeram as trombetas de Josué. Se, em vez de se dirigir diretamente ao Templo para pegar num chicote e declarar guerra total ao Sinédrio, Jesus tivesse feito o que fez quando era criança — abrir caminho até ao Pátio dos Doutores da Lei e entrar no assunto... Mas não. Nem pensar. De modo algum. A situação já estava agitada e foi Ele quem a mergulhou no caos da forma mais explosiva que se possa imaginar.

A mesma multidão que, algumas horas antes, tinha aplaudido e aclamado o Filho de David, ao cair da noite, pedia a sua cabeça a um Pilatos que, nessa altura, já não percebia por que razão tinha de matar aquele que tinha cavado a sua própria sepultura.

Para compreender a fuga dos seus discípulos, é preciso colocar-se no lugar daqueles homens que, no seu coração, sonhavam com aquela entrada triunfal e, imediatamente a seguir, com a sua coroação. Foram eles os primeiros a ficar paralisados ao ver o seu Mestre pegar num chicote e atacar com ira todo-poderosa o Templo.

Foi nesse momento que Judas tomou a decisão de o entregar ao Sinédrio. Os outros saíram com a moral por terra, como se flutuassem num vazio total.

O que iria acontecer agora?

O que é que Jesus tinha feito?

Enquanto comiam a Última Ceia, sentiam-se tão confusos e vazios como aquela Terra que, antes do Princípio, vagueava nas Trevas do Abismo, confusa e vazia.

Ai, filhos da Terra, a herança da vossa mãe é o vosso destino! Não recebeu ela, no dia do seu nascimento, todo o tipo de promessas do seu Criador e, assim que o seu Criador se virou, deixou-se apanhar pela confusão que acompanha toda a solidão? Tendo a vossa mãe vivido, no seu nascimento, a confusão e o vazio da solidão, como é que vocês não iriam tropeçar na mesma pedra?

Enquanto jantavam com Ele, os Seus discípulos não faziam a menor ideia do que Ele lhes estava a dizer. Só sabiam que estavam dispostos a morrer a lutar antes de O deixar sozinho. Pobre Pedro, a alma-lhe caiu ao chão quando o seu Herói e Rei lhe tirou a espada das mãos! Todos, sem exceção, saíram a correr, movidos por uma força que os ultrapassava e lhes movia as pernas contra a vontade das suas mentes.

«O que vai acontecer agora, Mãe?», perguntou aquele outro João à Mãe de Jesus, como se ela soubesse a resposta.

O que iria acontecer? Iria acontecer o que estava profetizado há mil anos. O firmamento vestir-se-ia de luto para chorar a morte do Primogénito, a terra lamentar-se-ia pela morte do Unigénito.

24

Morte e Ressurreição de Jesus Cristo

Os acontecimentos daquela noite estão descritos nos Evangelhos. Não vou reproduzi-los nem acrescentar-lhes pormenores. Limitar-me-ei ao que não está escrito.

Enquanto a farsa judaico-romana seguia o seu curso, o céu foi-se nublando sobre as cabeças dos milhares de bêbados que gritavam em coro: «Crucifica-o!»

A mesma confusão que se apoderou dos discípulos e os levou à fuga, essa mesma força tinha-se apoderado da multidão que o aclamara na sua entrada triunfal e, abandonada ao álcool, descarregava a sua dor contra o autor da desilusão que se apoderara das suas mentes. Enlouquecidos, entregues ao álcool no qual afogavam a sua dor — que corria de graça e a barris das mãos do Templo para as suas gargantas —, aqueles que, há apenas algumas horas, entoavam louvores ao Messias, agora gritavam: «Crucifica-o».

Enquanto gritavam e gritavam, as nuvens envolveram o horizonte e estenderam uma teia de relâmpagos e trovões sobre o Gólgota. Enquanto o Condenado arrastava a sua cruz

pela Via Dolorosa, alheio à multidão que, embriagada, cuspiu as suas gargalhadas sobre o Filho de Maria, a noite foi-se fechando.

Absortos, maravilhados com o que estavam a viver, enquanto faziam a procissão, a muito poucos vieram à mente as palavras do Profeta. Na verdade, apenas a um rapaz, ao pé da Cruz, enquanto olhava para o céu, vieram à memória as Escrituras.

«Já me rodeavam as ondas da morte e aterrorizavam-me as torrentes de Belial. As amarras do Seol aprisionavam-me, as redes da morte tinham-me surpreendido. E, na minha angústia, invoquei o Senhor e lancei o meu grito para o meu Deus. Ele ouviu a minha voz do seu palácio, e o meu clamor chegou aos seus ouvidos. Ele comoveu-se e a terra tremeu. Os alicerces das montanhas vacilaram, estremeceram perante o Senhor irado. Subia fumo das suas narinas, e da sua boca saía fogo abrasador, carvões acesos por Ele. Ele abaixou os céus e desceu, com uma nuvem negra sob os seus pés. Subiu sobre os querubins e voou; voou sobre as asas dos ventos. Fez das trevas um véu, formando à sua volta a sua tenda; névoa aquosa, nuvens densas. Perante o resplendor do seu rosto, as nuvens dissiparam-se; granizo e relâmpagos de fogo. Yavé trovejou dos céus, o Altíssimo fez ouvir a sua voz. Lançou-lhes as suas flechas e dispôs-os, lançou relâmpagos e aterrorizou-os. E surgiram riachos de água, e ficaram à vista os alicerces do mundo perante a ira repreensiva de Yavé, perante o sopro do furacão da sua fúria».

Sim, apenas aquele rapaz fixou os olhos no céu, que contemplava horrorizado o crime dos filhos da terra. Na dor do momento, ninguém se tinha apercebido do que lhes caía sobre as cabeças. O céu estava negro como as profundezas da caverna mais impenetrável. Quando Jesus exalou o seu último suspiro e todos creram que o fim já tinha chegado, como se de repente todos acordassem de um sonho, os seus olhos abriram-se para a realidade.

Antes de sentirem a ameaça do céu, o firmamento rasgou-se em lágrimas. Ouviu-se um estrondo mais forte do que o das muralhas de Jericó ao ruírem. Foi então que todos ergueram a cabeça pela primeira vez e sentiram na atmosfera aquela humidade elétrica.

Estavam prestes a iniciar o regresso quando, de repente, um chicote em forma de relâmpago rasgou a escuridão. Pareceu cair longe. Que tolos! Era o cavaleiro que outrora abriu as fileiras do inimigo para Judas Macabeu e que agora vinha a galope violentamente sobre as nuvens das profecias. Os seus olhos resplandecentes iluminaram a noite e, da sua garganta todo-poderosa, o trovão rolou pelo horizonte; como um louco, possuído por uma dor que lhe cegava as entranhas, aquele cavaleiro divino ergueu o braço e deixou cair sobre a multidão o seu chicote de relâmpagos e trovões.

O inferno da Ira do Pai Eterno abateu-se em torrente sobre crianças e mulheres, idosos e jovens, sem distinguir entre culpados e inocentes. Enlouquecida, como quem acorda sobressaltado de um pesadelo para, ao abrir os olhos, descobrir que o verdadeiro pesadelo acabara de começar, a multidão começou a correr descendo o Gólgota. A tempestade que pairava sobre as suas cabeças ameaçava granizo, relâmpagos e trovões, mas não chuva. Era uma tempestade elétrica, que o Todo-Poderoso, traspassado pela lança que cravaram no peito do seu Filho, com o coração despedaçado, tinha tomado nas suas mãos e, enlouquecido pela dor, lançava contra os filhos da terra sem olhar a quem. O frenesi e o pavor apoderaram-se de todos. O terror avançava sem poupar nem o ancião nem a criança, homem ou mulher. Enlouquecida pelo que tinha feito sob o efeito do álcool, a multidão começou a dirigir-se para as muralhas de Jerusalém. Loucos!, como se a dor de Deus pudesse ser contida pela pedra.

E lá foi a multidão a correr descendo o Gólgota, em busca de salvação entre as muralhas. Então, o chicote elétrico do Onipotente começou a cair sobre mulheres e crianças, jovens e idosos, sem distinguir culpados de inocentes. A sua dor, a dor do Todo-Poderoso, atingia-os a todos e dilacerava-lhes a carne sem qualquer tipo de misericórdia. Em menos tempo do que o galo demora a cantar o seu segundo canto, a encosta do Gólgota começou a encher-se de cadáveres chamuscados. Aqueles que já subiam a encosta da Porta dos Leões pensavam ter escapado ao horror quando os túmulos do Cemitério dos Judeus começaram a abrir-se. Os profetas saíram dos seus túmulos e, das suas bocas espectrais, a Ira do Todo-Poderoso fazia chegar aos vivos a sua sentença de morte.

Horror, desolação, pavor. Aqueles que pensavam encontrar refúgio nas suas casas depararam-se com as portas fechadas. Numa noite da Última Ceia, há mil e quinhentos anos, o anjo da morte percorreu as casas dos egípcios à procura dos primogénitos. Esse mesmo anjo percorria agora as ruas de Jerusalém, matando sem distinguir entre grandes e pequenos. A mesma dor infinita que dilacerava o coração do seu Senhor tinha atingido o seu e, na sua dor indescritível, cravava a espada querubínica contra todos aqueles que encontrava pelo caminho.

Aterrorizados, presos num pesadelo infernal, o terror arrastou os fugitivos até ao Templo. Lá, amontoaram-se entre as suas paredes, em busca de misericórdia. Enlouquecidos, com a loucura de quem mata o próprio filho e se refugia na casa do pai da criança, encontraram ali o seu túmulo quando o chicote da Dor derramou as suas lágrimas sobre a cúpula, uma cúpula que desabou sobre a multidão aterrorizada.

Horror, pavor, desolação. A dor do Pai de Cristo em plena explosão violenta. O sangue de um Deus transformado em blocos de pedra a cair sobre uma multidão aterrorizada, esmagando cabeças, reduzindo a escombros homens e mulheres. «Gritem novamente: “Crucifica-o!”», escreviam com os seus estalidos as pedras da cúpula do Templo, à medida que caíam do teto para o chão.

Enquanto estas coisas aconteciam aos pés da Cruz, restavam apenas um homem e três mulheres. Como se um escudo de energia o protegesse, o rapaz, de pé, contemplava o espetáculo. Aos pés do Monte da Paixão, os cadáveres carbonizados, os moribundos esmagados sob o peso daqueles que fugiram pela encosta abaixo. Contra as muralhas, sem qualquer possibilidade de fuga dos mortos que saíram dos seus túmulos, as vítimas paralisadas pelo horror amontoavam-se enlouquecidas. Quando, pouco depois, a cúpula do Templo desabou e cessaram os trovões, os relâmpagos e o bater de carne e sangue, João apanhou a espada do romano que se tinha confessado. O rapaz voltou a cabeça para as três Mulheres, falou-lhes com os olhos e começou a abrir-lhes caminho. A multidão de feridos e moribundos, horrorizada, afastava-se como , como se se tratasse de um anjo de Deus no auge da tarefa iniciada pelo seu Senhor. Tal era o fogo que emanava dos olhos do mais novo dos filhos do Trovão.

Chegados às ruas, incapazes de resistir ao olhar daquele querubim humano, os alucinados afastavam-se do seu caminho. Juan conduziu as três mulheres até casa e fechou a porta atrás de si. Lá estavam os Dez e as restantes mulheres. Como se estivesse morta, a Mãe deitou-se na cama e fechou os olhos a um mundo ao qual já não parecia querer regressar.

Os sobreviventes juraram apagar das suas memórias e das dos seus filhos a recordação da Noite em que Deus rompeu a sua Aliança com os filhos de Abraão. Os seus historiadores enterraram a recordação daquela Noite no túmulo dos silêncios milenares. Muitas vezes, na História da Humanidade, um povo jurou apagar da sua memória um determinado acontecimento, especial e crucial para o desenvolvimento do seu futuro. Poucas vezes um povo conseguiu enterrar de forma tão definitiva um capítulo tão traumatizante.

Os Onze também acreditaram que tal era o destino daqueles três anos de glória inesquecível. De facto, a única coisa que os manteve naquela sexta-feira e no sábado seguinte encerrados naquela Casa foi a vontade de saber o que tinha acontecido àquela Mãe que jazia como morta no leito.

Será que a Mãe acordaria do seu sono? Não se viam, no seu rosto marcado pelo sofrimento, os pedaços em que o seu coração se tinha partido?

Senhor, como iriam olhar-lhe nos olhos quando ela acordasse? Que palavras de consolo lhe diriam para justificar a fuga vergonhosa que empreenderam?

O que poderiam fazer? Abandoná-la à sua sorte? Continuar a fugir até que a distância entre eles e as suas memórias se tornasse um abismo?

Não lhes tinha Ele dito que tudo o que estavam a viver iria passar e que ressuscitaria ao terceiro dia?

As horas pareceram intermináveis a todos os que velavam pelo sono da Mãe. Apesar do perigo que corriam, ninguém partiria sem a acompanhar até Nazaré.

Quanto tempo demoraria a acordar? Mas, claro, por que razão iria querer acordar?

Ao meio-dia de sábado, a Mãe começou a sair do seu estado. Os Onze pensaram que não conseguiriam suportar o seu olhar. Ai, como eram tolos!

Já estavam a olhar para aquele rosto envelhecido há mais horas do que conseguiam calcular. Já conheciam de cor cada micra das suas bochechas laceradas.

De repente, naquele sábado, aquele rosto começou a ganhar cor. Todos ficaram a observar cada movimento dela. Nesse momento, a Mãe abriu os olhos cheios de vida.

Ao seu lado, a sua irmã Juana acariciava-lhe a testa como quem acaricia a cabeça da pessoa mais amada do mundo. Inesperadamente, a Mãe pediu um pouco de água. A outra Maria, a de Cleofás, levantou-se. Lentamente, a Mãe incorporou-se na cama e olhou para todos. Os Onze estavam sentados no chão, encostados às paredes do quarto. A expressão no seu rosto deixou-os maravilhados quando a Mãe abriu os lábios. «O que se passa, meus filhos?», disse-lhes ela, sorrindo. «Quem é que estão a velar? Olham para mim como se estivessem a ver um fantasma.»

Os Onze continuavam surpreendidos. Maria, a de Cleofás, voltou com o copo de água e sentou-se ao seu lado, apoiando a cabeça no seu ombro.

«Já está, Maria, não sejas criança, não chores mais, ou queres que o meu Filho te encontre assim quando vier?»

Os Onze olharam uns para os outros, pensando que a dor a tinha feito perder o juízo. A Mãe leu-lhes os pensamentos e começou a falar-lhes, dizendo:

«Filhinhos, sou eu a culpada de tudo. Há muito tempo que devia ter-vos revelado quem é Aquele a quem chamais Mestre e Senhor. Isto tinha de acontecer para que Ele me libertasse do meu silêncio. Quem acham que seguiram de um lado para o outro?

Eu sou velha, filhos, e estou cansada. Ouçam-me bem e elevem a alma; quando Ele vier, amanhã, terão a prova de tudo o que vos vou contar hoje. O que pensaria o meu Filho se, ao vir amanhã, vos encontrasse assim? Como poderia eu olhar-Lhe nos olhos? Tenham paciência comigo se, em algum momento, não for clara. Quando Ele vos enviar o Espírito da Promessa, recordar-vos-eis das minhas palavras e eu própria deixarei-me encantar pela sabedoria que Ele derramará nas vossas almas. O que vos vou contar ouvi-o dele. Não tenho a sua graça nem a sua sabedoria. Já vos digo: Ele próprio vos encherá do seu conhecimento e, então, já não precisareis que eu vos conte nada. Ele falou-me do seu Mundo, do seu Pai; eu perguntava-Lhe e Ele respondia-me sem me esconder nada. Pelo menos, nada que eu não precisasse de saber. Eu era a sua confidente, o coração aberto e inocente no qual Ele derramava as suas memórias divinas. Ele falava-me do Seu Mundo com os olhos voltados para o infinito; eu guardava tudo no meu coração; cada uma das Suas palavras eu gravava na minha carne. Até hoje não soube por que razão Ele selou os meus lábios. Hoje libertou-me do meu Silêncio e coloco nos vossos corações o que Ele colocou no meu e que tenho levado comigo há tantos anos.”

Ao abrir-lhes o seu Coração, a Mãe revelou aos Discípulos: a Anunciação, a Encarnação do Filho de Deus, e a História Divina que Ela ouviu dos lábios do seu Menino, naqueles dias em que, sendo «o seu Menino», o Filho de Deus vinha aninhar-se nos braços da «sua Mãe», a Tristeza nos olhos do filho que sente saudades do seu pai amorosíssimo, História que, levada à sua Plenitude, vos narro no capítulo seguinte.

CAPÍTULO TERCEIRO

«EU SOU O PRINCÍPIO E O FIM»

**HISTÓRIA DE DEUS, DO INFINITO E DA ETERNIDADE.
INSCRIÇÃO E CRIAÇÃO**

No princípio era o Verbo

E o Verbo estava em Deus

E o Verbo era Deus

I

Origem e Infância de Deus

A Eternidade, o Infinito e Deus nasceram juntos. Não houve um «antes» nem um «depois». Nem os três membros da Trilogia Não Criada nasceram da forma como os seres humanos entendem o facto de nascer.

O Infinito tem pai? Que mãe daremos à Eternidade? Que data de nascimento inscreveremos na certidão de família de Deus? Que idade atribuiremos a um Ser que é uma só coisa com o Espaço, o Tempo e a Matéria? Como falaremos da idade do universo sem a relacionar com um fragmento da linha da existência de Deus no Infinito e na Eternidade? E quão alta será a montanha de acontecimentos criada por um Ser que vive desde a eternidade?

Um cosmos sem origem, indestrutível por natureza, inteligente por vocação, aventureiro nato, amante irremediável da Vida e dos seus mundos, cuja vida é uma aventura perpétua pelos mares desconhecidos das galáxias. Com que palavras poderíamos desenhar na tela do nosso entendimento a imagem desse Ser Divino em constante navegação pelo oceano das galáxias?

Que fronteiras daremos ao seu universo? Que propriedades ao seu espaço-tempo? Quantas páginas abrangeriam as crónicas das suas aventuras?

Lá vai Ele. As estrelas afastam-se à sua voz, as constelações saudam-no ao vê-lo passar. O leão de Mercúrio corre pela planície entre campos de planetas de todas as cores atípicas, singulares, esguios, subtis; o seu Grande Espírito alcança-o e grita-lhe: «Voa, criatura, segue-me até aos confins do universo». Uma galáxia como um lago de luz caramelo, com o amanhecer de Júpiter no seu núcleo, encerra nas suas águas golfinhos com óculos de infravermelhos a saltar de sistema sideral em sistema sideral; de repente, avistam o Grande Espírito, Ele, Deus, a aproximar-se a correr ao lado do leão de Mercúrio, e lançam-se a persegui-lo pelos espaços onde habita o Orto.

Com que olhos verá Deus as cores de um campo de energia que, com os seus braços, abrange dez mil constelações? Com que cabelagem solta ao vento das galáxias sentirá Ele a brisa que percorre os espaços infinitos? Com que mãos e pés escala o seu Grande Espírito os cumes luminosos dos universos invisíveis, paralelos, perdidos, poentes, fugitivos? Como é que o tempo que demora a alcançar a planície do outro lado dos aglomerados estelares mais remotos afetará Deus? Em que direções estelares estenderá o seu coração as suas alegrias quando se encontrar do outro lado das margens de um cinturão de galáxias? Como reage o seu coração ao sentir o nascimento da vida nas profundezas do mar das constelações submersas?

A pérola da vida na sua ostra sideral. Um mundo, outro mundo, uma nova civilização com as suas singularidades típicas, com as suas particularidades próprias, mais um desafio do barro primordial ao fogo criador e destruidor de todas as coisas. Ele, Deus, avança pelas ondas dos mares cósmicos, descobrindo novos mundos; de aglomerado estelar em aglomerado estelar, leva a alegria do aventureiro imortal a costas desconhecidas. Abre as asas do seu Grande Espírito e lança-se a uma velocidade infinita pelas planícies cósmicas; sente o impulso do vento que percorre os espaços sutis e ora brinca com a luz, como se fosse o seu cavaleiro e ela o seu corcel brilhante; ora transforma-a num raio que recolhe na sua aljava, de onde as flechas luminosas são disparadas para o céu nevado, incrustam-se no

coração de uma estrela nova e transformam-na numa supernova. Ele tem a Eternidade pela frente; à sua volta estende-se o Infinito. Aquele era o Seu mundo, o Seu universo, o Seu paraíso original. Não teve início, não teria fim. Para onde quer que o Seu Espírito se voltasse, as estrelas e os seus mares luminosos estendiam as suas margens.

Quantos sistemas estelares se podem percorrer numa eternidade? Quantas páginas calcularemos para o livro da Sua vida? Quantos ramos contaremos na árvore da Sua experiência? Quantos mundos, quantas raças, quantas civilizações conheceu Deus antes de revolucionar a estrutura do Seu mundo e converter a realidade cósmica na Sua própria Criação? Qual é o volume da Sua memória? Quantas memórias a Sua mente armazenou antes de provocar, naquele Seu universo não criado, a transformação final da qual nós somos o fruto?

II

De facto, a Não-Criação foi a Infância de Deus. Tudo o que Ele, Deus, conhecia e tinha sido, sempre ali esteve. As formas mudavam, mas Deus, Ele, não se lembrava de que antes tivesse havido outra coisa. E não se lembrava porque não a havia havido. Ou seja, antes da Criação houve a Não-Criação, mas antes da Não-Criação não houve outra coisa. O Infinito, a Eternidade, Deus, eram os membros da Trilogia Cósmica. Tudo passava, tudo fluía: a vida e a morte dos mundos, o nascimento, o desaparecimento e o renascimento das galáxias. Sempre tinha sido assim: as formas desapareciam, mas a essência permanecia. A M a reduzia a pó tudo o que vivia, mas do pó cósmico a fênix da vida renascia sempre. As folhas caíam dos ramos da Árvore da Vida quando soprava o vento da Morte; ficavam nuas, frágeis na sua nudez, mas, por fim, o fogo da vida renascia na seiva dos universos e revestia-se novamente de frutos mais belos, esplêndidos e generosos. Meu Deus, como Ele amava o Seu mundo! O Infinito e a Eternidade tinham-no encantado com a Sua Sabedoria. Eram para Ele pai e mãe; e Ele era para eles a razão pela qual tudo permanecia em constante movimento.

Como entrar, então, por onde entrar para passar e contemplar a memória daquele que era a razão, a causa, o sentido da existência de todas as coisas? E se tivéssemos de comparar cada universo com a célula de uma árvore, como calcular no papel o número da Árvore da Vida? Ou como adivinhar os nomes com que era conhecido aquele que permanecia para sempre enquanto todas as coisas passavam? E como sentir a experiência divina d'Aquele

que vagueava de universo em universo, levando consigo a alegria da existência a todos os mundos por onde passava?

Para onde ir, para onde não ir? Que pergunta! Para onde o vento soprar, para onde a luz da aurora de um novo universo anuncie o seu nascimento, para os confins do outro lado do Orto, onde a aventura espreita, onde nunca se esteve antes. Porque o mais belo está sempre por vir, porque o mais belo é sempre aquilo que ainda não se viu, em frente, que os sóis celebrem a festa e dancem a dança das abelhas mágicas! Deus voa nas asas da águia das estrelas, aproxima-se montado no cavalo dos universos distantes, aproxima-se a trote, desce às margens do rio da Vida, dá de beber ao seu corcel, olha para o horizonte e sorri porque, sobre os altos cumes dos cumulus distantes, descobriu o brilho de uma estrela de neve. Nada O detém. O Seu pulso nunca perde o controle. Não conhece o medo. Nem conhece outra coisa senão a alegria da aventura. Não sabe o que é a inveja, nem o mal. Nunca esteve em nenhuma guerra. Ele não precisava de conhecer a verdade, porque não conhecia a mentira.

A verdade era Ele, Deus; a verdade era o Infinito, a verdade era a Eternidade. A verdade eram as cores do arco-íris a brilhar sob um sol de verão impetuoso. A verdade era um campo florido na primavera. A verdade era um mundo nascente sob um sol de diamantes polidos, três luas a orbitar em torno do planeta-mãe, um enxame de naves a partir para um passeio pela galáxia de origem e, depois, o silêncio das almas que regressam ao barro primordial da Vida. Como não se maravilhar, como não rir, como passar de longas e recusar o convite da Vida para participar na sua aventura! Aquele que era inciado tornava-se personagem, deixava-se inscrever no registo da história sonhada e lá se deixava maravilhar pelo génio criador da Sabedoria.

Foi assim que Ele passou a sua infância. Tal foi a infância de Deus.

III

Mas um dia despertou n'Ele, Deus, um desejo. Naquele dia, Deus teve um desejo. E esse desejo trazia no seu âmago a marca completa do coração no peito do qual nasceu.

Vejamos: a Sabedoria era a sua irmã; Ela movia por Ele todas as coisas, por Ele convertia a energia em matéria e lançava-a ao espaço, iluminando as distâncias com aqueles fogos de artifício na origem de novos universos; depois semeava a semente da vida nos novos campos estelares e os universos enchiam-se de criaturas. No fim dos tempos, a Vida cedia o seu lugar às ondas da Morte. E todas as criaturas desapareciam do universo como

castelos numa praia varrida pela maré. Sim! Todas, sem exceção, desapareciam entre os dedos do tempo como água, como poeira do deserto. Tal era o destino de todas as criaturas durante a Não-Criação. Sempre fora assim. A Vida e a Morte faziam parte do sistema cosmológico não criado. Apenas por Deus e para Deus é que o barro cósmico ganhava forma; a Sabedoria insuflava o sopro da vida no barro dos mundos, transformando-o em seres animados. Mas apenas por algum tempo. Na hora certa, a Vida dava lugar à Morte e as suas ondas secavam aquele barro primordial a partir do qual todas as criaturas tinham sido formadas. O pó voltava ao pó. Cinzas às cinzas. Só Ele, Deus, era indestrutível. Então Ele, Deus, disse a Si mesmo:

Não seria maravilhoso que todas as criaturas do Seu universo nascessem para desfrutar da Imortalidade? Não seria fantástico que, ao regressar das Suas viagens por aqueles mares remotos e desconhecidos, com o coração repleto de aventuras fabulosas, Ele voltasse a encontrar-se, como quem regressa a casa, com os Seus queridos amigos?

Sim, Imortalidade para todas as criaturas do Universo! Este foi o Seu sonho. Tal foi o Seu desejo. Um desejo belíssimo.

E teve-o com tanta intensidade que, com os olhos abertos, Deus já via o Seu universo transformado num paraíso habitado por mundos incontáveis. Povos de galáxias e planetas distantes a partilharem, à mesa dessa Civilização das civilizações, o mesmo pão, as conquistas e os avanços das suas sociedades originais. Um universo cheio de vida e cor. Como enxames de passarinhos a percorrer as florestas a céu aberto, como multidões de criaturas a cavalgar pelas planícies. E Ele a correr, a voar com eles, a abrir-lhes horizontes, a traçar-lhes novos caminhos pelas estrelas. No sonho que o Seu desejo Lhe inspirava, Deus já Se via a mergulhar nas profundezas do oceano cósmico em busca de novas pérolas. E a Sabedoria, Sua irmã, Sua companheira de aventuras, deixando-Lhe pistas entre as estrelas, maravilhando-O com uma nova vitória sobre a capacidade divina de ser surpreendido. Ela tornaria o Seu sonho realidade. A filha do Infinito e da Eternidade revestiria de imortalidade todos os seres vivos.

Este foi o desejo que cresceu no coração de Deus. A questão é: seria possível realizar esse sonho?

Bem, no que a Ele dizia respeito, Ele não tinha qualquer dúvida a esse respeito. A Sua fé no poder da Sabedoria Criadora para superar o desafio que Lhe era colocado, a criação da vida imortal, a Sua fé não conhecia a dúvida. De qualquer forma, a questão estava lá, e as suas implicações não eram menos vastas e profundas: afinal, que consequências

provocaria no Sistema Cósmico Não Criado uma tal transformação de estado? Naturalmente, Deus estava acima das implicações e das suas consequências. A Sua fé na Sabedoria Criadora era tão cega que, em nenhum momento, Lhe ocorreu duvidar do Seu poder para realizar tal transformação de estado. Ele pôs mãos à obra. Ora bem, por onde começar a concretizar o seu sonho? Pela Imortalidade da espécie como primeiro estádio rumo à Imortalidade do Indivíduo, por exemplo? Claro que sim. Perfeito!

IV

O que Deus viveu a partir de então, o que Deus fez desde aquele dia — será que conseguimos imaginá-lo, compreendê-lo, recriá-lo? Ergue-se um Ser extraordinário entre as estrelas; o seu propósito é unir todos os mundos que surgem e desaparecem no espaço e no tempo e criar uma Civilização de civilizações que superará todos os problemas que o desafio da Imortalidade lhes sugeria. Juntos, todos os mundos num Todo Universal, essa Civilização das civilizações abrir-se-ia para o cosmos das galáxias que se estendem até ao Infinito. Deus estaria à frente desse Império Cósmico. Ele guiaria os primeiros mundos ao encontro dos últimos, uniria todos eles, ensiná-los-ia a ser livres, a desfrutar das maravilhas do universo. E haveria sempre mais. A experiência que Deus tinha do seu encontro com mundos de todos os tipos colocou-a ao serviço do Seu sonho. E, apaixonado pelo Seu sonho — a Imortalidade para todas as criaturas —, pôs mãos à obra. Abriu rotas entre as estrelas e portas entre as constelações, descobriu novos mundos e estendeu o Seu Cetro sobre as suas civilizações, concedeu Cartas Magnas aos reinos que foram-se formando. Orientou as suas evoluções e e tecnológica para o encontro na terceira fase, integrou todos os reinos assim formados num Império e uniu à Sua Pessoa a Coroa. Ele próprio integrou-se naquele Mundo de mundos como o Rei dos reis e Senhor dos senhores, na cuja Palavra todos os povos tinham a sua garantia de crescimento e de coexistência pacífica e livre. A Sua Palavra era o Verbo, e o Verbo era Deus.

V

E assim foi. Com o tempo, aquele Império Universal cresceu e estendeu as suas fronteiras até às estrelas mais remotas dos céus não criados.

Como retratar na tela da nossa imaginação as características e a natureza daquela Civilização das civilizações que espalhou a sua glória pelo mar das estrelas? Que biblioteca sobre as origens e a história do Império, no qual Deus tinha transformado a Não-Criação,

veio a formar-se com o tempo? De quantas histórias particulares se compôs a sua história universal? Qual foi o número de ciências que os sábios daquele Império dominaram, registaram e cultivaram?

A Sabedoria, invisível e bela, amorosa e alegre, a partir do seu trono luminoso e transparente, estendia a sua proteção e inteligência sobre todas as suas criaturas, e em todas as coisas a sua alma maravilhosa manifestava-se, movendo tudo com um único propósito: revelar a Deus as leis que regem o Universo. Este, o Seu universo, encheu-se de mundos alegres e aventureiros com uma única preocupação na vida: desfrutar do tempo de existência que a cada indivíduo tinha sido concedido. Pois, embora a vida fosse bela, magnífica, impressionante, e a vontade de viver nunca acabasse, a verdade é que o tempo era limitado e a passagem das criaturas pelo mundo, efêmera. Tal como as nuvens da primavera que, sobre o seu túmulo de maio, choram os seus últimos dias perante o berço do verão; tal como o caudal do rio que atravessa a terra de leste a oeste, mas se aproxima do oceano com uma sede insaciável; assim era a vida de todos os seres daquele Império que Deus tinha erguido com as Suas próprias mãos e que tanto amava. A dor do último abraço, a perda do amigo que desapareceu enquanto estavas de viagem, a lágrima que não enxugaste daquele rouxinol que morreu com a pena de não ter expirado nos teus braços, ó Senhor, o murmúrio terno de um príncipe a quem amaste com o sentimento de um irmão e que se desvaneceu nas brumas da sua inocência, oferecendo-te beijos, bênçãos e amor pelos dias que lhe concedeste, por lhe teres dado a oportunidade de Te conhecer, por teres feito da sua vida uma história digna de ser vivida, mesmo que o fôlego estivesse sujeito à lei do silêncio final. Ah, o estalido da rosa quando as suas pétalas morrem entre os dedos da tempestade. O anúncio do fim da felicidade perfeita, escrito com sangue sobre um futuro indefeso contra a flecha que, certa, visa o seu peito. Ferra o seu âmagô, dilacera o seu pensamento, a lança chega até ao coração.

VI

Um dia, a Morte despertou do seu letargo e reivindicou para si a coroa e o cetro. Quero dizer, se te disserem que Aquele de quem se diz ser Deus não pode concretizar o Seu desejo, então o que respondes?

Se fores sábio ou simplesmente aspirares à sabedoria, responderás que aquele desejo divino — a Imortalidade para todas as criaturas — implicava uma revolução estrutural cujas consequências atingiriam o próprio Deus. Se fores daqueles que optam sempre pelo

caminho mais fácil e escolheres a opção dos ignorantes, responderás que esse Ser não pode ser verdadeiramente Deus, porque para um Deus Verdadeiro nada é impossível.

Pois foi isso que aconteceu. Com o tempo, Deus superou a primeira fase do Seu Desejo e transformou o Seu universo num Império de Mundos com origens nas mais diversas estrelas dos sistemas solares mais remotos. Estava a avançar para a última fase do Seu projeto — a Imortalidade para o Indivíduo — quando surgiu a Dúvida. Quero dizer, os Mundos tinham alcançado a Imortalidade e contavam os seus anos por milhões que nunca acabam, mas o indivíduo continuava a ser mortal. E foi aqui que surgiu o problema. Enquanto o indivíduo nascia para morrer, e a Imortalidade não se enquadrava na estrutura formal da sua lógica, a vida não sofria a Morte. Mas quando o indivíduo tomou conhecimento de que existia a possibilidade da Imortalidade e descobriu que a origem dessa possibilidade residia no Rei dos reis e Senhor dos senhores daquele Império das estrelas, Ele, Deus, a ideia de viver imortalmente e ter de morrer irremediavelmente provocou, na estrutura mental de uma parte dos vivos, um choque violento.

«Pois se Ele é o Deus Verdadeiro, e a um Deus Verdadeiro nada se pode negar porque para Ele tudo é possível, como é que, desejando a Imortalidade, nos vemos sujeitos à Morte?», perguntaram-se os ignorantes, por serem ignorantes violentos.

Esta questão tão elementarmente lógica, tão racionalmente simples, foi o terreno fértil onde se desenvolveu a Dúvida. E a Dúvida conduziu à Negação da existência de Deus. E na essência dessa Negação incubou-se o vírus da Guerra.

Não sendo o Rei dos reis e Senhor dos senhores do Império das estrelas Deus em toda a extensão teológica e existencial da palavra, certamente haveria alguma forma de o destruir. A única coisa a fazer era procurar a arma que o destruísse.

VII

Aquela Guerra Universal teve lugar antes da criação do nosso Cosmos. Aquela Guerra Apocalíptica teve a sua origem na Dúvida, e a Dúvida conduziu todos à Destruição. Foi uma guerra que dividiu todos os mundos e os colocou em confronto até à morte. A parte violenta, a parte que negava a existência de Deus e considerava morto o Rei dos reis assim que descobrisse a arma definitiva, esta parte escolheu o destino dos ignorantes, amou a loucura dos tolos e empreendeu uma evolução por caminhos tortuosos rumo à transformação do ser numa nova espécie de criatura infernal, viciada no Poder, apaixonada pela Guerra, com a sua vontade como lei, a sua lei para além do bem e do mal. Descobriram

a Ciência do bem e do mal e levaram-na às suas últimas consequências. A parte que os sábios escolheram, a Fé, o amor pela Verdade, mesmo que não a pudessem compreender; esta parte amou Deus e recusou-se a aceitar o argumento do ateísmo materialista dos violentos. Estavam de acordo em que o argumento dos ignorantes abria uma brecha na Fé Universal quanto à origem do Império dos Mundos, pois certamente não se podia compreender que a Morte não se ajoelhasse perante Deus. E, no entanto, quem eram eles? Exatamente, quem eram eles para compreender como este conflito entre a Vida e a Morte — que Deus, com o Seu desejo, tinha provocado — estava a afetar a estrutura da Realidade Universal? Claro que não; os sábios, pacíficos por serem sábios, nunca aceitaram a validade do argumento subjacente ao ateísmo científico dos violentos. O que se escondia por trás daquela negação irracional da Existência de Deus senão uma paixão incontável pelo Poder? Para onde os apóstolos do ateísmo queriam levá-los era para uma guerra universal, da qual, contra toda a sabedoria, esperavam sair vitoriosos para impor a todos um *status quo* demoníaco. E não se devia falar mais nisso. Esta era a verdade e, por mais que os Pais da Dúvida inventassem argumentos com toda a habilidade científica para distorcer a realidade, esta era a luz da verdade que brilhava no fundo dos seus sistemas de pensamento. Que diferença havia entre a Dúvida e a Loucura? A ignorância para compreender a natureza do conflito cósmico que, na sua inocência, Deus tinha provocado: os Pais da Dúvida, pelo Método, revestiram-na de ciência, depois fizeram da ciência uma nova religião, o Ateísmo Científico, e, por fim, declararam guerra à Fé. Esta, porque conhecia Deus e, embora no seu coração não conseguisse compreender a natureza do conflito que o Seu desejo tinha provocado na Não-Criação, sabia que aquela guerra seria o princípio do fim de todas as coisas. Este argumento dos sábios, pacíficos por serem sábios, não serviu de nada aos senhores da Guerra.

A Dúvida era a verdade,
a Dúvida estava neles,
eles eram a Verdade.

Com tal estrutura lógica, corrompendo a Lógica até a distorcer e transformá-la numa irracionalidade típica de bestas demoníacas, responderam os maus aos bons.

VIII

A HISTÓRIA DIVINA

Quando Ele, Deus, descobriu o que se passava, os Seus olhos ficaram paralisados nas suas órbitas. E ficaram congelados nas suas órbitas porque Ele não entendia nem conseguia compreender o que se passava.

Era isso a Guerra? Qual era a sua origem e qual o seu objetivo? O que procuravam os inimigos do Seu Império, e que força misteriosa habitava nos seus corações rebeldes e incorrigíveis?

O Poder. O exercício do Poder tinha-se transformado na loucura do Poder. O Poder enlouquecia quem o exercia. Ah, a loucura do Poder. Como era possível que uma criatura nascida para ser um suspiro da matéria se atrevesse a levantar a voz contra Deus? Seria esta loucura pelo Poder um dos efeitos da Ciência do bem e do mal?

IX

No início, foi como um fogo que surge: apagas-o e pensas que o problema já está resolvido. Mas viras-te e vêes outro incêndio a crescer e a devorar outra parte do teu mundo. Corres, chegas, apagas também este e, mais uma vez, pensas que isso nunca mais voltará a acontecer, porque todos vêem que o fim a que conduz todo aquele que cai nas redes da Ciência do Bem e do Mal é regressar ao pó de onde foi tirado. Não há piedade, não há destino. Nenhuma lágrima é suficiente para apagar este fogo.

A violência na oposição entre o Bem e o Mal cresce na mesma progressão geométrica que os incêndios que cria à sua volta. Mal apagas um, surge o dobro mais além. Apagas estes e a progressão geométrica segue o seu curso. Surgem novamente dois incêndios mais além. Corres para lá, apagas-os e surgem o dobro mais além, à distância. Quando te apercebes, a própria progressão geométrica cercou-te e encontras-te num Inferno. As suas chamas estão a devorar tudo o que construístes com as tuas próprias mãos. Opodes-te, resistes, declaras a guerra final aos teus inimigos, porque tu és o inimigo, o alvo que o Inferno procura. Os mundos são apenas peões num jogo que te escapa, mas que é tão real quanto a destruição maciça dos mundos que um dia foram o orgulho dos teus olhos. Em que se transformaram esses mundos? Em pó a vaguear como nebulosas sem rumo, que carregam nas suas entranhas tudo o que restou daquilo que um dia amaste.

Foi assim. Aquele Império dos Mundos, que teve o Deus do Infinito e da Eternidade como Fundador e Rei dos reis, pereceu na guerra do seu próprio apocalipse

X

A rapidez com que percorri a memória da formação e destruição daquele Império não deve cegar a inteligência na hora dos cálculos aos quais submeti os limites do meu pensamento. O que foi não pode ser alterado; apenas o que será foi colocado nas nossas mãos, e se já é difícil orientar o curso do que é para o que será, como ousar penetrar em coisas que existiram antes do nascimento da primeira galáxia que preenche o nosso Cosmos!

O que aconteceu foi que, com o sabor na boca de quem comeu um doce e viu o bolo rebentar-lhe no estômago, Deus encontrou-se sozinho sobre as cinzas daquele cemitério que a Ciência do Bem e do Mal tinha deixado no seu rasto. Aquela árvore da Ciência do Bem e do Mal ofereceu a Deus o seu fruto e Deus não o colheu. Ele não estendeu a mão. A Morte tentou-O e Ele não se deixou enganar. Por nada neste mundo estava Ele disposto a tornar-se um Deus dos deuses, todos fora da lei, todos imunes ao braço da justiça. Mais valia a destruição do que ver o Seu Império transformado no Reino do Inferno.

XI

A Sabedoria e a Ciência da Criação

Naquelas cinzas, de facto, foi enterrada a Infância de Deus. Mas aquele que tinha saído por seus próprios meios das chamas da destruição do seu Império era agora um guerreiro que tinha vencido a sua Primeira Batalha e, pelo caminho, tinha descoberto a Ciência da Criação. Enquanto os seus inimigos procuravam a arma definitiva que o destrísse, Deus

A HISTÓRIA DIVINA

descobriu os segredos da matéria, do espaço e do tempo e, ao abrir essa porta, deparou-se com a Sabedoria.

XII

Ele amou-a desde o primeiro dia. E Ela não se recusou a Ele, não-lhe virou as costas, a Sabedoria não fugiu do seu Senhor. Ele foi para Ela, desde o Princípio sem princípio da Não-Criação, a causa metafísica da sua existência, a razão pela qual Ela, a filha do Infinito e da Eternidade, fazia tudo. Ele foi para Ela, desde o Princípio sem princípio da Não-Criação, o Deus que lhe exigia cada vez mais, que a desafiava continuamente com a sua alegria e a sua vontade de viver. Ele era para Ela, desde o Princípio sem princípio da Não-Criação, a sua fonte de inspiração. Era no Seu coração que Ela, a filha do Infinito e da Eternidade, olhava para ver os milhares de reflexos do Futuro. O desejo Dele era a sua musa; a capacidade Dele de sonhar era, para Ela, uma oficina de projetos. Quando Ele irrompeu na estrutura da Realidade, colocando-Lhe sobre a mesa o Seu Desejo, Ela soube que, daquele momento em diante, nada mais seria nem poderia ser igual. Antes de Ele ver a primeira chama, Ela já tinha visto o Inferno; antes de Ele sentir o cheiro da primeira fumaça, Ela já tinha visto o cemitério sobre o qual o seu guerreiro indestrutível caminharia descalço. Inevitável o fim do Seu sonho, Ela articulou a garganta dos sábios para dirigir a Deus palavras de Ciência. Pois para o dia em que Ele caminhasse sobre as cinzas do seu sonho, para esse Dia, Ela já Lhe teria entregue todos os segredos da Ciência da Criação. Ela iria ensinar-lhe como se cria uma galáxia. Ela iria ensinar-lhe como criar um enxame de estrelas, como articulá-las em redes moleculares, como cobrir regiões inteiras de mares gravitacionais flutuando entre galáxias, cadeias montanhosas cujos cumes são percorridos por rios de astros que correm pelas gargantas dos abismos siderais e desaguam nas costas das constelações. Ela ia ensinar-lhe a cultivar a árvore das espécies. Ela ia entregar-lhe o seu Poder, ia entregar-lhe o seu ser.

XIII

E foi assim que o Guerreiro deu lugar ao Sábio.

O Infinito e a Eternidade transformaram o seu corpo, o universo, num laboratório de aprendizagem para Deus, e deram-Lhe como Mestre a sua filha, a Sabedoria. Ela guiou o Seu pensamento através dos átomos, conduziu o Seu braço até ao núcleo das estrelas. Ensinou-Lhe a captar um feixe de raios cósmicos, revelou-Lhe quais são as leis que regem

o seu movimento num campo de energia; ensinou-Lhe a manipular esse campo de energia criadora em função dos efeitos pretendidos. Mostrou-Lhe qual é a série de leis gerais e particulares que regem a relação entre a matéria e a energia. Revelou-Lhe a origem das supernovas, as causas pelas quais as galáxias se atraem, se repelem, se unem, se dividem, se transformam, mas nunca se destroem. Deus correu contra a luz e venceu o raio cósmico em pleno voo intergaláctico. Deus acelerou o ritmo dos astros até ao limite das suas revoluções para ver o que acontecia se duplicasse a densidade do seu campo gravitacional. Deus mergulhou no microcosmo e, sobre um rasto prateado, seguiu o salto da energia de uma dimensão para outra.

Quanto mais Deus ia conhecendo as forças que movem o universo e as suas leis, mais desfrutava ao crescer em inteligência. A sua inteligência não conhecia limites, queria sempre mais, e nenhum problema lhe escapava. Bastava-lhe concentrar o olhar para que o seu pensamento encontrasse a resposta. A Sabedoria limitava-se a colocar-lhe o objeto diante dos olhos e a orientar o seu pensamento para a solução correta. Estimulava-lhe o conhecimento e conduzia-o de ciência em ciência até ao limite que só Deus podia alcançar: o conhecimento de todas as ciências, a Onisciência Criadora.

Depois, a Sabedoria abriu ao seu Senhor a porta para o tema da criação da vida.

Que condições sistemológicas é necessário criar para obter esta ou aquela espécie. Quais são os processos de seleção natural que devem ser seguidos para que a força vital dirija os seus passos numa direção definida e não noutra.

Dela aprendeu Deus todos os segredos da criação e do cultivo da Árvore da Vida. Sob a sua orientação, Deus criou mundos seguindo o método da experimentação. E quando o seu domínio sobre todas as leis e forças do universo o transformou naquele que era, o Senhor!, deu o passo em direção à fronteira incontestável: a criação da vida à sua imagem e semelhança.

XIV

Mas, durante o período de formação da sua Inteligência Criadora, foi-se abrindo caminho na mente de Deus uma ideia particular. Enquanto Ele se mantinha ocupado no domínio da Ciência da Criação, foi apenas um pensamento esporádico que Lhe passou pela cabeça, que Ele afastou de si sem lhe dar mais importância.

A ideia que se lhe insinuou no ser foi a seguinte:

Será que Ele era o Único Membro da Sua Família? Quero dizer, como poderia Ele saber que, algures do outro lado do Orto, onde habita o Infinito, não havia Alguém como Ele, um Ser da Sua Natureza Não Criada que, naquele mesmo momento, pudesse até estar a passar por onde Ele tinha passado?

Este era o pensamento que Lhe vinha à mente e, uma e outra vez, Ele afastava-o de Si. No entanto, apesar de Lhe virar constantemente as costas, à medida que o Senhor ia nascendo no Seu Ser, a questão foi ganhando terreno. Era verdade que Deus não se tinha encontrado com o seu Igual e estava convencido de que era o Único Membro da sua Família. Se a alguém chamava Pai, era ao Infinito; se a alguém podia chamar Mãe, era à Eternidade; se sentia alguém como Esposa, era a Sabedoria.

Será que isto o poupava da verdade de nunca ter estado do outro lado do Orto da Não-Criação? E se nunca lá tivesse estado, como poderia afirmar que aquele pensamento que se lhe tinha metido na cabeça não era o chamamento daquele Igual?

Só havia uma forma de o saber. Lançar-se a percorrer os espaços infinitos.

Que Deus estava nele, porque ele era Deus, já tinha ficado claro. Mas seria ele o único Deus vivo?

XV

Sem mais delongas, Deus abandonou tudo. Ali, naquele momento, Ele deu por concluído o seu aprendizado do domínio da Ciência da Criação. E lançou-se à aventura, em busca da resposta à pergunta que se instalara no seu peito e se recusava a ser pasto da papelera de reciclagem.

Seria Ele o único membro da sua família? Seria Ele o Único Deus que a Eternidade e o Infinito conheciam?

XVI

Até que ponto a experiência pode permitir que a inteligência compreenda a história que Deus viveu ao romper as fronteiras do Orto da Não-Criação? Que tipo de compreensão devemos possuir para nos fazermos uma ideia dos sentimentos de um Deus Vivo a percorrer planícies de um espaço que Lhe era desconhecido, em busca daquele outro Ser da Sua mesma natureza não criada e eterna? Que tipo de matemática do tempo devemos dominar para calcular os milhões de milénios que essa aventura durou? Que estrutura literária deve encarnar-se nas mãos de um historiador de todas as coisas belas, para que dos

seus dedos jorrem rios de lendas e visões de paisagens para além da fantasia de cem mil universos unidos no coração de uma pérola? Como diremos que Deus viveu isto ou aquilo? Como se atreverá a imaginação do poeta das coisas alegres a compor uma ode à conquista dos horizontes que não se vêem, mas que ressoam nos ouvidos do seu conquistador como arpejos de melodias mágicas que afastam as tristezas? Podemos dizer à aurora: «Torna-te mulher e beija-me.» Alguma vez dissemos à estrela da manhã: «Vem e abraça-me»? Que emoções viverá a alma que desfruta do amor da Lua e, nas suas asas, navega por sonhos de cristal líquido em busca das margens da felicidade perfeita? Como poderemos entrar na mente de um Ser que se move à velocidade do seu pensamento e cujo coração é forte como um sol?

XVII

Sem medo, indestrutível por natureza, com o autoconhecimento forjado numa batalha que lhe feriu a alma com feridas profundas e dilacerantes, o Guerreiro despertou do seu repouso na tenda da Sabedoria, despediu-se dela com um beijo de alegria resplandecente e recebeu dela esta despedida: «Tu-Deus, aquele que procuras, meu Amado, está em ti». Novamente forte, mais forte do que nunca, curado das suas feridas com bálsamo de amores puros, o Guerreiro precisava de descobrir a resposta por si próprio, e lá subiu às cordilheiras do Tempo, e das fronteiras do seu universo avistou finalmente as terras onde habita o Infinito. Sorridente, com o vento da Eternidade nos cabelos, os músculos firmes, as pernas fortes como colunas, os olhos brilhantes de emoção e mais uma vez maravilhado com a beleza que se abria aos seus pés, aquele que era Deus, guerreiro indestrutível, aventureiro apaixonado pela existência, o protegido da Eternidade e do Infinito, lançou-se nas asas dos ventos eternos à conquista dos horizontes virgens.

XVIII

Quanto tempo durou aquela aventura? Será que uma eternidade é uma medida matemática que cabe nos nossos manuais de física? Ousaremos retratar a mais humilde das aventuras vividas por aquele guerreiro indestrutível na tela das nossas visões mais futuristas?

Por fim, após uma eternidade, Deus descobriu que o mundo do outro lado do Orto, onde habita o Infinito, se resumia a uma linha em forma de grande montanha, do cume da qual podia contemplar, com os seus olhos todo-poderosos, a verdade que procurava: Ele

era o Único Deus que a Eternidade e o Infinito tinham conhecido e considerado como Senhor desde o Princípio sem princípio da Não-Criação.

Mas nesta verdade, que vos pode parecer algo já conhecido, nesta declaração formal, latejava uma tristeza.

Porque, à medida que a Imensidão do seu Mundo se ia revelando cada vez mais a Deus, à medida que a definição do seu Ser e as do Infinito e da Eternidade se foram fundindo numa única coisa, tornando-se uma realidade indivisível, inseparável, indestrutível, à medida que a sua Natureza se lhe revelava em toda a sua imensidão sobrenatural, não criada e eterna, na mesma medida crescia aquele desejo de saber se existia, para além do horizonte desconhecido, o Seu Igual, o Seu Irmão, o Seu Amigo; na mesma medida em que crescia no Sábio o conhecimento sobre a sua própria sobrenaturalidade não criada e eterna, na mesma medida crescia no Seu peito aquela luzinha recôndita que, no início, pulsava ao ritmo de uma ideia muito pequena.

E assim, na hora em que o Único Deus Vivo se encontrou no cume do Monte do Infinito e da Eternidade, aquele desejo de conhecimento tinha-se transformado num desejo cada vez mais forte de o encontrar e abraçar, de o olhar nos olhos e dizer-lhe: «Finalmente, há quanto tempo te procuro, meu Igual, meu Irmão, meu Amigo».

XIX

Aquele que se encontrou de pé no cume do Monte do Infinito e da Eternidade, onde encontrou a Sabedoria à sua espera para lhe dar as boas-vindas com as mesmas palavras com que lhe dera o adeus, aquele Guerreiro, Sábio, Deus Único, membro da sua Casa e Família, percebeu que aquela luzinha pulsava agora no seu peito com a força de um sol que continuava a crescer. O que não teria ele dado naquele momento por ter encontrado o Seu Igual, aquela pessoa com a qu , com quem rir de igual para igual e, juntos, lançar-se à aventura da Vida pelas planícies que se estendiam aos pés do Monte onde se encontrava!

Mas não, Deus estava sozinho. Ele era o único membro da sua Família. Nunca teria aquele Alguém a quem dizer: «Guerreiro, vamos fazer uma corrida». Nunca desfrutaria do prazer de ser tratado de igual para igual por aquela outra pessoa divina que precisasse dele tanto quanto ele precisava dela. Mas já chega. Acaso Ele não era Deus? Por que razão, então, estava a partir-se o coração? Ele daria vida a esse Irmão, a esse Amigo nascido para o olhar de cara a cara, para rir com Ele como os irmãos riem e para falar com Ele como os amigos falam, com liberdade, com carinho, com independência de pensamento. Acaso Ele

não era o Senhor? Será que se tinha esquecido de como criar um universo, de como cultivar a Árvore da Vida? Não estava a Sabedoria ao seu lado, a sussurrar-lhe ao ouvido?:

«Tu-Deus estás em ti. Meu amado, aquele que procuras está em ti».

XX

O Guerreiro Divino voltou a sorrir; vestiu o Manto do Sábio e, acreditando saber o que significavam as palavras da Filha do Infinito e da Eternidade, disse para si mesmo: «Então, mãos à obra». Imediatamente, Deus transformou a Montanha do Infinito e da Eternidade num Monte de terra mágica, crescendo à velocidade do olhar do seu Criador até às fronteiras que nunca se alcançam. Como se fosse um continente a crescer a partir do seu centro, e esse centro um Monte que cresce em altura à mesma velocidade com que a sua superfície se expande na planície, maravilhando quem o vê porque, independentemente de onde te encontres, o seu Cume é visível de todos os confins, Deus chamou a esse Monte, nascido para ser o centro da sua Criação Universal: «Sião». E a esse continente dotado da sua sobrenaturalidade, como se o Infinito e a Eternidade renascessem do Monte de Deus e tivessem disparado até atingirem os limites naturais dos seus corpos, a esse Continente no coração do Cosmos chamou-lhe «o Céu». Deu à Sabedoria a sua terra como reino, para que no Céu ela criasse raízes e, das suas entranhas, oferecesse ao Irmão, ao Amigo por quem o seu Coração suspirava.

XXI

A Origem dos deuses

Esta é a origem dos deuses do Céu. Nasceram aos pés do Monte de Deus.

Foi Ele quem lhes deu os seus nomes e quem lhes revelou o Seu. O Seu nome era Yavé, Ele era Deus e eles eram os Seus Irmãos. Eles eram os Irmãos de Yavé, o Primogénito dos deuses. Nascidos imortais e indestrutíveis, Yavé, Deus, viveu com os Seus Irmãos um tempo maravilhoso. O seu coração saciou-se da companhia dos seus iguais. A sua alma desfrutou da sua vitória com a intensidade do guerreiro que dança a dança dos heróis após a derrota do inimigo. O seu inimigo era a sua solidão; eles eram a Sua vitória viva sobre o inferno que um dia Ele viria a ver avançar a partir dessa solidão que se lhe incrustara no coração. Deus dançou com os seus irmãos ao fogo da alegria, tal como Davi pelas ruas de Jerusalém no dia seguinte à derrota de Golias. Para os seus irmãos, o Senhor Deus construiu uma cidade no cume do seu Monte. Cercou-a de muralhas, cada uma constituída por um bloco inteiro, cada bloco de uma cor, cada cor com o brilho de uma pedra preciosa. Como se tivessem vida própria, ou uma estrela no seu interior que pulsasse a sua luz em direção às fronteiras que nunca terminam, dessas muralhas partem sóis que coloreem o Céu e o transformam no Paraíso das Maravilhas. Dentro dessas muralhas divinas, construiu para Si e para os Seus Irmãos uma Cidade, e chamou-lhe Jerusalém. Eles, os Irmãos de Yavé Deus, eram os deuses de Sião, aqueles que vivem na Cidade de Yavé, a Jerusalém Eterna, entre cujas muralhas indestrutíveis tem a Sua residência Yavé Deus, o Primogénito dos deuses.

XXII

A partir das suas muralhas, os Irmãos de Deus viram crescer a explosão de vida que nunca pára nem se detém e que reveste o Paraíso de Deus de florestas encantadas, de cordilheiras altas como o Himalaia, repletas de águias gigantes com ossos de gelo metálico, leves como penas e sólidas como o aço.

A fantasia divina transbordante que durante tanto tempo dormira no coração do Guerreiro despertou sublime e, chamando a Sabedoria, partiu com Ela para pintar na tela celeste paisagens para além da fantasia dos nossos génios mais ilustres. Com a inspiração do Criador em ascensão devido à pressão da felicidade que estava a experimentar, Deus concebeu na sua mente uma Nova Criação. Tomou os deuses e guiou-os para o outro lado do horizonte do Céu, para além das fronteiras em constante expansão do Paraíso. Como quem convida a sentar-se e a contemplar um espetáculo maravilhoso, Deus revelou a Criação do Novo Cosmos.

XXIII

Eis o Princípio da Criação do Campo das galáxias que rodeiam o Universo dos Céus, a Região Local, cujo Coração é o Céu, Mundo nascido para albergar na sua terra a Árvore da Vida, e em torno do qual os Céus da Região Local estendem o oceano dos seus continentes de estrelas.

Pronto para proceder à Criação do Novo Cosmos, do Braço Criador Divino nasceram rios de energia que, estendendo-se pelas regiões exteriores do Universo dos Céus dos céus, transformaram o Espaço num espetáculo de fogos de artifício onde cada explosão marcava o fim de uma galáxia.

À Noite seguiu-se o Dia; o amanhecer foi uma nova explosão de fogos de artifício à plena luz da aurora da Nova Era que se tinha iniciado; e cada explosão marcou o Início de uma Nova Galáxia.

Tal é a Origem do Novo Cosmos. Deus transformou toda a matéria não criada que rodeava o seu Mundo em energia; imediatamente a seguir, transformou toda essa energia em Nova Matéria. Tal é a origem das Galáxias que atualmente existem e rodeiam a Região Local.

Deus criou, assim, o Cosmos para que continuasse a crescer eternamente. Este crescimento é comparável a uma onda que, expandindo-se pela Eternidade, sem perder a energia original, duplica o seu raio pelo quadrado da velocidade da luz que irradia para o Infinito.

Este rio de energia cósmica desagua no campo espaço-temporal que rodeia toda a Criação; um campo criador no qual, ao entrar a energia produzida pelo campo das galáxias, esta inicia a sua viagem em direção às estrelas. Tal é a origem das estrelas.

Quando as estrelas nascem — sendo invisíveis o raio e o oceano por onde a energia navega do microcosmo para o macrocosmo —, as estrelas anunciam o seu nascimento com uma explosão de luz.

Uma vez que o nascimento das estrelas ocorre em enxames, fala-se de um Big Bang; mas seria mais correto falar do acender e apagar de uma lâmpada, pois não se produz destruição, mas sim criação. E, mais do que de explosão, de implosão.

Um erro ainda maior é concentrar a criação da Matéria num único momento no Tempo e no Espaço. Não houve um Big Bang; houve muitos; e nunca deixarão de existir, pois o processo de transformação da energia cósmica em matéria astrofísica é constante,

autônomo e estende-se até ao Infinito pela Eternidade, tendo sempre em Deus a Fonte da qual se alimenta o Oceano do espaço-tempo na origem da Criação do Novo Cosmos.

XXIV

Mas, no fim deste Princípio da Criação de todas as coisas, este movimento esteve prestes a perecer e a ser destruído para sempre.

Quando Deus Criador, Senhor da Matéria, do Espaço e do Tempo, terminou de pôr em movimento este processo de criação de galáxias, feliz com a alegria do artista, do génio consciente de ter maravilhado o seu público, e louco de alegria por dizer aos seus Irmãos:

«Vinde, vamos seguir o rasto de um raio de luz até às fronteiras do nosso universo; acompanhai-me, vamos seguir o rasto da águia de Andrómeda pelas montanhas de Órion», quando o seu coração já batia com a felicidade perfeita, o Dia da Origem de todas as coisas deu uma reviravolta e transformou-se no dia mais difícil da Sua existência.

Que resposta encontrou à Sua convocação nos lábios dos deuses, os Seus Irmãos?

Nos lábios dos deuses pairava, pesada como uma laje, a verdade que acabavam de descobrir:

«Yavé Deus era o Único e Verdadeiro Deus Vivo».

Eles eram os Seus Irmãos porque, na sua necessidade desse Igual, o Senhor Deus se tinha entregue de tal forma para vencer a Solidão que um dia o envolveu com o seu Inferno, que, ao ultrapassar a última fronteira — a criação da vida à Sua imagem e semelhança —, acreditou ter encontrado a Vitória Final que lhe tinha sido negada.

XXV

Tratou-os como verdadeiros irmãos e verdadeiros deuses; adotou-os como irmãos com a sinceridade e a dedicação de quem dá tudo e se esquece de todos os momentos maus, mergulhando nos bons que estão por vir, sem qualquer medo de ser novamente atingido pelas tempestades que descarregaram sobre a sua solidão os seus relâmpagos e trovões. Mas agora que tinham descoberto em Yavé o Único e Verdadeiro Deus Vivo: como poderiam enganar-se a si próprios, acreditando ser o que nunca tinham sido?

Eram Criaturas. Apenas isso, Criaturas.

Eram Criaturas como aquelas galáxias que Ele estava a criar; como o próprio Céu que lhes deu origem, como o Universo que acabara de nascer.

Como poderiam voltar a olhar para Ele com os olhos de quem se acredita Igual, outro membro da Sua Família? Como impedir que os seus joelhos se dobrassem e adorassem o seu Senhor e Criador? Não sabiam eles que, assim que Yavé Deus pousasse os olhos sobre eles, a Sua alma se partiria ao ver nos seus olhos o fracasso do Guerreiro que procurou neles o Irmão que nunca teve e nunca teria? Como poderiam eles seguir o Único Deus Vivo e Verdadeiro pelos espaços cósmicos cuja imensidão não compreendiam e cujas forças só podiam ser desfrutadas por Aquele que tinha nascido entre elas?

A Origem dos deuses, a sua origem, a origem dos Irmãos de Yavé, era esta, e agora eles sabiam-no. A sua origem foi a necessidade que Ele, o Deus Não Criado, teve de vencer a Solidão que se apoderara do Sábio Todo-Poderoso que acabavam de ver em ação. Eles tinham sido a Sua vitória; e agora eram o Seu fracasso. Como levantar a cabeça e atrever-se a abrir a boca? O que iriam dizer-Lhe: «Lamentamos, Senhor e nosso Criador, mas compreendemos-Te»?

XXVI

E assim foi. Quando Yavé Deus, o Primogénito dos deuses, deu início à Criação das galáxias e voltou o rosto para os Seus Irmãos, quando se preparava para abrir a boca para os convidar a navegar pelo Cosmos, deparou-Se com os Seus Irmãos de joelhos, sem ousarem olhar-Lhe nos olhos e já a sofrer o que sabiam que iria acontecer. E sabiam-no porque O conheciam tão bem, amavam-No tanto que sabiam que Ele reagiria como iria reagir, como reagiu, como estava a reagir. «Yavé Deus, Senhor e Único Deus Verdadeiro!», foi a declaração que brotou dos seus lábios. Nestas quatro palavras estava contido todo o mistério do seu passado, da sua vida, do seu presente, do seu futuro: Único e Verdadeiro Senhor Deus Vivo.

XXVII

Yavé Deus olhou para o interior dos seus Irmãos e viu nas suas mentes tal como tu e eu vemos através do vidro. Deus não disse nada. Não deixou transparecer qualquer emoção. A ilusão desfeita do génio que termina a sua obra e aguarda a aclamação alegre do seu público incondicional e dedicado transformou-se na tristeza daquele que descobre na sala o silêncio absoluto. Sem saber como reagir, a não ser virar-se e desaparecer do palco sem deixar rasto da sua existência, Yavé, Deus, perdeu-se nas distâncias, do outro lado do Cosmos recém-criado. E à medida que se retirava do palco da Sua Criação, aquela Sua

solidão eterna e infinita, contra a qual tinha erguido todo este espetáculo maravilhoso, começou a crescer no Seu Ser como uma estrela semeada na Sua alma pelo próprio Inferno. Quanto mais ardia o fogo da Sua Solidão Eterna, mais rapidamente Yavé Deus se afastava de tudo o que amava. Quanto mais depressa corria fugindo do seu destino, mais ardia no Seu Ser aquela estrela dos abismos. Quanto mais o queimava o seu fracasso, mais a raiva, a ira, a impotência e a frustração se apoderavam do seu ser. Quanto mais cresciam estas emoções incontroláveis, mais o seu Grande Espírito acelerava a sua corrida para além dos espaços infinitos.

XXVIII

E enquanto navegava sem controlo, fugindo do seu próprio destino, a tempestade desatou-se no seu coração. A Eternidade, o Infinito, a Sabedoria, por que razão o deixaram chegar a esta situação? Por que razão, no Dia em que teve o seu primeiro sonho, não lho apagaram da cabeça? Que pecado tinha cometido para ter sido expulso do seu paraíso não criado para o inferno de uma criação que era para ele uma prisão? Quem ou o quê o tinha condenado a esta prisão perpétua? O quê ou quem tinha assinado a sua sentença de solidão eterna? Qual era o seu crime? No dia em que sonhou com a imortalidade para todas as criaturas, por que não lhe arrancaram esse pensamento da mente? Foi assim tão grave o seu delito para ter sido expulso do seu paraíso e condenado desta forma? De que lhe servia ter descoberto o Criador no Seu Ser, se com essa descoberta lhe coube esta sentença? Toda a Sua vitória se tinha reduzido a uma ilusão? De que lhe valia ser quem era, se não tinha ninguém com quem desfrutar do seu Ser, e nunca o teria? Com quem iria rir quando o seu coração explodisse de alegria? Com quem iria navegar pelas galáxias na aventura da descoberta de novas fronteiras? A , com quemalaria de igual para igual, se até os deuses se ajoelhavam em silêncio, incapazes de dirigir-Lhe a palavra de igual para igual? Uma angústia tão devastadora e mortal apoderou-se do Seu Ser que Yavé, Deus, pensou que iria enlouquecer de dor.

XXIX

Desesperado, enlouquecido pela dor, deu rédea solta à sua tragédia, e do Seu Braço todo-poderoso e onnipotente dispararam-se projéteis de energia destrutiva pelos espaços, reduzindo a escombros toda a matéria que encontravam no seu caminho.

«Prisão? Não, cemitério», gritou o Senhor Deus à Eternidade e ao Infinito quando a explosão da sua dor se tornou incontrollável.

«Não quereis a minha morte? Eu próprio cavarei a minha sepultura.»

Enlouquecido pela dor, sentindo-se derrotado e abatido, incapaz de triunfar sobre a Sua Solidão, daquele mesmo Braço de onde, há pouco, tinham saído campos de energia que transformavam o universo antigo em Novos Céus repletos de cores e sons, como aquele que transforma com a sua magia o deserto num jardim paradisíaco repleto de aves exóticas e de todo o tipo de criaturas fantásticas, daquele mesmo Braço mágico saíram, naquela Hora terrível, raios de energia destrutiva que agarraram a própria luz e a retorceram até a despedaçar sob o peso da sua velocidade infinita.

O Guerreiro e o Sábio, como possuídos pela dor insuportável da derrota, dedicavam-se a destruir o indestrutível, a destruir-se a si próprios e, na sua destruição, a enterrar com Ele o Infinito e a Eternidade — um cemitério digno de um Deus, um túmulo à sua medida.

XXX

Como compreender aquela Hora de catarse libertadora que Deus viveu aos gritos? Como ousar imaginar a natureza dos campos de energia de antimatéria que, na Sua dor, Deus espalhou pelos espaços ultracósmicos? Como descrever que, na Sua dor inimaginável, a lembrança do amor tão grande que os Seus Irmãos Lhe tinham inspirado triunfasse sobre a Sua tortura e que os raios do Seu desespero não atingissem o Mundo que Ele tinha construído apenas por eles e para eles? Com que números e que tipo de medidas calcularemos o tempo e a intensidade daquela Hora de catarse libertadora? Quantos quilos de energia destrutiva poderia Deus gerar antes de cair exausto, como morto, aos pés da filha do Infinito e da Eternidade?

Como morto, sem vontade de respirar, sem forças para abrir os olhos, sem desejo de voltar a acordar.

Quanta matéria teria de ser queimada e reduzida a trevas antes que o cansaço atingisse o Seu Braço e o Seu Ser caísse exausto sobre o cemitério que à sua volta tinha erguido? Que altura deveria atingir a vala entre cujas paredes tenebrosas seria enterrado um Deus? Que peso daremos à laje para a vala de um Deus? Quanto tempo é que o Senhor Deus esteve a cavar para si próprio o Seu túmulo? Quando, em que momento, toda a Sua dor se transformou em trevas flutuantes nos espaços ultra-cósmicos, e Deus caiu como morto, sem forças, rendido pela catarse libertada?

XXXI

De facto, Deus, aquele maravilhoso Primogénito dos deuses, aquele guerreiro e rei de um império que, no seu tempo, integrou mundos incontáveis, aquele sábio que se deleitou a descobrir todos os segredos da Ciência da Criação, aquele aventureiro a navegar pela terra do outro lado do Orto do Infinito, aquele Deus da Eternidade a competir em corridas com as criaturas do paraíso da Não-Criação, aquele Ser jazia como morto aos pés da sua Amada, a Sabedoria, a sua Esposa.

Ela seria a primeira coisa que Ele veria ao abrir os olhos.

XXXII

Quanto tempo permaneceu como morto Aquele que, na sua Inocência, era mais amado do que cem mil universos? Como diremos: «Permaneceu como morto durante tanto tempo»?

Deus não tinha forças para continuar a viver, nem queria levantar-se! O que O esperava: a solidão eterna? Mas, por fim, abriu os olhos. O seu olhar flutuava sobre o horizonte, o seu pensamento vagueava sem rumo. Então, encontrou-A ali.

Deus abriu os olhos e encontrou-A ali, a filha do Infinito e da Eternidade, ao seu lado, a sussurrar-Lhe ao ouvido as suas palavras de amor: «Tu és, Meu Amado, o Deus Verdadeiro. “TU, Deus, nosso Filho, estás em Ti”.»

Então, dos lábios divinos saíram estas palavras de vida: «Deus verdadeiro, nascido de Deus verdadeiro, GERADO, não criado, INCRIADO, da mesma natureza que o Pai...»

XXXIII

História do Império de Deus

Nunca viram a borboleta branca a saltitar alegremente de flor em flor, cantando alegremente a cada segundo das suas vinte e quatro horas de existência? Nunca vos

encantou o canto do pássaro canoro entre as grades da sua gaiola, levando-vos a perguntar o que fariam no lugar dele? Alguma vez pararam para contar as estrelas que cabem num recanto do porto, quando o sol salpica flechas douradas sobre as águas do meio-dia, capazes de apaixonar a pedra dura que alguns de nós temos por coração?

Como é belo ver feliz novamente quem se encontrou perdido nos desertos da sua solidão insuportável! Por que é que um homem tem de medir a imensidão dos céus com o metro da estatura do seu corpo? Quantos anos-luz à volta abrange a alma que sorri feliz entre pássaros cantores e borboletas que voam de galáxia em galáxia, sem medo da eternidade e do infinito?

É Ele, regressa, as estrelas erguem-se sobre as suas colunas, as galáxias batem palmas, os deuses cantam a dança da vitória à luz da fogueira onde a Fênix renasceu das suas cinzas para nunca mais voltar a ser pasto das suas chamas.

Deus apenas disse estas palavras aos seus Irmãos:

«Este é Jesus, o meu Filho Amado».

E nestas cinco palavras estava contido todo o mistério do Futuro de toda a Criação. Os deuses ajoelharam-se e viveram a felicidade de Deus Pai com a mesma intensidade com que viveram a tragédia do Irmão que partiu. Bastava-lhes ver a Sua Felicidade para saberem que Aquele era o seu Igual, TU, Deus, o Companheiro que Ele, Deus, procurou neles e não conseguiu encontrar.

XXXIV

Então, passado este tempo de felicidade, do coração da Vitória de Deus Pai, o Espírito do Criador despertou em Deus. Deus Pai tomou o Seu Filho Unigénito, Jesus, deixou o Seu Mundo nas mãos dos Seus Irmãos, os deuses, e, transformando o Cosmos num e num campo de matéria-prima, criou o Oceano dos Céus. Neste Oceano de estrelas, o Espírito Criador semeou a semente da Árvore da Vida. E, algures naquele Universo, nasceu um mundo, com o seu Reino, o primeiro dos Povos que viriam a habitar para sempre no Paraíso que Deus criou para o seu Filho.

Deus cultivou a Civilização do mundo daquele Primeiro Dia da Primeira Semana da Criação, dotou-o de uma constituição monárquica como sistema social e gerou no seu rei um irmão para o seu Filho. Depois, tomou o Reino do Primeiro Dia da Primeira Semana da Criação e conduziu-o à sua Morada no Paraíso de Deus.

Ao chegar este Primeiro Reino ao Paraíso, o seu povo descobriu que o Céu é um espelho que reflete todas as etapas da evolução da vida, desde os primeiros momentos da Pré-história até ao alvorecer da História.

Os deuses chamaram-na então de Terra das Maravilhas.

E assim foi: este Acontecimento ocorreu cinco vezes. Cinco vezes o Criador semeou a semente da Vida no Universo dos Céus. Cinco mundos nasceram entre as estrelas do Universo, cada mundo com a sua Civilização, cada Povo com as suas características ontológicas próprias, cada um um reino com a sua constituição social própria, com o seu rei à frente. No final do Quinto Dia da Primeira Semana da Criação, o Paraíso de Deus tinha-se transformado num Império. Deus sentava-se na Cúpula do Poder como seu Juiz Universal Supremo, e à sua direita o Rei dos reis e Senhor dos senhores do seu Império, o seu Filho Primogénito, Jesus, Deus Unigénito.

Durante aqueles Cinco Dias da Primeira Semana da Criação, o governo do seu Império foi deixado por Yavé Deus nas mãos dos seus Irmãos e Filhos. A História deste Império está escrita no Livro que trata das Origens e da História do Céu. No dia em que nos couber a vez de subir ao Mundo de onde desceu Jesus Cristo, teremos a oportunidade de conhecer tudo sobre a criação dos Cinco Mundos que formavam o Império do Paraíso antes da Criação do nosso Mundo, o Sexto no Tempo. Nomes, linhas evolutivas, constituição astronómica, constituição social, etc. Todas estas coisas estão escritas nos livros que tratam das Crónicas do Império de Deus.

XXXV

Aconteceu, pois, que no Quarto Dia da Primeira Semana da Criação, um daqueles Príncipes do Império de Deus descobriu uma semente.

Era a semente da árvore do Conhecimento do Bem e do Mal.

A sua primeira manifestação foi a Dúvida. A sua consequência final, o seu fruto, foi a Guerra, fruto que muito em breve todos os reinos do Império teriam tempo de provar.

Que Jesus, o Rei dos reis e Senhor dos senhores, era Deus, o Filho Unigénito, isso todos os cidadãos do Império de Deus sabiam.

Acreditar nisso ou não era outra questão. Mas, fosse ou não uma questão, a Dúvida era algo que a nenhum filho de Deus jamais se lhe ocorreu sequer colocar em causa.

O facto era que Deus e o Seu Filho iam e vinham do Império para o Universo e do Universo para o Império, e entre a ida e a volta passavam milhões de anos. Naquele Quarto

Dia da Primeira Semana da Criação, um dos Príncipes viu na dúvida sobre a veracidade da Unigenitura de Jesus, o Rei dos reis e Senhor dos senhores, a porta para reconfigurar a estrutura do Império dos Céus de acordo com o seu pensamento. Por que razão não poderia ele, Satanás, filho de Deus, receber a regência do Império durante os Períodos Criacionais?

Este era um pensamento que nunca a ninguém se tinha ocorrido sequer considerar. E que, curiosamente, encontrou ouvidos onde crescer. E cresceu. Assim, surpreendidos pela Rebelião daquele filho de Deus e dos seus aliados, o Paraíso transformou-se num inferno.

Depois de os rebeldes se terem unido no que foi chamado de Eixo do Dragão, os exércitos do Dragão lançaram-se à conquista do Trono do Rei dos reis e Senhor dos senhores.

Foi a Primeira Guerra Mundial do Céu.

Com Satanás à frente do Eixo do Dragão, os seus exércitos arrasaram as fronteiras dos reinos vizinhos e avançaram em direção a Sião para conquistar o Trono do Rei dos reis.

Atónitos, maravilhados com o que estavam a ver, incapazes de reagir perante a surpresa, os Irmãos e os filhos de Deus, que se recusaram a aceitar sequer a possibilidade de uma reconfiguração semelhante; das muralhas da Cidade de Deus, os Príncipes da Casa de Yavé e de Sião contemplaram o avanço das forças do Dragão e a debandada dos Povos do Império em direção à Jerusalém dos deuses.

De facto, nada do que os Irmãos e os filhos de Deus lhes disseram para que baixassem as armas entrou na cabeça de Satanás e dos seus. Assim, superada a surpresa inicial, o contra-ataque impôs-se.

Os deuses abriram o Selo das suas origens e os Príncipes alimentaram-se das suas forças. Os Príncipes Gabriel, Miguel e Rafael revestiram-se da invencibilidade dos deuses, arrasaram o inimigo, repeliram-no até aos seus reinos, sitiaram-nos nas suas fortalezas, capturaram-nos e encerraram-nos nos seus palácios até que o Juiz da Criação regressasse e proferisse a sentença.

Aconteceu então que, quando o Pai e o Filho regressaram dos Céus da Criação, trazendo de mãos dadas um novo Reino para o Paraíso, os filhos de Deus saíram ao seu encontro, mas entre eles não estava Satanás.

Bastou um olhar de Deus para descobrir o motivo. Mas, querendo deixar tudo como uma lição aprendida e sem querer, sob nenhuma circunstância, que o seu Filho descobrisse a existência da Ciência do bem e do mal, ordenou que todos os seus filhos se apresentassem

perante Ele para a celebração da Festa de Boas-Vindas do Reino do Quarto Dia da Primeira Semana da Criação.

E assim ficou a situação.

Como era natural, o Império vestiu-se a rigor para a Festa de Boas-Vindas. O Reino do Quarto Dia da Primeira Semana da Criação ocupou a sua Morada no Império do Filho de Deus; o seu Rei foi apresentado perante a Família dos deuses.

Alegria, portanto.

A memória do Dragão a incendiar a Guerra com o seu sopro transformou-se na memória de um pesadelo que se foi e que nunca mais voltaria.

Alegria no perdão.

Assim, amanheceu o Quinto Dia da Primeira Semana da Criação. Mais uma vez, Deus e o seu Filho deixaram a Regência do seu Império nas mãos dos Membros da Casa «de Yavé e Sião».

E, passados milhares de anos, o incrível voltou a acontecer.

Tal como um mulo que nunca aprende a lição, Satanás voltou a mover-se nas sombras. Encontrou aliados e conspiraram para despertar o Dragão.

Tomada a decisão, com o plano de conquista do Império sobre a mesa, a nova guerra — a Segunda Guerra Mundial do Céu — teve início.

Mais uma vez, os deuses e os príncipes do Céu foram apanhados de surpresa.

Santo Deus, como explicar que esta nova rebelião lhes tivesse explodido na cara! Mesmo que vencessem — e não tinham qualquer dúvida quanto à Vitória —, a incapacidade da Casa de Deus para manter a paz ficaria para sempre demonstrada.

A reflexão tomou conta de mim.

O que se estava a passar?

Como era possível que simples criaturas de barro se atrevessem a pôr em dúvida a Veracidade do Filho Unigénito de Deus?

Ou simplesmente se atrevessem a sonhar em obrigar Deus a fazer a sua vontade e a dar luz verde à transformação do Império num Olimpo de deuses sujeitos a uma lei de imunidade face às leis do Céu?

XXXVI

E assim foi, a Segunda Guerra Mundial do Céu terminou da mesma forma. O Dragão foi neutralizado, acorrentado e mantido sob custódia até ao regresso do Juiz do Império.

Mas aquela foi uma vitória amarga. Uma vitória que não soube a triunfo para os vencedores. Tinham falhado pela segunda vez perante Aquele que, durante a Sua ausência, lhes entregara a regência universal. O que aconteceria ao Seu regresso? Como explicar aquilo que eles próprios não conseguiam compreender?

Por fim, Deus e o Seu Filho regressaram do Oceano das Estrelas. Traziam consigo um novo Reino, como sempre, com o seu Príncipe à frente.

Com aquela alegria do Pai que acaba de dar à luz um novo filho, do Filho que saúda o nascimento de um irmão mais novo, o Pai e o Filho regressaram a Casa.

Aqui voltou a acontecer o mesmo. Por um instante, o Filho percebeu no tom de voz do Pai, ao dar a ordem para que todos os Seus filhos se apresentassem perante Ele, algo... algo misterioso. Mas não passou disso.

E, mais uma vez, Deus voltou a perdoar os Rebeldes.

No entanto, Ele sabia que era urgente tomar medidas revolucionárias. Não podia permitir que uma Terceira Guerra Mundial eclodisse durante a sua ausência do Céu.

Ou reconfigurava a estrutura do Seu Império ou, mais cedo ou mais tarde, a Sua Criação tornar-se-ia um Olimpo de deuses a brincar à guerra com a responsabilidade de quem goza de imunidade total e absoluta perante as leis.

Ele não podia permitir que isso acontecesse. Por isso, parou para procurar a resposta que os factos exigiam.

E assim foi feito.

Deus encontrou a resposta.

Os acontecimentos exigiam que abrisse a sua Criação a todos os seus filhos. Assim, da próxima vez que o Espírito do Criador estendesse as suas asas sobre o Universo, todos os seus filhos o acompanhariam.

A partir do Sexto Dia, a Criação ficaria transformada num Espetáculo aberto a todos os mundos. E mais ainda, todos os seus filhos participariam no processo de formação dos Novos Mundos.

Esta foi a primeira medida no que diz respeito a fechar o caminho pelo qual, com o passar do tempo, o Paraíso de Deus se tornava, para as suas criaturas, uma prisão. Maravilhosa e tudo o que se queira, mas uma prisão.

Quanto à razão pela qual os Povos da sua Criação não conseguiam conceber a sua existência como uma Árvore da qual eles eram os Ramos, Deus concebeu a Criação de um Novo Povo, formado por todos os seus filhos, e no qual, ao concretizar-se a fusão de todas

A HISTÓRIA DIVINA

as suas Civilizações numa Nova e Única, uma vez realizada a sua entrada no Paraíso, este Novo Povo funcionaria como a argamassa necessária para que os tijolos se unissem e formassem um edifício compacto, sólido e indestrutível.

A projeção das Cinco Civilizações dos Reinos existentes sobre a Vida Humana operaria, na sua fusão, o Nascimento desta Nova Civilização que, espalhando-se pelo Paraíso, os uniria a todos na alma desta Nova Civilização, na qual se refletiam e viviam todas e cada uma das existentes. Criado não para o Poder, mas para ser o corpo do espírito da Sabedoria na sua Criação, o Povo Humano realizaria a Fusão sem a qual a Dúvida, mãe da Guerra, tinha sido possível.

No que diz respeito à dúvida sobre se o Rei dos reis e Senhor dos senhores do Império dos Céus era Deus, o Filho Unigénito, iriam vê-lo com os seus próprios olhos.

Assim, ao nascer o Sexto Dia da primeira Semana da Criação, Deus tomou todos os seus filhos e conduziu-os ao lugar de Origem, o Universo.

Deus criou os Céus e criou a Terra.

Criou a Terra para além das fronteiras das galáxias.

E criou-a ali para que os seus filhos vissem o que havia para além do Cosmos, o Abismo coberto por aquelas Trevas a que o Único Deus Verdadeiro reduziu o Cosmos Não Criado naquela Hora que precedeu o Nascimento do Pai e do Filho.

Ao mesmo tempo, esclarecia a incógnita sobre o que existe para além das fronteiras do campo das galáxias. Com este gesto, Deus dizia aos seus filhos o que aconteceria a quem quer que se atrevesse a desenterrar novamente o machado de guerra. A pena contra o Rebelde seria o exílio para as Trevas, de onde nunca mais regressaria, e onde, pela eternidade, se ouviria o ranger dos ossos e o bater dos dentes.

Então, uma vez montado o cenário, todos os espectadores sentaram-se. Deus olhou para o Seu Filho, este avançou e, abrindo a boca, disse:

«Haja luz».

E A LUZ FEZ-SE HOMEM...

PARA QUE TODOS OS QUE QUEREM VIVER VIVAM PARA SEMPRE

EPÍLOGO

ÉPOCA APOSTÓLICA

Mas não gostaria de encerrar esta História deixando no ar qualquer suspeita sobre a possibilidade de a História Divina, tal como a leram, ter sido conhecida pela Igreja Católica e de esta ter ocultado o seu Conhecimento, a fim de, através da ignorância, manter todos sob o seu domínio. As circunstâncias trágicas que envolveram o Nascimento e a Infância das igrejas e, precisamente por se terem encontrado numa situação constante de morte, dissipam qualquer possibilidade de suspeita e abrem o olhar da inteligência para o Silêncio de Deus e dos seus filhos, à frente dos quais está o Primogénito e estrela dos Evangelhos, Jesus, o filho de José e Maria, Cristo Jesus, o Homem que nos mostrou o Modelo à cuja Imagem e semelhança fomos chamados a existir. No que diz respeito ao Silêncio de Deus, que se impunha a toda a Sua Casa, a sua continuidade para além da Ressurreição ficou selada no Novo Testamento no dia em que o Apóstolo Paulo, com a confirmação de todos os Apóstolos vivos, escreveu o seguinte: «... toda a criação aguarda ansiosamente o dia da glória da liberdade dos filhos de Deus...». Recordemos aquelas origens.

Nos anos 30 do Século de Cristo, tiveram início as primeiras caças às bruxas. Após a Morte de Jesus, a obstinação dos seus Discípulos — no que diz respeito à Ressurreição — levou os judeus a dar início à campanha de extermínio de todos os cristãos.

No início, os seus juízes ficaram convencidos de terem posto fim à raiva matando o cão. Era de esperar que os seus seguidores nunca saíssem do esconderijo, regressassem à Galileia e que ali ficasse o episódio do surgimento daquele problema tão atípico. Mas quando, quarenta dias após a Ressurreição, os Doze saíram do seu esconderijo e começaram a pregar o Evangelho, o problema ressurgiu.

A confusão foi a primeira coisa com que se depararam. Confusos por não terem conseguido dispersar o rebanho após a morte do pastor, atordoados pela velocidade a que a notícia da Ressurreição se espalhava por toda a Judeia, Samaria e Galileia, os mesmos que traíram Jesus com base no dilema «ou nós ou Ele» — argumento que a própria História se encarregaria de desmontar quando, sem Cristo, a Nação foi destruída —, esses mesmos voltaram a reunir-se nos locais sagrados do Templo para decidir sobre o destino dos primeiros cristãos. (Aqueles que acusaram os Apóstolos de os estarem a conduzir à destruição — segundo se dizia, porque preparavam uma revolta contra o Império — tiveram de se calar depois, ao verem como foram os seus próprios filhos — tão bons, tão perfeitos — que os conduziram a todos à destruição. Mas isto nunca deveria chegar ao

conhecimento das gerações posteriores; os filhos dos seus filhos deveriam, nos milénios seguintes, culpar os cristãos por terem provocado a ruína de Jerusalém).

No calor daquele ódio, não por terem culpado a Nação de ter assassinado o Messias, mas por o terem contado a todo o mundo, divulgando o seu crime aos olhos de todo o Império, os judeus aperfeiçoaram a sua capacidade natural para a espionagem. E aproveitaram-se da mobilidade dos Apóstolos para, sem suscitar entre os fiéis qualquer tipo de desconfiança, colocar os seus homens entre os primeiros cristãos.

Cientes da extensão do Movimento, esses espiões superaram os seus próprios chefes em capacidade de intriga, ou talvez, seguindo a ordem dos seus príncipes, começaram a espalhar o boato, um terrível boato anticristão, dizendo que os Apóstolos estavam a preparar uma rebelião aberta contra César. A consequência dessa revolução suscitaria contra Jerusalém a ira de Roma, efeito final no qual os Apóstolos baseariam a veracidade profética do seu Chefe, especialmente ao referirem-se à sua profecia sobre o destino de Jerusalém, destinada a ser arrasada pedra sobre pedra.

Na sua ignorância sobre a Ciência da Salvação, aqueles homens chegaram a dizer que os Apóstolos pretendiam invocar o espírito de profecia de Jesus sobre as ruínas de Jerusalém. Tal foi o argumento que aquela geração espalhou aos ouvidos do povo.

Com o povo incitado e a opinião pública motivada por tais mentiras exterminadoras, o povo agachou-se para apanhar a primeira pedra. Assim, após o breve período de tolerância em honra da Memória de Jesus, uma vez superado o trauma de ter resistido passivamente à crucificação daquele jovem Profeta de Nazaré, o povo, assustado com o ponto a que os seus discípulos pretendiam levar a vingança contra o Templo, abriu caminho para os primeiros massacres exterminadores de cristãos.

A operação de divisão da opinião pública, levada a cabo em apenas uma estação, sucede-se à outra: a sentença de morte mais comum entre os judeus, a morte por apedrejamento, costume há muito perdido, e resgatada nos últimos tempos pela corrente fundamentalista pró-romana — tal como outrora existiu uma corrente pró-helénica que esteve na origem da «solução final» de Antíoco IV Epifânio —, essa sentença macabra tão antiga, desfasada nos tempos que corriam, foi resgatada do baú das memórias por aqueles juízes da ortodoxia judaica.

Foi assim que, como anjos exterminadores a percorrer os túneis secretos onde supostamente se planeava aquela revolta contra o Império, a extrema-direita

fundamentalista que instaurou o julgamento contra Jesus declarou aberta a caça ao extermínio contra todos os seus discípulos, pequenos e grandes.

Poderá alguém negar com certeza que a morte do jovem Estêvão não constituiu a primeira declaração anticristã oficial de que se tem conhecimento? As medidas provisórias contra os Apóstolos que o Sinédrio tomou não parecem provar que, durante algum tempo, confusos pela vergonha de terem de matar os seus próprios filhos, os judeus mantiveram o debate sobre a Ressurreição exclusivamente a nível discursivo?

A impossibilidade de convencer aqueles primeiros cristãos da loucura de acreditar na Ressurreição de um homem, na existência do Paraíso, na Encarnação do Filho de Deus — pontos em que os primeiros cristãos acreditavam cegamente, afirmando a existência do Céu e do Inferno; por causa de uma fé tão simples, seriam levados a matar qualquer um que professasse a doutrina católica por excelência: Deus Filho Unigénito encarnou-se, tornou-se homem e foi crucificado. Ao terceiro dia, ressuscitou.

A primeira onda genocida anticristã e a data exata em que Pôncio Pilatos abandonou a Judeia chegaram até nós como um mistério insolúvel que se recusa a revelar-nos o seu segredo. De qualquer forma, quer tenha sido porque aproveitaram a mudança de governo para resolver o problema de uma só vez, com uma solução final anticristã rápida — a morte de um jovem chamado Estêvão, o tiro que marcou o início da marcha; solução final que não conseguiram aplicar durante o mandato de Pilatos; ou tenha sido que a primeira onda anticristã terminasse com o mandato de Pilatos, que compreendeu a questão e deu luz verde a uma perseguição violenta e rápida, devendo nós situar a morte de Estêvão no final do mandato do carrasco de Jesus, onda contra a qual o novo governador se levantou, pondo-lhe fim; o facto é que a profecia de Jesus sobre o destino dos primeiros cristãos começou a cumprir-se à risca.

O primeiro historiador da História do Cristianismo, Marcos, de origem hebraica, e precisamente por ser hebreu, não quis retratar com a pena a gravidade da primeira onda exterminadora. Os primeiros cristãos superariam essa provação. Não era necessário aprofundar demasiado a questão do seu extermínio pelas mãos dos seus irmãos de sangue. Mais cedo ou mais tarde, a própria lei do crescimento do Reino dos Céus atrairia sobre os primeiros cristãos o olhar do Império. Portanto, sem ocultar a gravidade dos factos, nem cultivar a semente do ódio contra os judeus, contando a toda a gente as barbaridades que os seus próprios irmãos de sangue tinham jurado executar e já estavam a executar, a doutrina apostólica consistiu em não responder ao inimigo com a violência e o ódio que

uma pena pode desencadear no coração dos homens. Deus encarregar-se-ia de os julgar; julgou Caim, julgaria aquela geração fraticida. A vingança pertencia ao Senhor; semeá-la para que o futuro a colhesse por sua conta não convinha aos Seus Servos. Ora, que ninguém pensasse que poderia dedicar-se a semear ventos e depois sentar-se à porta da sua casa pensando que não colheria tempestades.

Os autores cristãos de origem romana, naquela busca por não responder ao ódio com ódio, esforçaram-se, sem esconder o óbvio, por minimizar o caráter genocida das Perseguições. Já distantes daqueles tempos e, portanto, capazes de investigar com objetividade os acontecimentos, cabe-nos a nós descobrir o terrível massacre de inocentes levado a cabo, primeiro pelos judeus e, depois, pelos romanos. Quero dizer, será que Deus foi demasiado severo com os romanos ao destruir o seu império? E por que razão foi tão severo com os filhos do seu amigo Abraão, a quem entregou ao extermínio aos olhos de todas as nações? Certamente que não foi por causa de uma morte aleatória.

A reconstrução da linha do tempo, em consequência do caos que se abateu sobre o mundo nos anos 60, ou seja, se Pôncio Pilatos foi destituído por permitir o massacre dos cristãos, contra o Direito Imperial que reconhecia a liberdade de consciência religiosa a todas as províncias, ou se foi destituído porque se absteve de aplicar aos Discípulos a pena sofrida pelo Mestre, erguendo-se como um muro entre judeus e cristãos, muro que os judeus tinham de derrubar se quisessem cortar de raiz o crescimento do cristianismo: esta questão é um aspeto da História de difícil resolução.

Na sequência daquele caos, os historiadores escreveram uma nova história. As alterações que introduziram na linha do tempo não nos permitem afirmar com toda a força da verdade inequívoca o que aconteceu primeiro: a destituição de Pilatos ou o início da primeira onda de extermínio. O que podemos acreditar e que parece inquestionável é que a morte de Estêvão marcou um ponto de inflexão na história do cristianismo. Se se atreveram a pôr as mãos no próprio Filho Unigénito e Primogénito de Deus, iriam hesitar em lançar o braço exterminador contra todos os seus fiéis?

(Ninguém pretende ressuscitar ódios extintos. Não seria louco quem quisesse culpar os alemães do século XXI pelos crimes contra a Humanidade cometidos pelos alemães do século XX? Mas o facto de não se lhes atribuir a culpa não significa que os seus antepassados não fossem monstros. Nem o facto de desenterrar a natureza do crime pelo qual os judeus foram condenados a vagar durante XX séculos pelo mundo, perseguidos por todos, desprezados por todos, significa que a dívida não seja considerada paga). Deus,

que é Justo, ao colocar os judeus nas mãos de Antíoco IV Epifânio do século XX, resgatou para a História a natureza do crime contra os Seus Filhos que os judeus cometeram.

Ou seja, por maior que fosse o desejo dos Apóstolos de não semear entre os cristãos o ódio contra os judeus, também não podiam ocultar ao futuro a gravidade dos factos. De qualquer forma, o assassinato do jovem Estêvão parece ter sido o ponto culminante da primeira onda de extermínio anticristão.

Do ponto de vista do Direito Romano, não tendo sido assinado qualquer decreto imperial contra a liberdade religiosa em geral e contra o cristianismo em particular, a morte pública do jovem hebreu só podia expor perante César o governador do Estado judeu.

Nos Evangelhos, vemos que Jesus contava com simpatizantes entre os militares romanos. É de crer que essa simpatia se mantivesse viva em relação aos seus discípulos. Daí se deve inferir que as mudanças de procurador para a questão judaica foram influenciadas pelas denúncias desses cidadãos romanos contra a política de violação das leis religiosas do Império por parte do representante eleito pelo Senado. Será possível acreditar que, contando com a cumplicidade judaica, Pilatos se expôs a ser julgado e condenado pelo Senado com base na violação da referida lei? A partir dos factos sobre Pilatos relatados pelos seus biógrafos, pode-se afirmar que foi assim. Pilatos foi julgado pelo Senado e banido de Roma. Uma sentença tão grave só se poderia justificar pela violação, por parte do arguido, das leis do Império, especialmente no que diz respeito à questão da liberdade religiosa.

Assim, se foi assim e a morte de Estêvão não marcou o início, mas sim o fim da primeira onda de extermínio anticristão: quantos anos para a frente ou para trás devemos recuar na linha do tempo para situar a destituição de Pilatos? Será que a sua destituição marcou o fim da primeira guerra santa do fundamentalismo judaico contra o cristianismo nascente? Ou foi a chegada do novo governador que marcou o pontapé de saída para a «solução final» judaica contra os primeiros cristãos?

Os únicos que poderiam ter esclarecido este mistério eram os mesmos que levaram a cabo o massacre do jovem Estêvão.

Isto no que diz respeito à primeira onda de extermínio da Igreja que Jesus fundou quando confiou a Pedro a liderança dos Apóstolos.

E continuamos.

Júlio César foi sucedido no Império pelo seu filho Otávio Augusto. A Augusto sucedeu-se Tibério. Sob o reinado deste Tibério começaram as perseguições anticristãs; a

morte do jovem Estêvão ocorreu durante o seu reinado. A Tibério, então, sucedeu-se Calígula. Nos dias deste Calígula ocorreu a conversão de Paulo. A Calígula sucedeu-se Cláudio. Durante o seu reinado, foi assassinado Santiago, o mais velho dos Filhos do Trovão; o escândalo desta nova perseguição anticristã chegou ao Senado, que respondeu à loucura fraticida judaica decretando o exílio de todos os judeus da Cidade Imperial. Prevendo os Apóstolos os acontecimentos que se seguiriam, reuniram-se num Concílio Universal, em Jerusalém, no ano de 49.

De qualquer forma — recapitulando — a ascensão ao trono dos Claudios não alterou muito a situação no que diz respeito à guerra judaica contra os cristãos. Mais ainda, aproveitando-se da loucura dos Claudios, os judeus conceberam a ideia de legalizar a solução final secreta anticristã que vinham a aplicar sob Pôncio Pilatos. A primeira onda sangrenta, ao que parece, não lhes trouxe o resultado desejado. Ao que parece, enquanto matavam um num lugar, nasciam outros dez noutro. Por isso, enviaram um tal Saulo de Tarso para obter a autorização do governador da Síria. A ideia era caçar todos os cristãos e matá-los à medida que fossem sendo capturados. Até que não restasse nenhum.

Felizmente, o mensageiro nunca regressou ao seu quartel. A morte de Tiago nos anos imediatamente a seguir à conversão de São Paulo indica-nos que, com ou sem a autorização dos romanos, os judeus prosseguiram com os seus planos de extermínio.

A morte de Santiago revela-nos aquilo a que poderíamos chamar a segunda perseguição anticristã conhecida. Os seus ecos tiveram, inevitavelmente, de chegar a Roma e possivelmente estiveram no pano de fundo da decisão que, horrorizado por tal comportamento fraticida, o Senado tomou: a expulsão imediata de Roma de todos os judeus.

Essa decisão do Senado dificilmente, sob pena de parecer ridícula, pode ser interpretada como uma espécie de compreensão do tema cristão por parte dos romanos. Aliás, o sentimento dos apóstolos indicava exatamente o contrário. Assim, reunidos por Pedro em Jerusalém para debater, num Concílio, o tema do futuro do cristianismo, no ano de 49, diante do perigo que as futuras perseguições do império representavam para o crescimento do Reino dos Céus na Terra, os apóstolos tomaram a decisão de se organizarem e de edificarem uma Igreja Universal, contra cujas muralhas se esbarrariam as ondas do anticristianismo imperial que já se avizinhavam no horizonte. A partir desse ano, os apóstolos passaram a ser os primeiros bispos da Igreja universal; eles escolheriam os

seus sucessores, e os seus sucessores os seus, e assim sucessivamente. A liderança de Pedro passaria para o seu sucessor.

Quando Nero subiu ao trono, a Igreja apostólica e universal já tinha nascido. O seu crescimento ao longo dos séculos dependeria exclusivamente de Deus. A sua arquitetura original, no entanto, permaneceria inabalável.

Assim, quando, nos anos 60, Nero decretou a primeira perseguição imperial anticristã, aquela que mais tarde viria a ser chamada de Igreja Católica já tinha sido edificada sobre a Rocha e encontrava-se perfeitamente preparada para resistir às chuvas torrenciais, às tempestades e aos abalamentos da terra. Conscientes, por meio dos profetas, da perseguição imperial que, obviamente, iria devastar os meios cristãos da cidade imperial, Pedro e Paulo não se abalaram. Eles já conheciam o caminho. Agora cabia-lhes ensinar aos seus como percorrer esse caminho.

Também por essa altura os judeus rebelaram-se contra o império. Mas não em resposta às perseguições anticristãs que, finalmente, o império ordenava. Aproveitando a loucura dos Claudios, sintoma da próxima e iminente queda de Roma, um tal Flávio Josefo, associado a outros jovens rebeldes independentistas, lançou-se à aventura na crença de estar a interpretar a Segunda Parte dos Macabeus.

Estavam mergulhados nessa loucura suicida quando, misteriosamente, o Templo foi incendiado, desaparecendo milagrosamente entre as chamas todos os arquivos oficiais, nos quais qualquer investigador poderia ter consultado as atas do julgamento contra Jesus e encontrado os registos de nascimento de todos os seus familiares.

Os historiadores nunca quiseram envolver-se no mistério daquele milagre pelo qual Jesus, no que diz respeito à documentação oficial, ficou relegado ao mundo das fábulas. Preferiram falar de azar, de sorte má, de caos, de qualquer coisa, desde que não agitasse as águas. Nós, tendo em conta a solução final de extermínio que os judeus aplicaram por três vezes contra os primeiros cristãos, não podemos ficar à margem dos acontecimentos.

A terceira perseguição exterminadora tinha ocorrido poucos anos antes. O primeiro bispo de Jerusalém, eleito pessoalmente pelos apóstolos, ninguém menos que Tiago, filho de Cleofas, irmão da Mãe de Jesus, com quem o Menino fora criado; esse mesmo Tiago, primo de Jesus, eleito para o bispado de Jerusalém, acabou por cair nas garras daquela terceira onda criminoso.

A razão pela qual Flávio Josefo e os seus companheiros independentistas atacaram tão alto talvez a possamos descobrir no seu fracasso em aliar os cristãos de origem hebraica à

sua guerra macabeia. O obstáculo que o irmão do Senhor — como era chamado o primeiro bispo de Jerusalém — representou para a esperança da corrente judaico-cristã — unir cristãos e judeus contra o Império — marcou o início da terceira onda e explica por que esta teve objetivos tão ambiciosos.

Foi alguns anos antes que São Paulo foi preso e enviado para Roma por ser cidadão romano. Enquanto lá se encontrava, foi apanhado pelo famoso incêndio que deu origem à primeira perseguição imperial.

Essas três primeiras ondas anticristãs judaicas nunca foram descritas com a força e o impacto que tiveram. Seja porque os apóstolos se limitaram a pregar o Evangelho, seja porque, durante os séculos seguintes, a história foi escrita pelos seus inimigos e, com o passar do tempo, ninguém quis remexer nessas memórias trágicas; por uma razão ou por outra, ou por ambas, o certo é que nunca se colocou em cima da mesa o horror e o crime contra a humanidade que os judeus, primeiro, e os romanos, depois, cometeram. Os primeiros matavam-nos à pedrada, os segundos atiravam-nos aos leões como quem atira um pedaço de carne aos cães. Quando e em que momento da história universal é que uma Igreja teve uma origem semelhante? E se houve alguma outra que a tivesse, qual delas superou a prova de ser o centro do ódio de todo o mundo?

Quantas criaturas inocentes assassinaram os judeus e os romanos em nome da eternidade dos seus povos? Quantas centenas de milhares de inocentes assassinaram os antepassados dos judeus que ainda hoje lamentam os seus mortos sob a Alemanha nazi?

Discussões à parte, a perda dos arquivos imperiais nas chamas do incêndio de Nero — coincidências da vida — acabou por fornecer argumentos àqueles que mais tarde diriam que esse tal Cristo nunca existiu, exceto na imaginação dos seus inventores. Pelo menos em nenhuma parte do mundo, fora dos Evangelhos, se podiam encontrar documentos que falassem da existência desse tal Jesus.

Flávio Josefo, aquele que fora um dos líderes da rebelião independentista, traidor do seu próprio povo, covarde que se retirou da guerra que ele próprio iniciara quando percebeu que o seu fim seria a destruição do seu exército; esse tal Flávio Josefo aproveitou-se das circunstâncias do vazio jurídico deixado para reescrever a história do povo judeu, da qual, «por amor à verdade», apagou dos seus factos qualquer referência às perseguições de extermínio que o seu povo levou a cabo e, claro, qualquer referência à existência de um judeu chamado o Cristo.

Aquele homem acreditava que a Igreja que Jesus Cristo tinha erguido não resistiria ao impacto anticristão imperial. Acreditava que a Igreja edificada pelos seus discípulos no Concílio de Jerusalém não resistiria ao choque e ruiria sob o peso da loucura dos Césares. Aquele homem não sabia que, muito antes de Nero subir ao trono, o impacto da sua loucura contra os muros da Igreja Católica já tinha sido calculado.

A imagem da morte de tantos milhares de inocentes sacrificados à loucura de Nero acabou por escandalizar os seus generais. A luta entre eles determinou o fim do primeiro ataque anticristão, para alegria geral de todos os sobreviventes; e reabriu um capítulo doloroso para todos quando Domiciano, que tinha sucedido a Tito, sucessor de Vespasiano, em vingança contra os rebeldes judeus, e acreditando que a Casa de David era a culpada pela rebelião, lançou mão dos parentes de Jesus e atacou a casa de Judas, outro dos filhos de Cleofás, o irmão da Mãe de Cristo. Na morte deste, ocorrida por delação, não é difícil descobrir a mão do traidor, Flávio Josefo, perfeitamente a par de quem era esse Judas, sucessor no bispado de Jerusalém de Simão, o irmão do outro Santiago que já tinha sido assassinado na sua época pelos pais do tal Flávio Josefo. Diz-se também que o próprio Vespasiano já se tinha encarregado anteriormente da casa de Simão. O facto é que o tal Domiciano reatou as perseguições anticristãs, tendo morrido sob o seu mandato até mesmo membros da sua própria família. A tal ponto de crescimento tinha já chegado o catolicismo.

Na sequência desta segunda perseguição, São João foi exilado. Após a morte do último dos apóstolos, o destino da Igreja nascida em Jerusalém, em 49, ficou nas mãos de Deus.

Durante todo o século II, os cristãos estiveram na mira dos juízes do império. Nerva, Trajano, Adriano, Antonino, Marco Aurélio e Cômodo perseguiram-nos sem outra desculpa senão o facto de se intitularem cristãos. Quantos inocentes foram assassinados sob o patrocínio do direito romano?

Mas o que caracterizará mais adequadamente este segundo século — uma vez que, olhando do futuro, se vê o fracasso do império contra o cristianismo — será o surgimento de iluminados que, aproveitando o vazio deixado pelo desaparecimento dos apóstolos, tentaram preenchê-lo: um tal Marcião, um tal Cerdo, um tal Valentim, um tal Montano e um tal Taciano, o Sírio, entre outros. Com estas figuras, o ataque contra a Estrutura da Igreja Universal surgiu a partir de dentro, sendo a própria unidade doutrinária a que se veria ameaçada pelo fanatismo e pela ânsia de poder dos citados.

O tal Marcião levou a sua insolência ao ponto de rejeitar os evangelhos de Mateus, Marcos e João e todas as epístolas que não fossem as de Paulo.

A HISTÓRIA DIVINA

Um tal de Cerdo levou a sua esquizofrenia ao ponto de afirmar que em Deus existiam duas pessoas totalmente diferentes: uma do Antigo Testamento e outra do Novo.

O tal Valentim superou os dois anteriores ao escrever o seu próprio evangelho e submeter a doutrina cristã à escola dos magos; diz-se que o fez em protesto por não ter sido aceite como sucessor de Pedro.

O tal Montano, no entanto, superará o tal Valentim ao identificar-se com o Espírito Santo.

O tal Taciano, o Sírio, para não ficar atrás dos seus companheiros, rejeitou Paulo e os seus Atos e proibiu o casamento.

Curiosamente, e apesar da evidente patologia que as suas doutrinas representavam do ponto de vista cristão, houve quem lhes desse razão.

Assim, após o desaparecimento dos Doze, a Igreja Universal, edificada por eles, mas fundada por Jesus, teve de enfrentar uma matilha de enlouquecidos que ameaçavam romper a Unidade tão necessária para resistir às chuvas torrenciais, às tempestades e aos deslizamentos de terra.

Contra tais «iluminados», Deus despertou o seu espírito de inteligência em mentes brilhantes, típicas da época. Um Narciso, um Teófilo, um Apolinar, um Melitão, um Dionísio de Corinto e, entre eles, brilhando com a sua luz fabulosa, um Irineu de Lyon.

O século III assistiu à ascensão ao poder da dinastia dos Severos. Os seus membros mantiveram as perseguições anticristãs. Nessa época nasceu o homem que viria a realizar a fusão definitiva entre a filosofia clássica e o pensamento cristão. Falamos de Orígenes.

A anarquia a que deu origem o assassinato do último dos Severos parece ter aliviado um pouco a situação do cristianismo. Mas, em 250, o imperador Décio reabriu o capítulo. Que manteve durante um ano. Morreu em combate e o seu sucessor reabriu-o novamente. Até que o , que foi derrotado por outro general romano, o qual, por sua vez, foi derrotado por Valeriano, o seguinte na lista dos imperadores exterminadores de cristãos.

Curiosamente, foi o filho desse mesmo Valeriano, Galeno, quem assinou a paz com a Igreja Católica em nome de todos os cristãos. Paz essa que seria respeitada pelos seus sucessores, Cláudio II e Aureliano.

A ascensão ao trono de Diocleciano, o vilão da época, provocou o massacre mais sangrento de que há registo escrito, a seguir ao do próprio Nero. Um massacre que, para além das previsões e cálculos, se tornaria o prelúdio da ascensão ao trono de Constantino, o Grande.

A HISTÓRIA DIVINA

Dada a imensidão e a fragilidade do império, Diocleciano associou ao poder o seu colega Maximiano, numa primeira fase, e posteriormente Constâncio Cloro, pai do futuro Constantino.

No início do século IV, portanto, tal era a situação do império e dos cristãos no seio da sua estrutura. Em 305, Diocleciano abdicou. No ano seguinte, após a morte do seu pai, Constantino foi proclamado César. O mesmo aconteceria com Galério, como sucessor de Diocleciano, e com Maximino Daia, após Galério. Estes dois últimos intensificaram as perseguições de forma terrível. Movido pelo zelo pela sua mãe, a não menos famosa Santa Helena, Constantino lançou-se em defesa do cristianismo. Primeiro, enfrentou Majêncio e derrotou-o na célebre batalha lendária em que lhe apareceu o Sinal da Cruz, a 12 de outubro de 312. Depois, enfrentou os seus aliados até acabar com eles e erguer-se como único César.

Com ele veio a vitória da Igreja que Jesus Cristo fundara e expusera aos ventos, às tempestades, aos terremotos da política e aos movimentos das nações.

Naquele ano, e para sempre, ficou demonstrada a indestrutibilidade da Igreja Universal, ou Católica.

Este é um breve resumo dos acontecimentos que a Igreja Mãe enfrentou nos seus primeiros dias de vida. Foi o seu Esposo quem anunciou que ela passaria por essas provas para que a sua Sabedoria fosse revelada aos olhos de todos aqueles que, no futuro, veriam o nascimento e o crescimento da sua Casa. Também era necessário que assim fosse para que, a partir da indestrutibilidade da sua Igreja, todo o mundo compreendesse que uma Casa indestrutível só se ergue para ser eterna.

O Selo com o qual foi assinada a Aliança entre o Senhor Jesus e a sua Igreja não foi gravado em pedra, mas nos corações, e não foi escrito com tinta, mas com sangue. Não a abandonava por se ir embora, mas partia para que se cumprisse a Lei: «Buscarás com ardor o teu marido, e ele, que te dominará». Quanto ao tempo da busca, só o Pai Eterno sabia quando, mas, passasse o tempo que passasse, Ela nasceu para dar descendência ao seu Senhor, segundo a Lei: «Será chamado Pai Eterno».

A HISTÓRIA DIVINA

FIM DA HISTÓRIA DIVINA



08/10/2026